

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

V.30 - N° 3



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras

DIRETORA: Sueli Maria Coelho

VICE-DIRETOR: Georg Otte

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Carla Viana Coscarelli (UFMG)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)

.

Secretaria

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Revisão e Normalização

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Editoração eletrônica

Naila Catherine França Eleutério

Revisão de Língua Inglesa

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Junia de Carvalho Fidelis Braga (UFMG)

Mara Passos Guimarães (UFMG)

Marisa Mendonça Carneiro (UFMG)

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)

1993 ano 2, n.2 (jan/jun)

1994 Publicação interrompida

1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)

1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.

1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)

1998 v.7, n.1 (jan/jun)

1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 30 - Nº 3 - jul.-set. 2022

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

EuroPub [England]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

SCOPUS [Amsterdam]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Carla Viana Coscarelli (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeyer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glaucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Fillietaz (Université de Genève, Genebra, Suíça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)

Renato Miguel Basso (UFSCar, São Carlos, SP, Brasil).
Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírío Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

Monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura <i>Monophthongization of Oral Falling Diphthongs in Brazilian Portuguese: a Systematic Literature Review</i> Victor René Andrade Souza	1143
Mikhail Bakhtin: pensador do riso, da crise e da mudança na teoria dos gêneros do discurso <i>Mikhail Bakhtin: Thinker of Laugh, Crisis and Change in the Theory of the Speech Genres</i> Sheila Vieira de Camargo Grillo	1185
A formação da família de construções aspectuais finais na história do português: conexões entre redes multiformes <i>The Egressive Aspectual Constructional Family Formation in Portuguese History: Multiform Networks Connections</i> José Roberto Prezotto Junior	1206
A sílaba na Libras: uma investigação a partir da proposta fonológica MLMov <i>The Syllable in Libras: an Investigation From the Phonological Proposal MLMov</i> Ione Barbosa de Oliveira Silva Vera Pacheco Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira.....	1238
<i>Mesmo</i> (same) and the Structure of Determiner Phrases <i>Mesmo e a estrutura dos sintagmas determinantes</i> Alessandro Boechat de Medeiros.....	1278
A identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia: uma revisão de escopo <i>The Identification of Internal Speech Through Surface Electromyography and Encephalography: a Scope Review</i> Kyvia Fernanda Tenório da Silva Susana Carvalho Miguel José Alves de Oliveira Júnior	1314

Orações introduzidas por <i>cualquiera</i> sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional <i>Clauses Introduced by Cualquiera Under the Functional Discourse Grammar Point of View</i> Camila Rodrigues de Amorim Talita Storti Garcia	1339
Consciência morfológica: o emprego de sufixos agentivos por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização <i>Morphological Awareness: the Use of Agentive Suffixes by Illiterate Children and Children in the Literacy Process</i> Veridiana P. Borges Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	1365
Da afirmação enfática à concessividade: dois estudos de caso na história do português <i>From Emphatic Affirmation to Concessivity: Two Case Studies in the History of Portuguese</i> Sanderléia Roberta Longhin	1397
As figuras na argumentação: o caso do debate eleitoral de 2018 <i>The Figures in Argumentation: the Case of the 2018 Electoral Debate</i> Renan Mazzola João Kogawa	1437
“A linguagem particular daquelas pessoas”: Campo de batalha discursivo em comentário do (des)presidente sobre o Enem <i>“The Particular Language of Those People”: The Discursive Battlefield and the Memory of the (mis)President’s Sayings About Enem</i> Bruno Molina Turra Thaís de Araujo da Costa	1469



Monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura

Monophthongization of Oral Falling Diphthongs in Brazilian Portuguese: a Systematic Literature Review

Victor Renê Andrade Souza

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil

victor.andrade573@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0392-2839>

Resumo: Ditongos são definidos como o encontro de uma vogal (a, e, i, o, u) e de uma semivogal (i, u) numa mesma sílaba. No entanto, ditongos classificados como decrescentes, em que a semivogal sucede a vogal, têm comportamento variável no português brasileiro. Palavras como *peixe* podem ser realizadas como *pexe* [‘pe.ʃi]; *caixa*, como *caxa* [‘ka.ʃə]; *cenoura*, como *cenora* [se.‘no.rə], resultados do processo de *monotongação*, em que um ditongo é reduzido a um monotongo. O fenômeno de monotongação já foi amplamente investigado em diversas regiões dialetais do Brasil. Entretanto, a natureza fragmentada dos estudos se torna pouco colaborativa para a construção de um panorama abrangente, que possa contribuir, por exemplo, para aplicações pedagógicas. Neste texto, apresentamos uma proposta de sistematização dos ditongos monotongáveis no português brasileiro e de quais são os condicionamentos do processo, a partir de um estudo de revisão sistemática integrativa. Os ditongos alvo do fenômeno são, em ordem decrescente de percentual de monotongação: [ou], [ei], [ai] e [oi]. A monotongação de [ou] é vista como uma mudança consolidada no português brasileiro. A monotongação de [ei] tem restrições internas relativas ao contexto fonológico seguinte constituído por tepe e consoantes palatais. O ditongo [ai] é monotongado em sílaba aberta, quando seguido de consoante palatal; e em sílaba fechada, quando a fricativa final é palatalizada. O ditongo [oi] é monotongado em sílabas fechadas, em itens lexicais específicos, também quando a fricativa final é palatalizada. Os resultados apontam ainda que o monotongo possui características acústicas intermediárias entre ditongo preservado e vogal simples.

Palavras-chave: monotongação; ditongo decrescente oral; revisão sistemática.

Abstract: Diphthongs are usually defined as a sequence of one vowel (a, e, i, o, u) and one semivowel (i, u) in the same syllable. However, diphthongs classified as falling, in which the semivowel follows the vowel, have variable realizations in Brazilian Portuguese. Words like *peixe* (fish) are realized as *pexe* [ˈpe.ʃi], *caixa* (box) as *caxa* [ˈka.ʃə], *cenoura* (carrot), as *cenora* [se.ˈno.rə], results of monophthongization in which a diphthong is reduced into a monophthong. This phenomenon has already been extensively investigated in different dialectal regions from Brazil. Nevertheless, the fragmented nature of the studies turned out not to be considerably resourceful in order to build a comprehensive overview that may contribute to pedagogical applications, for example. In this text, we present an attempt to systematize the diphthongs that can be converted to monophthongs in Brazilian Portuguese and the constraints that constraints condition the application of the variable rule of monophthongization from an integrative systematic review. The target diphthongs of the phenomenon are, in a descending order of percentage of monophthongization: [o̯], [e̯], [a̯], and [o̩]. The monophthongization of [o̯] is seen as a consolidated change in Brazilian Portuguese. The monophthongization of [e̯] has internal constraints in relation to the following phonological context composed of palatal and tap consonants. The diphthong [a̯] undergoes monophthongization in open syllable when followed by a palatal consonant; and in closed syllable when the final fricative is palatalized. The diphthong [o̩] is monophthongized in closed syllables in specific lexical items, and also when the final fricative is palatalized. The results point to the fact that monophthongs have acoustic intermediate features between the preserved diphthong and the simple vowel.

Keywords: monophthongization; oral falling diphthong; systematic review.

Recebido em 20 de setembro de 2021.

Aceito em 03 de novembro de 2021.

1 Introdução

Ditongos são definidos como o encontro de uma vogal (a, e, i, o, u) e de uma semivogal (i, u) numa mesma sílaba (ALMEIDA, 2009; BECHARA, 2009; CEGALLA, 2000; CUNHA; CINTRA, 2017). Assim, palavras como *caixa*, *peixe*, *louco*, *ciência*, *série*, *árido* são constituídas por combinações de vogal e semivogal tidas como ditongo. Os ditongos, assim entendidos, são classificados em decrescente, quando a vogal antecede a semivogal, como em *caixa*; e crescente, quando a vogal sucede a semivogal, como em *ciência*.

No português brasileiro, ditongos classificados como decrescentes orais têm comportamento variável. Palavras como *peixe* podem ser realizadas como *pexe* [ˈpe.ʃi]; *caixa*, como *caxa* [ˈka.ʃə]; *cenoura*, como *cenora* [se.ˈno.rə], resultados do processo de *monotongação*, em que um ditongo é reduzido a um monotongo, prevalecendo a realização da vogal.

A monotongação de ditongos decrescentes orais é produtiva no português brasileiro sem restrições de natureza social (ARAUJO; BORGES, 2018), sendo reconhecida em manuais normativos (CUNHA; CINTRA, 2017). A redução dos ditongos decrescentes ocorre inclusive em contextos de maior formalidade, como a leitura em voz alta (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018), e interfere no processo de alfabetização, configurando um desvio ortográfico (MOURA; SILVA JR., 2020; SILVA; SOUZA, 2020; SIMIONI; RODRIGUES, 2014).

No entanto, não é qualquer ditongo decrescente oral e em qualquer contexto linguístico que pode ser monotongado. A monotongação não é uma regra geral que possibilita o apagamento das semivogais de todos os ditongos decrescentes orais. A semivogal pode ser apagada em palavras como *peixe* e preservada, por exemplo, em palavras como *peito* e *andei*, ambas com o ditongo [eɪ] em sílaba tônica e aberta. Ou seja, existem ambientes em que ditongos são categóricos, em que a monotongação não ocorre, e outros nos quais são mais suscetíveis ao apagamento da semivogal.

A aplicação da regra variável de monotongação de ditongos decrescentes orais já foi amplamente investigada em diversas regiões dialetais do Brasil, tanto do ponto de vista da teoria fonológica, quanto no que diz respeito aos estudos sociolinguísticos, que consideram a interferência de fatores linguísticos e sociais sobre a variação. Os estudos, apesar de contemplarem diferentes variedades linguísticas do Brasil, consideram parâmetros e recortes metodológicos distintos (investigam todos os ditongos conjuntamente ou apenas um), o que é pouco colaborativo para a construção de um panorama abrangente, que possa contribuir, por exemplo, para aplicações pedagógicas.

Para consolidar as evidências, realizamos um estudo de revisão sistemática integrativa acerca dos trabalhos sobre monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro, considerando investigações sobre dados empíricos de fala¹. Tentamos implementar

¹ Existem estudos sobre monotongação na escrita de crianças em processo de alfabetização e com proposições ao ensino de língua; e na leitura em voz alta. No entanto, neste trabalho, detemo-nos nos estudos sobre os dados de fala.

procedimentos estatísticos de meta-análise, que aumentariam o poder explanatório da análise, mas, devido às diferenças metodológicas no controle das variáveis pelos estudos, optamos por apenas sistematizar os resultados das investigações.

As perguntas que norteiam esse estudo são: quais ditongos são monotongáveis no português brasileiro e quais fatores condicionam o processo de monotongação? Para tanto, discutimos, na seção seguinte, a noção de ditongo do ponto de vista fonético-fonológico e, na sequência, explicitamos os procedimentos de busca e de inclusão dos estudos na revisão sistemática. Por fim, apresentamos a sumarização dos resultados encontrados por ditongo variável, separadamente.

2 Afinal, o que são ditongos?

Encontramos em gramáticas a definição de ditongo como o encontro de uma vogal e de uma semivogal numa mesma sílaba (ALMEIDA, 2009; BECHARA, 2009; CEGALLA, 2000; CUNHA; CINTRA, 2017). Essa noção de ditongo encontrada em manuais normativos está relacionada especificamente com a escrita, sem correspondência com os aspectos sonoros da língua, e a identificação de ditongos na escrita depende da memória visual das palavras (FREITAG, 2020).

Nas aulas de português da educação básica, é assim que aprendemos a noção de ditongo: localizando o encontro de vogal e semivogal – no nível da ortografia – e distinguindo se se trata de uma sequência crescente, em que a semivogal vem antes da vogal, como em *mágoa*, ou decrescente, quando a vogal vem antes da semivogal, como em *cenoura*.

Contudo, só reconhecemos um ditongo em palavras como *cenoura* devido à leitura dessa palavra e à instrução explícita da escola de que ali consta um ditongo decrescente. Apenas com base nas experiências com a língua falada, é impossível identificar um ditongo nesse item, tendo em vista que na variedade do português brasileiro todo mundo monotonga o ditongo: *cenora* [se.ˈno.rɐ].

Em contrapartida a essa definição normativa, do ponto de vista fonético articulatório, ditongo é entendido como uma “vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica” (SILVA, 2005, p. 73). As vogais são sons produzidos sem obstrução do trato vocal e constituem o pico das sílabas do português brasileiro. A produção articulatória dos sons

vocálicos é caracterizada por três parâmetros: altura da língua (alta, média-alta, média-baixa, baixa), avanço/recuo da língua (anterior, central, posterior) e arredondamento dos lábios (arredondado, não-arredondado) (SILVA, 2005). A distinção entre a produção de um [a] e de um [u], por exemplo, depende da articulação da língua quanto a esses parâmetros. A partir desses critérios, 7 vogais orais [i, e, ε, a, o, u], 5 vogais nasais [ĩ, ê, ã, õ, û] e 3 vogais reduzidas [ɪ, ɐ, ʊ] compõem o quadro vocálico do português brasileiro (Quadro 1).

Quadro 1 – As vogais do português brasileiro

	Símbolo	Altura da língua/abertura da mandíbula	Avanço/recuo da língua	Arredondamento/estramento dos lábios	Ora/Nasal
1	[i]	alta/fechada	anterior	não-art.	oral
2	[e]	média-alta/meio-fechada	anterior	não-art.	oral
3	[ε]	média-baixa/meio-aberta	anterior	não-art.	oral
4	[a]	baixa/aberta	central	não-art.	oral
5	[o]	média-baixa/meio-aberta	posterior	arted.	oral
6	[o]	média-alta/meio-fechada	posterior	arted.	oral
7	[u]	alta/fechada	posterior	arted.	oral
8	[ĩ]	alta/fechada	anterior	não-art.	nasal
9	[ê]	média-alta/meio-fechada	anterior	não-art.	nasal
10	[ɛ̃]	baixa/aberta	central	não-art.	nasal
11	[õ]	média-alta/meio-fechada	posterior	arted.	nasal
12	[û]	alta/fechada	posterior	arted.	nasal
13	[ɪ]	alta/fechada	anterior	não-art.	oral reduzida
14	[ɐ]	baixa/aberta	central	não-art.	oral reduzida
15	[ʊ]	alta/fechada	posterior	arted.	oral reduzida

Fonte: Silva et al. (2019, p. 21).

Os ditongos são constituídos por dois alvos vocálicos bem definidos, uma vogal e uma semivogal, que funcionam como uma unidade, uma sílaba, e caracterizam-se por uma mudança na configuração do trato vocal que parte, nos ditongos decrescentes, de uma configuração articulatória de vogal para as de semivogal (BARBOSA; MADUREIRA, 2015; KENT; READ, 2015). As semivogais são sons vocálicos com menor proeminência acentual se comparadas às vogais que acompanham. No português brasileiro são semivogais as vogais altas anterior [ɪ], que diz respeito ao *i* em *pai*, e posterior [ʊ], o *u* em *ouro*.

Os ditongos são caracterizados, portanto, como sons dinâmicos em que há uma mudança gradual do formato articulatório do som durante sua produção (KENT; READ, 2015).

Para o ditongo, formado por uma vogal e uma semivogal, o que muda na produção é que, além da configuração assumida para a vogal, durante o segmento semivocálico a língua muda rapidamente para uma configuração próxima à da vogal homorgânica. Assim, a realização de /aj/ envolve um movimento para a configuração da vogal /a/ e, logo depois, um movimento da língua para a frente e para cima, para a configuração próxima à da vogal [i]. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015 p. 236.)

Cabe esclarecer que um ditongo não é uma sequência de vogais, como no caso dos hiatos. Durante a pronúncia de duas vogais em sequência, características vocálicas específicas são produzidas, constituindo sílabas distintas (SILVA, 2005). Os ditongos, ao contrário dos hiatos, não se referem a uma sequência de vogais, mas a um som que apresenta mudanças graduais de um alvo entendido como vogal a outro interpretado como semivogal, ou vice-versa. Um ditongo decrescente como [aɪ] em *pai* não é uma sequência de vogais, mas uma vogal que se inicia com as configurações articulatórias da vogal baixa [a] em direção à semivogal [ɪ].

A caracterização articulatória dos sons mantém correspondência com seu correlato físico (BARBOSA; MADUREIRA, 2015). Do ponto de vista acústico, os ditongos são caracterizados por duas propriedades: a transição formântica e a duração do segmento (BARBOSA; MADUREIRA, 2015; SILVA *et al.*, 2019). A partir dessas características

podemos, por exemplo, distinguir um ditongo preservado de um ditongo monotongado mediante análise das características físicas do som.

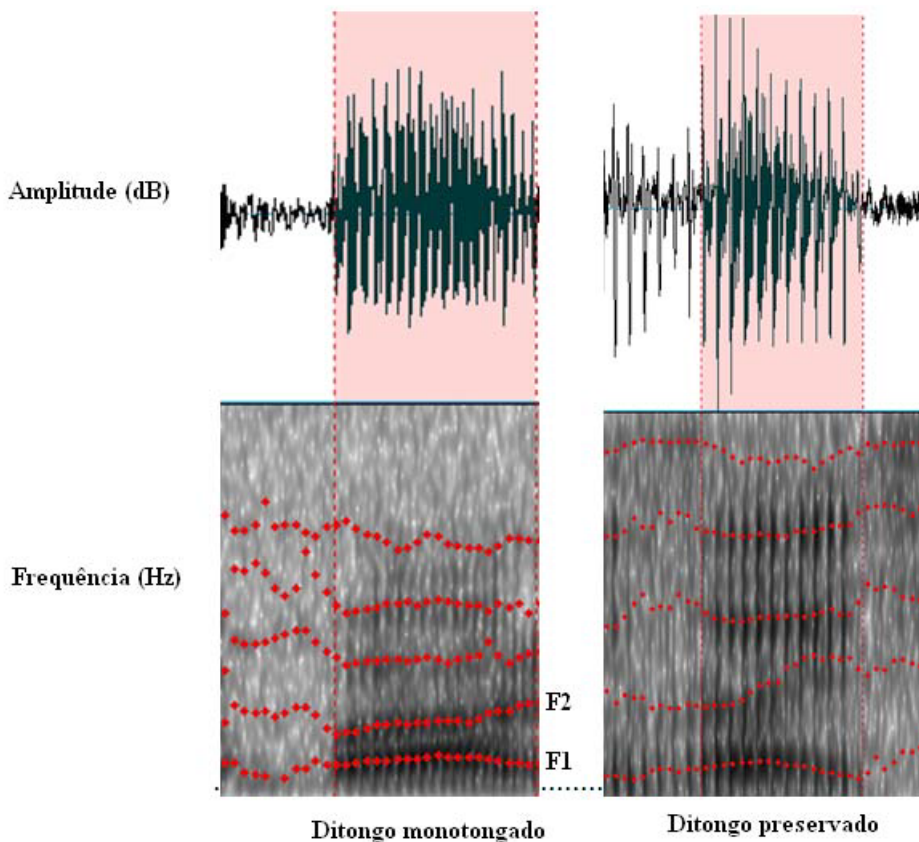
Os formantes são aspectos característicos das vogais e expressam ressonâncias intensificadas pelo trato vocal e estão associados aos gestos articulatórios de produção dos sons (SILVA *et al.*, 2019). A transição formântica, por conseguinte, diz respeito à mudança de configuração na passagem de uma vogal a uma semivogal num ditongo decrescente, por exemplo.

Para a identificação das vogais, a trajetória do primeiro formante (F1) e do segundo formante (F2) é a mais importante, tendo em vista que fornece informações sobre a altura e o avanço/recuo da língua (SILVA *et al.*, 2019). As frequências de formantes acima do terceiro não são consideradas na caracterização das vogais. F3, F4 e F5 fornecem mais informações sobre o informante do que sobre a vogal em si. Segundo Silva *et al.* (2019, p. 89),

1. o primeiro formante (F1) se relaciona à altura da língua (abertura vocálica): as vogais altas têm F1 baixo (cerca de 250 Hz-300 Hz) e as vogais baixas têm F1 alto (cerca de 900 Hz-1000 Hz). Ou seja, F1 tem uma relação inversamente proporcional à altura da língua.
2. o segundo formante (F2) se relaciona ao movimento horizontal da língua. As vogais anteriores apresentam F2 alto (cerca de 2500 Hz) e as posteriores apresentam F2 baixo (cerca de 800 Hz-900 Hz). Ou seja, F2 assume posições mais baixas à medida que a língua recua no trato vocal.

Tendo em vista que os ditongos são sons que partem de uma configuração articulatória de uma vogal à de uma semivogal, a trajetória formântica dos ditongos reflete esse movimento. A Figura 1, a seguir, mostra a forma de onda e o espectrograma de banda larga do ditongo [a₁] monotongado na palavra *baixa* (à esquerda na Figura 1) e do ditongo [a₁] preservado na palavra *vai* (à direita na Figura 1). Observe que no ditongo preservado é visível um movimento ascendente de F2, que representa a transição formântica da vogal [a] à semivogal [ɨ]. No que se refere ao monotongo, F1 e F2 apresentam frequências estacionárias, ou seja, não há indícios de transição entre alvos vocálicos, constituindo-se, portanto, num monotongo.

Figura 1 – Formas de onda e espectrogramas de banda larga do ditongo [ai] monotongado na palavra *baixa* e preservado na palavra *vai*



Fonte: Haupt (2011, p. 166).

A duração é outra característica acústica relevante no estudo dos ditongos. Silva *et al.* (2019) afirmam que a duração dos ditongos varia no que diz respeito ao tipo. Segundo as autoras,

[...] os ditongos nasais serão maiores do que os valores médios de duração atestados para os ditongos orais, que por sua vez terão valores médios de duração maiores do que os monotongos nasais e, finalmente, os monotongos orais apresentarão os menores valores médios de duração. (SILVA *et al.*, 2019, p. 133.)

A hipótese mais simples é a de que a duração dos ditongos será sempre maior do que a duração do respectivo monotongo. No entanto, há na literatura indícios de que o apagamento da semivogal não implica apenas numa diminuição da média de duração do ditongo, mas num alongamento compensatório, ou seja, a semivogal é apagada perceptualmente, mas deixa vestígios na duração e na trajetória dos formantes (CRISTOFOLINI, 2011; HAUPT, 2011).

Quanto ao *status* fonológico dos ditongos, Câmara Jr. (1992) discutiu se as semivogais do português deveriam ser consideradas como consoantes ou como vogais, tendo em vista as similaridades articulatórias com os sons vocálicos e a posição ocupada na estrutura da sílaba: a margem, posição dos sons consonantais². O autor argumentou que, apesar de posicionada nas margens da sílaba, tais quais as consoantes, as vogais assilábicas devem ser consideradas como vocálicas. Câmara Jr. (1992) defendeu essa posição tendo em vista a possibilidade de ocorrência de /r/ brando entre um ditongo e uma vogal, como em *beira*. A presença de um /r/ brando, que só ocorre entre vogais no português, reforça a tese de que as vogais assilábicas devem ser interpretadas como vogais e não como consoantes. A vogal assilábica é entendida, então, como uma modificação final do centro vocálico. Câmara Jr. (1992) sugere, inclusive, que se represente a semivogal por uma letra exponencial (/pe'itu/) para simbolizar que se trata de uma vogal “incompleta”.

Câmara Jr. (1992) aponta a existência de onze ditongos decrescentes e apenas um ditongo crescente no português brasileiro. Os ditongos crescentes são considerados instáveis no português brasileiro, tanto do ponto de vista normativo (BECHARA, 2009) quanto no que diz respeito aos estudos fonológicos (BISOL, 1991; CÂMARA JR., 1992), devido à realização variável como ditongo e hiato. Palavras como *história* podem ser realizadas como ditongo (*his.tó.ria*), com uma sequência de semivogal e vogal, ou como hiato (*his.tó.ri.a*), com duas vogais em sílabas distintas. O único ditongo crescente reconhecido é aquele composto pela semivogal posterior [ɨ] antecedida pelas consoantes /g/ e /k/, como em q[ɨa]se.

Os ditongos decrescentes, por sua vez, são considerados os verdadeiros ditongos (CÂMARA JR., 1992). O conjunto dos ditongos decrescentes orais do português brasileiro é constituído pelos onze

² Sobre as semivogais no sistema fonológico do português brasileiro, cf. Martins (2011), que traça um panorama bastante abrangente sobre o tópico considerando diferentes perspectivas fonológicas.

ditongos apontados por Câmara Jr. (1992) e pela vocalização do /l/ pós-vocálico, o ditongo [ɔʊ], de sol, lençol, caracol (Quadro 2).

Quadro 2 – Os ditongos decrescentes orais no português brasileiro

Vogal + [ɪ]		Vogal + [ʊ]	
aɪ	pa <u>í</u> , ca <u>í</u> xa, emba <u>í</u> xo	aʊ	sa <u>u</u> dade, ma <u>u</u> , ca <u>u</u> da
eɪ	le <u>i</u> te, pe <u>i</u> to, pe <u>i</u> xo	eʊ	esque <u>e</u> ceu, me <u>u</u> , come <u>u</u>
oɪ	mo <u>i</u> ta, no <u>i</u> te, fo <u>i</u> ce	oʊ	ou <u>o</u> ro, tou <u>o</u> ro, rou <u>o</u> bo
ui	fui, tran <u>q</u> uilo, intu <u>i</u> to	iu	pedi <u>u</u> , parti <u>u</u> , sumi <u>u</u>
ei	past <u>e</u> is, ide <u>i</u> a, plate <u>i</u> a	eu	r <u>e</u> u, chap <u>e</u> u, trof <u>e</u> u
ɔɪ	her <u>o</u> í, hero <u>o</u> ico, parano <u>o</u> ia	ɔʊ	so <u>l</u> , lenç <u>o</u> l, caraco <u>l</u>

Fonte: Adaptado de Toledo (2011, p. 16).

Desse conjunto de ditongos decrescentes, alguns são mais suscetíveis ao fenômeno de monotongação. Bisol (1991, 1994, 2012), também considerando os ditongos constituídos por segmentos vocálicos, incluiu na sua descrição fonológica, à luz da fonologia autosegmental, a regra variável de monotongação.

Bisol (1991) defende que no português brasileiro existem dois tipos de ditongos, que se configuram de acordo com a estrutura silábica: ditongos pesados e ditongos leves. Os ditongos pesados criam par mínimo com a vogal simples: *pauta ~ pata*, *teima ~ tema*. Segundo a autora, esses são ditongos fonológicos, representados na estrutura subjacente por duas vogais, e são sempre preservados. Os ditongos leves, por sua vez, são ditongos fonéticos, não criam par mínimo na alternância com a vogal simples, isto é, não mudam o sentido da palavra: *touro ~ toro*, *peixo ~ pexe*. Esses são os ditongos monotongáveis, constituídos na estrutura subjacente por apenas uma vogal.

Os verdadeiros ditongos decrescentes estão em correspondência com duas vogais no nível subjacente e são, de modo geral, invariáveis. O ditongo decrescente, variável, que está em correspondência com uma só vogal, ej/aj diante de S/Z, ej diante de tepe e todo ditongo diante de /S/ em sílaba final acentuada possuem um glide flutuante, sem representação na estrutura subjacente. Esse forma-se por expansão do nó da cavidade oral (CO) da estrutura arbórea da consoante seguinte, que inerentemente carrega os traços seguintes: vocálico, coronal e abertura mínima, os quais consubstanciam o glide. (BISOL, 2012, p. 64.)

Portanto, diante de traço palatal (BISOL, 1994) e de tepe (BISOL, 2012), a ocorrência ou não da semivogal dos ditongos variáveis decorre de um processo de espraçamento de traços, em que há o compartilhamento de traços da consoante com a semivogal, que pode ou não ser percebida, sem alterar o significado da palavra: *peixe* ~ *pexe*, *cadeira* ~ *cadera*.

Diante dessas considerações, entendemos ditongo foneticamente como dois alvos vocálicos bem definidos, em que um é entendido como vogal e outro como semivogal, com menor proeminência acentual. Além disso, adotamos a perspectiva fonológica de Câmara Jr. (1992) e de Bisol (1991, 1994, 2012) de que a semivogal é de natureza vocálica (o que justifica nossa transcrição fonética [ɪ, ʊ]), e que a monotongação é um processo fonológico decorrente de espraçamento de traços.

Muito já foi investigado sobre o fenômeno em dados empíricos de fala no português brasileiro. Os estudos, apesar de descreverem o processo em diversas variedades do português, consideram ditongos separadamente e com abordagens e controle de variáveis distintos, o que é pouco colaborativo para a construção de um panorama abrangente, que possa subsidiar, por exemplo, ações propositivas de ensino. Para consolidar as evidências, realizamos um estudo de revisão sistemática integrativa acerca dos trabalhos sobre monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro.

3 Método

A busca sistemática de estudos acerca do fenômeno de monotongação de ditongos decrescentes foi realizada através do *software Publish or Perish*³ (HARZING, 2007) e da base de dados Catálogos de Teses e Dissertações da Capes⁴. Em ambas as plataformas, buscamos pelas palavras-chave “monotongação” e “ditongo decrescente”, articuladas pelo operador booleano AND. Na busca no *Publish or Perish*,

³ O *Publish or Perish* é um programa que recupera e analisa citações acadêmicas. Por meio dele é possível realizar busca de estudos por palavras-chave em uma variedade de fontes de dados (Google Scholar, Crossref, PubMed, Scopus, Web of Science e Microsoft Academic Search). Os resultados ficam disponíveis na tela e também podem ser copiados para a área de transferência ou salvos em uma variedade de formatos de saída, como CSV, por exemplo.

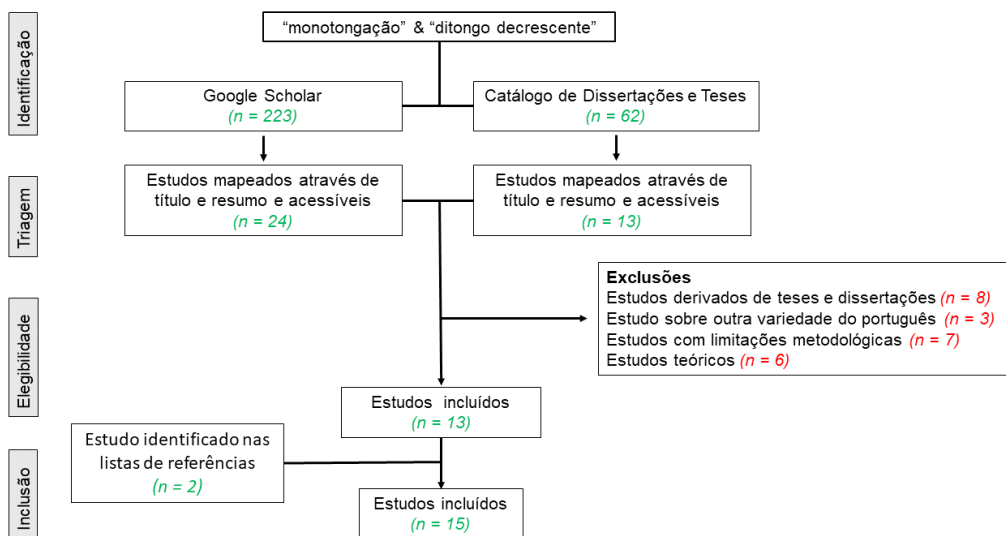
⁴ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

delimitamos a fonte de dados *Google Scholar*, tendo em vista ser a base de maior abrangência encontrada. Nos Catálogos de Teses e Dissertações da Capes, limitamos a busca até a página 10 de resultados (uma inspeção prévia apontou que a partir disso os trabalhos já divergiam de nosso objeto de interesse).

As buscas foram sistematizadas em uma planilha eletrônica para facilitar a filtragem dos dados quanto aos critérios de inclusão e exclusão adotados. Para que os estudos fossem elegíveis para inclusão, num primeiro momento, analisamos título e resumo e verificamos a disponibilidade/ acessibilidade do texto. Foram incluídos estudos observacionais acerca do fenômeno de monotongação de ditongos decrescentes no português brasileiro que analisaram dados empíricos de fala.

Após essa filtragem, realizamos a leitura integral dos textos elegíveis para compor a sistematização. Foram excluídos da revisão i) estudos de caráter eminentemente teóricos; ii) artigos derivados de teses e dissertações foram excluídos em detrimento do texto de maior fôlego – tese e dissertação; iii) estudos com limitações metodológicas (estudos que consideraram apenas percentuais, sem testar significância); e iv) estudos sobre variedades não brasileiras do português (Figura 2).

Figura 2 – Fluxograma da revisão sistemática



Fonte: Elaboração própria.

Após levantamento dos dados, 15 estudos foram considerados elegíveis para inclusão nesta revisão sistemática. Os ditongos que foram alvo de investigação foram [aɪ], [eɪ], [oʊ] e [oɪ]. Podemos considerar que esses são os ditongos monotongáveis no português brasileiro, tendo em vista que foram os únicos alvo de descrição de ocorrência do fenômeno⁵. O ditongo [eɪ] foi o contexto mais investigado no que diz respeito à aplicação da regra de monotongação (n = 13), seguido do ditongo [oʊ] (n = 6). Os ditongos [aɪ] (n = 3) e [oɪ] (n = 2) foram alvo de menos investigações, o que coincide com a menor frequência de monotongação, como veremos adiante.

Os quinze estudos incluídos na revisão sistemática estão resumidos no Quadro 3.

Quadro 3 – Características dos estudos incluídos na revisão sistemática

Autor (data)	Ditongos analisados	Abordagem teórica	Amostra	Variáveis controladas
Hora; Silva (1998)	[aɪ], [eɪ] e [oʊ]	Sociolinguística	Amostra do <i>corpus</i> que compõe o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB).	Variáveis sociais: sexo, anos de escolarização e faixa etária. Variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte e precedente, valor fonemático do ditongo, posição do elemento seguinte quanto à sílaba, vogal do ditongo, natureza morfológica e tonicidade.
Araujo (1999)	[eɪ]	Sociolinguística	Entrevistas sociolinguísticas com 24 informantes de Caxias (MA).	Variáveis linguísticas: contexto fônico precedente, segmento seguinte, sonoridade do segmento seguinte, classes de palavras, posição do ditongo I, posição do ditongo II, tonicidade da sílaba, dimensão do item lexical e velocidade de fala. Variáveis sociais: idade, escolaridade, sexo e classe social do falante.

⁵ O ditongo [uɪ] foi investigado por Haupt (2011), mas o fenômeno de monotongação ocorreu em apenas um item lexical e com porcentagem de 5,8%, ou seja, podemos considerá-lo como um ditongo não monotongável.

Lopes (2002)	[ou] e [ei]	Sociolinguística	Entrevistas sociolinguísticas com 40 informantes do município de Altamira/PA.	Variáveis linguísticas: classe morfológica do vocábulo, posição do ditongo no vocábulo, natureza morfológica, tonicidade, contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tipo de vocábulo e status fonológico do ditongo. Variáveis sociais: sexo, faixa etária, escolaridade e renda.
Farias (2008)	[ei]	Sociolinguística e geografia linguística	O corpus utilizado foi levantado a partir de questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).	Variáveis linguísticas: segmento fônico subsequente, tonicidade da sílaba, estrutura silábica da palavra, posição do ditongo na palavra, classe da palavra. Variáveis sociais: sexo, idade, localidade, escolaridade e situacionalidade.
Toledo (2011)	[ei]	Sociolinguística	Amostra de 14 informantes da cidade de Porto Alegre (RS) do banco de dados do Projeto NURC, entrevistados no ano de 1970 e recontatados no final do ano de 1990 pelo projeto VARSUL, totalizando 28 entrevistas.	Variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte, tonicidade, natureza morfológica, classe de palavra. Variáveis sociais: idade, sexo.
Cristofolini (2011)	[ou]	Sociolinguística e fonética acústica	Para análise sociolinguística: oito informantes da comunidade de Ratoles da cidade de Florianópolis (SC). Para análise acústica: dois dos informantes utilizados na análise sociolinguística.	Variáveis linguísticas: classe (categoria) da palavra, contexto fonológico posterior ao ditongo (agrupados pelo modo de articulação), posição do ditongo na palavra e tonicidade da sílaba do ditongo. Variáveis sociais: idade e escolaridade dos informantes. Como parâmetros acústicos: a duração relativa dos segmentos e a análise da frequência dos formantes, principalmente de f1 e f2.
Haupt (2011)	[ai], [ei], [oi] e [ui]	Fonologia baseado no uso	Amostra com 24 entrevistas com falantes de Florianópolis que compõe o banco de dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil); e o <i>corpus</i> de língua escrita Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC).	Variáveis linguísticas: número de sílabas, tonicidade, posição da sílaba com ditongo, contexto seguinte e tipo de sílaba. Variáveis de frequência: tipo e de ocorrência. Parâmetros para a análise acústica: duração e frequência dos formantes (F1 e F2).

Amaral (2013)	[eɪ]	Sociolinguística	42 informantes de cidades de diferentes colonizações do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Penambi e São Borgia).	Variáveis linguísticas: classe de palavra, contexto fonológico seguinte, posição do ditongo, tonicidade. Variáveis sociais: faixa etária, grupo geográfico, escolaridade.
Cysne (2016)	[eɪ]	Sociolinguística	Amostra de 54 informantes da cidade de Fortaleza/CE extraída do <i>corpus</i> do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR).	Variáveis linguísticas: contexto fonético seguinte, contexto fonético precedente, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, natureza morfológica e classe de palavras. Variáveis sociais: sexo, escolaridade e faixa etária.
Araujo, Pereira, Almeida (2017)	[eɪ]	Sociolinguística	Amostra com 56 informantes provenientes de sete capitais brasileiras contempladas pelo Projeto ALiB e pertencentes a duas regiões diferentes: Centro-Oeste (Cuiabá, Goiânia, Campo Grande) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte).	Variáveis sociais: fatores sociais: sexo, faixa etária, escolaridade e localidade.
Freitas (2017)	[aɪ], [eɪ] e [oʊ]	Sociolinguística	Amostra com entrevistas de 24 moradores da região urbana da cidade de Uberaba (MG).	Variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte, tonicidade, número de sílabas. Variáveis sociais: sexo, faixa etária, escolaridade.
Santos, Almeida (2017)	[eɪ]	Sociolinguística	<i>Corpus</i> constituído de 12 entrevistas sociolinguísticas, realizadas com falantes naturais da comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (BA).	Variáveis linguísticas: posição em que ocorre a variante; tonicidade da sílaba em que ocorre a variante; extensão do vocábulo; características da consoante ou vogal antecedente; sonoridade da consoante antecedente; características da consoante ou vogal seguinte; sonoridade da consoante seguinte; localização do ditongo na estrutura; classe morfológica do vocábulo. Variáveis extralinguísticas: faixa etária dos informantes; sexo dos informantes.

Silveira (2019)	[ei], [oi] e [ou]	Sociolinguística	Amostra composta por 48 entrevistas do banco de dados do Banco VARSUL.	Variáveis linguísticas: contexto seguinte, tonicidade, classe de palavra, localização morfológica, extensão do vocábulo, localização do ditongo na palavra, item lexical. Variáveis sociais: sexo, escolaridade, localidade, informante.
Souza (2020)	[ei]	Sociolinguística	Amostra de 12 informantes do banco de dados do Projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba).	Variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte, natureza morfológica, número de sílabas, tonicidade e classe gramatical. Variáveis sociais: faixa etária, escolaridade e assunto da entrevista.
Oliveira; Martins (2020)	[ou]	Sociolinguística	Amostra com seis entrevistas com informantes da comunidade de fala do bairro Praça 14 de Janeiro em Manaus (AM)	Variáveis linguísticas: posição do ditongo na palavra, tonicidade, classe gramatical, contexto seguinte. Variáveis sociais: sexo e faixa etária.

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, sistematizamos os resultados desses estudos relativos a cada ditongo separadamente, pois observamos que o fenômeno de monotongação tem comportamento diferente a depender do ditongo, e mapeamos⁶ a distribuição dos trabalhos no território nacional por ditongo de modo a dimensionar a abrangência dos estudos sobre o fenômeno no português brasileiro.

4 Por que ditongos monotongam?

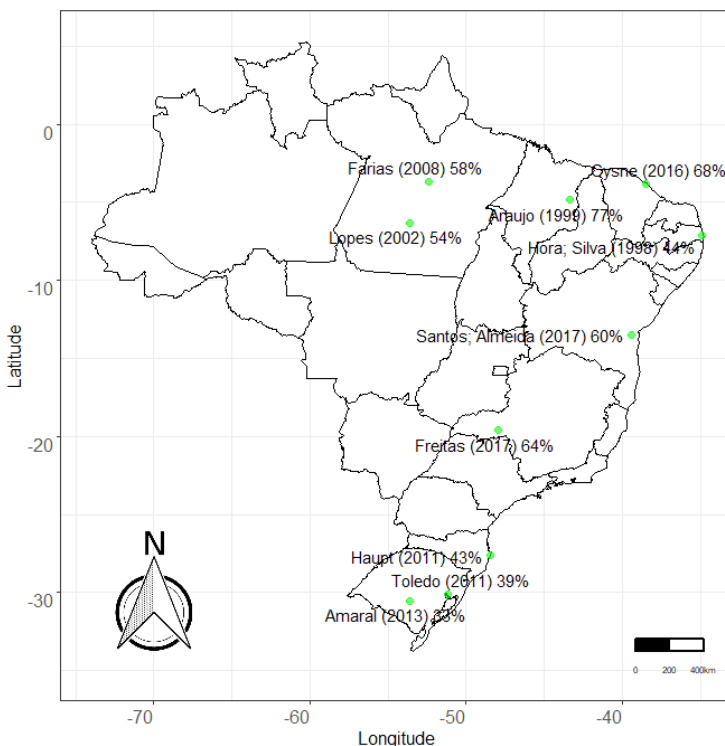
O processo de monotongação não é uma regra geral que permite o apagamento da semivogal de todos os ditongos decrescentes orais. Condicionamentos distintos atuam sobre cada ditongo na implementação do processo e resultam em diferentes percentuais de monotongação. Começamos a sumarização dos resultados pelo ditongo com maior frequência de monotongação.

4.1 Monotongação do ditongo decrescente [ou]

⁶ Os mapas foram elaborados através do pacote *brazilmaps* (<https://github.com/rpradosiqueira/brazilmaps>) na plataforma RStudio.

A monotongação do ditongo decrescente oral [oʊ] é vista como uma mudança já consolidada no português brasileiro, tendo em vista a alta frequência do fenômeno em diversas regiões dialetais do Brasil (Figura 3). Gramáticos, inclusive, já reconhecem a monotongação de [oʊ] como uma mudança implementada no português brasileiro. Cunha e Cintra (2017, p. 61), por exemplo, afirmam: “Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow] [...]. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa / popa, boubá / boba*”. Isso significa que a pronúncia padrão no português brasileiro de itens como *touro, andou, outro* é com a variante monotongada (*tôro* [‘to.ro], *andô* [ã.’do], *ôtro* [‘o.tro]) independente do contexto.

Figura 3 – Percentuais de monotongação do ditongo decrescente [oʊ] no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria.

Hora e Silva (1998) analisaram o fenômeno de monotongação de [ou̯] em *corpus* que compõe o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) e encontraram um percentual de 99% (4900/4967) de apagamento da semivogal. Na mesma direção, Lopes (2002) observou um percentual de 95% (1335/1406) de monotongação em uma amostra com dados de 40 falantes do município de Altamira/PA. Cristofolini (2011) também observou um percentual elevado de monotongação na fala de 8 florianopolitanos, 93% (125/135). Silveira (2019) investigou o processo em dados de 48 entrevistas pertencentes ao banco de dados Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) e obteve um percentual de monotongação de 86,9% (3731/4293).

Estudos como o de Freitas (2017) e o de Oliveira e Martins (2020) encontraram percentuais, ainda elevados, mas menores de monotongação de [ou̯]. Freitas (2017) investigou o fenômeno na fala de 24 moradores da cidade de Uberaba/MG e observou um percentual de 70% (269/384) de redução do ditongo. Oliveira e Martins (2020), por sua vez, realizaram um estudo piloto com dados de entrevistas sociolinguísticas de 6 falantes da Praça 14 de Janeiro, em Manaus/AM, e observaram um percentual de 65,1% (207/318) de monotongação. Esses percentuais menores se comparados aos estudos anteriores podem ser explicados devido ao tamanho das amostras investigadas. No estudo de Oliveira e Martins (2020), por exemplo, a amostra analisada era constituída por apenas um informante por célula social, o que, como as próprias autoras reconhecem, inviabiliza generalizações.

É justamente devido a essa alta frequência de monotongação de [ou̯] que estudos descritivos podem subsidiar ações de ensino. Ensinar um aluno a registrar na escrita um ditongo que não é realizado categoricamente na fala, sendo que é na relação com a oralidade que se estabelecem as relações grafofonêmicas, é um desafio pedagógico que requer do professor sensibilidade sociolinguística (SILVA; SIMIONI, 2015; SOUZA; SILVA; PONTE, 2021; SOUZA; SIMIONI; SILVA, 2018) e um panorama consistente sobre o fenômeno pode contribuir nessa tarefa.

O alto percentual de monotongação de [ou̯] reflete nos resultados quanto aos fatores condicionantes do processo. Não sendo sensível a restrições linguísticas ou sociais, ocorrendo em praticamente todos os contextos, os autores não analisam os condicionantes em termos de favorecedores ou inibidores do fenômeno, mas quanto ao nível de probabilidade em função dos fatores selecionados (que fator condiciona mais o processo). Por conta disso, discutiremos aqui apenas os resultados de variáveis que se mostraram significativas nos estudos revisados para

corroborar essa alta frequência do fenômeno em todos os contextos linguísticos e sociais.

A variável tonicidade da sílaba em que o ditongo [ou] encontra-se na palavra mostrou-se significativa para o processo de monotongação de [ou] nos estudos revisados (Tabela 1).

Tabela 1 – Resultados dos estudos acerca da variável tonicidade

Estudo	Fator	Percentual	Peso relativo
Hora e Silva (1998)	tônica	99% (4719/4770)	0.52
	átona	92% (181/197)	0.17
Cristofolini (2011)	tônica	98% (111/113)	0.63
	pré-tônica	90% (10/11)	0.23
	átona	57% (8/14)	0.04
Freitas (2017)*	tônica	72,7% (229/315)	
	átona	58% (40/69)	
Silveira (2019)	tônica	87,8% (3504/3990)	0.51
	átona	74,9% (227/303)	0.36
Oliveira e Martins (2020)	tônica	64,1% (189/295)	0.47
	átona	78,3% (18/23)	0.79

* Freitas (2017) não informou os pesos relativos quanto à variável tonicidade.

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar na tabela 1, os resultados apontam a sílaba tônica como favorecedora do processo de monotongação de [ou] (CRISTOFOLINI, 2011; FREITAS, 2017; HORA; SILVA, 1998; OLIVEIRA; MARTINS, 2020; SILVEIRA, 2019). Apenas no estudo de Oliveira e Martins (2020) o fator sílaba átona se mostrou mais favorável à monotongação de [ou], se comparado ao fator sílaba tônica. Essa divergência pode estar relacionada às limitações da amostra de Oliveira e Martins (2020), constituída por apenas um informante por célula social.

No entanto, esses resultados não nos permitem generalizações abrangentes acerca da influência da variável tonicidade na monotongação de [ou], tendo em vista que os percentuais de monotongação em todos os contextos de tonicidade são próximos e que os valores dos pesos relativos do fator sílaba tônica encontram-se dentro dos limites da margem de erro. Podemos afirmar apenas que há um maior favorecimento do processo em contexto de sílaba tônica, mas não que haja um bloqueio em sílabas átonas.

O contexto seguinte ao ditongo [ou] também foi controlado nos estudos e os resultados divergiram (Tabela 2).

Tabela 2 – Resultados dos estudos acerca da variável contexto seguinte

Estudo	Fator	Percentual	Peso relativo
Hora e Silva (1998)	vogal baixa [a]	99% (646/651)	0.64
	nasal [m]	99% (569/573)	0.63
	fricativa [s]	99% (220/223)	0.49
	lateral [l]	99% (104/105)	0.48
	oclusiva [p]	98% (2361/2398)	0.47
	contexto zero	96% (54/56)	0.30
	fricativa [v]	92% (185/200)	0.18
Lopes (2002)	velar [k]	93% (165/177)	0.87
	bilabial [p, b]	98% (213/218)	0.86
	labiodental [f, v]	88% (99/113)	0.58
	tepe [r]	86% (12/14)	0.40
	dental [t, d]	93% (297/320)	0.25
	alveolar [s, z, n, l]	92% (140/153)	0.19
	pausa	99% (141/143)	0.19
Freitas (2017)*	fricativa	45,7% (16/35)	
	oclusiva	71,9% (243/338)	0.51
	tepe	90,9% (10/11)	0.86
Silveira (2019)	pausa	90% (36/40)	0.65
	tepe	84,3% (75/89)	0.63
	lateral	95,7% (67/70)	0.55
	vogal	89,9% (639/711)	0.53
	oclusivas	89,8% (2122/2362)	0.53
	nasal	81,2% (419/516)	0.43
	fricativas	73,9% (373/505)	0.34
Oliveira e Martins (2020)	pausa	67% (132/197)	0.52
	oclusivas	66,3% (63/95)	0.51
	outras consoantes	30% (6/20)	0.21

* Freitas (2017) não informou os pesos relativos quanto ao contexto seguinte constituído por consoante fricativa.

Fonte: Elaboração própria.

Em Hora e Silva (1998), todos os contextos seguintes controlados apresentaram percentuais acima de 90%. Apesar disso, os fatores que mais favoreceram o fenômeno foram os contextos seguintes constituídos pela vogal baixa [a] (646/651 = 99%), com peso relativo de 0.64; e pela consoante nasal [m] (569/573 = 99%), com peso relativo de 0.63. Lopes (2002), por sua vez, constatou que os contextos seguintes que mais favoreceram a monotongação na amostra analisada foram a consoante velar [k] (165/177 = 93%), com peso relativo de 0.87; as consoantes bilabiais [p, b] (213/218 = 98%), com peso relativo de 0.86; e as labiodentais [f, v] (99/113 = 88%), com peso relativo de 0.58. Cabe destacar que os demais contextos não desfavoreceram o fenômeno de monotongação, apenas apresentaram menor probabilidade de ocorrência se comparado aos fatores selecionados. Silveira (2019) observou que os contextos mais significativos foram os que se referem à pausa (36/40 = 90,0%), com peso relativo de

0.65; e ao tepe ($75/89 = 84,3\%$), com peso relativo 0.63. Esses resultados divergentes podem sinalizar evidência de que a monotongação de [ou] ocorre independentemente do contexto seguinte.

Ainda no que diz respeito ao efeito das variáveis estruturais, a posição ocupada pelo ditongo na palavra também foi controlada e mostrou-se significativa nos estudos de Lopes (2002) e Silveira (2019). No estudo de Lopes (2002), a monotongação de [ou] foi favorecida em final de palavra ($850/857 = 99\%$), com peso relativo de 0.77; seguido da posição inicial ($189/198 = 95\%$), com peso relativo de 0.27; a posição medial apresentou percentual de monotongação também elevado ($296/351 = 84\%$), mas é a posição que probabilisticamente menos favorece a monotongação, com peso relativo de 0.08. O resultado referente à posição medial pode se justificar por ser o ambiente em que a semivogal [u] é resultante da vocalização da consoante lateral pós-vocálica /l/, como em itens como *voltei*, *solteiro*, *desenvolvimento*, *envolvido*. Nesses casos, a monotongação é menos favorecida. Na mesma direção, Silveira (2019) constatou a posição final de palavra como a que a mais favorece o fenômeno ($2027/2150 = 94,3\%$), com peso relativo de 0.65, se comparada à influência da posição medial ($950/1288 = 73,8\%$), com peso relativo de 0.36, e da inicial ($754/855 = 82,2\%$), com peso relativo de 0.31.

As variáveis de natureza social se mostraram pouco influentes no que diz respeito ao processo de monotongação de [ou]. Apenas a variável escolaridade mostrou-se significativa nos estudos revisados. Apesar dos elevados percentuais em todos os níveis de escolarização e dos diferentes parâmetros de controle dessa variável, os estudos sugerem uma tendência de que quanto maior a escolarização menor o uso da variante monotongada.

Hora e Silva (1998) controlaram cinco níveis de escolarização (à época denominados pelos autores como analfabeto, primário, ginásio, segundo grau e universitário). Em todos os níveis de escolarização controlados, os percentuais de monotongação foram superiores a 97%. Apesar disso, probabilisticamente o processo foi favorecido na fala de analfabetos ($1129/1135 = 99\%$), com peso relativo de 0.66, e de falantes com 5 a 8 anos de escolarização ($1319/1330 = 99\%$), com peso relativo também de 0.66. Lopes (2002), por sua vez, categorizou a escolarização em 3 níveis (não escolarizado, ensino fundamental e ensino médio). A autora constatou que falantes não-escolarizados monotongaram em 99% das ocorrências ($432/437$), com peso relativo de 0.82; falantes do ensino fundamental monotongaram em 97% das ocorrências ($514/530$), com peso relativo de 0.53; e falantes do ensino médio monotongaram em 89% das ocorrências ($391/438$), com peso relativo 0.17. No estudo

de Silveira (2019), a escolaridade foi dividida em dois níveis (menos de 9 anos de escolaridade e mais de 9 anos de escolaridade). Os resultados da autora, apesar de apresentarem níveis de significância próximos à neutralidade, reforçam que o processo de apagamento da semivogal de [ou] é favorecido entre falantes com menos de 9 anos de escolarização (2011/2220 = 90,6%), com peso relativo de 0.55; os falantes com mais de 9 anos de escolarização também apresentaram percentual elevado de monotongação, 83% (1720/2073), mas com peso relativo de 0.45.

A partir desses resultados não podemos formular generalizações. A monotongação de [ou] ocorre com alta frequência em todos os níveis de escolarização. Não podemos afirmar, portanto, que o processo de monotongação nesse ditongo é desfavorecido em falantes com alta escolarização. O que os estudos atestam é uma redução (pequena, tendo em vista os percentuais apresentados) da frequência de monotongação com o avanço da escolarização. É diferente do que é observado em estudos sobre traços linguísticos socialmente estigmatizados, como o rotacismo, em que o fenômeno diminui com o avanço dos níveis de escolarização (SCHWINDT *et al.*, 2007).

Em que pese a constatação de que a monotongação de [ou] se comporta como mudança em estágio avançado e pouco condicionada por fatores linguísticos e sociais, até que ponto a semivogal do ditongo é realmente apagada foi um dos objetivos do estudo de Cristofolini (2011). Além da abordagem sociolinguística, a autora realizou uma análise acústica com dados de 2 informantes da amostra examinada. A análise foi desenvolvida através do *software* Praat e considerou os parâmetros acústicos de duração relativa entre ditongo, monotongo e vogal simples, e de frequência dos formantes, principalmente de F1 e F2. “A duração relativa foi calculada através da relação entre a duração do(s) segmento(s), em milissegundos, e a duração da palavra em que os segmentos apareciam, também em milissegundos. As frequências dos formantes (f1 e f2) foram obtidas em 5 pontos, mais ou menos equidistantes, na porção estável da vogal” (CRISTOFOLINI, 2011, p. 214).

Os resultados da análise acústica apontaram para uma gradiência entre o ditongo conservado e o resultante do processo de monotongação. Cristofolini (2011) observou que i) no processo de monotongação, a duração compensa o apagamento da semivogal do ditongo; e que ii) os valores formânticos da forma monotongada apresentam-se de modo intermediário entre o ditongo conservado e a vogal simples. A autora

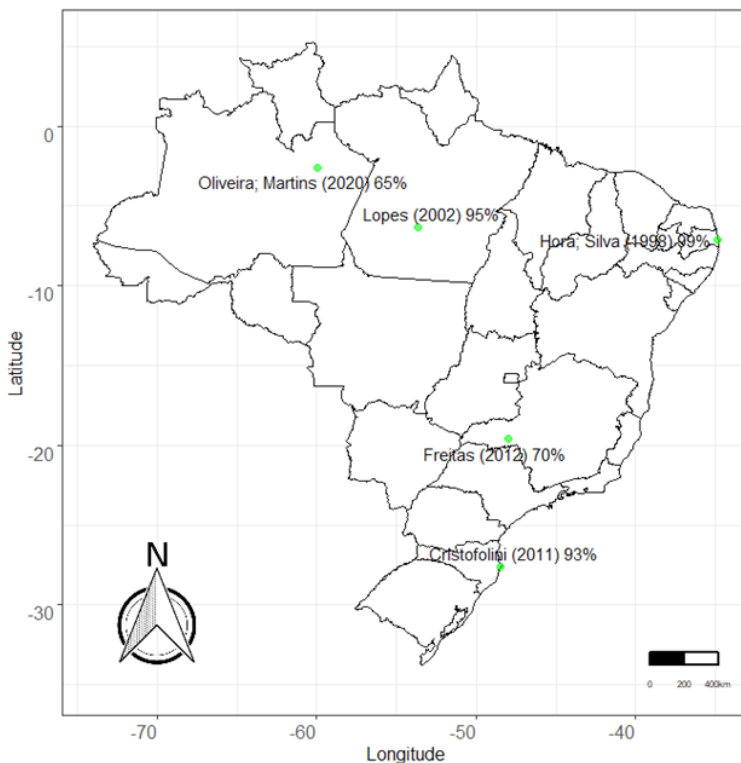
conclui, portanto, que “Há uma forma intermediária, que mantém a duração do ditongo, mas que mescla características formânticas do ditongo com aquelas da vogal simples, evidenciando que existem formas gradientes do processo de monotongação” (CRISTOFOLINI, 2011, p. 225).

Diante dessas evidências, podemos afirmar que a monotongação de [o̞] é uma mudança já implementada no português brasileiro, sem restrições linguísticas ou sociais que barrem o processo, tendo em vista que ocorre em todos os contextos com elevados percentuais. Contudo, cabe relevar a gradiência observada por Cristofolini (2011), que aponta que a monotongação não resulta na redução de um ditongo a uma vogal simples, mas a formas intermediárias, se considerarmos os correlatos acústicos (duração e frequência de formantes).

4.2 Monotongação do ditongo decrescente [e̞]

A monotongação do ditongo decrescente [e̞] apresenta comportamento variável em todas as regiões dialetais investigadas no Brasil (Figura 4), sendo menos frequente do que a monotongação do ditongo [o̞]. Araujo e Vieira (2021) também desenvolveram uma revisão sistemática da literatura sobre a monotongação de [e̞], mais especificamente em estudos sociolinguísticos com dados do português brasileiro, e associaram as diferenças de percentuais a questões geográficas. Os autores afirmaram que falantes do Norte do país monotongam mais do que falantes da região Sul.

Figura 4 – Percentuais de monotongação do ditongo decrescente [eɪ] no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria.

Em algumas regiões, a variante monotongada mostrou-se como mais frequente do que o ditongo preservado. Araujo (1999) observou um percentual de 77% (615/801) de monotongação de [eɪ] na fala de 24 moradores da cidade de Caxias/MA. Ao descrever o processo na fala de 42 falantes da cidade de Altamira, no estado do Pará, Lopes (2002) encontrou um percentual de 54% (782/1456) de apagamento da semivogal. Ainda no estado do Pará, Farias (2008) observou um percentual de 58% (502/869) de monotongação num *corpus* constituído por 20 questionários e entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Em Fortaleza/CE, Cysne (2016) encontrou um percentual de 68% (1020/1491) de monotongação de [eɪ] ao analisar uma amostra de 54

informantes extraída do *corpus* do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Freitas (2017) encontrou um percentual de 64% (500/779) de monotongação em dados de fala de 24 moradores de Uberaba/MG.

No entanto, em estudos desenvolvidos em outras regiões, o percentual de monotongação ficou abaixo dos 50%, com predomínio do ditongo preservado. Na fala de pessoenses, a redução do ditongo [eɪ] ocorreu em 44% (2150/4902) das ocorrências (HORA; SILVA, 1998). Amaral (2013) encontrou um percentual de 33% (1055/3169) de monotongação de [eɪ] na fala de 42 falantes do Rio Grande do Sul. Toledo (2011), ao analisar uma amostra de 48 falantes da cidade de Porto Alegre/RS pertencente ao banco de dados do projeto NURC entrevistados no ano de 1970 e recontatados em 1990 pelo projeto VARSUL, encontrou um percentual de 39% de monotongação em dados do NURC (302/760) e 35% (365/1031) em dados do VARSUL. Haupt (2011) observou um percentual de monotongação de 43% (1844/4251) em amostra de 24 entrevistas com falantes de Florianópolis que também compõe o banco de dados do VARSUL. A autora observou que a monotongação de [eɪ] ocorre tanto em sílabas abertas (1785/4098 = 43,6%) quanto em sílabas fechadas (59/153 = 38,1%). De modo mais abrangente, ao investigar o processo em sete capitais brasileiras, nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Araujo, Pereira, Almeida (2017) obtiveram um percentual de 42% (302/719) de monotongação. Santos e Almeida (2017) encontraram um percentual de 60% (361/600) de monotongação na fala de 12 integrantes da comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves/BA. E, ao analisar 48 entrevistas de fala espontânea pertencentes ao banco VARSUL dos três estados do sul do país, Silveira (2019) observou um percentual de 35,5% (1864/5245) de redução do ditongo [eɪ].

Em que pese a variação entre ditongo preservado e monotongado em todas as regiões investigadas, os resultados dos estudos apontam que a monotongação de [eɪ] é condicionada principalmente pelo contexto fonológico seguinte ao ditongo constituído por tepe [r], como em *cadeira* ~ *cadere* ([ka.'deɪ.rə] ~ [ka.'de.rə]), e, com menor força, por consoantes palatais [ʃ, ʒ] como em *beijo* ~ *bêjo* ([ˈbeɪ.ʒo] ~ [ˈbe.ʒo]) (Tabela 3). Duarte e Paiva (2011) sugerem, inclusive, que essa motivação fonética do contexto seguinte pode ser generalizada, de modo que resultados observados a partir do estudo de uma comunidade de fala se estendem à outra.

Tabela 3 – Resultados dos estudos sobre a monotongação de [eɪ] quanto à variável contexto seguinte

Estudo	Fator	Percentual	Peso relativo
Hora e Silva (1998)	vibrante [r]	98% (1687/1714)	0.99
	fricativa [ʃ]	95% (350/367)	0.93
	fricativa [ʒ]	72% (38/53)	0.69
	oclusiva [g]	39% (7/18)	0.33
	vogal baixa [a]	12% (36/308)	0.15
	oclusiva [t]	2% (25/1629)	0.01
	vogal média [o]	1% (4/296)	0.01
Araujo (1999)	tepe [r]	89% (479/541)	0.85
	vogal baixa [a]	71% (34/48)	0.61
	oclusiva [g]	59% (10/17)	0.47
	fricativa [ʃ]	59% (62/105)	0.46
	fricativa [ʒ]	39% (23/59)	0.18
	nasal [n]	35% (7/31)	0.12
Lopes (2002)	tepe [r]	98% (542/554)	0.99
	palatal [ʃ, ʒ]	96% (198/209)	0.64
	vogal baixa [a]	37% (37/100)	0.05
	bilabial [m]	1% (1/87%)	0.00
Farias (2008)	tepe [r]	82% (416/506)	0.79
	oclusiva [g]	68% (17/25)	0.64
	fricativa [ʃ]	51% (36/70)	0.47
	fricativa [ʒ]	47% (27/58)	0.42
	africada [tʃ]	12% (4/36)	0.10
	vogal baixa [a]	2% (1/55)	0.02
	oclusiva [t]	1% (1/80)	0.01
Toledo (2011)	tepe [r]	96% (572/594)	0.57
	fricativa palatal	51% (89/172)	0.25
Amaral (2013)	tepe [r]	97% (816/840)	0.68
	palato-alveolar	91% (210/231)	0.56
	outros	19% (28/145)	0.2
Cysne (2016)	tepe [r]	99% (859/863)	0.52
Santos e Almeida (2017)	tepe	99,2% (239/241)	0.96
	posterior média-	50% (1/1)	0.70
	fechada	57,9% (11/19)	0.58
	central baixa	87,5% (35/40)	0.51
	africadas	16,7% (1/5)	0.39
	posterior alta	37,5% (3/8)	0.14
	lateral	54,5% (6/11)	0.11
	fricativa labial	20% (3/15)	0.02
	nasal labial	25% (2/8)	0.02
	nasal alveolar	57,9% (7/17)	0.02
	oclusivas velares	13,6% (3/22)	0.02
	fricativas velares	13,3% (2/15)	0.01
	oclusivas bilabiais	11,2% (9/80)	0.01
	oclusivas alveolares	7,4% (1/5)	0.01
	fricativas alveolares		

Freitas (2017)	tepe [r]	95,4% (374/392)	0.85
	fricativa	79,5% (116/146)	0.67
Silveira (2019)	pausa	90% (36/40)	0.65
	tepe	84,3% (75/89)	0.63
	lateral	95,7% (67/70)	0.55
	vogal	89,9% (639/711)	0.53
	oclusivas	89,8% (2122/2362)	0.53
	nasal	81,2% (419/516)	0.43
	fricativas	73,9% (373/505)	0.34

Fonte: Elaboração própria.

O contexto seguinte constituído por tepe é o fator que mais favorece a monotongação do ditongo [eɪ], com percentuais elevados, próximos ao categórico. As consoantes palatais também favorecem a monotongação, embora com menor força se comparadas ao tepe. Nesses ambientes, o ditongo [eɪ] é tido como fonético, constituído no nível subjacente por apenas uma vogal, de modo que o apagamento da semivogal não implica em mudança de sentido (BISOL, 2012).

Um dado importante a ser observado é o que Haupt (2011) observou: das 1205 palavras seguidas de tepe em sua amostra, 1032 são constituídas pelo sufixo *-eiro*, que possui uma alta produtividade na língua e poderia estar impulsionando a alta frequência de monotongação. No entanto, tendo em vista as evidências, podemos afirmar que o tepe favorece a monotongação de [eɪ] independentemente de ser em sufixo ou em base lexical.

Em relação à variável classe de palavras, os estudos mostram que os não-verbos favorecem a monotongação de [eɪ] (AMARAL, 2013; CYSNE, 2016; FARIAS, 2008; SANTOS; ALMEIDA, 2017; SILVEIRA, 2019; TOLEDO, 2011), em detrimento dos verbos que inibem o fenômeno. Farias (2008) observou um maior percentual de monotongação na classe dos adjetivos (94/141 = 67%), com peso relativo de 0.59, e dos substantivos (361/579 = 62%), com peso relativo de 0,55, em detrimento dos verbos (34/118 = 29%), que desfavoreceram o processo com peso relativo de 0.23. Nos dados de Toledo (2011), a classe dos não-verbos também favoreceu a monotongação (627/652 = 96%), com peso relativo de 0.6; os verbos mais uma vez desfavoreceram o processo (34/114 = 30%), com peso relativo de 0.07. Os resultados de Amaral (2013) também reforçam o favorecimento da classe dos não-verbos, com um percentual de monotongação de 81% (924/1141), com peso relativo de 0.65; e o desfavorecimento dos verbos, que foram monotongados em apenas 6% (131/2028) das ocorrências, com peso relativo de 0.41. Os resultados de

Cysne (2016) vão na mesma direção: os nomes favoreceram o processo ($724/969 = 74,7\%$), com peso relativo de 0.54, em detrimento da classe dos verbos ($134/234 = 48,9\%$), que inibiram o processo com significância de 0.35. Esse favorecimento pode ser explicado pela alta frequência do sufixo *-eiro*, em que o contexto seguinte ao ditongo é o tepe, na classe dos nomes, e ao mesmo tempo à alta frequência nos *corpora* de ditongos [eɪ] em finais de verbos no pretérito perfeito, como em *cantei*, *andei*. Nesse contexto, o ditongo é tido como pesado e, por isso, não é variável.

Santos e Almeida (2017) e Silveira (2019) também encontraram maior percentual de monotongação na classe dos nomes, mas os pesos relativos apontaram para uma maior significância na classe dos verbos devido à baixa ocorrência do ditongo [eɪ] nessa categoria gramatical. Nos dados de Santos e Almeida (2017), os verbos favoreceram a monotongação ($67/169 = 39,6\%$), com peso relativo de 0.83, e os nomes inibiram o processo, com peso relativo de 0.31, apesar de apresentarem um percentual de monotongação mais elevado ($261/314 = 83,1\%$). O mesmo ocorreu nos resultados de Silveira (2019). A monotongação em verbos alcançou um percentual de 13,3% ($321/2408$) e peso relativo de 0.62, favorecendo o fenômeno, enquanto os nomes apresentaram um percentual maior do fenômeno ($1259/2075 = 60,7\%$), mas com peso relativo de 0.44, que aponta para o desfavorecimento.

Apesar de fortemente influenciada por fatores estruturais, a monotongação de [eɪ] é sensível ao nível de escolarização do falante. O cenário é semelhante ao do ditongo [ou], em que os percentuais são próximos, mas os resultados dos pesos relativos apontam que o percentual de monotongação decresce com o aumento do nível de escolarização (ARAÚJO, 1999; ARAÚJO; PEREIRA, ALMEIDA, 2017; CYSNE, 2016; LOPES, 2002). Os autores argumentam que existe uma interferência do contato com a norma escrita (SCHWINDT *et al.*, 2007), em que o ditongo é preservado.

Hora e Silva (1998) e Araujo (1999) controlaram a escolaridade de modo binário: escolarizados e não escolarizados, e ambos constataram uma maior frequência de monotongação nos falantes não escolarizados. Hora e Silva (1998) observaram que, apesar da proximidade entre os percentuais, os falantes menos escolarizados ($1845/4136 = 45\%$), com peso relativo de 0.55, monotongaram mais do que falantes escolarizados ($305/766 = 40\%$), com peso relativo de 0.24. Os resultados encontrados por Araujo (1999) foram na mesma direção: falantes não escolarizados

favoreceram o processo de monotongação com um percentual de 83% (357/428) e peso relativo de 0.63, em detrimento dos falantes escolarizados nos quais o apagamento da semivogal foi menos frequente (258/373 = 69%), com peso relativo de 0.35.

Lopes (2002) controlou o fator escolaridade em três níveis: falantes não escolarizados, falantes com ensino fundamental e falantes com ensino médio. Os resultados da autora apresentaram percentuais próximos, mas reforçam a tendência de que falantes menos escolarizados monotongam mais: os falantes sem escolarização formal monotongaram 56% (289/512) das ocorrências, com peso relativo de 0.66, seguido dos falantes com ensino fundamental, que monotongaram em 55% (278/508) das ocorrências, com peso relativo de 0.51, e dos falantes com nível médio, que apresentaram o menor percentual de monotongação, 49% (215/436), com peso relativo de 0.31. Nos dados de Cysne (2016), a escolaridade também foi controlada em três níveis (0-4 anos de escolaridade, 5-9 de escolaridade e 9-11 anos de escolaridade) e os resultados seguiram a mesma tendência. Em que pese a proximidade entre os percentuais, os falantes com menor contato com a escolarização monotongaram mais (336/463 = 72,6%), com peso relativo de 0.55, do que que falantes com 5 a 9 anos de escolarização, que monotongaram em 62,2% (344/520) das ocorrências, com peso relativo de 0.46, e do que falantes com 9 a 11 anos de escolarização, que monotongaram em 66,9% (340/508) dos casos, com peso relativo de 0.47. Araujo, Pereira e Almeida (2017) controlaram a escolaridade em dois níveis (8º ano do Fundamental II e ensino superior). Os resultados mostraram a mesma tendência dos estudos anteriores: falantes com ensino fundamental monotongaram em 48,7% (168/345) das ocorrências, com peso relativo de 0.57; os falantes com ensino superior apagaram a semivogal em 35,8% (134/240) dos casos, com peso relativo de 0.43.

Apesar da observação de uma sensibilidade ao nível de escolarização, cabe ter em vistas as discussões empreendidas por Freitag (2011), que discutiu o controle da variável escolaridade em estudos sociolinguísticos que esperavam uma relação entre processos variáveis e o nível de escolarização do falante. A autora pondera que nem sempre haverá essa relação, principalmente tendo em vista os graus de apreciação social dos traços (traços estigmatizados ou não). No caso da monotongação de ditongo decrescente, o fenômeno não é socialmente saliente (ARAUJO; BORGES, 2018), nem alvo de instrução explícita

na escola. Portanto, é preciso cautela ao generalizar, por exemplo, que a monotongação decresce à medida em que o nível de escolarização aumenta; “[...] a escolaridade é apenas a ponta do iceberg dos fatores não estratificados (como poder aquisitivo, rede de relações sociais, engajamento social etc.) e seus resultados devem ser avaliados com uma lente multifocal” (FREITAG, 2011, p. 55).

É preciso esclarecer que a forma resultante do processo de monotongação de [e̞] não possui características acústicas idênticas às de uma vogal simples, mas de uma forma intermediária entre o ditongo preservado e a vogal simples. Haupt (2011) analisou o ditongo [e̞] acusticamente em uma amostra de 4 entrevistas do banco VARSUL. A análise foi realizada através do *software* Praat. Os parâmetros de análise foram dois: duração relativa e frequência dos formantes (F1 e F2).

Para a análise da duração, calculamos a duração relativa do segmento dentro da sílaba em que se encontra. Para fins de comparação, também etiquetamos algumas vogais simples e as sílabas em que se encontravam. Diversificamos os contextos, incluindo sílabas tônicas e átonas, e com consoantes sonoras e surdas na posição de ataque. Em relação aos formantes, [...] marcamos o início e o final do segmento, com um pouco de recuo para evitarmos a transição dos segmentos adjacentes. A coleta dos valores das frequências dos formantes foi obtida através de um *script* que nos exibiu valores para três pontos em cada marcação. Assim, temos três pontos referentes ao primeiro alvo e três pontos referentes ao segundo alvo. (HAUPT, 2011, p. 84.)

Os resultados apontaram que existe uma gradiência envolvida no processo, tanto no que diz respeito à duração quanto à frequência dos formantes. Os ditongos monotongados tiveram média de duração relativa menor do que a do ditongo preservado e maior do que a da vogal simples, constituindo-se como uma forma intermediária. Em contexto em que o ditongo [e̞] é precedido de consoante surda, a forma com o ditongo preservado apresentou uma média de duração de 50ms, a forma monotongada teve duração menor, 44,6ms, mas ainda maior do que a duração de uma vogal simples (41,3ms). Do mesmo modo, em contexto em que ditongo [e̞] estava precedido de consoante sonora, o ditongo teve duração relativa de 63,5ms e a vogal simples, 47,1ms, enquanto a forma monotongada apresentou um valor intermediário, 54,9ms. Em contexto de sílaba fechada, em palavras como *seis*, *dezesseis*, a média de duração

do monotongo (50,3ms) foi maior do que a do ditongo (49,8ms) e do que a da vogal simples (42,6ms). Esses resultados sugerem que o processo de monotongação resulta não apenas no apagamento da semivogal, mas num alongamento compensatório da duração.

A análise dos formantes mostrou que.

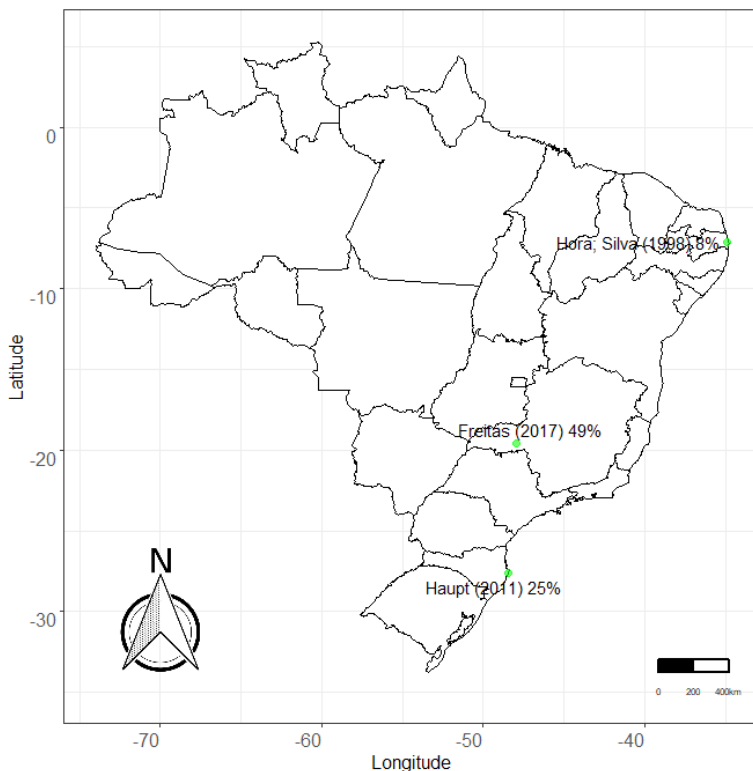
nas monotongações do ditongo [eɪ] em sílabas fechadas, ocorre um alongamento compensatório do primeiro alvo, mas em poucos casos temos um início de uma articulação do segundo alvo. Já nas sílabas abertas, verificamos uma maior oscilação no caminho dos formantes do primeiro para o segundo alvo, alguns com vestígios de uma segunda articulação. (HAUPT, 2011, p. 175.)

Diante disso, concluímos que a monotongação de [eɪ] se comporta como um fenômeno tipicamente variável, com frequências distribuídas entre as duas variantes. O processo tem motivação estrutural relacionada principalmente ao contexto fonológico seguinte constituído por *tepe* – com maior força – e por consoantes palatais. Nesse ditongo, variáveis sociais são pouco influentes; com sensibilidade apenas no que tange ao nível de escolarização do falante. Além disso, cabe destacar a gradiência envolvida no processo, que não resulta numa vogal simples, mas numa forma intermediária.

4.3 Monotongação do ditongo decrescente [aɪ]

A monotongação de [aɪ] é menos frequente do que a monotongação de [oʊ] e de [eɪ]. No estudo de Hora e Silva (1998) com dados de falantes de João Pessoa/PB, a monotongação ocorreu em 8% (209/2738) das ocorrências do ditongo; em Haupt (2011), com dados de falantes florianopolitanos, o percentual foi de 25% (679/2662); e em Freitas (2017) com dados de falantes de Uberaba/MG o percentual de aplicação da regra variável foi de 48,8% (20/41) (Figura 5).

Figura 5 – Percentuais de monotongação do ditongo decrescente [aɪ] no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria.

É consenso entre os três estudos que o ditongo decrescente [aɪ] é monotongado diante de consoante palatal [j] (FREITAS, 2017; HAUPT, 2011; HORA; SILVA, 1998), como em *faixa* ~ *faxa* ([ˈfaɪ̯.jə] ~ [ˈfa.jə]). Hora e Silva (1998) constataram que o contexto seguinte constituído por consoante palatal [j] favoreceu a monotongação (182/199 = 91%), com peso relativo de 0.91; os demais contextos seguintes controlados inibiram o fenômeno ou foram categóricos na realização do ditongo preservado. Freitas (2017) também observou uma maior influência do contexto fonológico seguinte constituído por consoantes fricativas, apesar de os dados serem constituídos de uma amostra reduzida. De 30

ocorrências de [a₁] diante de fricativa, 21 delas, ou seja, 70%, foram realizadas na forma monotongada. Conforme Bisol (1994), diante de fricativa pós-alveolar, o ditongo [a₁] é fonético, sendo constituído por apenas uma vogal na estrutura subjacente, de modo que a semivogal pode ou não ser percebida, sem alterar o significado da palavra: *caixa* ~ *caxa*, *baixo* ~ *baxo*.

Em que pese a influência do contexto seguinte, Haupt (2011) observou que a monotongação de [a₁] é mais frequente em sílabas fechadas, com um percentual de 41,7% (515/1234), do que em sílabas abertas, em que o apagamento da semivogal ocorreu em 11,5% (164/1428) das ocorrências. A autora aponta que são dois os casos em que ocorre a monotongação de [a₁]: em sílaba aberta, em contexto seguido de consoante palato-alveolar, independentemente da frequência do item, sendo o ditongo preservado nos demais contextos; e em sílaba fechada, em itens como *mais*, quando a fricativa final é palatalizada, com um percentual de 68,1% (391/ 574): “os contextos em que há mais monotongações são os contextos em que há mais tendência de palatalização. A palatalização da fricativa final [...] é um fator condicionante para a monotongação” (HAUPT, 2011, p. 113). Esse resultado contraria a explicação proposta por Bisol (1994), em que itens como *mais* teriam a semivogal preservada por se tratar de um ditongo pesado.

A monotongação de [a₁], assim como nos outros ditongos, não corresponde a uma vogal simples, mas a uma forma intermediária entre o ditongo preservado e a vogal simples. Haupt (2011) encontrou evidências de gradiência ao constatar que a média da duração do ditongo [a₁] monotongado é menor do que a do ditongo preservado e maior do que a da vogal simples tanto em sílabas abertas quanto em sílabas fechadas. Nos contextos de sílaba fechada, especificamente na análise da média de duração do ditongo em itens constituídos da sequência *mais*, a forma monotongada teve média de duração de 56,7ms, enquanto a duração do ditongo preservado obteve média de 57,7ms e a vogal simples de 42,5ms. Essa duração intermediária pode significar um alongamento do primeiro alvo vocálico ou a presença de vestígios da semivogal. Ao analisar a frequência dos formântica, a autora concluiu que

[...] a monotongação do ditongo [a₁], tanto em sílabas abertas quanto fechadas, tem sua gradiência evidenciada não apenas pela

duração, ou seja, pelo alongamento do primeiro alvo ao se apagar a semivogal, mas também pela presença de traços formânticos que caracterizam o início da articulação do segundo alvo vocálico [ɪ], com diferenças significativas para F2. Quando isso não ocorre, temos a variante que apresenta apenas um alongamento da vogal núcleo do ditongo. (HAUPT, 2011, p. 186.)

Portanto, a monotongação de [aɪ] tem um contexto linguístico propício específico, contexto seguinte constituído por consoante palato-alveolar, e ocorre com maior frequência em contextos de sílaba fechada constituída por fricativa final palatalizada. No entanto, há de se considerar a gradiência fonética envolvida, que dispõe o monotongo como forma intermediária entre ditongo preservado e vogal simples.

4.4 Monotongação do ditongo decrescente [oɪ]

A monotongação do ditongo [oɪ] foi pouco investigada no português brasileiro, com estudos restritos à descrição de variedades da região Sul do Brasil (HAUPT, 2011; SILVEIRA, 2019). O percentual de monotongação desse ditongo é o menor se comparado aos outros tipos de ditongo. Em Florianópolis/SC (HAUPT, 2011), a monotongação de [oɪ] apresentou um percentual de 14,5% (391/2698) e, no estudo de Silveira (2019), com dados de fala dos três estados da região Sul do país, o percentual foi menor, 2,8% (100/3513) de monotongação.

Ambos os estudos evidenciam que a monotongação de [oɪ] está associada ao contexto de sílaba fechada e a itens lexicais específicos. Haupt (2011) constatou que em contexto de sílaba aberta o percentual de monotongação foi de 3,2% (62/1998); em sílaba fechada, por sua vez, o percentual foi de 46,9% (328/699). Esse percentual elevado de monotongação em contexto de sílaba fechada refere-se a três itens lexicais de frequência moderada e alta na língua: *depois*, *dois* e *pois*. Nesse processo, a consoante fricativa final palatalizada [j] é contexto apropriado para o apagamento da semivogal, com um percentual de 78,7% (262/333) de monotongação.

No estudo de Silveira (2019), as variáveis significativas foram a localidade (Porto Alegre, Flores da Cunha, Florianópolis, Chapecó, Curitiba e Pato Branco) e o item lexical. Apesar do baixo número de ocorrências de palavras com o ditongo [oɪ] monotongado, a autora constatou que o processo está associado aos itens lexicais *pois*, *depois* e

dois em falantes da cidade de Florianópolis (70/441 = 15,9%) (SC), em que os informantes pronunciavam o /s/ como fricativa [ʃ], o que reforça os resultados de Haupt (2011) acerca da influência da palatalização da fricativa final na monotongação de [oɪ]. A cidade de Flores da Cunha (RS) apareceu em seguida com um percentual de 3,0% (13/433), seguida por Porto Alegre, com 1,7% (11/652) de monotongação.

Assim como na monotongação dos demais ditongos, há uma gradiência envolvida, principalmente nos contextos de sílaba fechada. Nos dados de Haupt (2011), a forma monotongada de [oɪ] teve média de duração (56,3ms quando precedida de consoante surda e 62,1ms quando precedida de consoante sonora) maior do que a da vogal simples (45,7ms quando precedida de consoante surda e 50,3ms quando precedida de consoante sonora) e até mesmo do que a do ditongo preservado (52,7ms quando precedida de consoante surda e 61,6ms quando precedida de consoante sonora), constituindo-se como uma forma intermediária. Na análise da frequência dos formantes, a autora também observou formas intermediárias entre o ditongo preservado e a vogal simples.

Como ambos estudos foram realizados em variedades em que a palatalização da fricativa final é produtiva e, portanto, propicia a monotongação em sílaba fechada, apontamos para a necessidade de descrições da monotongação de [oɪ] em outras regiões dialetais do português brasileiro, de modo a verificar se o contexto de sílaba fechada favorece o processo mesmo em variedades em que a palatalização da fricativa final não é recorrente.

5 Considerações finais

A revisão sistemática apresentada apontou que a monotongação não é uma regra geral que apaga todas as semivogais de ditongos decrescentes orais, condicionamentos distintos atuam sobre cada ditongo variável propiciando diferentes frequências do fenômeno. Os ditongos descritos como monotongáveis no português brasileiro são, em ordem decrescente de percentual de monotongação (Figura 6): [oʊ], [eɪ], [aɪ] e [oɪ].

Figura 6 – Representação da frequência de monotongação por ditongo no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria.

A monotongação de [ou] já é vista como uma mudança consolidada no português brasileiro, sem restrições linguísticas ou sociais, apresentando percentuais elevados em todos os contextos (CRISTOFOLINI, 2011; FREITAS, 2017; SILVEIRA, 2019; HORA; SILVA, 1998; LOPES, 2002).

A redução de [ei] se comporta como um fenômeno tipicamente variável, com frequências distribuídas entre ditongo preservado e vogal simples. O processo tem motivação estrutural relacionada principalmente ao contexto fonológico seguinte constituído por tepe [r] e, com menor força, por consoantes palatais [ʃ, ʒ] (AMARAL, 2013; ARAUJO, 1999; CYSNE, 2016; FARIAS, 2008; FREITAS, 2017; HAUPT, 2011; LOPES, 2002; SANTOS; ALMEIDA, 2017; SILVEIRA, 2019; SOUZA, 2020; TOLEDO, 2011). Nesse ditongo, variáveis sociais são pouco influentes; com sensibilidade apenas no que tange ao nível de escolarização do falante.

Já a monotongação de [ai] é menos frequente e tem dois contextos propícios específicos: em sílaba aberta, em contexto seguinte constituído por consoante palato-alveolar [ʃ], sendo o ditongo preservado nos demais contextos; e em sílaba fechada, em itens como *mais*, quando a fricativa final é palatalizada (FREITAS, 2017; HAUPT, 2011; HORA; SILVA, 1998). O ditongo [oi], ainda mais restrito, ocorre em sílabas fechadas e em itens lexicais específicos, nos quais a fricativa final é palatalizada (HAUPT, 2011; SILVEIRA, 2019). Nesse sentido, apontamos para a necessidade de descrições da monotongação de [ai] e de [oi] em outras regiões dialetais do português brasileiro, de modo a verificar se o contexto

de sílaba fechada favorece o processo mesmo em variedades em que a palatalização da fricativa final não é recorrente.

Apesar da monotongação ser um fenômeno bastante difundido no português brasileiro, estudos que investigaram a redução dos ditongos decrescentes considerando os correlatos acústicos (frequência de formantes e duração) apontam que existe uma gradiência fonética envolvida no processo, em que a forma monotongada tem características intermediárias entre o ditongo preservado e a vogal simples. Estudos posteriores podem ampliar o entendimento do fenômeno de monotongação investigando a distribuição da frequência do processo a partir de uma análise acústica replicável e menos intuitiva, aos moldes dos estudos que atestaram a gradiência do fenômeno.

Esperamos com esse trabalho de revisão sistemática integrativa contribuir para a construção de um panorama abrangente sobre o fenômeno de monotongação de ditongos decrescentes no português brasileiro que possa subsidiar outros estudos descritivos, que implementem, por exemplo, procedimentos estatísticos de meta-análise, e ações propositivas de ensino, haja vista a implicação do fenômeno no processo de alfabetização.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag pela leitura atenta e colaborativa do texto e a José Manoel Siqueira da Silva pelo auxílio na construção dos mapas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

AMARAL, M. P. do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 102-116, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13697>. Acesso em: 01 set. 2020.

ARAUJO, G. A. de; VIEIRA, N. M. T. The Diphthong <ei> in Variationist Studies of Brazilian Portuguese: A Systematic Literature

Review. *Languages*, v. 6, n. 2, p. 1-19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/languages6020087>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2226-471X/6/2/87/htm>. Acesso em: 16 set. 2021.

ARAUJO, A. A. de; PEREIRA, M. L. de S.; ALMEIDA, B. K. M. de. Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli*, v. 6, n. 2, p. 265-284, 2017. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1367>. Acesso: 26 abr. 2021.

ARAUJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. 3, p. 97-113, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5569>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5569>. Acesso em: 01 set. 2020.

ARAUJO, M. F. R. de. *A alternância de [ej] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA*. 134 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_ffe16af0f7b00a35d1b0a5fdebff58a4. Acesso em: 26 abr. 2021.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, p. 123-140, 1994.

BISOL, L. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE, S. H. (org.). *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p. 57-65. Disponível em: <http://http://www.letras.ufmg.br/site/elivros.asp>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BISOL, L. O ditongo em português. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Campinas, n. 11, p. 51-57, 1991.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2000.

CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. *Revista da Abralin*, v. 10, n. 1, p. 205-229, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/>

rabl.v10i1.32070 Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32070>. Acesso em: 02 set. 2020.

CUNHA, C.; LINDLEY, C. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CYSNE, M. R. P. *A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza*. 102 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o_Marcus-Portela.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

DUARTE, M. E.; PAIVA, M. da C. A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, p. 91-120, 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1087>. Acesso em: 01 set. 2021.

FARIAS, M. A. R. *Distribuição Geo-Sociolingüística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará*. 2008. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2644>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FREITAG, R. M. K. A sociolinguística da leitura. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.4.37508>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/37508>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FREITAG, R. M. K. O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais. *Revista Diadorim*, v. 8, n. 1, p. 43-58, 2011. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7958>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7958>. Acesso em: 02 set. 2021.

FREITAS, B. F. C. de. *Estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala Uberabense*. 76 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153183#:~:text=Os%20resultados%20obtidos%20mostraram%20que,da%20palavra%20e%20a%20tonicidade>. Acesso em: 26 abr. 2021.

HARZING, A. W. *Publish or Perish*. Disponível em: <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>. 2007. Acesso em: 26 abr. 2021.

HAUPT, C. *O fenômeno da monotongação nos ditongos [aj, ej, oi, ui] na fala dos florianopolitanos: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares*. 212 f. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95789>. Acesso em 21 abr. 2021.

HAUPT, C.; SEARA, I. C. Caracterização acústica do fenômeno de monotongação dos ditongos [aj□ ej□ oj] no falar florianopolitano. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.15, n.1, p. 263-290, 2012. DOI: <http://DX.DOI.ORG/10.15210/RLE.V15I1.15419> Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15419>. Acesso em: 02 set. 2020.

HORA, D. da; AQUINO, M. de F. S. Da fala para a leitura: análise variacionista. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 79-93, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4986/0#:~:text=Os%20dados%20analizados%20apontam%20uma,daquilo%20que%20a%20escola%20preconiza>. Acesso em: 02 set. 2020.

HORA, D. da; SILVA, F. S. E. Processo de monotongação em João Pessoa. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA - APL*, 14, 1999, Aveiro. *Anais [...]*. Braga: Execução Gráfica - G.C. Gráfica de Coimbra, Lda., 1998. v. II. p. 79-93.

KENT; R. D.; READ, C. *Análise acústica da fala*. Tradução Alexsandro Rodrigues Meireles. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LOPES, R. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2002.

MACHADO, A. P. G. Variação linguística e leitura: fenômenos variáveis da fala na leitura em voz alta. *A Cor das Letras*, v. 19, n. 4, p. 196-218, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v19i4Especial.2867>. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2867>. Acesso em: 02 set. 2020.

MARTINS, E. F. *Os glides no português brasileiro*. 2011. 158 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa

de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MOURA, M. A. de A.; SILVA JR., L. J. da. Monotongação e Ditongação: A relação oral-escrita no contexto escolar. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, p. 108-136, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31786>. Acesso em: 26 abr. 2021.

OLIVEIRA, G. F. de; MARTINS, F. S. Estudo piloto: a realização variável do ditongo /ow/ em amostra de fala da Praça 14 de Janeiro em Manaus (AM). *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 9, n.1, p. 94-112, 2020. DOI: 10.5212/MuitasVozes.v.9i1.0006 Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/15818>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SIQUEIRA, R. P. *Package Brazilian Maps from Different Geographic Levels*. Version 0.1.0. 21 set. 2017. Disponível em: <http://github.com/rpradosiqueira/brazilmaps>. Acesso em: 02 set. 2021.

SANTOS, G. dos; ALMEIDA, J. da G. O ditongo decrescente <EI> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 239-252, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25073>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25073>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 1-12, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184784>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, A. P. da; SOUZA, L. da S. A monotongação na escrita de estudantes de 4º e 5º anos do ensino fundamental. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 271-293, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31365>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVA, T. C. *et al. Fonética Acústica: os sons do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, T. B.; SIMIONI, T. O personagem Chico Bento como recurso didático e o que ele revela sobre os conhecimentos de variação linguística

de professores e futuros professores. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 11, n. 21, p. 130-148, 2015. Disponível em: <https://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/14/323>. Acesso em: 02 set. 2021.

SILVEIRA, L. M. da. *Monotongação em uso no português do sul do brasil*. 146 f. 2019. Tese (Doutorado em Teoria e Análise Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202456#:~:text=A%20monotonga%C3%A7%C3%A3o%20de%202Fej%2F%20%C3%A9,caracter%C3%ADsticas%20de%20fen%C3%B4meno%20tipicamente%20vari%C3%A1vel>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SIMIONI, T.; RODRIGUES, É. L. Monotongação de ditongos orais decrescentes na escrita de crianças de séries iniciais. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 695-712, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.2.17922>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/17922>. Acesso em: 02 set. 2020.

SOUZA, A. de; SIMIONI, T.; SILVA, T. B. da. A noção de norma, a variação linguística e a formação de professores: entre a sociolinguística e uma “linguística da tolerância”. *SOLETRAS*, n. 35, p. 28-54, 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2018.32150>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/32150>. Acesso em: 02 set. 2021.

SOUZA, R. da C. H. de. *A monotongação do ditongo [ej] na fala do pessoense*. 32 f. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Curso de Letras - Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19842?locale=pt_BR. Acesso em: 26 abr. 2021.

SOUZA, V. R.; SILVA, L.; PONTE, V. Sociolinguística e a formação inicial de professores de língua. *Revista de Estudos da Linguagem - Falange Miúda*, v. 6, n. 1, p. 182-197, 2021. Disponível em: <https://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/331>. Acesso em: 02 set. 2021.

TOLEDO, E. E. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. 106 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/39409>. Acesso em: 26 abr. 2021.



Mikhail Bakhtin: pensador do riso, da crise e da mudança na teoria dos gêneros do discurso

Mikhail Bakhtin: Thinker of Laugh, Crisis and Change in the Theory of the Speech Genres

Sheila Vieira de Camargo Grillo

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

sheilagrillo@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-0480-2660>

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar como os temas do riso, da crise e da mudança orientam a teoria dos gêneros do discurso e, em particular, do gênero romance na obra de Mikhail Bakhtin, tomando como pano de fundo *A poética* de Aristóteles e os *Cursos de estética* (2014[1842]) de Georg Hegel. A pesquisa é de caráter bibliográfico e faz uso do estenograma de defesa de tese, das teses de duas apresentações orais, de cartas, de parte da produção bibliográfica de M. Bakhtin compreendida entre o final dos anos 1920 e 1960 e de obras de comentadores. Descobrimos que M. Bakhtin situa o romance e a representação da palavra nele em um momento de mudanças e crises nas línguas europeias e na vida discursiva dos povos, ao mesmo tempo que esse gênero desestabiliza os sistemas poéticos estabelecidos. A teoria dos gêneros de Bakhtin desenvolve-se em um diálogo tenso entre o passado literário concluso e a contemporaneidade extraliterária e literária em crise e formação.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; riso, crise e mudança; gêneros do discurso.

Abstract: The aim of this article is to investigate how the themes of laugh, crisis and change guide the theory of speech genres and, in particular, of the novel genre in Mikhail Bakhtin's work, taking as a background Aristotle's *Poetics* and Hegel's *Courses in Aesthetics* (2014[1842]). The research is bibliographical and makes use of a thesis defense stenogram, two oral presentation theses, letters, part of M. Bakhtin's works produced between the late 1920s and 1960s and works by commentators. We discovered that M. Bakhtin situates the novel and the representation of the word in it at a time of changes and crises in European languages and in the discursive life of peoples,

at the same time that this genre destabilizes established poetic systems. Bakhtin's theory of genres develops in a tense dialogue between the finished literary past and the extraliterary and literary contemporaneity in crisis and formation.

Keywords: Mikhail Bakhtin; laugh, crisis and change; speech genres.

Submetido em 29 de janeiro de 2022.

Aceito em 28 de fevereiro de 2022.

1 Introdução

O tema “Mikhail Bakhtin: pensador da crise e da mudança” surgiu, para mim, a partir das leituras para a escrita do ensaio introdutório e do trabalho de tradução (atualmente em curso)¹ da obra *A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1965). Nesse processo, deparei-me com dois fatos orientadores da abordagem proposta neste artigo.

Primeiro, a seguinte declaração de Bakhtin no estenograma de sua defesa: “Rabelais, em princípio, quando eu comecei com esse trabalho, não foi para mim o objetivo principal. Eu trabalhava durante muitos anos na teoria e na história do romance.”² (BAKHTIN, 2008, p. 1018, tradução minha), ou seja, M. Bakhtin declara a conexão entre a teoria do romance e a pesquisa sobre Rabelais. Nessa direção, a teoria do romance foi tema das seguintes apresentações de M. Bakhtin no grupo de teoria da literatura, dirigido pelo acadêmico Leonid Timofêiev, no Instituto da Literatura Mundial Maksím Górkí (doravante IMLI-Moscou), no início dos anos 1940, instituição em que ele defendeu a tese sobre a obra de François Rabelais em 1946:

1) Em 14 de outubro de 1940, M. Bakhtin proferiu a conferência “A palavra no romance (rumo a questões de estilística do romance)”. Parte dessa

¹ A atual tradução para o português foi feita a partir do francês, o que motivou a realização de outra diretamente do original russo.

² Рабле первоначально, когда я приступил к этой работе, не был для меня самоцелью. Я работаю в течение очень многих лет над, теорией, историей романа.

apresentação foi publicada com o título “Sobre a pré-história do discurso romanesco” [Из предыстории романного слова³] (BAKHTIN, 2012a);

2) Em 24 de março de 1941, M. Bakhtin apresentou-se no IMLI-Moscú, pela segunda vez, com o tema “O romance como gênero literário” [Роман как литературный жанр] e depois publicado com o título “Epos e romance” [Эпос и роман] (PANKOV, 2010, p. 96).

Sobre a segunda apresentação, Pankóv (2010) destaca, entre outros, o papel do riso na renovação do gênero, apontando a relação entre a teoria do romance e o livro sobre Rabelais (BAKHTIN, 2012e), bem como dois aspectos da teoria bakhtiniana que nos interessam: primeiro, a abordagem histórica entendida como a orientação dos gêneros; segundo, o estabelecimento da diferença entre epos, como poesia do passado e ocorrido, e romance, como zona de contato com a contemporaneidade em processo. Essas duas apresentações, que geraram dois artigos, concluem, segundo bem apontou Bezerra (2019), o conjunto da teoria bakhtiniana sobre o romance como gênero literário específico.

Segundo, em cartas trocadas entre Mikhail Bakhtin e Vadím Kójinov entre 1960 e 1966, deparamo-nos com a informação de que, paralelamente ao processo de publicação do trabalho sobre F. Rabelais, M. Bakhtin intentava escrever um livro sobre os gêneros do discurso. Citaremos apenas a última carta trocada entre M. Bakhtin e V. Kójinov, de 18/11/1966, presente no livro de Pankóv, que contém o seguinte parágrafo: “pretendo finalizar os gêneros do discurso. O trabalho sobre eles avança de modo muito lento, pois sempre desvio para outras direções. De um modo ou de outro, eu o finalizarei.” (PANKOV, 2010, p. 619)⁴. Pelas cartas percebemos que, apesar de o livro pretendido não ter chegado a termo, o projeto estava no horizonte de Bakhtin durante boa parte dos anos 1960.

³ O termo utilizado por Bakhtin é “slovo”, o mesmo empregado nos seguintes trabalhos: no último capítulo de “Problemas da poética de Dostoiévski” (“O discurso em Dostoiévski”, em que também poderia ser traduzido por “palavra” ou “linguagem verbal”); no artigo de V. Volóchinov “A palavra na vida e a palavra na poesia” (2019[1926]); e no segundo capítulo (A palavra da praça no romance de Rabelais) de “A criação de François Rabelais e a cultura popularna Idade Média e no Renascimento” (1965). Em todos esses casos, trata-se da linguagem verbal em uso, em enunciados orais ou escritos de um determinado gênero, proferida por um autor em uma situação sócio-histórica.

⁴ Я надеюсь закончить «жанры речи». Работа над ними идёт, но довольно медленно, так как я часто отвлекаюсь в разных других направлениях. Но так или иначе я её закончу.

Com base nessas duas informações, o objetivo deste artigo é: investigar como os temas do riso, da crise e da mudança orientam a teoria dos gêneros do discurso e, em particular, do gênero romance na obra de Mikhail Bakhtin, tomando como pano de fundo *A poética* de Aristóteles e os *Cursos de estética* (2014[1842]) de Georg Hegel. A abordagem destes dois autores justifica-se pelo fato de serem citados pelo próprio Bakhtin como interlocutores de seu trabalho e também por serem considerados, por pesquisadores russos como Tamártchenko (2003), fontes da obra bakhtiniana.

2 A estilística do romance

Em sua primeira apresentação, Bakhtin, ao citar títulos de obras sobretudo de teóricos alemães sobre o romance, afirma que, nas análises desse gênero até então, estavam ausentes dois aspectos interligados: a consideração do romance como gênero autônomo e a especificidade da palavra⁵ nele. Ao unir esses dois aspectos, Bakhtin propõe, por meio da análise do romance em versos de Púchkin *Eugênio Onêguin* (2019[1825-1832]), que o estilo do romance define-se pela representação da palavra alheia no sistema do discurso autoral, no qual ganha entonações paródicas, irônicas, polêmicas. Em outros termos, a palavra alheia é o principal objeto de representação no romance, no qual se torna bivocal, pois nela percebemos simultaneamente o estilo e a visão de mundo alheios parodiados, estilizados, polemizados ou ironizados pela palavra e visão de mundo autoral: o autor do romance entra em relações dialógicas com a linguagem-visão de mundo dos personagens e de outros gêneros. E aqui nos encontramos com o tema deste artigo: Bakhtin defende que essa dialogização de estilos e linguagens operada no romance, sob a influência do riso popular e do multilinguismo, ou seja, “*A tridimensionalidade estilística do romance, vinculada à consciência plurilinguística que nele se realiza*” (2019, p. 75), renova e mostra a linguagem literária em um processo de formação. Nas teses dessa apresentação, Bakhtin conclui que a palavra no romance nasce e “está ligada com grandes mudanças e crises nos destinos das línguas europeias e da vida discursiva dos povos”. (BAKHTIN, 2012 b, p. 553)⁶

⁵ Em “Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” (VOLÓCHINOV, (2021[1929]), “slovo” significa signo ideológico verbal, e em Bakhtin, algo como linguagem verbal, discurso verbal, língua.

⁶ (...) связано с большими сдвигами и кризисами в судьбах европейских языков и речевой жизни народов.

Um segundo aspecto dessa “apresentação-texto”, que antecipa o tema de sua segunda fala, é a caracterização das condições históricas e culturais da vida dos helenos que proporcionaram o surgimento, por um lado, do epos, da lírica e da tragédia, e, por outro, do que viria a ser o romance:

Do seio desse monolinguismo confiante e indiscutível nasceram os grandes gêneros diretos dos helenos: epos, lírica e tragédia. Contudo, ao lado deles, sobretudo nas camadas populares inferiores, floresceu uma criação paródica-travestizante, que conservou a memória dos antigos embates linguísticos e que foi permanentemente nutrida pelo processo em curso da estratificação e diferenciação linguísticas. (BAKHTIN, 2012b, p. 537)⁷

Sempre segundo Bakhtin, embora o romance grego tenha incorporado uma multiplicidade de gêneros (diálogos, peças líricas, cartas, descrições de países e cidades, novelas etc.), ele não conseguiu expressar a consciência plurilinguística dessa criação paródica-travestizante. No entanto, o romance europeu a partir do século XVII formou-se nas fronteiras entre as tendências linguísticas centralizadoras e as tendências renovadoras oriundas do heterodiscurso extraliterário que apontam para os desdobramentos futuros da língua. O riso medieval e o plurilinguismo característico do surgimento das línguas europeias modernas prepararam o romance da Idade Moderna.

3 Riso, crise e mudança na teoria do romance nos anos 1930 e 1940

Em 24 de março de 1941, M. Bakhtin apresentou-se no IMLI-Moscú pela segunda vez com o tema “O romance como gênero literário” [Роман как литературный жанр] e depois publicado com o título “Epos e romance” [Эпос и роман]. Uma síntese dessa apresentação na forma de quatro “teses” foi publicada em *M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)* (BAKHTIN, 2012), e as resumimos a seguir:

⁷ Из лона этого уверенного и бесспорного одноязычия родились великие прямые жанры эллинов – их эпос, лирика и трагедия. Они выражали централизующие тенденции языка. Но рядом с ними, особенно в народных низах, процветало пародийно-травестирующее творчество, сохранявшее память древней языковой борьбы и питаемое постоянно происходящими процессами языкового расслоения и дифференциации.

1. O romance é o único gênero da literatura europeia que ainda não está pronto e está em processo de formação, traço que exige métodos específicos de análise;

2. O romance exerce influência nos demais gêneros literários (poemas, dramas, lírica) sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII;

3. O romance é o gênero mais consequente e radical de expressão das tendências realistas na literatura: seu objeto de representação é a realidade contemporânea, em contraste com a categoria do “passado absoluto” da epopeia, e sua fonte tornou-se a experiência pessoal;

4. O romance determinou uma renovação essencial na imagem do ser humano na literatura. O acabamento e a consciência expressa na língua (овнешненность) do ser humano, característicos sobretudo do epos e da tragédia, são substituídos pela inadequação do ser humano consigo próprio, isto é, com seu destino e situação. O objeto de representação do romance torna-se a subjetividade do ser humano;

5. As peculiaridades da composição, de enredo e do estilo do romance são tendências (e não traços rígidos) de sua formação, que apontam para tendências gerais de desenvolvimento de toda a literatura.

A transcrição de parte da discussão da apresentação, sintetizada nas teses acima resumidas, também encontra-se em *M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)* (BAKHTIN, 2012). A transcrição começa com a questão de Leonid Timofêiev sobre o que M. Bakhtin entendia por “gênero”, ao que Bakhtin responde: “o gênero é uma norma, mas que determina a forma, a estrutura do todo da obra literária.” (BAKHTIN, 2012, p. 646)⁸. Em seguida, M. Bakhtin afirma que, primeiramente, é necessária uma estilística composicional, mas que esta não foi desenvolvida em razão de a linguística ter se detido no estudo do período composto, para depois definir o gênero do ponto de vista linguístico, como forma do todo do enunciado e como especificidade literária⁹. Adiante M. Bakhtin toma novamente a linguística e seu objeto de estudo como exemplo para falar do romance:

⁸ Жанр – это норма, но определяющая форму, структуру целого литературного произведения.

⁹ As posições de M. Bakhtin sobre a linguística e sobre unidades superiores à frase aqui lembram bastante as de V. Volóchinov (2021[1929]) no início da terceira parte de

Darei um exemplo interessante da nossa linguística. Imagine que aos nossos olhos forma-se a língua, e não encontramos uma língua formada. Se fosse assim, eu não saberia em qual língua falar com vocês, nossa língua atual seria outra por completo. Felizmente, isso não acontece conosco. Não podemos imaginar a evolução da língua em seu desenvolvimento absoluto atual. A língua é como um deus presente, e aqui o gênero romance é seu tipo de forma. E eis que enquanto vemos todos os outros gêneros prontos, o romance está em formação, e é nisso que está seu valor excepcional como objeto de estudo (BAKHTIN, 2012, p. 648)¹⁰

M. Bakhtin faz a aproximação entre, por um lado, a língua constituída e a língua em eterna formação, e, por outro, os gêneros literários já prontos e o romance, um gênero em formação. Adiante Bakhtin afirma que, assim como o nascimento da linguagem seria um tesouro para a linguística, o romance é um tesouro para os teóricos dos gêneros.

Bakhtin declara que sua abordagem fundamenta-se não em uma teoria do gênero, mas em uma filosofia do gênero. Enquanto a epopeia, que tem em Homero seu melhor representante, é uma conclusão [завершённость] ou acabamento de uma realidade passada primordial, o romance tem relação com a realidade inconclusa [незавершённость]. M. Bakhtin enfatiza que não se trata de juízo de valor e que não há obra que tenha lhe dado mais prazer do que a epopeia homérica. O romance é a epopeia do futuro e está ligado à atualidade [злободневность].

O último aspecto importante dessa discussão é a posição de M. Bakhtin de que o romance tem suas raízes cômicas¹¹ no folclore.

“Marxismo e filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” a respeito do fato de a linguística da época não dar conta do todo discursivo, do enunciado, e de suas unidade constitutivas, por exemplo, do parágrafo.

¹⁰ Я возьму интересный пример из нашей лингвистики. Представьте себе, что на наших глазах складывается язык, мы не находим становящегося языка. Если бы это было так, то я не знаю, на каком же языке мы с вами говорили бы, наш сегодняшний язык был бы совершенно другой. У нас, к счастью, этого нет. Мы не можем себе представить становление языка при полном развитии исторического дня. Язык – богом данный, а тут романский жанр, это своего рода форма. И вот в то время как все другие жанры мы видим готовыми, роман как раз становится, и в этом исключительная ценность его как объекта изучения.

¹¹ M. Bakhtin utiliza o adjetivo «смеховые», que ao pé da letra significa “do riso”.

4 O romance como gênero literário

O texto que embasa a apresentação e o debate acima abordados foi traduzido para o português primeiramente em “Questões de literatura e estética. A teoria do romance” (1993) e, recentemente, em “Teoria do romance III: o romance como gênero literário” (2019).

Os conceitos desenvolvidos nesse trabalho apontam os fundamentos filosóficos, literários e linguísticos que orientam o conjunto dos escritos de M. Bakhtin, a começar por “Problemas da obra de Dostoiévski” nos anos 1920, passando pela teoria do romance e pela pesquisa da obra de François Rabelais nos anos 1930 e os textos sobre os gêneros do discurso dos anos 1950 e 1960. Trata-se aqui de um recorte metodológico que se fez necessário para abordarmos de modo relativamente embasado o tema deste artigo, ou seja, não queremos dizer que os textos filosóficos e de teoria da literatura do início dos anos 1920 não façam parte desse grande projeto, mas que o seu tratamento necessitará de uma pesquisa cuidadosa subsequente.

Em “O romance como gênero literário”, M. Bakhtin defende que o ponto de partida do romance é a contemporaneidade em sua inconclusibilidade [*настоящее в его незаверщённости*], ou seja, a perspectiva orientadora do romance, a contemporaneidade é por definição não finalizada, está em um processo aberto, aponta para o futuro. Com isso, altera-se o “modelo temporal do mundo: ele se torna um mundo, onde a primeira palavra (o início ideal) não existe e a última ainda não foi dita.”¹² (BAKHTIN, 2012, p. 633). Todos os objetos e fenômenos de representação literária perdem a sua conclusibilidade, seus sentidos e significações renovam-se e ampliam-se em razão do desdobramento de novos contextos. Autor e leitores participam dos mesmos acontecimentos da vida, que são representados no romance, o que cria uma zona de contato do objeto representado com a realidade contemporânea inconclusa.

A contemporaneidade inconclusa já havia orientado a abordagem do romance de Dostoiévski em 1929. Em “Problemas da obra de Dostoiévski” (1929), M. Bakhtin defende que, no mundo de Dostoiévski, não há conclusibilidade, o que se manifesta em vários planos de sua obra: na transferência da definição concludente (1929, p. 56) do autor

¹² Временная модель мира: он становится миром, где первого слова (идеального начала) нет, а последнее ещё не сказано.

para a auto-consciência inconclusa dos personagens (1929, p. 59); na ausência de uma palavra conclusiva do personagem sobre si mesmo; na ausência de definições conclusivas sobre o personagem pelo autor (1929, p. 63, 170, 171); na fusão da palavra do personagem sobre si próprio com sua palavra ideológica sobre o mundo, o que eleva em muito a intencionalidade direta do auto-enunciado, fortalecendo sua resistência interna contra toda conclusibilidade exterior (1929, p. 74); no caráter não fechado e inconclusivo do próprio autor (1929, p. 82); na criação de uma imagem não conclusiva e não fechada da pessoa como ser no mundo (p. 89); no caráter não conclusivo do enredo (1929, p. 100); no fato de que o narrador não possui uma perspectiva necessária para abarcar de modo artisticamente conclusivo uma imagem do personagem e de seus atos (1929, p. 169); na inconclusibilidade e infinitude (*beskoniétchnost*, 1929, p. 217, 219) dos diálogos exteriores e interiores (1929, p. 177, 212, 216, 219); no estilo da palavra do personagem sobre si que é alheio à conclusibilidade (1929, p. 184). Segundo Bakhtin, Dostoiévski utiliza a autoconsciência e o autoenunciado dos personagens como princípios de sua construção, atribuindo-lhes um caráter inconclusivo (1929, p. 63). Na vida, as pessoas se caracterizam por uma inconclusibilidade ética que se transforma no princípio da inconclusibilidade ou inacabamento artístico-formal (1929, p. 68) de construção dos personagens em Dostoiévski.

Ao construir-se na zona de contato com os acontecimentos inconclusos da contemporaneidade, o romance ultrapassa as fronteiras da especificidade artístico-literária e relaciona-se com gêneros extraliterários: cotidianos e ideológicos. Em seu desenvolvimento, o romance utilizou-se amplamente de cartas, confissões, diários, formas e métodos da retórica dos tribunais etc. A ruptura das fronteiras entre o literário e o extraliterário é outro aspecto que faz do romance um gênero em formação.

As mudanças da orientação temporal e da zona de construção de imagens no romance, ou seja, “a mudança radical das *coordenadas temporais* da imagem literária no romance” (BAKHTIN, 2019, p. 75), manifestam-se ainda numa reconstrução da imagem do ser humano no romance e na literatura. Nessa mudança as fontes folclóricas, populares e do riso no romance romperam com a distância épica e, desse modo, o ser humano cessou de coincidir consigo próprio, o personagem torna-se inadequado com seu destino e posição social (funcionário público, proprietário de terras, comerciante, pai etc.), há sempre um excedente de humanidade que escapa dessas posições, há sempre potencialidades não

realizadas. Outro aspecto é a não coincidência entre o interior e o exterior do ser humano, o ser humano para si mesmo e aos olhos dos outros, o que resulta que o objeto de representação torna-se a subjetividade do ser humano. Por fim, o ser humano adquire no romance iniciativa ideológica e linguística, isto é, os personagens do romance são ideólogos. Todos esses traços estavam presentes na caracterização feita por Bakhtin do romance polifônico de Dostoiévski, conforme expusemos acima.

Para Bakhtin, as mudanças decorrentes do desenvolvimento do romance provocaram uma nova orientação nos demais gêneros literários, que passaram por um processo de romanização sob a influência da zona de contato com a realidade contemporânea inacabada. Não se trata, contudo, da criação de um novo cânone, pois o romance permanece fora do cânone, sua natureza é não canônica e plástica.

5 A filosofia dos gêneros: o diálogo com Aristóteles e Hegel

Ao avaliar a filosofia dos gêneros de Hegel, Bakhtin conclui que ela é insuficiente em razão de seu idealismo, bem como da limitação e do envelhecimento de seu material histórico, muito embora o autor russo admita que a teoria de Hegel sobre os gêneros é um dos enunciados que reflete a “luta do romance com outros gêneros e consigo próprio” (Bakhtin, 2012, p. 614)¹³, pois o romance caracteriza-se pela natureza em formação, em transformação e educada pela vida dos seus personagens em sua relação estreita com a contemporaneidade.

Dessa relação estreita com a contemporaneidade decorre, como exposto acima, a ruptura das fronteiras entre o literário e o extraliterário. Diferentemente, Hegel, ao abordar a subjetividade poetizadora, postula que a poesia:

(...) permanece num elemento no qual são ativas também a consciência religiosa, científica, e outras consciências prosaicas, e deve se proteger então de se aproximar daqueles âmbitos e de seus modos de concepção ou de se misturar com eles. Semelhante estar reunido ocorre certamente no que se refere a cada arte, já que toda a produção artística deriva do espírito único, que abarca em si mesmo todas as esferas da vida autoconsciente; nas artes restantes, todavia, diferencia-se a espécie inteira da concepção, pois ela permanece em seu criar interior já em relação constante com a

¹³ (...) борьбу романа с другими жанрами и самим собою (...).

execução de suas imagens em um material sensível determinado, desde sempre tanto das formas da representação religiosa quanto do pensamento científico e do entendimento prosaico. A poesia, ao contrário, serve-se também no que se refere à comunicação exterior do mesmo meio que estes âmbitos restantes, a saber, da linguagem, com a qual não se encontra, portanto, tal como a artes plásticas e a música, em um outro solo do representar e da exteriorização. (HEGEL, 2014b[1842], p. 47)

Ao diferenciar a atividade subjetiva na poesia e em outras artes (plásticas, música, arquitetura etc.), Hegel, por um lado, reconhece a proximidade espiritual entre a poesia e as formas prosaicas, e, por outro, postula a necessidade de a poesia se distanciar, manter sua autonomia, proteger-se dessas formas. Segundo Hegel, esse distanciamento deve ocorrer ainda na expressão linguística: “um povo já possui uma linguagem prosaica destacada da vida comum, e a expressão poética deve, a fim de despertar interesse, se distanciar daquela linguagem comum e ser elevada para algo de novo e ser realizada com plenitude de espírito.” (HEGEL, 2014b[1842], p. 58)¹⁴. Diferentemente de Hegel, Bakhtin - e também Medviédev (2012[1928])¹⁵ e Volóchinov (2021[1929]) – localizam as esferas não só no interior da vida autoconsciente, mas no exterior da atividade humana, da comunicação discursiva, da utilização da língua, da criação ideológica, e concebem o literário e em especial o romance em relação estreita com essas esferas e seus gêneros, estes refratados e intercalados na prosa literária.

Ao definir a poesia épica, Hegel a entende como “uma intuição total de todo o espírito do povo” (HEGEL, 2014b[1842], p. 92) cantada por um indivíduo singular e livre, que retrocede diante do seu objeto (conteúdo ou mundo épico) e “deve desaparecer no mesmo” (HEGEL,

¹⁴ A meu ver, essa proposta de Hegel foi retomada e desenvolvida no projeto dos formalistas de especificar a linguagem poética, entendida como alteração planejada em contraposição à natureza circunstancial da linguagem cotidiana. Após essa leitura de Hegel, encontramos no texto de Tamártchenko (2003, p. 49) sobre Hegel: “Hegel de modo surpreendente revela-se um predecessor do formalismo russo” [Гегель неожиданно оказывается предшественником русского формализма]

¹⁵ Medviédev (2012[1928], p. 60), concebe a literatura como o que chamamos de um reflexo e uma refração em grau segundo, isto é, “a literatura, em seu conteúdo, reflete e refrata as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte”.

2014b[1842], p. 95), a respeito dos primeiros períodos da vida nacional, quando ainda ocorre a “unidade imediata do sentimento e da ação, entre os fins interiores que se executam conseqüentemente e eventos exteriores – uma unidade” (HEGEL, 2014b [1842], p. 93). Já o romance é definido por Hegel como “a moderna epopeia burguesa” (HEGEL, 2014b [1842], p. 137), em que ocorre:

1) a colisão entre “a poesia do coração e a prosa oposta das relações, bem como a contingência de circunstâncias externas” (HEGEL, 2014b [1842], p. 138);

2) “de um lado, os caracteres que se impulsionam inicialmente contra a ordem de mundo comum aprendem a reconhecer o autêntico e substancial nela, se reconciliam com suas relações e penetram ativamente nas mesmas, de outro lado, eliminam a forma prosaica naquilo que operam e realizam e, desse modo, colocam no lugar da prosa que se encontra diante deles uma efetividade aparentada e amiga da beleza e da arte.” (HEGEL, 2014b [1842], p. 138);

3) “No que se refere à exposição (...) exige a totalidade de uma intuição de mundo e de vida, cuja matéria e conteúdo multifacetados surgem no interior do mundo individual, que fornece o ponto central para o todo” (HEGEL, 2014b [1842], p. 138);

4) O poeta deve ter um espaço de atuação maior sem prender-se à prosa da vida efetiva, ao prosaico e ao cotidiano.

Tamartchenko (2003) identifica três aspectos de contraste entre as poéticas de Hegel e de Bakhtin: primeiro, Georg Hegel vê o romance como um tipo de epos, já Mikhail Bakhtin identifica apenas a epopeia ao epos e contrapõe epos e romance; segundo, Hegel postula uma “filosofia da criação artística” como uma estética da imagem que pode se encarnar em qualquer material, e Bakhtin propõe uma “estética da criação verbal” como filosofia da palavra, da língua e do enunciado, ou seja, a linguagem verbal tem um protagonismo na estética de Bakhtin, enquanto na estética de Hegel a linguagem verbal em particular é concebida como “mero signo exterior da comunicação” (HEGEL, 2014b [1842], p. 15) ou “língua apenas como meio” (HEGEL, 2014b [1842], p. 16), e ainda, no conteúdo da arte romântica “a subjetividade infinita em si mesma é e deve permanecer incompatível para si mesma com a matéria exterior” (HEGEL, 2014a [1842], p. 310); terceiro, ambos centram-se na obra artística como fato fundamental da arte, porém Hegel aborda a obra ideal

para, em seguida, tomar as obras particulares como realizações adequadas ou inadequadas desse ideal de acordo com os pressupostos filosóficos gerais, já Bakhtin faz o caminho inverso, parte das obras concretas para chegar ao mundo da visão estética.

Em relação ao primeiro aspecto, Bakhtin concebe que o romance aborda o aqui e o agora em seu movimento inconcluso, portanto, não pode chegar a uma intuição total, e sua fonte é a experiência pessoal, em que a consciência humana e seu destino e situação não coincidem, o ser humano vive o conflito de sentir-se inadequado consigo próprio. Parece-me que, aqui, Bakhtin opera uma releitura da tese de Hegel sobre o objetivo da arte: expor a “contraposição reconciliada” (HEGEL, 2015 [1842], p. 174) entre a “universalidade espiritual” e a “singularidade sensível” (HEGEL, 2015 [1842], p. 70), entre o “que é *em si e para si* do que é realidade exterior e existência” (HEGEL, 2015 [1842], p. 72), entre “a liberdade interior e a necessidade da natureza exterior” (HEGEL, 2015 [1842], p. 72)¹⁶, entre “o pensamento subjetivo e a existência objetiva e a experiência” (HEGEL, 2015 [1842], p. 72). M. Bakhtin acrescenta, a esse conflito definidor da arte em Hegel, a não coincidência do ser humano consigo próprio. Por exemplo, ao analisar a palavra monológica das personagens nas novelas e romances de Dostoiévski, Bakhtin observa a decomposição da subjetividade interna estável, como nesta passagem a respeito das novelas “Memórias do subsolo” e de “O duplo”:

O homem do subsolo conduz consigo o mesmo diálogo sem saída que ele conduz com o outro. Ele não pode fundir-se integralmente

¹⁶ Adiante, Hegel postula que a arte surge da impossibilidade de o espírito de “reencontrar a visão e o gozo imediatos de sua verdadeira liberdade também na finitude da existência, no caráter limitado e na necessidade exterior dela” (2015[1842], p. 163), surgindo a necessidade de o espírito realizar sua liberdade em um terreno superior: a arte. Ainda um pouco à frente, Hegel (2015[1842], p. 167) fala que a arte afasta da existência tudo o que nela está “contaminado pela contingência e exterioridade”, a fim de atingir o verdadeiro conceito e produzir o ideal. Embora não sejam centrais na teoria, duas ideias dos “Cursos de Estética” de Hegel parecem antecipar propostas do Círculo: primeira, a consideração do interlocutor presumido, “toda obra de arte é um diálogo com alguém que está diante dela” (2015[1842], p. 266); segunda, a relação entre estilo e gênero, “O estilo refere-se então a um modo de exposição que igualmente segue as condições de seu material, ao corresponder completamente às exigências de determinados gêneros artísticos e às leis decorrentes do conceito da coisa” (2015[1842], p. 294).

consigo em uma única voz monológica e deixar a voz alheia inteiramente fora de si (seja qual ela for, sem evasivas), pois, assim como acontece com Golyádkin, sua voz também deve exercer a função de substituir o outro. Ele não pode entrar em acordo consigo, nem concluir sua conversa consigo. (BAKHTIN, 1929, p. 184)¹⁷

Apesar de todos os conflitos e contradições, o ser humano em Hegel ainda preserva um centro estável em luta com a exterioridade, mas, em F. Dostoiévski e M. Bakhtin, o ser interior também está em conflito consigo próprio.

Conforme acima exposto, o romance, para Bakhtin, é um gênero que ainda não está pronto e encontra-se em processo de formação (становящийся жанр), em contraste com os gêneros epopeia e tragédia, prontos, parcialmente mortos e dotados de uma ossatura pouco flexível. O romance nunca entrou nos tratados de poética gregos, latinos e até franceses que propunham uma poética una, orgânica e harmônica entre os gêneros literários. Desses tratados, Bakhtin considera que a “Poética” de Aristóteles permanece como um fundamento inabalável desses gêneros literários concluídos, prontos, já formados. Parece-nos relevante destacar dois pontos do diálogo entre a teoria do romance de M. Bakhtin e a “Poética” de Aristóteles:

1) Enquanto Aristóteles menciona os diálogos socráticos entre os gêneros que “não recebeu um nome” (2005, p. 19) ou “inonimados” (2008, p. 104) e, portanto, excluídos da poética, Bakhtin os considera em sua proximidade com a linguagem da fala popular, seu sistema complexo de dialetos e estilos, a heroização na prosa de Sócrates, a ironia e o riso de Sócrates que tudo rebaixa e renova, sua pesquisa livre do mundo, do homem e do pensamento humano; esses diálogos são ainda um documento que reflete o nascimento tanto do conceito científico, quanto da nova imagem artística do romance. Em “Problemas da poética de Dostoiévski”, a propósito do “diálogo socrático”, M. Bakhtin afirma que seu “fundamento carnavalesco não suscita qualquer dúvida” (2010, p. 151), que nele

¹⁷ Человек из подполья ведёт такой же безысходный диалог с самим собой, какой он ведёт и с другим. Он не может до конца слиться с самим собою в единый монологический голос, всецело оставит чужой голос вне себя (каков бы он ни был, без лазейки), ибо, как и у Голядкина, его голос должен также нести функцию замещения другого. Договориться с собой он не может, но и кончить говорить с собою тоже не может.

descobriu-se “a natureza dialógica da verdade e do pensamento” (2010, p. 151), que seus personagens são “ideólogos” (2010, p. 126), e que era um gênero sincrético (2010, p. 127). Todos esses aspectos configuram-no como uma das fontes do romance polifônico de Dostoiévski.

2) Aristóteles enfatiza reiteradamente que a epopeia e a tragédia são imitações de “uma ação acabada e inteira” (ARISTÓTELES, 2005, p. 26), “completa” (ARISTÓTELES, 2005, p. 28), e, no que concerne à fabulação/fábula ou enredo, esses gêneros têm “início, meio e fim” (ARISTÓTELES, 2005, p. 45). Essa ênfase aristotélica vai ao encontro da interpretação por M. Bakhtin da epopeia como uma conclusão [завершённость] ou acabamento da realidade. Já o romance, ao ter relação com a realidade inconclusa [незавершённость], define-se pelo caráter não conclusivo do enredo (1929, p. 100) e dos personagens, como forma artística de representação do que ele chama de “excedente de humanidade”.

Segundo Bakhtin, a poética do século XIX perdeu essa integralidade, e o romance convive mal com outros gêneros. Aqui ocorre uma luta entre os gêneros, a formação e o crescimento da ossatura (костяк)/arcabouço genérica/o da literatura. O pensador russo analisa que, no século XIX, o romance utiliza-se muito da estilização e da paródia dos gêneros canônicos e de si próprio (romance barroco, de cavalaria, pastoral sentimental etc.) - fenômenos (estilização e paródia) amplamente abordados por ele em “Problemas da obra de Dostoiévski” (1929) e “Problemas da poética de Dostoiévski” (2002[1963]) respectivamente como palavra bivocal unidirecionada e palavra bivocal multidirecionada – num processo contínuo de auto-crítica e questionamento de seus próprios cânones.

Nesse processo, os demais gêneros “dialogizam-se” (диалогизуются, БАКHTIN, 2012, p. 612) por meio do contato com o heterodiscurso, o riso, a ironia, o humor, a autoparodização e a contemporaneidade inacabada e em formação. Esses fenômenos demonstram o laço estreito com o texto “O discurso no romance” e a tese sobre Rabelais. Para Bakhtin, somente um gênero em formação é capaz de refletir a formação da própria realidade.

O contexto que favoreceu, segundo Bakhtin, essas particularidades foi a abertura do pensamento e da vida do ser humano europeu para a variedade de culturas, línguas (em estreita interação e que se “*interiluminam*” (BAKHTIN, 2019, p. 76) e tempos (presentem em processo sem começo nem fim). Bakhtin localiza as fontes dessas

particularidades no riso popular, no folclore e no estilo sem cerimônias desses gêneros, prontos a refletir a contemporaneidade, as linguagens populares, seu caráter ambivalente destruidor e renovador¹⁸. Para Bakhtin, o riso é o fator essencial de aproximação do gênero romance de uma percepção realista do mundo. Aqui lembramos a importância tanto do riso no romance de Rabelais, quanto do diálogo socrático no romance polifônico de Dostoiévski.

6 Conclusões

A exposição precedente dos fundamentos filosóficos, literários e linguísticos que orientam os escritos de M. Bakhtin - a começar por “Problemas da obra de Dostoiévski” nos anos 1920, passando pela teoria do romance e pela pesquisa da obra de François Rabelais nos anos 1930 e os textos sobre os gêneros do discurso dos anos 1950 e 1960 - nos conduziu aos seguintes princípios orientadores da teoria bakhtiniana dos gêneros:

1) a poética de Aristóteles e a estética de Georg Hegel estão entre os principais interlocutores de Bakhtin na sua formulação da teoria do romance e dos gêneros do discurso em geral: contra o pano de fundo da poética de Aristóteles - que traz o fundamento inabalável dos gêneros literários concluídos (sobretudo epopeia e tragédia) e exclui os diálogos socráticos -, e da estética de Georg Hegel - que propõe o distanciamento da linguagem poética dos demais âmbitos do espírito (religião, ciência e demais âmbitos prosaico) e a poesia épica como “uma intuição total de todo o espírito do povo” (HEGEL, 2014b[1842], p. 92) a respeito dos primeiros períodos da vida nacional -, Bakhtin concebe que o romance desestabiliza a unidade dessas “poéticas” ao desenvolver-se na continuidade em relação ao diálogo socrático, na proximidade com a linguagem popular que tudo rebaixa e renova e na abordagem do aqui e do agora em seu movimento inconcluso, não podendo, portanto, chegar a uma intuição total;

¹⁸ O caráter ambivalente da morte também está presente no volume II dos “Cursos de estética” (2014a [1842]) de Hegel: “os funerais da morte do deus, os lamentos incessantes da perda, a qual também é novamente restituída pelo reencontro, pelo ressurgimento, pela renovação, de modo que podem se seguir também festas de alegria. Este significado universal tem então novamente o seu sentido natural mais determinado. Esse significado perde no inverno a sua força, mas na primavera ela a ganha, e com ela a natureza ganha de novo seu rejuvenescimento, morre e renasce” (p. 77)

2) o riso e o humor são princípios orientadores do gênero romance que não permitem a estabilização, mas promovem a sua autocrítica, renovação e constante instabilidade;

3) o riso medieval, o plurilinguismo e o heterodiscurso característicos do surgimento das línguas europeias modernas prepararam o romance da Idade Moderna;

4) no romance, o objeto de representação é a subjetividade do ser humano, que cessou de coincidir consigo próprio (destino e posição social), pois há sempre um excedente de humanidade que escapa dessas posições, há sempre potencialidades não realizadas; o interior e o exterior do ser humano, o ser humano para si mesmo e aos olhos dos outros, não coincidem; o ser humano adquire no romance iniciativa ideológica e linguística (os personagens do romance são ideólogos).

Mikhail Bakhtin situa o romance e a representação da palavra nele em um momento de mudanças e crises nas línguas europeias e na vida discursiva dos povos, ao mesmo tempo que esse gênero desestabiliza os sistemas poéticos estabelecidos. A teoria dos gêneros de Bakhtin desenvolve-se em um diálogo tenso entre o passado literário concluso e a contemporaneidade extraliterária e literária em crise e formação.

Em especial a partir dos anos 1990, temos vivido um momento de mudanças profundas na humanidade, ocasionado, entre outros fatores, pelo surgimento e desenvolvimento das tecnologias digitais e da internet, que provocaram uma transformação e uma renovação dos gêneros tipicamente impressos, bem como o surgimento de outros. Com a pandemia da Covid-19 em 2020, essas mudanças adquiriram um status de crise aguda com consequências para a compreensão do ser humano, de suas inter-relações sociais e dos gêneros do discurso, mudanças, cujos traços e orientações estamos no momento apenas vislumbrando. O fato de M. Bakhtin refletir sobre um gênero (romance), sobre autores (Dostoiévski, Rabelais) e sobre épocas (Renascimento, século de ouro da literatura russa-séc. XIX) marcados por profundas mudanças na visão do ser humano, da linguagem, da sociedade pode explicar a razão de ele ser, na contemporaneidade, o autor russo das ciências humanas¹⁹ mais lido e traduzido no mundo.

¹⁹ “Entre os cientistas russos em ciências humanas não há talvez ninguém tão conhecido mundialmente que possa concorrer com Mikhail Bakhtin (1895-1975)” [«Среди

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 8. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução J. Bruna. Introdução R. de O. Brandão. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *Проблемы творчества Достоевского* [*Problemas da obra de Dostoiévski*]. Ленинград: Прибой, 1929.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.]. *Проблемы поэтики Достоевского*. В: М. М. Бахтин *Собрание Сочинений* [*Problemas da poética de Dostoiévski. In: M.M. Bakhtin obras reunidas*]. Т. 6. Москва: Русские Словари /Языки Славянской Культуры, 2002[1963]. [Organizadores. S. G. Botcharov, V. V. Kójinov).

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.], *М. М. Бахтин. Собрание сочинений. Т. 4(2)*. Творчество Франсуа Франсуа Рабле и народная культура Средневековья и Ренессанса (1965 г.). Рабле и Гоголь. Искусство слова и народная смеховая культура (1940, 1970 гг.). Комментарии и приложения. [М. М. ВАКНТИН. *Obras reunidas* vol. 4(2). A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento (1965). Rabelais e Gógol. A arte da palavra e a cultura cômica popular (1940, 1970). Comentários e anexos]. Москва: Языки Славянских Культур, 2010.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012а.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] Из предыстории романного слова [*Sobre a pré-histórica do discurso/palavra romanesco/a*]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С.

русских ученых-гуманитарев нет, пожалуй, никого, кто мог бы конкурировать с Михаилом Бахтиным (1895-1975) по части общемировой известности)]. (KOROVACHKO, 2017, p. 453)

Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012b. p. 513-553.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] Тезисы к докладу М. М. Бахтина «Роман, как литературный жанр» [Teses à apresentação de M. M. Bakhtin “O romance como gênero literário”]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012с. p. 644-645.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] Приложение. Заключительное слово М. М. Бахтина на обсуждении доклада «Роман, как литературный жанр» 24 марта 1941 [Palavras finais de M. M. Bakhtin no debate da apresentação “O romance como gênero literário” 24 de março de 1941]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012d. p. 646-654.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.]. Роман, как литературный жанр [O romance como gênero literário]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012e. p. 608-643.

ВАКНТИН, М. Epos e romance (Sobre a metodologia de estudo do romance). In: ВАКНТИН, М. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. Trad. A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1993. p. 397-428.

ВАКНТИН, М. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. Ed. Tradução, notas e prefácio P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1963].

ВАКНТИН, М. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad., pref., notas e glossário P. Bezerra; org. da ed. russa Serguei Botcharov e V. Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

ВАКНТИН, М. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.

BEZERRA, P. O fechamento de um grande ciclo teórico. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 113-133.

DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Trad., prefácio e notas Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, F. *O duplo*. Trad. N. Guerra e Filipe Guerra. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética I*. Trad. M. A. Werle. 2. ed. e 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2015[1842].

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética II*. Trad. M. A. Werle e O. Tolle. 1. ed. e 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014a[1842].

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética IV*. Trad. M. A. Werle e O. Tolle. 1. ed. e 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014b[1842].

КОРОВАШКО, А. В [KOROVÁCHKO, A. V.]. *Михаил Бахтин [Mikhail Bakhtin]*. Moscou: Молодая Гвардия, 2017.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. E. V. Américo e S. C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012[1928].

ПАНЬКОВ[PANKOV], Н. А. *Вопросы биографии и научного творчества М. М. Бахтина* [Questões da biografia e da obra científica de M. M. Bakhtin]. Москва: МГУ, 2010.

ПОПОВА, И. Л. [ПОРОВА] *Комментарии*. В: БАХТИН [BAKHTIN], М. М. *Собрание сочинений*. Т. 4(1). Франсуа Рабле в истории реализма (1940 г.). Материалы к книге о Рабле (1930-1950-е гг.). Комментарии и приложения. [*Obras reunidas vol. 4(1)*. François Rabelais na história do realismo (1940). Materiais para o livro sobre Rabelais (anos 1930-1950). Comentários e anexos]. Москва: Языки Славянских Культур, 2008. p. 831-924.

ПОПОВА, И. Л. [ПОРОВА]. *Книга М. М. Бахтина о Франсуа Рабле и её значение для теории литературы* [O livro de M. M. Bakhtin sobre François Rabelais e sua importância para a teoria da literatura]. Москва: ИМЛИ РАН, 2009.

ПОПОВА, И. Л. [ПОРОВА] *Комментарии*. В: БАХТИН [BAKHTIN], М. М. *Собрание сочинений*. Т. 4(2). Творчество Франсуа Франсуа Рабле и народная культура Средневековья и Ренессанса (1965 г.). Рабле и Гоголь. Искусство слова и народная смеховая культура (1940,

1970 гг.). Comentários и приложения. [*Obras reunidas vol. 4(2)*]. A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento (1965). Rabelais e Gógol. A arte da palavra e a cultura cômica popular (1940, 1970). Comentários e anexos]. Москва: Языки Славянских Культур, 2010. p. 523-696.

PÚCHKIN, A. *Eugênio Onéguin*. Trad. A. C. de Franca Neto e E. Vássina. Cotia: Ateliê, 2019[1825-1832].

ТАМАРЧЕНКО, Н. Д. [TAMÁRTCHENKO, N. D.] Проблема рода и жанра в поэтике Гегеля [O problema do tipo e do gênero na poética de Hegel]. В: БОЧАРОВ, С. Г. и другие. *Теория литературы Том III*. Роды и жанры (Основные проблемы в историческом освещении) [BOTCHARÓV, S. G. et. al. *A teoria da literatura Vol. III*. Tipos e gêneros (Problemas fundamentais em perspectiva histórica)]. Москва: ИМЛИ РАН, 2003. p. 33-64.

VOLOCHINOV, V. N. (CÍRCULO DE BAKHTIN). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad., notas e glossário S Grillo e E. V. Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021[1929].

VOLOCHINOV, V. N. (CÍRCULO DE BAKHTIN). A palavra na vida e a palavra na poesia. In: VOLOCHINOV, V. N. (CÍRCULO DE BAKHTIN). *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas de S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 109-146.



A formação da família de construções aspectuais finais na história do português: conexões entre redes multiformes

The Egressive Aspectual Constructional Family Formation in Portuguese History: Multiform Networks Connections

José Roberto Prezotto Junior

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

prezotto.jr@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-7077-543X>

Resumo: Assumindo-se as premissas teórico-metodológicas da abordagem construcional, que define a língua como sistema adaptativo complexo e organizada em redes de construções, as quais, ligadas via elos verticais e horizontais, se unem por traços de forma e de significado, constituindo famílias (BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG 1995; 2006; 2019; SOMMERER, 2020; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; *inter alia*); investiga-se, neste trabalho, em perspectiva diacrônica, a gênese e o desenvolvimento da família construcional de aspecto final no português, a partir do estudo de três microconstruções: [deixar+de+V_{inf.}], [parar+de+V_{inf.}] e [largar+de+V_{inf.}]. Para tanto, empregam-se os métodos quantitativo e qualitativo na análise de dados recolhidos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016) entre os séculos XIII e XXI; ademais, a fim de averiguar a extensibilidade dos pareamentos nas redes, arrola-se, como parâmetro, a apuração dos tipos semântico-pragmáticos de verbos sancionados no *slot* de V_{inf.}. Os resultados obtidos atestam que a formação do grupo aspectual final tem origem na família transitiva, cuja semântica denota o afastamento entre os participantes da predicação. Membro dessa família, a microconstrução conteudística com deixar tem seu *slot* de objeto neoanalisado, promovendo a emergência do pareamento [deixar+de+V_{inf.}], que, pelo mecanismo de ativação expandida, se torna membro da família aspectual na rede auxiliar. Posteriormente, surgem, via analogização, as microconstruções [parar+de+V_{inf.}] e [largar+de+V_{inf.}], que, compartilhando similaridades, também se consolidam nesse agrupamento procedural. Portanto, esta

investigação ratifica a importância de se aliar trajetórias diacrônicas e processos cognitivos na explicação de como redes multiformes se conectam e promovem a (re) configuração de famílias construcionais.

Palavras-chave: família construcional; aspecto final; diacronia.

Abstract: Founded on the theoretical and methodological premises of the constructional approach, which defines language as a complex adaptative system, organized in networks of constructions that, linked by vertical and horizontal links and united by form and meaning traces, constitute families (BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG 1995; 2006; 2019; SOMMERER, 2020; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; *inter alia*); this paper investigates, in diachronic perspective, the genesis and the development of the egressive aspectual constructional family in Portuguese, through three microconstructions' analysis: [deixar+de+V_{inf.}], [parar+de+V_{inf.}] e [largar+de+V_{inf.}]. Thus, quantitative and qualitative methods are used in the examination of the data collected from *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016) between 13th and 21st centuries; moreover, in order to verify the extensibility of the pairings in the network, checking the semantic-pragmatic verb types, sanctioned in the Vinf. slot, is listed as a parameter. The results demonstrates that the egressive aspectual group formation originates in the transitive family, whose semantics indicates the distance among the participants in the predication. Member of this family, the contentful microconstruction with *deixar* has its object slot neoanalyzed, giving rise to [deixar+de+V_{inf.}] pairing, which, by the spreading activation mechanism, becomes a member of the egressive aspectual family in the auxiliary network. Subsequently, the [parar+de+V_{inf.}] e [largar+de+V_{inf.}] microconstructions emerge by analogization, and, since their sharing similarities, they also consolidate in this procedural group. Therefore, this investigation confirms the importance of associating diachronic trajectories and cognitive processes in explaining how multiform networks link and promote the constructional families' (re) configuration.

Keywords: constructional family; egressive aspect; diachrony.

Recebido em 03 de dezembro de 2021

Aceito em 15 de dezembro de 2021

Introdução

Inserida nos Modelos Baseados no Uso, a abordagem construcional da linguagem define a língua como um sistema adaptativo complexo, organizado em redes de construções, que, ligadas via elos verticais e horizontais, se agrupam em famílias, formal e semanticamente, similares. Nessa perspectiva, a gramática é sempre emergente, e, via processos cognitivos, como analogização, neoanálise, sedimentação, ativação expandida etc., a mudança é desencadeada, gradualmente, pelo uso (BARÐDAL; GILDEA, 2015; BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG; 1995; 2006; 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, *inter alia*).

Então, assumindo essa abordagem e tomando como referência as investigações sobre as famílias de orações relativas do inglês (DIESSEL, 2019) e de [para + V_{inf.}] do português (TORRENT; 2009; 2015), explora-se, neste artigo, a formação e o desenvolvimento da família construcional de aspecto final na história do português, a partir do estudo de três microconstruções, cujo primeiro *slot* é sancionado pelos verbos *deixar*, *parar* e *largar*. Observam-se as ocorrências de (1) a (3):

- (1) Fazer um piercing na língua tornou-se muito comum nos últimos anos, a prática começou em meados da década de 1990 e com o tempo realmente **deixou de ser** um tabu. (20a8se.com).
- (2) Minha mãe comprou um carro pra meu irmão, **parou de pagar** em um determinado momento e fez um acordo amigável pra devolver o carro. (20acertodecontas.blog.br).
- (3) Garanto a vcs que tomei uma posição e **larguei de usar** o tal remédio, não é de ver que meu coração voltou ao normal (20normal.crisdias.com).

Indicadoras da categoria de aspecto, que envolve as fases temporais internas de uma dada situação (CASTILHO, 2002; COMRIE, 1976); as microconstruções [deixar+de+V_{inf.}], em (1), [parar+de+V_{inf.}], em (2), e [largar+de+V_{inf.}], em (3), sinalizam o atingimento dos momentos finais dos Estados de Coisas (EsCo) *ser*, *pagar* e *usar*, respectivamente, instaurando o pressuposto de que tais EsCo, portadores do traço de [+duração], aconteciam antes (*vide* BORBA, 1990; TRAVAGLIA, 2007; HINTZE, 2013).

À vista disso, tomando por base dados dos séculos XIII ao XXI, oriundos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016) e associando análises quantitativa e qualitativa, arrolam-se dois objetivos: i) mostrar que as microconstruções procedurais estudadas descendem e estabelecem relações com a família construcional transitiva de afastamento; e ii) examinar, especificamente, os três pareamentos em foco através da verificação dos tipos semântico-pragmáticos de V_{inf} , com o intuito atestar o desenvolvimento das microconstruções na família aspectual.

Esses objetivos se delineiam para evidenciar a importância de investigações diacrônicas em pesquisas linguísticas; e, também, para ratificar a premissa da abordagem construcional de que, na língua, nada se encontra em isolamento, pois, quando a mudança está em curso, redes multiformes se conectam, compartilham traços e promovem a emergência e a consolidação, via mecanismos cognitivos, de novos nós.

Além desta seção introdutória, este trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, expõe-se o referencial teórico; na seção 2, descreve-se os procedimentos metodológicos adotados; na seção 3, caracteriza-se, primeiramente, a família transitiva de afastamento, depois, detalha-se a transição entre famílias; e, explana-se, finalmente, como novos pareamentos foram inclusos na família aspectual; na seção 4, apresenta-se a conclusão, seguida das referências.

1 Referencial teórico

1.1 Abordagem construcional baseada no uso

A abordagem construcional da gramática integra um conjunto de teorias linguísticas denominadas, globalmente, como Modelos Baseados no Uso, que abarcam pesquisas sincrônicas e diacrônicas preocupadas em explicar, por meio de processos cognitivos e interativos, como uso e estrutura estão, intrinsecamente, relacionados à emergência, desenvolvimento e apagamento de padrões linguísticos (BARLOW; KEMMER, 2000).

A visão construcional define língua como um sistema adaptativo complexo, derivado e moldado a partir das diversas situações experienciadas pelo homem (BYBEE, 2016), que tem seu conhecimento linguístico armazenado sob a forma de construções. Essas unidades são

organizadas no *Constructicon*¹ (GOLDBERG, 2019) e estruturadas via redes taxonômicas e merônimas, constituindo famílias construcionais (BARÐDAL; GILDEA, 2015).

Desse modo, como complemento ao seu caráter adaptativo, língua também se define pela metáfora das redes, uma vez que as construções, ou nós, se (re) configuram radialmente e se distribuem via diferentes elos, promovendo a dinamicidade do funcionamento linguístico (DIESSEL, 2019; GOLDBERG 1995; 2006; 2019; HILPERT 2014; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, *inter alia*).

As construções, adotadas como objeto de análise, se definem como pareamentos simbólicos e convencionais de Forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e Significado (semântica, pragmática e discurso). Em (4), dispõe-se a representação proposta por Traugott e Trousdale (2021, p. 36):

(4) [[F]]  [[S]].

Tais pareamentos se caracterizam por três propriedades construcionais: i) *esquematicidade*, que envolve a abstratização, ou ainda, a hierarquização da rede pela atuação do processo cognitivo de categorização; ii) *produtividade*, que determina a generalidade, regularidade e extensibilidade construcional (BARÐDAL, 2008) pela apuração das frequências *token* (número de ocorrências de uma mesma construção) e *type* (número de padrões diferentes de uma construção (BYBEE, 2003); e iii) *composicionalidade*, que trata da transparência e opacidade entre Forma e Significado pela identificação do significado como derivado ou não das subpartes construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

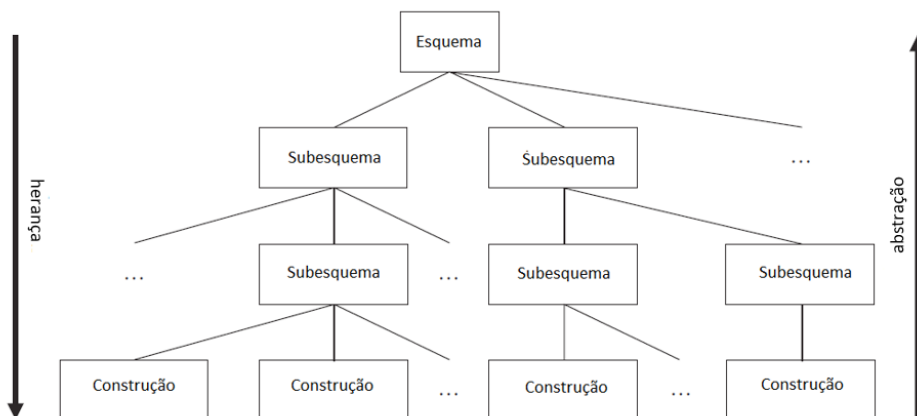
Inerentes às redes, esses pareamentos se conectam via elos verticais e horizontais. Os elos verticais estabelecem relações taxonômicas, constituindo hierarquia e herança construcionais. Essa constituição segue a perspectiva *bottom-up*, na qual exemplares de uso, construtos, situados em nível mais baixo, se ligam a microconstruções, que se conectam a subesquemas, que, por sua vez, se prendem a esquemas, localizados no topo da rede (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

¹ *Constructicon* se refere à rede estruturada de conhecimento linguístico interrelacionado. Nele aloca-se todas as construções gramaticais e lexicais (GOLDBERG, 2019).

Do ponto de vista cognitivo, essa formação ressalta a importância do uso na dinâmica linguística, pois, pela constante repetição, um nó é memorizado e sedimentado. Ademais, paralelamente a esses processos, os usuários têm a capacidade de detectar semelhanças entre construtos e de os abstrair, promovendo sua generalização (DIESEL, 2019).

A título de exemplo, apresenta-se, na figura 1, uma hierarquia taxonômica, proposta por Smirnova e Sommerer (2020). Segundo as autoras, as construções, em níveis mais altos, são esquemáticas (esquemas), as construções, mais abaixo, são intermediárias (subesquemas), e as construções, na base da hierarquia, são especificadas (construções/microconstruções). As autoras não representam os construtos.

Figura 1– Hierarquia taxonômica simplificada



Diferentemente dos elos verticais, os elos horizontais designam relações entre construções no mesmo nível de abstração, evidenciando que, na rede, um pareamento específico pode ser, total ou parcialmente, motivado pelas relações estabelecidas entre seus vizinhos (DIESEL, 2015; VAN DE VELDE, 2014).

Esse tipo de elo tem recebido, recentemente, destaque nas pesquisas construcionais (HILPERT, 2018). A justificativa para tal enfoque é a de que as relações taxonômicas não são exclusivas na gramática de uma língua, visto que há, também, o envolvimento de relações horizontais entre construções semântica e/ou formalmente similares.

De acordo com Zehentner e Traugott (2020), os elos horizontais desempenham um importante papel da evolução diacrônica das construções, pois,

[...] se a associação horizontal entre dois padrões se torna cada vez mais forte, isso pode desencadear, ao longo do tempo, o estabelecimento de uma abstração de ordem superior e, pode, portanto, ser também responsável pela retenção de ambos os padrões em vez da perda de um ou de outro². (ZEHENTNER; TRAUGOTT, 2020, p. 174, tradução nossa).

Assim, ao se tornarem mais sedimentados na mente do usuário no decorrer da história, os pareamentos associados se fortalecem e, juntos, constituem famílias na rede linguística. Essas famílias construcionais são grupos abertos de construções, unidos por traços compartilhados de forma, de significado semântico ou de função pragmática e de características herdadas por esquemas. Sommerer (2020, p. 91, tradução nossa) define esse agrupamento como “uma rede de nós ‘irmãos’ intimamente relacionados (conectados via elos horizontais) e seus nós ‘mãe’ (conectados via elos verticais), que são similares em forma e função³.”

Em resposta ao caráter multifacetado das redes, os nós podem emergir e se firmar como um exemplar prototípico do esquema, se conectar com outros esquemas de diferentes domínios, ou ainda, se apagar no curso da história. Tais alterações ocorrem i) via mudanças internas ao nó (mudança construcional); ii) via criação e apagamento do nó (construcionalização ou desaparecimento construcional); iii) via mudanças externas ao nó (reconfiguração da rede construcional) (SMIRNOVA; SOMMERER, 2020).

Dois tipos de mudança se destacam: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira não envolve a emergência de um novo pareamento na rede, pois afeta dimensões internas da construção, seja na forma ou no significado; já a segunda trata da criação, em uma sucessão de micropassos, de um novo pareamento, que pode ser conteudístico

² No original: “if the horizontal association between two patterns becomes increasingly strong, this can lead over time to the establishment of a higher order abstraction, and can thus also account for the retention of both patterns instead of the loss of one or the other.”

³ *No original*: “a network of closely related ‘sister’ nodes (connected via horizontal links) and their ‘mother’ nodes (connected via vertical links) which are similar in form and function.”

(lexical) ou procedural (gramatical), de que o objeto de análise deste trabalho é exemplo. Especificamente, na construcionalização gramatical, o desenvolvimento de uma função procedural é acompanhado de modificações nas propriedades construcionais, como aumento em produtividade e esquematicidade e redução em composicionalidade.

Na implementação da mudança, atuam os mecanismos cognitivos de neoanálise, um micropasso de mudança construcional que altera partes da construção, e de analogização, uma possibilidade de esquemas ou subesquemas atraírem para si construções antes inexistentes na língua.

No fechamento desta seção, salienta-se a importância de, além do reconhecimento sincrônico de conexões entre nós e elos, traçar caminhos diacrônicos que expliquem a reconfiguração das redes por meio do surgimento, desenvolvimento, recrutamento e apagamento de nós em famílias construcionais.

1.2 A categoria procedural de aspecto

Nos estudos da linguagem, a conceitualização e classificação aspectual é bastante difusa, em virtude das inúmeras pesquisas em diferentes modelos teóricos que tratam do tema. Comumente, aspecto se insere no amplo domínio da auxiliaridade, estabelecendo laços com as categorias de tempo e modo.

No português, os tipos aspectuais se apresentam via construções auxiliares perifrásticas, cuja sequência de verbos se forma por um verbo de função gramatical, auxiliar, e por um verbo pleno, auxiliado, flexionado nas formas nominais de gerúndio, particípio ou infinitivo (RAPOSO, 2013).

De modo geral, aspecto compreende as “várias maneiras de conceber a constituição temporal interna de uma situação.”⁴ (COMRIE, 1976, p. 3, tradução nossa). Em outras palavras, essa categoria “é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as *fases* que ele pode compreender.” (CASTILHO, 2002, p. 83, *itálico no original*).

⁴ *No original*: “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.”

Devido à não concordância na sistematização dos tipos aspectuais⁵, adota-se a tipologia de Castilho (2002), reproduzida no quadro 1. Apesar de a proposta ser clara, o autor enfatiza que uma mesma forma aspectual pode assumir mais de uma nuance, sendo, então, inadequada uma rígida classificação.

Quadro 1 – Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002)

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	Inceptivo, cursivo, terminativo	Pontual, resultativo
Face quantitativa	Semelfactivo, iterativo	

Fonte: Castilho (2002, p. 87).

Conforme disposto no quadro 1, na face qualitativa, os tipos aspectuais se dividem entre imperfectivo, predicação dinâmica em que é possível depreender suas fases de desenvolvimento, e perfectivo, predicação indicadora da completude do EsCo, sem focalizar suas fases. No domínio da imperfectividade, distinguem-se três tipos: inceptivo, que denota o início de um EsCo (*comecei a ler um livro*), cursivo, que descreve a fase de desenvolvimento do EsCo (*estamos assistindo ao filme*), e, terminativo, que evidencia os momentos finais de um EsCo (*deixei de beber cerveja*). Já no domínio da perfectividade, tem-se os tipos pontual, que denota a pontualidade da situação (*encontrei meu namorado na praça*), e o resultativo, que apresenta os resultados de um EsCo já realizado (*a lavoura foi destruída pela geada*).

Na face quantitativa, identifica-se os tipos aspectuais semelfactivo, que denota uma única realização do EsCo (*descobri uma série ótima na TV*), e iterativo, que indica a repetição do EsCo (*o menino pulava de alegria*).

Em razão do tipo indicador dos momentos derradeiros de um EsCo ser foco desta investigação, passa-se a caracterizá-lo de modo mais atento. As nuances cessativa e terminativa são intrínsecas à fase final, a primeira realça a interrupção, e a segunda, a conclusão de situações já iniciadas. As ocorrências (5) e (6) exemplificam esses valores.

⁵ Na literatura acerca do tema, a tipologia aspectual não é uniforme e consensual. Cf. as classificações de Comrie (1976), Castilho (2002) e Travaglia (2014), por exemplo.

(5) Antes, quando eu estava naquela vida eu **larguei de ir** ao médico, eu não gostava de médico, agora, se é para acordar as cinco horas da manhã e vir, eu venho. (19Ac:Br:Lac:Thes).

(6) No ano passado, a farinha, com baixa produção, **parou de funcionar** e seu maquinário foi colocado à venda. (19N:Br:Cur).

Em (5), se se considera o enunciado apenas até a oração *eu não gostava de médico*, certamente pressupõe-se que houve a conclusão do EsCo. No entanto, ao ter-se em conta todo o contexto, constata-se que apenas ocorreu a interrupção do EsCo, uma vez que o agente anuncia uma mudança de comportamento pelo uso do advérbio *agora*, indicando, portanto, cessamento. Em contrapartida, tem-se, na ocorrência (6), o EsCo *funcionar* como finalizado, sem possibilidade de retorno; aqui, elementos contextuais favorecem a noção de conclusão, como *no ano passado e foi colocado à venda*.

Apesar de as ocorrências acima indicarem nitidamente as duas nuances, Prezotto Junior (2020) argumenta que essa distinção é muito estreita, especialmente no que tange aos dados diacrônicos, pois são necessários elementos outros, como sintagmas adverbiais, orações, informações contextuais que, muitas vezes, não estão disponíveis ao pesquisador⁶.

Sobre este fato, apresenta-se, em (7), uma ocorrência ambígua do século XVII, na qual pressupõe-se que, devido ao aumento da temperatura, o agente pode ter concluído ou apenas cessado o EsCo *beber*. Esse contexto se torna impreciso porque, pelas experiências vivenciadas, os usuários da língua sabem acerca das constantes alterações climáticas, e, então, inferem que é possível a retomada do consumo de água com salitre quando a temperatura baixar.

⁶ Observa-se que outras microconstruções aspectuais finais, como [acabar+de+V_{inf.}] (*acabei de ler um livro*), não apresentam ambiguidade entre as nuances cessativa e terminativa, pois, pela interação entre as categorias de aspecto e tempo, tem-se, inerente a esse *chunk*, a ideia de conclusão imediata, não havendo, então, a necessidade de se recorrer a outros elementos. Esse fato revela a interação entre domínios nas redes, uma vez que a construção incorpora partes de vários sistemas da língua, não se restringindo a apenas um domínio (ZEHATER, 2019).

(7) se começou a agoa a quentar com notavel differença do que athé agora; por aly se continuou nesta forma athé altura de 24 graos, e de então pera cá se enxerga nella que está o tempo mais fresco, e **deixo de beber** com salitre que me foi muy bom companheiro. (16:Sarzedas:Diario).

“se a água começou a esquentar com notável diferença do que era antes, e, se continuou desta forma até a altura de 24 graus, então, percebe-se, por ela, que o tempo está mais fresco, e deixo de beber [água] com salitre que me foi ótimo companheiro.”⁷

Em síntese, reconhecendo os possíveis contextos ambíguos e as diferentes categorizações de tipos aspectuais, classifica-se, neste trabalho, as microconstruções estudadas sob o rótulo de aspecto final, essa noção geral abarca as semânticas de fim conclusivo e fim temporário de um EsCo.

2 Procedimentos metodológicos

Assume-se, neste artigo, a abordagem construcional da linguagem (BARÐDAL; GILDEA, 2015; BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; GOLDBERG; 1995; 2006; 2019; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2021, *inter alia*) e concilia-se os métodos qualitativo e quantitativo para a análise de dados, os quais foram coletados do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006; 2016). Esse *corpus* se divide em dois *subcorpora*: *gênero/histórico*, composto por mais de 45 milhões de palavras, com textos do século XIII ao XX; e *web/dialetos*, constituído por um bilhão de palavras, com textos do século XXI, oriundos de páginas eletrônicas.

Para resolver o impasse da não possibilidade de um controle preciso para o tratamento dos textos disponíveis no referido *corpus*, selecionou-se, durante a coleta, as entradas [leix*/deix*], [par*] e [alarg*/larg*] nas sincronias do século XIII ao XXI, a fim de se obter uma visão geral dos verbos situados no primeiro *slot* das microconstruções aspectuais, contemplando todas suas flexões modo-temporais, usos e funções. Seguindo esse procedimento, recolheu-se as cem primeiras

⁷ Abaixo das ocorrências do português arcaico ou clássico, dispõe-se uma adaptação para o português moderno.

ocorrências⁸, levantadas automaticamente e aleatoriamente, de cada microconstrução em cada sincronia. Ressalta-se que, no português arcaico, os dados são escassos, por isso, todas as ocorrências disponíveis foram consideradas.

Após a compilação, quantificou-se as ocorrências, em termos de frequência *token*, no programa estatístico *R: A language and environment for statistical computing* (R CORE TEAM, 2021). A distribuição geral de frequência *token* (BYBEE, 2003) das microconstruções com *deixar*, *parar* e *largar* em cada século é exibida na tabela 1 e no gráfico da figura 2.

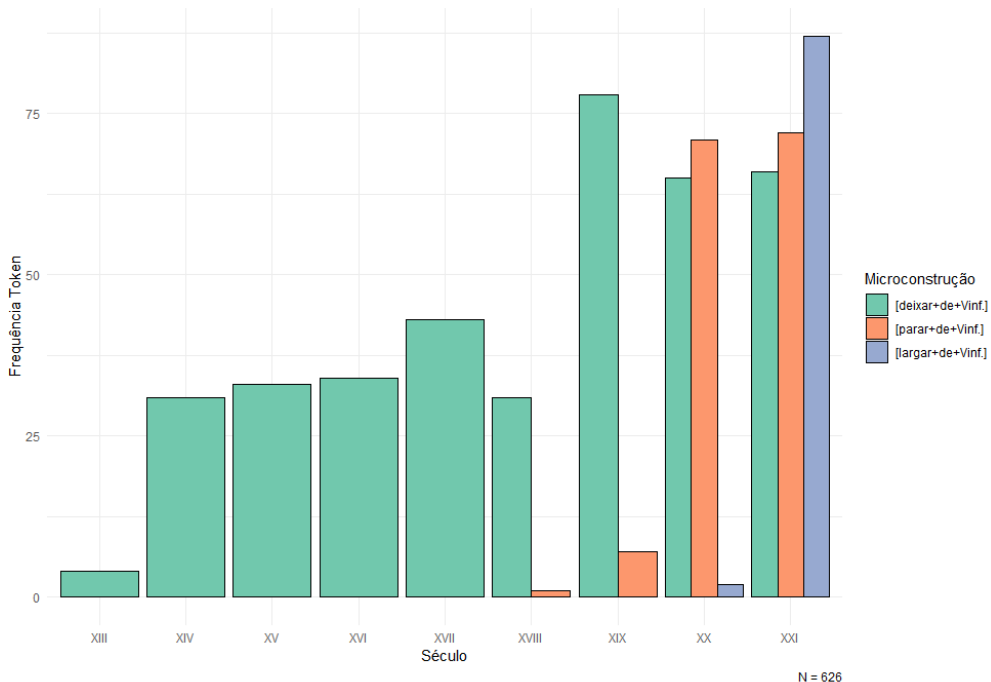
Tabela 1– Frequência token das microconstruções aspectuais

Século Microconstrução	[deixar+de+V _{inf.}]	[parar+de+V _{inf.}]	[largar+de+V _{inf.}]	
XIII	4	-	-	4
XIV	31	-	-	31
XV	33	-	-	33
XVI	34	-	-	34
XVII	43	-	-	43
XVIII	31	1	-	32
XIX	78	7	-	85
XX	65	71	2	138
XXI	66	72	87	225
Σ	385	151	89	626

Fonte: Elaboração própria.

⁸ Na coleta das cem ocorrências, algumas expressavam a semântica de cursividade, com uma partícula negativa anteposta à unidade construcional; portanto, por indicar outra fase aspectual (*vide* nota 12), essas ocorrências foram descartas na presente análise.

Figura 2 – Frequência *token* das microconstruções aspectuais



Fonte: Elaboração própria.

Para atingir o objetivo central de evidenciar a formação e o desenvolvimento da família construcional de aspecto final, recorreu-se, na fase de análise das ocorrências, ao *Dicionário de Verbos Portugueses do século 12 e 13/14* (XAVIER; VICENTE; CRISPIM, 2003), ao *Vocabulário histórico-cronológico do Português medieval* (CUNHA, 2014) e ao *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa* (FERREIRO, 2014), obras que ajudaram na interpretação dos dados do português arcaico.

Também consideraram-se os tipos semântico-pragmáticos sancionados pelo verbo pleno na forma infinitiva, firmado no último *slot* das microconstruções. Os tipos verbais são definidos pela escala de traços semântico-pragmáticos proposta por Tavares e Freitas (2010). Em uma organização hierárquica, os verbos se ordenam entre tipos mais concretos, como os de atividade específica (*ler*, *dançar*) e os dicendi

(*falar, perguntar*), e tipos mais abstratos, como os de experimentação mental (*gostar, pensar*) e os de estado (*ser, estar*).

Esse parâmetro, além de contribuir para a caracterização das propriedades construcionais, permite averiguar a extensibilidade dos pareamentos nas redes, pois, à medida que as construções se consolidam, mais tipos de natureza abstrata elas tendem a sancionar.

Portanto, seguindo os procedimentos indicados e recuperando o clássico *cline* dos estudos em gramaticalização [+concreto > +abstrato] (HEINE, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), hipotetiza-se que, de uma família conteudística, novos nós emergem via construcionalização gramatical, formando, assim, uma família procedural.

3 Caminhos diacrônicos de emergência e consolidação da família aspectual final no português

Esta seção encontra-se dividida em três partes. Primeiramente, descreve-se a família de construções transitiva, que possibilitou a emergência das microconstruções procedurais estudadas; depois, expõe-se como se deu a passagem, via neoanálise, da rede transitiva para a rede auxiliar; e, finalmente, evidencia-se a formação e consolidação da família aspectual final, por meio da analogização e ativação expandida.

3.1 Formação da família construcional de afastamento

Indicadoras de aspecto final, as microconstruções, cujo primeiro *slot* é ocupado pelos verbos *deixar, parar e largar*, têm origem na rede transitiva, configurada, esquematicamente, sob a forma [SUJ+V^{trans.}+OBJ] e sob o significado [AGENTE CAUSA ALTERAÇÃO AO PACIENTE]. Das várias extensões dessa produtiva rede, localiza-se o subesquema que herda, verticalmente, a mesma forma do esquema, mas que expressa o significado particular de [AGENTE SE AFASTA DO PACIENTE]. Desse ponto intermediário, derivam microconstruções transitivas com os verbos estudados.

Através dos elos vertical, de herança, e horizontal, de similaridade, entre o referido subesquema e suas microconstruções, alega-se a formação da família construcional associada à semântica de afastamento. Esse sentido básico, do domínio biossocial humano, remete a uma alteração específica

na relação contígua entre os participantes na situação interativa, quando um agente se distancia ou abandona um paciente mais ou menos animado.

Em vista disso, inicia-se a descrição diacrônica desta família pelo verbo *deixar*, que, desde os primeiros séculos do português, revela-se polissêmico e multifuncional, codificando construções conteudísticas e procedurais (PREZOTTO JR., 2020; SOARES DA SILVA, 1999, 2011). Aqui, centra-se na microconstrução transitiva.

Advindo do verbo transitivo latino *laxo*, *ãvi*, *atum*, *ãre*, *deixar* apresentava as acepções de expansão, espaçamento, afrouxamento, abandono (GAFFIOT, 2016, p. 786). Na passagem da língua latina para a portuguesa, essa unidade preservou os sentidos que promovem, até a atual sincronia, a semântica de distanciamento.

Por conseguinte, reconhece-se, diacronicamente, que a microconstrução [SUJ+deixar+OBJ] se vincula ao esquema transitivo e, especificamente, se firma como membro da família de afastamento, conforme denotado pelas ocorrências em (8) e (9), nas quais a má mulher e o referente elíptico se apartam do marido e do cavalo, respectivamente.

(8) *a maa molher que leixa seu esposo ou marido e se uay cõ outro he chamada adulterina. (1489 TC).*

“A má mulher que deixa seu esposo ou marido e se vai com outro é chamada adúltera.”

(9) Chegando ao alto de uma montanha, sentou-se para descansar. **Deixou o cavalo** pastando e Peri começou a seguir alguns pássaros. (*18:Pimentel:Avózinha*)

Sem caráter multifuncional como *deixar*, *parar* deriva do verbo transitivo latino *pãro*, *ãvi*, *ãtum*, *ãre*, cujos significados designavam o preparo para realização de algo, o preparo para terminar algo e o preparo para organização das coisas (GAFFIOT, 2016, p. 1117). Esses sentidos, do latim para o português, se esvaem, e as acepções de término, impedimento e separação se atualizam, possibilitando a entrada de *parar* na família construcional de afastamento.

Como exemplo do português arcaico, apresentam-se as ocorrências (10), em que um agente tem a possibilidade de interromper o EsCo *cavalgar*, inferido pelo contexto, e (11), em que o vassalo pode separar os filhos de seu chefe. Do português moderno, tem-se a ocorrência (12), na qual um diretor suspende a cena em curso.

(10) E, quando o cavallo assi he [...] , pode-o parar ou desviar en tal guisa que escusará o cajom [...] (SM14).

“E, quando o cavalo é assim [...], pode detê-lo ou desviá-lo de tal maneira que evitará o desastre[...]”.

(11) Esto mãdamos se o senhur morrer e o uassallo se quis(er) **parar** dos fillos d(e) seu senhor. (1280? FR PBA).

“Isto mandamos, se o senhor morrer e o vassalo quiser separar os filhos de seu senhor”.

(13) - Um dos atores mais experientes do grupo estava interpretando o fantasma e dizia: “ Lá no purgatório onde estou e onde vou permanecer até que meus crimes sejam purgados “. Um diretor **parou a cena** e perguntou: “ Quais foram os seus crimes “ Risos na platéia. (19Or:Br:Intrv:ISP).

Diferentemente de *deixar* e *parar*, a ascendência de *largar* não é, inteiramente, tangível. Ao consultar o dicionário Du Cange (1883, p. 181), infere-se que *largar*, possivelmente, advém do verbo latino *allargare*, que denotava expansão ou aumento.

No português arcaico⁹, as evidências também são difusas. A construção mais próxima, conforme o atual uso, é formada pelo verbo *alargar*, sob a forma [SUJ+alargar+SP] e sob os sentidos de ampliar, exceder, perder-se, soltar-se, lançar-se. Os últimos sentidos expressos por tal unidade se aproximam do sentido central da família enfocada nesta seção, uma vez que se trata, similarmente, do distanciamento entre o referente e o estado, até o momento, experienciado. A título de exemplo, a ocorrência (13) anuncia o acordo estabelecido entre os agentes de se atirarem ao mar.

⁹ Fato interessante do período arcaico é a presença da forma perifrástica [largar+a+V_{inf.}], usada, com baixa frequência, para denotar aspecto inceptivo. Esse uso é recorrente no português moderno na variedade europeia e não se aproxima da noção de afastamento, uma vez que indica a disposição de um agente em iniciar um EsCo. (Os condes de Lara, depois que tiveram o infante em seu poder, **largarom-se a fazer** o que nõ devyam. (S14 CGE). “Os condes de Lara, depois que tiveram o infante em seu poder, largaram-se a fazer o que não deviam.”).

(13) & no outro dia seguymte ouveram acordo de **se allargar ao maar**. (S15 ZPM).

“E, no dia seguinte, fizeram um acordo de se lançarem ao mar”

O contexto de espaçamento, denotado pela construção com *alargar*, ocorre até meados do século XVI; nesse século, *largar*, sob a forma [SUJ+largar+OBJ], assume o sentido de separação, mantido até o período moderno, estabelecendo-se na família de afastamento e diferenciando-se, assim, da semântica de expansão/aumento, elucidada por *alargar*. O rotineiro uso de *largar* é atestado em (14), que aponta para o distanciamento entre o agente, Bareto, e o lugar, a fortaleza.

(14) E dizião que este fidalgo sulçitara esta Jornada por se ver muito pobre, [...] aseitou aquela empreza muito Inferior: estaua por Capitão em mosambique, pero baReto seu parente, o quoa sabendo, daquele caso, ouuese por tão afrontado que logo **largou a fortaleza** [...] e se embarcou para o Reino. (15:Couto:Decada8).

“E diziam que este fidalgo solicitara esta jornada por se ver muito pobre, [...] aceitou aquele trabalho muito inferior: ser Capitão em Moçambique. Mas, Bareto, seu parente, o qual, sabendo daquele caso, ficou muito ofendido que logo largou a fortaleza [...] e embarcou para o Reino.”

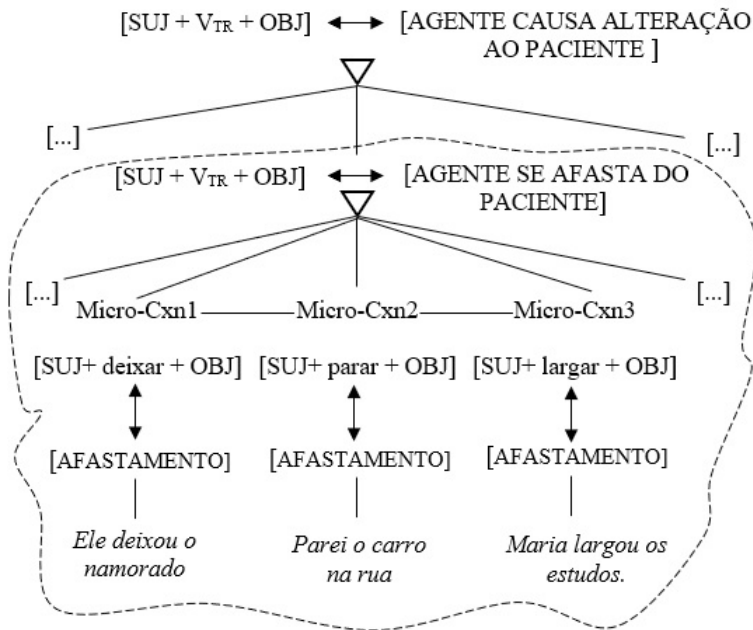
As evidências diacrônicas apresentadas corroboram a premissa de que as construções se interconectam de várias maneiras e se definem pelas relações estabelecidas com outras construções na rede (DISSEL, 2019). Portanto, defende-se a formação da família construcional de afastamento, que, situada na ampla rede de transitividade do português, se consolida ao longo dos séculos, inicialmente, com *deixar* e *parar* e, posteriormente, com *largar*¹⁰.

Com o intuito de tornar mais clara a configuração desse agrupamento, exhibe-se, na figura 3, a organização sincrônica da família conteudística, que herda, do esquema transitivo, via elo vertical (representado pelos triângulos seguidos de linhas), a forma e o significado de alteração promovida pelo

¹⁰ É importante mencionar que a família de afastamento não se limita às construções com os três verbos investigados; há, também, outros verbos nesse conjunto, como *terminar*, *acabar*, *interromper*, *finalizar* etc. não abordados neste estudo.

agente em seu paciente. Essa relação se especifica, no nível do subesquema, quando o significado expressa a descontinuidade entre os participantes da predicação. Abaixo do subesquema, por meio do elo horizontal (representado pelas linhas na horizontal), se alocam as microconstruções [SUJ+deixar+OBJ], [SUJ+parar+OBJ] e [SUJ+largar+OBJ], cujas similaridades de forma e de significado estão mais claras. Dessa maneira, agrupadas pelo círculo pontilhado, forma-se, então, a família transitiva de afastamento do português.

Figura 3 – Família transitiva de afastamento no português



Fonte: Elaboração própria.

Ainda, ressalta-se que a formação e a consolidação dessa família são viabilizadas pelos resquícios históricos das construções, que fortalecem e/ou especializam os significados verbais com o intuito de que estes estejam integrados à semântica geral de afastamento, da qual estão pressupostas as nuances de distanciamento, interrupção, término. Ademais, reforça-se

que, para ratificar a emergência e o desenvolvimento das construções, evidências diacrônicas se fazem essenciais, como vê-se a seguir.

3.2 Transição entre redes via emergência de um novo pareamento procedural

A principal premissa dos estudos clássicos em gramaticalização defende que construções gramaticais emergem a partir de significados verbais básicos, do domínio biossocial humano, através da transferência metafórica (HEINE, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Esse processo de mudança é ratificado, neste artigo, pela transição entre as redes da família transitiva, [+ concreta], para a família auxiliar, [+ abstrata].

A passagem ocorre quando, da relação descontinua entre agente e paciente, emerge o sentido abstrato de fim, de um agente que se distancia de um EsCo já iniciado. Tal fato pode ser atestado a partir da emergência da microconstrução aspectual com *deixar*.

Essa microconstrução se faz presente, sob a forma [leixar+de+V_{inf.}], desde o período medieval do português; e, mesmo sem evidências diacrônicas anteriores ao século XIII, argumenta-se que seu surgimento se deu pela abstratização do *slot* de objeto da microconstrução transitiva [SUJ+deixar+OBJ] (PREZOTTO JR., 2020).

O referido *slot* admitia, tipicamente, apenas objeto da entidade semântica de indivíduo, mas, pela atuação do mecanismo de neanálise, surge a possibilidade de sancionar a entidade mais abstrata de EsCo, que se realiza e dura no curso temporal. Esse micropasso de mudança é exemplificado pelas ocorrências (15) e (16), do português arcaico, em que, ainda inserida na família transitiva, a microconstrução com *deixar* não sanciona, no *slot* de objeto, um indivíduo, mas um EsCo na forma de verbo nominalizado, [determinante + V_{inf.}].

(15) Joam Vaásquez, moiro por saber de vós por que **leixastes o trobar**, ou se foi el vos primeiro leixar (12Cantigas2).

“João Vasques, morro por saber de vós porque **deixastes o trovar**, ou terá sido o trovar que te deixou primeiro?” (PREZOTTO JR., 2020, p. 82).

(16) Sobr' esto diss' o meny~o: Madre, [...] des oge mais vos consello que **o pedir leixedes**¹¹, pois vos dá Santa Maria por mi quanto vos queredes [...]. (12Mettman:CantigasSM1).

¹¹ A anteposição do objeto é comum no português arcaico.

“Sobre isso, disse o menino: Mãe, daqui em diante, vos aconselho que **deixeis o pedir**, pois, por mim, Santa Maria vos dá tudo o que quiserdes.”

Em (15), o EsCo *o trovar* aponta para o questionamento sobre o motivo de João Vasques ter se afastado da arte de fazer poesias. Em (16), o filho pede que sua mãe interrompa os pedidos feitos à Santa Maria. Então, mediante as ocorrências, pressupõe-se que *o trovar* e *o pedir* denotam a finalização de EsCo que aconteciam antes.

Certificada a abstratização, defende-se que, via neoanálise, tais contextos são prenúncios da formação da construção auxiliar, uma vez que esse micropasso é o gatilho para a emergência do novo pareamento procedural, considerado, então, um caso de construcionalização gramatical.

Agora, passa-se à análise quantitativa, que demonstra como [deixar+de+V_{inf.}] se torna frequente e sedimentada na memória dos usuários, promovendo-se como membro central, mais prototípico, da família de aspecto final. Entre os diversos parâmetros que comprovam esse fato (*vide* PREZOTTO JR., 2020), seleciona-se aqui o da frequência *token* de tipos semântico-pragmáticos de verbos sancionados pelo único *slot* aberto da construção: V_{inf.}.

A tabela 2 e a figura 4 ilustram os resultados estatísticos de frequência *token*.

Tabela 2 – Frequência *token* dos tipos de V_{inf.} da microconstrução [deixar+de+V_{inf.}]

Século		[deixar+de+V _{inf.}]									
		XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI	Σ
Tipo e exemplo											
<i>Momentâneo</i>	<i>bater; chutar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
<i>Atividade específica</i>	<i>ir; beber</i>	4	7	14	16	16	11	20	16	12	116
<i>Dicendi</i>	<i>falar; chamar</i>	-	22	9	2	3	2	-	2	-	40
<i>Atividade difusa</i>	<i>trabalhar; usar</i>	-	1	3	5	3	3	8	7	15	45
<i>Estímulo mental</i>	<i>sofrer; agradar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Evento transitório não intencional</i>	<i>nascer; acordar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Processo</i>	<i>crescer; congelar</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Experimentação mental</i>	<i>pensar; gostar</i>	-	-	-	10	3	7	11	7	4	35
<i>Relacional</i>	<i>ter (posse); precisar</i>	-	-	-	-	-	-	3	5	9	17

<i>Existência</i>	<i>existir; haver</i>	-	-	-	-	-	-	5	2	3	10
<i>Estado</i>	<i>ser; estar</i>	-	1	5	10	18	8	31	26	22	121
Σ		4	31	33	34	43	31	78	65	66	385

Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – Frequência token dos tipos de V_{inf} da microconstrução [deixar+de+ V_{inf} .]



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados dispostos na tabela 2 e no gráfico da figura 4 confirmam a gradativa abstratização de tipos de V_{inf} ao longo das sincronias. Em geral, pode-se afirmar que a microconstrução com *deixar* inicia sua trajetória pela sanção de verbos mais concretos e chega, no português moderno, com considerável aumento de verbos mais abstratos. Essa expansão colocacional é promovida pela neoanálise, que não restringe o *slot* a admitir apenas um tipo verbal.

Especificamente, ressalta-se que os tipos semânticos básicos de atividade específica, dicendi, atividade difusa e experimentação mental apresentam certa estabilidade desde o século XV; os tipos abstratos, presentes desde a fase arcaica, se expandem e crescem, gradualmente, em frequência, como o caso dos tipos relacional e de existência, emergidos no português moderno, e do tipo verbal de estado. Feito notável desse último tipo, representado, majoritariamente, pelo verbo *ser*, é sua superação, em frequência, dos demais tipos a partir dos séculos XIX, XX e XXI.

Portanto, do surgimento, via construcionalização gramatical, e da possibilidade de uso em contextos mais abstratos, pelo aumento do arranjo colocacional de $V_{inf.}$ [deixar+de+ $V_{inf.}$] se consolida como membro central da família aspectual. Contudo, essa não é a única microconstrução a denotar a semântica de fim, há outros pareamentos que foram inclusos na família tardiamente.

3.3 Desenvolvimento da família aspectual através da inclusão de novos pareamentos

Conforme abordado na seção 3.1., a microconstrução transitiva de *deixar* se relaciona, horizontalmente, com outras construções similares, todas compartilhando a semântica geral de afastamento. Na transição entre redes, a ativação de [deixar+de+ $V_{inf.}$], enquanto marcador procedural, permitiu a expansão do pareamento aspectual para construções, formal e semanticamente, similares. Isso ocorre pois o conhecimento gramatical do usuário envolve conexões associativas entre padrões construcionais similares, influenciando o acesso construcional (DISSEL, 2019).

A atuação do mecanismo de ativação expandida impulsionou a ação da analogização, contribuindo na inclusão de novos pareamentos encabeçados por *parar* e *largar* como membros da família auxiliar, promovendo, portanto, o desenvolvimento da família.

A partir de indícios diacrônicos do *corpus* analisado, argumenta-se que a microconstrução aspectual [parar+de+ $V_{inf.}$] emerge apenas no século XVIII, já sancionando tipo de sujeito mais abstrato, *as determinações*, da entidade semântica de proposição, conforme mostra a ocorrência (17). Da sincronia atual, em (18), o sujeito elíptico do nó aspectual indica que o EsCo *pensar* atingiu um ponto final.

- (17) O sangue corria a tingir as areias e só as determinações **paravam de aumentar** os sobressaltos. Nesta perigosa batalha da piedade

e do receio, trouxe a fortuna só favorável aos desvãidos, por acaso àquele lugar, um cavalheiro que descontente dos sossegos costumava buscar alívio nos desvelos e fugir dos povoados por conversar só com os seus pensamentos. (17:Gloria:Brados). (PREZOTTO JR., 2020, p. 99).

- (18) **Parei de pensar** que eu poderia ter feito escolhas diferentes, que poderia ter ido em frente com os MEUS sonhos de ir estudar em um curso público. (20001pontodevista.zip.net).

Após dois séculos do surgimento de *parar*, em meados do século XX¹², emerge, na rede auxiliar, a microconstrução [largar+de+V_{inf.}], indicando, também, finalização de um EsCo durativo, como mostra a ocorrência em (19), e se conectando às outras microconstruções da família aspectual.

- (19) Dona Gertrudes agarrou na mão dela, antes de sair deu uma gargalhada satânica, gritou para Salvini: - Você, seu carcamano, quando nasceu te jogaram duas vezes na parede: uma vez grudou, outra não! Esmeralda compreendeu, **largou de chorar** e riu até a mãe dizer chega com dois beliscões. (19:Fic:Br:Castilho:Avulsos).

Além do uso ilustrado em (19), que denota a vontade de um agente na conclusão de um evento, sobressaiu-se, durante a análise dos dados (75/87), o uso intersubjetivo, ou ainda, especializado de [largar+de+V_{inf.}] no século XXI. Diferentemente de usos subjetivos, nos quais as microconstruções de aspecto final, flexionadas no modo

¹² Anterior ao surgimento da microconstrução aspectual com *largar*, há, no século XIX, uma microconstrução muito próxima formalmente, mas semanticamente distinta: [(neg.)+largar+ de+V_{inf.}]. A partícula negativa, preenchida por *sem*, *não*, *nunca*, *jamais* no primeiro *slot*, faz com que o todo construcional expresse o valor procedural de aspecto cursivo, cuja função é a de apontar para o pleno progresso do EsCo na situação interativa. Portanto, por denotar outro tipo aspectual, não se considera, neste trabalho, a descrição deste pareamento. Segue um dado do referido século como exemplo: “O infeliz ergueu-se por fim, e pôs-se a andar ao comprido da alcova, muito alvoroçado, **sem largar de fazer** com a boca e com os olhos contorsões epiléticas. (18:Azevedo:Condessa)” = continua fazendo com a boca [...]. Enfim, ressalta-se que a presença de uma unidade negativa, invertendo valores aspectuais, também é comum nas microconstruções com *deixar* e *parar* (e.g. “**jamais** deixei de amar Marcos” = continuo amando”; “**não** parei de fumar” = continuo fumando”).

indicativo, especialmente, nos tempos do pretérito, evidenciam que a finalização de um EsCo está sujeita à atitude do agente; o contexto em (20) sinaliza que o fim do EsCo requer o envolvimento de uma segunda pessoa, geralmente, designada pelo vocativo, seguido da flexão de *largar* no modo imperativo¹³.

(20) MA Karla, advogada, **larga de ser** boba que homem nenhum e nem o teu vai ser só teu, bota isso na tua ideia se ele tava com uma amante é porque tu também não é essas cinco estrelas ai que tu esta mencionando (20elo.com.br).

Pelo uso do imperativo, que traz, fortemente, as noções de ordem e solicitação (LYONS, 1977), a ocorrência em (20) indica que os momentos finais do EsCo *ser* dependem, exclusivamente, da intenção da interlocutora, MA Karla, em abandonar ou não o estado *ser boba*.

Após descrever os usos das microconstruções aspectuais com *parar* e *largar*, segue-se a análise quantitativa dos tipos semânticos de V_{inf} .

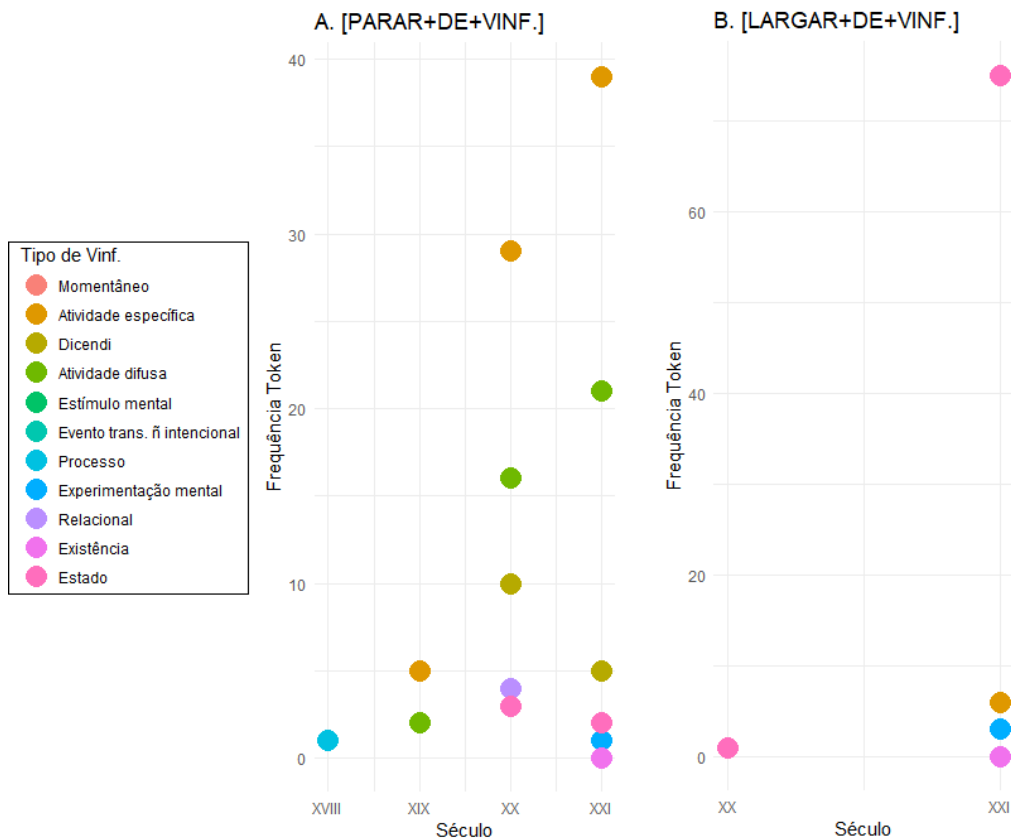
Tabela 3 - Frequência *token* dos tipos de V_{inf} de [parar+de+ V_{inf} .] e [largar+de+ V_{inf} .]

Tipo e exemplo		[parar+de+ V_{inf} .]					[largar+de+ V_{inf} .]		
		Século	XVIII	XIX	XX	XXI	Σ	XX	XXI
<i>Momentâneo</i>	<i>bater; chutar</i>	-	-	3	-	3	-	-	-
<i>Ativ. específica</i>	<i>ir; beber</i>	-	5	29	39	73	1	6	7
<i>Dicendi</i>	<i>falar; chamar</i>	-	-	10	5	15	-	-	-
<i>Atividade difusa</i>	<i>trabalhar; usar</i>	-	2	16	21	39	-	3	3
<i>Estímulo mental</i>	<i>sofrer; agradar</i>	-	-	-	2	2	-	-	-
<i>Evento transitório não intencional</i>	<i>nascer; acordar</i>	-	-	-	2	2	-	-	-
<i>Processo</i>	<i>crescer; congelar</i>	1	-	3	-	4	-	-	-
<i>Experimentação mental</i>	<i>pensar; gostar</i>	-	-	3	1	4	-	3	3
<i>Relacional</i>	<i>ter (posse); precisar</i>	-	-	4	-	4	-	-	-
<i>Existência</i>	<i>existir; haver</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Estado</i>	<i>ser; estar</i>	-	-	3	2	5	1	75	76
Σ		1	7	71	72	151	2	87	89

¹³ Esse uso não é restrito à microconstrução com *largar*; as de *deixar* e *parar* também apresentam essa possibilidade, mas com baixa frequência.

Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 – Frequência *token* dos tipos de $V_{inf.}$ de [parar+de+ $V_{inf.}$] e [largar+de+ $V_{inf.}$]



Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostrado na tabela 3 e no gráfico da figura 5, [parar+de+ $V_{inf.}$] mantém uma coerência interna sobre os tipos de $V_{inf.}$, que, diferentemente de *deixar*, tem produtividade parcial, pois sanciona, até a sincronia atual, $V_{inf.}$ mais concretos, como atividade específica e atividade difusa.

Uma plausível resposta para a alta frequência de tipos verbais mais concretos está na recente incorporação de *parar*, via analogação,

à família auxiliar. Então, considera-se que o processo de abstratização do *slot* de V_{inf} ainda se encontra em pleno desenvolvimento, em outras palavras, argumenta-se que a neoanálise ainda se faz presente, possibilitando a sanção de tipos mais abstratos e expandindo o arranjo colocacional do *slot*.

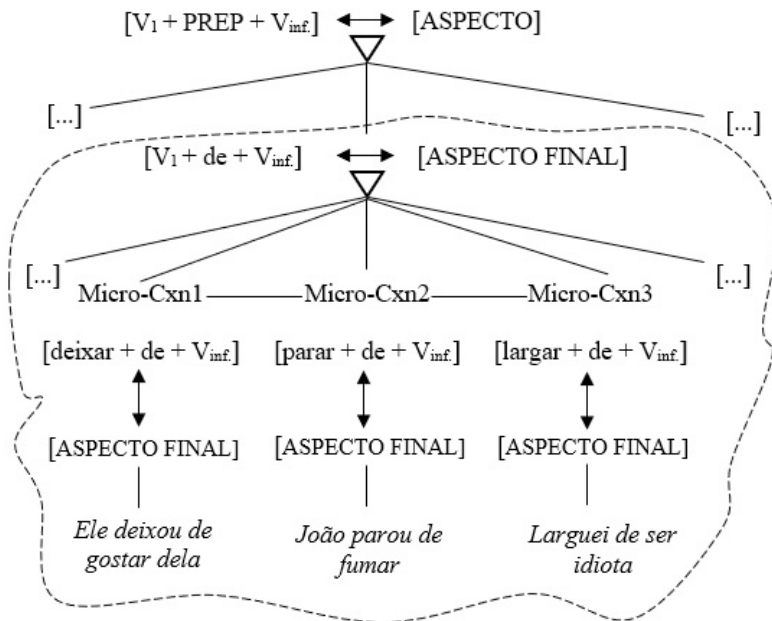
Divergindo da estabilidade de *parar*, a microconstrução de *largar* já emerge no século XX, com o tipo de V_{inf} mais abstrato, estado, representado pelo verbo *ser*, como alto em frequência. Esse fato corrobora a atuação do mecanismo da analogização, pois *largar* segue o fluxo das sincronias recentes de *deixar* (séculos XIX, XX e XXI), que exibem o tipo verbal de estado como mais frequente.

Além disso, sugere-se que a neoanálise não atua na microconstrução de *largar* na atual sincronia, conforme o faz com *parar*, na expansão para novos tipos de V_{inf} , pois, [largar+de+ V_{inf}], além de seu uso comum, parece se especializar em um uso intersubjetivo específico, apontando para um fim que depende de outro participante da interação.

Em síntese, ao comparar-se os resultados de tipos semânticos de V_{inf} , defende-se que *parar* e *largar* são parcialmente produtivas, por não sancionarem no *slot* aberto diversos tipos verbais e manterem, como frequente, tipos verbais específicos. Também, argumenta-se que, embora inclusas na rede auxiliar tardiamente via os mesmos mecanismos cognitivos, *parar* e *largar* têm suas especificidades de uso: o fim indicado por *parar* advém de verbos mais concretos, já o fim expresso por *largar* é cunho mais pragmático, pois, o EsCo pode ter ou não conclusão, a depender da intenção do interlocutor na situação comunicativa.

Finalmente, para encerrar esta seção, exhibe-se, na figura 6, a família aspectual final.

Figura 6 – Família de aspecto final do português



Fonte: Elaboração própria.

No mapeamento sincrônico apresentado, as microconstruções aspectuais herdam, verticalmente, do esquema auxiliar (ilustrado pelas linhas conectadas aos triângulos), a forma $[V_1 + \text{prep} + V_{\text{inf}}]$ e o significado geral [ASPECTO]. No nível do subesquema, a categoria aspectual se especializa, denotando a fase final de um EsCo. Nesse nível, se conectam as microconstruções com *deixar*, *parar* e *largar* horizontalmente (representado pelas linhas retas). Através dessa organização, representada pelo círculo pontilhado, forma-se a família de aspecto final no português. Vale ressaltar que as reticências nos colchetes mostram que há outras construções nessa família.

4 Conclusão

Ao se considerar como essencial axioma de que as construções, nas redes linguísticas, não estão desestruturadas e isoladas, mas, fortemente, conectadas e sedimentadas através de elos verticais, que

as ligam a um esquema abstrato, e por meio de elos horizontais, que as unem pelas semelhanças de forma e de significado; tratou-se, neste artigo, da emergência e do desenvolvimento da família construcional de aspecto final.

A formação desse grupo procedural tem origem na família transitiva, que expressa a relação semântica de afastamento entre os participantes da predicação. Membro desta família conteudística, a microconstrução com *deixar* tem seu *slot* de objeto neoanalisado, passando a sancionar entidades semânticas mais abstratas. Dessa abstratização, emerge, então, o pareamento [deixar+de+V_{inf.}]. Já na rede auxiliar, via o mecanismo de ativação expandida, essa unidade torna-se membro central da família aspectual. Séculos mais tarde, surgem, via analogização, as microconstruções com [parar+de+V_{inf.}] e [largar+de+V_{inf.}], que, compartilhando similaridades de forma e de significado, também se consolidam na família aspectual.

Especificamente, em termos de esquematicidade, alega-se que as três unidades são parcialmente esquemáticas, uma vez que apresentam o *slot* de V_{inf.} aberto, que pode sancionar diferentes tipos semântico-pragmáticos de verbos.

Sobre a produtividade, defende-se que a microconstrução de *deixar* é mais produtiva, pois, no decorrer das sincronias, expande seu arranjo colocacional de V_{inf.}, possibilitando diferentes tipos e alta frequência de tipos mais abstratos; a de *parar* é parcialmente produtiva, porque mantém a frequência de tipos centrada em tipos de V_{inf.} mais concretos, apesar de possibilitar, raramente, a sanção de verbos mais abstratos; já a de *largar* sanciona, desde sua emergência, o tipo abstrato de estado como mais frequente, e, esporadicamente, tipos verbais mais concretos, assim, também, considera-se sua produtividade como parcial.

Quanto à composicionalidade, argumenta-se que as três microconstruções são não composicionais, uma vez que *deixar*, *parar* e *largar*, combinados com a preposição *de* e V_{inf.}, servem à expressão dos momentos finais de um EsCo durativo.

Dos resultados desta investigação, depreende-se a importância de se considerarem processos cognitivos, como neoanálise, ativação expandida e analogização, na formação e manutenção de famílias construcionais, além da oportunidade, promovida pela perspectiva diacrônica, de identificar resquícios das formas originais e de encontrar pontos de passagem entre as redes multiformes, constatando que as construções não surgem *ex nihilo*.

Agradecimentos

Agradece-se ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código de financiamento 001, Processo n. 88887.488584/2020-00).

Referências

- BARÐDAL, J.; GILDEA, S. Diachronic Construction Grammar: Epistemological context, basic assumptions and historical implications. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 1-50.
- BARÐDAL, J. *Productivity: evidence from case and argument structure in icelandic*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BORBA, F. S. *Dicionário gramatical do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1990.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Rev. téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do português falado*. v. 8. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. p. 83-121.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2014.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 1 bilhão de palavras, Web/Dialetos*, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s.*, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DIESSEL, H. *The Grammar Network. How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DA BROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 295-319.

DU CANGE, D. *et al.*, *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Niort: Favre, 1883.

FERREIRO, M. *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa*. Coruña: Universidade da Coruña, 2014. Disponível em: <http://glossa.gal>. Acesso em: 02 set. 2021.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 2016.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Explain Me This. Creativity, Competition, and the partial Productivity of Constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HILPERT, M. Three open questions in diachronic construction grammar. In: COUSSÉ, E.; OLOFSSON, J.; ANDERSSON, P. (eds.), *Grammaticalization Meets Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 21-39.

HINTZE, A. C. H. O percurso de gramaticalização dos verbos indicadores de cessamento. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, Paraná, v. 9, n. 18, p. 37-52, 2013. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v9i18.8244>

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LYONS, J. *Semantics*. v. 1-2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

PREZOTTO JR., J. R. *As microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar” no português na expressão de aspecto final*. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2020.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 08 set. 2021.

RAPOSO, E. P. B. *et. al. Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 1-2.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. *Introduction: The nature of the node and the network – Open questions in Diachronic Construction Grammar*. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.) *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1-42.

SOARES DA SILVA, A. *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SOARES DA SILVA, A. (Inter)Subjectificação na linguagem e na mente. *Revista Portuguesa de Humanidades - Estudos Linguísticos*, Braga, Portugal, v. 15, n. 1, p. 93-110, 2011.

SOMMERER, L. Constructionalization, constructional competition and constructional death: Investigating the demise of Old English POSS DEM constructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.) *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 69-103.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2010.v6n1a4442>

TORRENT, T. T. *A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. 2009. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

TORRENT, T. T. The Constructional Convergence and the Construction Network Reconfiguration Hypotheses. In: BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 173-212.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. Taísa Peres de Oliveira; Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da Abralín*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 9-60, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5 ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R.; COLLEMAN, T.; RUTTEN, G. (eds.). *Extending the scope of construction grammar*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2014. p. 141–179.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G.; CRISPIM, M. L. (org.). *Dicionário de verbos portugueses dos séculos 12 e 13/14*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 02 set. 2021.

ZEHENTNER, E.; TRAUGOTT, E. C. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 167-211.



A sílaba na Libras: uma investigação a partir da proposta fonológica *MLMov*

The Syllable in Libras: an Investigation From the Phonological Proposal MLMov

Ione Barbosa de Oliveira Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia/Brasil

iboliveira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5112-7034>

Vera Pacheco

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia/Brasil

vera.pacheco@uesb.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-7986-7701>

Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia/Brasil

adriana.lessa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1524-8386>

Resumo: O presente trabalho objetiva investigar a estrutura silábica da libras, a partir de pressupostos estabelecidos sobre as línguas orais e sobre as línguas de sinais, especialmente sobre a *American Sign Language* (ASL). Para tanto, na tentativa de apontar aspectos relevantes que corroboraram a compreensão da sílaba em libras, retoma-se importantes trabalhos sobre a sílaba nessa língua, como o de Cunha (2011) e o de Aguiar (2013). Neste trabalho, todavia, a base metodológica para tal análise segue o modelo fonológico MLMov (Mão-Locação-Movimento), proposto por Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), que estabelece que a estrutura articulatória dos sinais da libras é constituída em quatro níveis hierárquicos. Objetiva-se ainda identificar o núcleo da unidade silábica da libras e descrever se há ou não funcionalidade no Princípio da Sonoridade para identificação desse núcleo. Verifica-se que um critério funcional que dê conta de identificar o núcleo silábico não seria a sonoridade, mas a obrigatoriedade.

Como resultados, aponta-se que uma sílaba em libras se constitui de uma unidade MLMov, que poderá ter as seguintes combinações em sua estrutura interna: [MLMov], [ML], [MMov] ou [M]. Dessa forma, compreende-se, por fim, que o segmento presente em todas as unidades MLMov componentes de sinais é *Mão*, sendo esse, portanto, o núcleo silábico nessa língua.

Palavras-chave: libras; fonologia; sílaba; MLMov.

Abstract: In this paper, we aim to make an analysis of the syllabic structure of *libras*, from the assumptions established about oral languages and about sign languages, especially about the American Sign Language (ASL). Therefore, in an attempt to demonstrate relevant aspects that corroborate the understanding of the syllable in *libras*, important works on the syllable in this language are resumed, such as those by Cunha (2011) and Aguiar (2013). In this paper, however, the methodological basis for such analysis follows the MLMov (Hand-Location-Movement) phonological model, proposed by Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), which establishes that the articulatory structure of *libras* signs is constituted in four hierarchical levels. It also aims to identify the core of the syllabic unit of *libras* and describe there is or there isn't functionality in the sound principle to identify this nucleus. It is verified that a functional criterion that is able to identify the syllabic core would not be the sonority, but the obligation. As a result, it is pointed out that a syllable in *libras* constitutes an MLMov unit, which may have the following combinations in its internal structure: [MLMov], [ML], [MMov] or [M]. Thus, it is finally understood that the segment present in all MLMov units of sign components is *Hand*, which is therefore the syllabic core in this language.

Keywords: *libras*; phonology; syllable; MLMov

Recebido em 08 de dezembro de 2021

Aceito em 09 de março de 2022

1 Introdução

A sílaba nas línguas orais só se estabelece como unidade fonológica na Escola de Praga, nos anos 70, embora estudos anteriores já apontassem para sua definição (HOCKETT, 1955, PIKE; PIKE, 1942), conforme Collischonn (2001). Os estudos sobre a sílaba avançam no estruturalismo até essa ser incorporada à fonologia gerativa. Sendo considerada, inicialmente, apenas no domínio fonológico, passa a ser descrita para formular restrições fonológicas (SELKIRK, 1982 apud

COLLISCHONN, 2001) e tem seus estudos ampliados até o domínio da prosódia. Nesse percurso, as investigações sobre a sílaba têm contribuído para o entendimento da fonologia das línguas orais, mas ainda assim, estudar a sílaba se mostra com muitas possibilidades de pesquisas. Para Alves (2017), a tarefa de definir uma sílaba é complexa, caracterizá-la em termos representacionais e investigar o processo de silabação têm sido um desafio que intriga muitos linguistas.

Por sua vez, de acordo com Sandler e Lillo-Martin (2006), a ideia de que os sinais em língua de sinais americana (ASL) têm uma unidade formal como a sílaba pode ser conferida a Chinchor (1978), embora até hoje ainda não tenhamos um quadro fonológico muito bem delineado, tampouco um consenso entre os autores. Já para a língua brasileira de sinais (libras), propostas sobre a sílaba começam a ser desenhadas nos anos 2000. Corroborando a fala de Alves (2017), dizemos que definir a sílaba em libras não é tarefa tão simples e caracterizá-la em termos de segmento não vocálico e não consonantal tem sido um desafio para muitos linguistas.

Desde William Stokoe (1960), as pesquisas em línguas de sinais têm crescido e conquistado seu lugar nos estudos linguísticos, inclusive contribuindo para o entendimento das pesquisas em línguas naturais de modo geral. No entanto, podemos considerar que tais estudos ainda estão “engatinhando” se comparados às línguas orais. Dessa forma, há muito que se conhecer nessa língua. Assim, muitos aspectos nos inquietam em relação à fonologia da libras, por exemplo, a existência de uma estrutura silábica.

Para entender a sílaba em línguas de sinais é imprescindível a delimitação do sinal. Para tanto alguns modelos fonológicos foram propostos a exemplo de Stokoe (1960), Lessa-de-Oliveira (2012) e Marinho (2014). Dentre esses modelos fonológicos, adotaremos em nossa pesquisa a proposta fonológica do sinal de Lessa-de-Oliveira (2012, 2019), que estabelece que a estrutura articulatória de línguas de sinais é constituída por três macrosssegmentos Mão /M/, Locação /L/ e Movimento /Mov/,¹ os quais formam um segmento, que a autora chama de unidade MLMov.

Pensando em uma língua que não se estrutura a partir de vogais e consoantes, elementos primordiais para o entendimento da sílaba nas línguas orais, como pensar em uma estrutura silábica para as línguas de

¹ Mão, Locação e Movimento são escritos com letra maiúscula, quando considerados como os macrosssegmentos propostos por Lessa-de-Oliveira (2012).

sinais? Qual é seu núcleo e como identificá-lo? E quanto ao princípio da sonoridade, esse tem funcionalidade para identificar o núcleo silábico na libras? Diante de tais questionamentos, assumimos que a sílaba em libras se estrutura a partir da unidade MLMov; o núcleo é o segmento fonológico que está presente em todos os sinais, sendo, portanto, preenchido pelo macrosssegmento /M/; e que o pico de sonoridade não deve ser considerado como critério para o reconhecimento do núcleo silábico, mas sim a obrigatoriedade de sua presença na sílaba.

Assim, aspirando apontar aspectos relevantes que possam corroborar a compreensão da sílaba em libras, nosso trabalho objetiva investigar a estrutura silábica dessa língua; identificar o núcleo da sílaba; e descrever se há ou não funcionalidade no Princípio da Sonoridade para identificação do núcleo silábico em libras.

Diante disso, ressaltamos a relevância de nossa pesquisa, visto que do ponto de vista científico, busca contribuir com a comunidade linguística, pois investigar a estrutura silábica da libras e sua função na língua contribui para descrever como a libras está organizada em termos segmentais, o que constitui atividade relevante para a nossa compreensão da linguagem como um todo.

Intentamos contribuir especialmente com a comunidade surda, já que conhecer melhor sua língua representa uma conquista para essa comunidade e suscita evidências para estabelecer identidade linguística. Ademais, constitui em mais um passo rumo à consolidação do conhecimento sobre a gramática da libras e, conseqüentemente, rumo à legitimação de sua escrita, tendo em vista que conhecer a língua na modalidade falada pode ajudar na sistematização do ensino de um sistema de escrita coerente com os elementos constitutivos dessa língua. Assim, o surdo poderá ser alfabetizado em sua própria língua, o que possivelmente contribuirá na aquisição do português, na modalidade escrita, como segunda língua (L2).

Dessa forma, traremos na próxima seção propostas da organização da sílaba nas línguas orais; na seção 3, faremos uma descrição das propostas silábicas da libras; na seção 4, abordaremos sobre a proposta fonológica MLMov; na seção 5, fazemos nossa análise e apresentamos os resultados; e por fim, na última seção, apresentamos nossas considerações finais, retomando alguns pontos que consideramos relevantes em nosso trabalho.

2 A sílaba nas línguas orais

Apesar da complexidade em torno da noção de sílaba, já apontada anteriormente, é consensual entre seus estudiosos, independentemente da concepção teórica, que se trata de uma unidade comum às línguas naturais e um elemento indispensável para o entendimento fonológico de todas as línguas. Assim, consideramos relevante trazer a noção de sílaba e um breve panorama de seus estudos antes de adentrarmos as pesquisas em línguas de sinais.

Para basear nossas discussões, trazemos uma definição de sílaba proposta por Stetson (1951, apud CAGLIARI, 1981), de acordo com quem a sílaba:

[...] é o resultado de movimentos musculares, quando os músculos da respiração modificam o processo respiratório adaptando-o ao processo da fala. Como consequência, o ar dos pulmões não sai em fluxo contínuo e pressão constante, mas em pequenos jatos que formam o suporte sobre o qual se montam os outros parâmetros da fala. A sílaba seria, portanto, o primeiro parâmetro articulatorio a ser ativado e nenhum enunciado poderia em princípio ser pronunciado sem que fosse no início montado sobre as sílabas. A segmentação da fala em sílabas seria, então, guiada por uma sensação cinestésica da ação dos músculos da respiração. (STETSON, 1951, apud CAGLIARI, 1981, p. 99.)

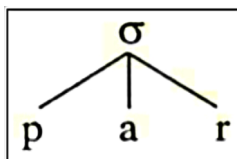
O autor traz uma explicação sobre a sílaba do ponto de vista articulatorio, explicando que podemos verificar movimento mínimo e máximo de energia desencadeado pela ação muscular.

Embora, como dissemos, os estudos fonológicos da sílaba sejam anteriores à década de 70, conforme Collischonn (2001), a sílaba só passa a ser aceita como unidade fonológica e incorporada à fonologia gerativa com os trabalhos de Hooper (1976) e Khan (1979). A partir de então, cresce o número de pesquisas a fim de compreender essa estrutura tão fundamental nos estudos fonológicos.

Conforme apontado pela literatura (cf. COLLISCHONN, 2001), existem dois grandes modelos teóricos que tratam da estrutura interna da sílaba, a Teoria Autossegmental e a Teoria Métrica. A fonologia autossegmental é uma abordagem não-linear, o que significa dizer, conforme Hora e Vogeley (2017), que a fonologia não opera apenas com segmentos e com matrizes e traços, mas também com os autossegmentos.

Segundo Collischonn (2001), Kahn (1976) propõe a Teoria Autossegmental, em que a estrutura interna da sílaba estaria disposta em camadas independentes, uma das quais representa as sílabas, estando os segmentos aí ligados diretamente. Ou seja, prevê que os três elementos que compõem a sílaba (ataque, rima e coda) se relacionam de maneira igual, ou seja, estão dispostos linearmente, conforme estrutura na fig. 01.

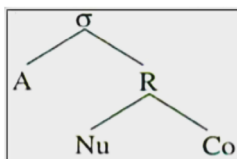
Figura 01 – Estrutura da sílaba pela Teoria Autossegmental



Fonte: Collischonn (2001, p.91).

Outra proposta é chamada de Teoria Métrica da sílaba, que se baseia em propostas feitas anteriormente por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969), segundo Collischonn (2001). De acordo com Magalhães e Battisti (2017, p. 93), a fonologia métrica “é o ramo da fonologia voltado à organização e formalização de relações de proeminência em domínios fonológicos, desde os menores, como a sílaba, até as unidades maiores, como a frase”. Tem como objeto de análise o acento. Esta teoria prevê uma relação mais estrita entre a vogal do núcleo com a consoante da coda do que esta vogal com a consoante do ataque. Ainda segundo os autores, essa teoria surge com Liberman (1975) e é implementada como modelo de análise por Liberman e Prince (1977), Selkirk (1980) e Hayes (1981, 1982). Vejamos, na fig. 02, a estrutura silábica nessa teoria.

Figura 02 – Estrutura silábica proposta na Teoria Métrica



Fonte: Collischonn (2001, p.92).

De acordo com esse modelo, a sílaba se divide em duas partes, o ataque (A) e a rima (R). A rima, por sua vez, se subdivide em outras duas partes, o núcleo (Nu) e a coda (Co). No português, o núcleo será preenchido por uma vogal, ao passo que a posição de ataque e coda, por

consoantes. Nessa organização, apenas o núcleo é o elemento obrigatório, isto é, as posições de Co e/ou A podem não ser preenchidas.

Em suma, no primeiro modelo, nós temos uma proposta não hierarquizada, os elementos mantêm uma relação de equivalência em uma estrutura linear, já a segunda proposta, a mais aceita atualmente, demonstra uma relação de hierarquia dos elementos, em que esses se estruturam em camadas.

Assim, têm-se alguns modelos propostos para buscar compreender quais são os mecanismos de análise no processo de verificação da sílaba e quais os aspectos universais e variáveis nas diversas línguas, podendo, dessa maneira, haver divergências entre os pesquisadores quanto ao modelo de análise adotado. Porém, no que se refere à concepção da sílaba como unidade fundamental nos estudos fonológicos, há um consenso entre os linguistas.

Outro consenso entre os estudiosos refere-se ao pico de sonoridade, isto significa dizer que um segmento é mais proeminente do que os que estão próximos a ele, por isso, esse é responsável pelo elemento silábico, ou seja, toda sílaba possui um elemento que é mais soante que os outros. No português, por exemplo, a sílaba é constituída por vogais e consoantes, sendo a vogal o elemento obrigatório, ou seja, o mais proeminente. Já as consoantes podem não aparecer, não são obrigatórias. Conforme Seara et al. (2019), o núcleo da sílaba nas línguas naturais pode ser preenchido por uma vogal ou por algumas consoantes especiais como as nasais e as líquidas silábicas.

Em linhas gerais, o que caracteriza uma sílaba nas línguas orais é o pico de sonoridade, sendo que o núcleo é preenchido por uma vogal, elemento mais soante e o ataque e a coda, que são ocupados por uma consoante, são as partes periféricas e menos soantes.

Assim, entendemos que a sílaba é uma estrutura fundamental na análise fonológica das línguas naturais e está presente em todas as línguas, inclusive nas línguas de sinais como a libras, mesmo que se apresente de maneira distinta das línguas orais, o que na verdade já é esperado, visto que as línguas têm uma organização fonológica própria. Dito isso, avançamos agora nos estudos da sílaba na libras, língua de modalidade gesto-visual. Assim, nos empenharemos nas próximas seções em trazer uma compreensão sobre a organização silábica da libras, pois esta análise contribuirá para a compreensão de seu sistema fonológico e da língua como um todo.

3 A sílaba em libras

À guisa de abertura desta seção, é importante ressaltar que abordaremos a descrição das propostas silábicas da libras com base em estudos da ASL e de línguas orais. Fazemos uma breve descrição de elementos que consideramos importantes na análise fonológica da sílaba em libras, a saber: a diferença de modalidade entre as línguas orais e sinalizadas, o núcleo silábico e o princípio da sonoridade.

3.1 A diferença de modalidade

Desde o primeiro estudo seminal sobre a ASL, inaugurado pelo linguista americano William Stokoe (1960), é inegável o estatuto linguístico das línguas de sinais. Podemos afirmar que as línguas de sinais, dentre elas libras, apresentam uma organização fonológica complexa comparável às línguas orais. Os estudos nessa área deram um salto nos últimos anos, mas ainda há muito que se descobrir nesse terreno tão profícuo de investigação, que é a fonologia.

Muitas áreas dentro dos estudos fonológicos merecem uma atenção mais criteriosa, no entanto, uma análise da camada suprasegmental, onde podemos encontrar a sílaba, poderá nos trazer dados para explicar muitos dos fenômenos da libras ainda inexplorados. Sandler (2008, p. 01) adverte: “Enquanto a noção de ‘sentença’ ou ‘palavra’ pode ser fácil de conceber em uma língua gesto-visual, a noção de ‘sílaba’ leva mais tempo”². Na verdade, as noções de palavra e sentença também não são de fácil entendimento, é um grande desafio, para os estudiosos, delimitar a palavra ou sinal, gerando, inclusive, a dificuldade de se entender o que é uma sílaba. Por outro lado, a autora afirma:

Para demonstrar de forma convincente que é útil adotar o termo ‘sílaba’ na descrição de línguas percebidas visualmente, devemos mostrar que a unidade assim rotulada possui uma similaridade significativa com as sílabas das línguas orais. (SANDLER, 2008, p.07 tradução nossa)³

² While the notion of ‘sentence’ or ‘word’ may be easy to conceive of in a manual-visual language, that of ‘syllable’ takes more convincing.

³ “In order to demonstrate convincingly that it is useful to adopt the term ‘syllable’ in the description of visually perceived languages, we must show that the unit so labeled bears significant similarity to the syllables of spoken languages.”

Embora estejamos falando de línguas naturais, em uma análise de uma língua de sinais, como a libras, é preciso considerar a diferença de modalidade, visto que estamos diante de uma língua gesto-visual e não oroauditiva, modalidade para a qual são voltados todos os estudos na tradição linguística. Cunha (2011) salienta que considerar a modalidade é uma possibilidade de restringir as diferentes interpretações em torno da sílaba nas línguas de sinais, a fim de elaborar um construto teórico para essas línguas.

Existem duas grandes vertentes em relação a essa análise, uma baseada nas teorias fonológicas de línguas orais como, por exemplo, Liddell e Johnson (1984 apud SANDLLER; LILLO-MARTIN, 2006); e outra que advoga que não se deve buscar tal analogia, sendo necessário pensar em modelos que contemplem as línguas de sinais. Hulst (1993) adverte sobre a utilização de modelos fonológicos baseados unicamente nas línguas orais. Para o autor, é necessário buscar, no estudo de línguas de sinais, um modelo mais abrangente baseado em princípios gerais. Em nosso trabalho, buscamos não negar a diferença de modalidade, mas consideramos indispensável lançar um olhar para os pressupostos teóricos da fonologia das línguas orais, pois eles nos darão suporte para investigar as línguas de sinais. Nosso entendimento é que tais teorias embasam, na verdade, os estudos sobre as línguas naturais, sejam elas orais ou sinalizadas.

Obviamente, como dissemos, a diferença de modalidade será considerada no escopo do nosso trabalho, pois mesmo a libras apresentando um tipo de segmento silábico que é comum às línguas naturais, possui características que pertencem unicamente a sua modalidade. Pensando nisso, adotaremos em nossa análise um modelo fonológico compatível com a modalidade gesto-visual da libras. Trataremos desse assunto na seção 4.

Ao olhar para as línguas de sinais, observamos que, assim como as línguas orais, elas são organizadas a partir de princípios. Existe um padrão fonético-fonológico para constituir os sinais o que pode variar de uma língua de sinais para outra, assim como existem padrões fonético-fonológicos da língua portuguesa que não são encontrados na língua inglesa, por exemplo, pão [‘pẽw̃]. O inverso também acontece, de modo que uma sequência sonora como through [θru:] é possível em inglês, mas não em língua portuguesa. Isso provavelmente ocorre em línguas de sinais, como a libras e a ASL. Assim, se existem diferenças entre línguas da mesma modalidade, é provável haver ainda mais diferenças entre

modalidades distintas. Observa-se, dessa maneira, que o conhecimento da sílaba se torna relevante para entendermos o funcionamento de qualquer língua, apontando suas diferenças, mas também similaridades o que corrobora a fala de Sandler (2008):

Como as línguas orais, as línguas de sinais têm sílabas (...). Como unidade prosódica da organização dentro da palavra, as sílabas da língua de sinais têm certas semelhanças significativas com as das línguas orais. Tais semelhanças ajudam a esclarecer propriedades universais da organização linguística, independentemente da modalidade. No entanto, a forma e organização das sílabas nas duas modalidades são bastante diferentes, e argumentarei que essas diferenças são igualmente esclarecedoras. (SANDLER, 2008, p.01 tradução nossa)⁴

A autora ainda comenta que as semelhanças mostram que as línguas orais e de sinais refletem o mesmo sistema cognitivo, mas que as diferenças confirmam que aspectos chave da estrutura fonológica devem derivar de um sistema de transmissão físico, resultando em sistemas fonológicos distintos.

Dessa forma, entendemos que, por serem línguas naturais, tanto as línguas orais quanto as de sinais vão apresentar similaridades, aspectos gramaticais que fazem parte dos princípios universais, mas também, não apenas por conta da diferença de modalidade, vão apresentar diferenças, visto que cada língua é única e, conforme Cagliari, “Cada língua tem um modo especial de preencher as sílabas em função das suas necessidades estruturais” (CAGLIARI, 1981, p.105).

A despeito das diferenças entre as línguas, autores como Brentari (1995), Sandler e Lillo-Martin (2006) reconhecem que ainda não há um consenso entre os pesquisadores sobre a melhor maneira de se caracterizar a estrutura da sílaba nas línguas de sinais. Todavia, notamos

⁴ “Like spoken languages, sign languages have syllables (...). As a prosodic unit of organization within the word, sign language syllables bear certain significant similarities to those of spoken language. Such similarities help to shed light on universal properties of linguistic organization, regardless of modality. Yet the form and organization of syllables in the two modalities are quite different, and I will argue that these differences are equally illuminating. The similarities show that spoken and signed languages reflect the same cognitive system in a nontrivial sense. But the differences confirm that certain key aspects of phonological structure must indeed be derived from the physical transmission system, resulting in phonological systems that are in some ways distinct.”

que a presença de uma estrutura silábica nas línguas de sinais é fator indiscutível, mas em relação ao que é a sílaba e qual é seu núcleo, esses são pontos ainda a serem superados.

3.2 As propostas em torno do núcleo da sílaba em libras

Ainda não temos muitos estudos sobre a sílaba em libras, apenas dois trabalhos se destacam, precisamente duas pesquisas de mestrado, a de Cunha (2011) e a de Aguiar (2013); e, a despeito de serem estudos importantes e esclarecedores, não dão conta da riqueza que se apresenta no sistema fonológico no que diz respeito à sílaba. Tais estudos, apesar de manterem algumas ideias convergentes, divergem em muitos aspectos, especialmente em relação ao núcleo silábico. Baseados em estudos da ASL, ambos os autores elaboraram uma proposta silábica para libras. As propostas, de modo geral, discutem sobre identificação do núcleo da sílaba e sobre o princípio da sonoridade, levando em conta os princípios das línguas orais.

Nas línguas orais, é comum percebermos uma organização fonológica em torno da sílaba que caminha de certa forma na mesma direção. Como as sílabas das línguas orais se organizam em vogais e consoantes, seu núcleo é constituído pelo elemento mais soante e há uma escala de sonoridade crescente do ataque para o núcleo e decrescente do núcleo para a coda.

Nas línguas de sinais, obviamente não temos consoantes e vogais, no entanto, autores como Liddell e Johnson (1984 apud SANDLLER; LILLO-MARTIN, 2006) afirmam que existe uma sequência na alternância estático-dinâmica organizada que pode ser comparada às consoantes e vogais. Assim, fazem uma analogia propondo a possibilidade de os sinais serem divididos em dois segmentos *Hold-Movement (H-M)*, em português Suspensão e Movimento, sendo H-M, para os autores, correspondentes à consoante e à vogal das línguas orais. Para Liddell e Johnson, esses segmentos corresponderiam aos fonemas e o que comumente chamamos de parâmetros (configuração de mão, localização e orientação da palma)⁵ seriam os traços articulatórios, como explica Xavier (2006).

⁵ Configuração de mão, locação, movimento, orientação da palma e expressões faciais e/ou corporais são nomeados na literatura como parâmetros (cf. QUADROS e KARNOPP, 2004; BRITO, 2010, dentre outros). Não mencionamos o ‘movimento’ nessa lista porque esse corresponde ao M da proposta de Liddell e Johnson, e esses autores não mencionam as Expressões Não Manuais - ENMs. Os autores tratam a CM, L e Or como traços.

Sandler e Lillo-Martin (2006) chamam atenção para o fato de que o uso dos termos ‘sílabas’ e ‘sonoridade’, ‘consoantes’ e ‘vogais’ em relação à língua de sinais são meramente metafóricos, não é possível uma relação direta. Comentam ainda que sílaba, em seu conceito formal, tem analogia na ASL, mas que suas propriedades fonéticas e fonológicas são bem diferentes da língua oral.

Cunha (2011), em sua análise da sílaba na libras, se apoia na hipótese de Suspensão e Movimento e considera o movimento como o núcleo da sílaba. Segundo a autora, além de ser o segmento dinâmico no sinal é o que mais se destaca na sinalização. Cunha ainda observa, no momento da enunciação, a presença de vários intervalos entre um sinal e outro e maior visibilidade de um parâmetro em relação aos demais. Para ela, esses intervalos e visibilidades estão relacionados ao movimento. A autora afirma que “a sílaba em LS [Língua de Sinais] é aquele elemento da língua que pode ser melhor visualizado e produzido com maior ênfase pelo sinalizante, e seu núcleo está ligado ao elemento de maior visibilidade, o movimento” (CUNHA, 2011, p.46). Para ela, “a sílaba na Libras é o movimento” (p.08), que também constitui o seu núcleo.

Brentari (1995), assumindo a sílaba como um elemento universal, argumenta sobre a existência dessa unidade nas línguas de sinais, apontando que as palavras bem formadas nas línguas devem conter pelo menos uma sílaba. Conforme a autora, “Nas línguas orais, uma vogal é inserida para garantir a boa formação e, no caso das línguas de sinais, um movimento é inserido pelo mesmo motivo”⁶ (BRENTARI, 1995, p.696). Sandler e Lillo-Martin (2006) ainda acrescentam que isso é válido, mesmo sendo um movimento de transição. Com isso, autores como Sandler e Lillo-Martin (2006); Brentari (1995) e Cunha (2011) assumem que o movimento é o núcleo da sílaba.

Em relação à libras não há estudos suficientes que reforcem o argumento de Brentari (1995) segundo o qual, para a boa formação do sinal, deva existir a presença de um movimento, mas concordamos com ela ao dizer que todo sinal na libras precisa ter uma sílaba. Apesar de Cunha (2011) não apresentar o argumento da boa formação do sinal em libras, fica clara essa posição, já que a autora assume o movimento como o núcleo, elemento presente em todas as sílabas, logo em todas

⁶ “In spoken languages a vowel is inserted to insure well-formedness, and in the case of signed languages a movement is inserted for the same reason.”

as palavras. Podemos inferir com isso, que também para a autora, um sinal na libras bem formado precisa da presença de pelo menos um movimento, já que também considera o movimento transicional como elemento da sílaba, ou melhor, pode ser inclusive a própria sílaba. Para reforçar seu argumento, ela buscou observar a língua em um escopo mais amplo, partindo do enunciado como um todo, para então fazer a análise da sílaba, conforme vemos na citação a seguir.

Assim, foi possível visualizar elementos que se destacam durante a produção linguística. Verificou-se que todo e qualquer movimento realizado durante a enunciação é considerado núcleo da sílaba, seja ele fonológico ou não. (CUNHA, 2011, p. 133)

Sandler (2008) define a sílaba, como proposto por Brentari (1995), como um movimento, seja no percurso do movimento das mãos de uma locação para outra, movimento interno das mãos ou ambos simultaneamente. Para Sandler (2008), os sinais podem ser de quatro tipos: monomorfêmicos e monossilábicos; monomorfêmicos e dissilábicos; bimorfêmicos e monossilábicos; e bimorfêmicos e dissilábicos, conforme fig. 03.

Figura 03 – As diferentes relações entre sílabas e unidades significativas nas línguas de sinais

ω μ σ	ω μ ^ σ σ	ω ^ μ μ v σ	ω ^ μ μ σ σ
monomorphemic monosyllabic words	monomorphemic disyllabic words	bimorphemic monosyllabic words	bimorphemic, disyllabic

Fonte: Sandler (2008, p. 06).

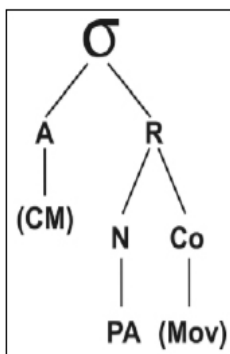
Diferentemente do posicionamento de Sandler e Lillo-Martin (2006), que afirmam que todos os sinais em ASL possuem movimento, Aguiar (2013) argumenta que há sinais na libras que não têm movimento, por isso, se posiciona de forma contrária em relação ao movimento como núcleo. Tanto Sandler e Lillo-Martin (2006) quanto estudiosos da libras, como Cunha (2011), que apontam não haver sinais nessa língua sem movimento, apoiam essa proposta, levando em conta os movimentos de transição, isto é, aqueles movimentos que acontecem ou na saída do estado de repouso para a realização de um sinal ou na mudança de um

sinal para outro. Mas para Aguiar (2013), um movimento transicional não compõe a estrutura do sinal.

Aguiar (2013) assume o que foi proposto por Selkirk (1982), que postula que existe uma relação de força sobre a sílaba quanto ao preenchimento das posições de ataque e coda. Para Aguiar, citando Selkirk (1982), o núcleo tem mais força que o ataque e o ataque mais que a coda. Dessa forma, aplicando à libras, Aguiar (2013) chega à conclusão de que a configuração de mão (CM) tem mais força que o movimento (Mov). Dessa forma, a sílaba em libras seria: ataque, CM; núcleo, ponto de articulação (PA); e coda, Mov. Tanto a CM quanto o Mov podem não estar presentes em alguns sinais. Quanto à orientação da mão, ele aponta que a orientação da palma está atrelada a CM, se não houver CM também não haverá uma Orientação (Or). Assim, o autor não focaliza a visualidade como os outros autores, mas a força de um segmento sobre o outro, que em linhas gerais vai se assemelhar à visualidade. No nosso entendimento, essa força seria uma tentativa de equivalência à sonoridade, o que também é questionável, pois, ao que parece, essa força está relacionada à recorrência do segmento no sinal. O autor justifica essa estrutura (fig. 04) apontando que existem muito mais sinais com CM e sem Mov do que o inverso, portanto o campo CM estará mais vezes preenchido.

Em sua proposta de segmento com mais força, o autor elabora uma estrutura para a sílaba similar a da Teoria Métrica, como se observa na fig. 04:

Figura 04 – Estrutura da sílaba para a libras



Fonte: Aguiar (2013, p.53).

Outra justificativa do autor refere-se à dependência do movimento ao ponto de articulação. Para ele, o movimento só é executado, quando a mão chega ao PA esperado, já a CM pode estar em seu formato esperado para a produção do sinal, antes mesmo de a mão estar posicionada em seu ponto de articulação esperado. Isso demonstra que a CM teria maior força do que o Mov. Nesse sentido, Aguiar (2013) comenta:

Nesta estrutura o Ataque e a Coda seriam opcionais, configurando como obrigatório e único: o Núcleo (PA), porém, seria sempre necessário haver a presença de pelo menos um dos dois elementos satélites (CM ou Mov) para a constituição da sílaba, pois não encontramos sinais em Libras constituídos apenas por Ponto de Articulação. Poder-se-ia pensar em um Ataque dividido em Configuração de Mão e Orientação de Palma, porém, como a existência do segundo está diretamente ligada à do primeiro e seguindo a definição de Sandler e Lillo-Martin (2006), optamos por conceber a estrutura da sílaba como foi apresentado. (AGUIAR, 2013, p.53)

Dessa forma, Aguiar (2013) estabelece o ponto de articulação como núcleo da sílaba, justificando ser esse o segmento que sempre aparecerá no sinal, pois, para o autor, tanto as partes do corpo quanto o espaço neutro (espaço de sinalização em frente ao corpo) também serão considerados ponto de articulação. Mesmo Aguiar (2013) não estabelecendo o critério visualidade, postulado por outros autores, o autor se baseia no critério de força para preencher as posições de ataque e coda. Em nosso entendimento, o critério utilizado por Aguiar é o da obrigatoriedade e não o de força como ele aponta.

3.3 A sonoridade nas línguas de sinais

Dentro dos estudos fonológicos sobre as sílabas nas línguas orais, além de existir o consenso da vogal como núcleo silábico, como apresentado, essas línguas também apresentam o que se chama de Princípio da Sonoridade, considerado como um fator decisivo na constituição da estrutura silábica. Autores como Câmara Jr. (2013), Cagliari (1981) e Collischonn (2001) corroboram as pesquisas nesse sentido. A sonoridade é, pois, um elemento fundamental na definição da sílaba, como dito na seção 2, e o núcleo é preenchido pelo segmento mais soante. No caso do português, as vogais e os elementos com menos

sonoridade, segmentos consonantais, ocupam as áreas periféricas da sílaba, ataque e coda.

Definir a unidade mais soante, ou pico de sonoridade, nas línguas orais é uma tarefa aparentemente consensual, pois parece não haver dúvidas quanto a isso. Em contrapartida, em relação às línguas de sinais, há divergências quanto à aplicação desse princípio. Ao nosso primeiro olhar, diríamos imediatamente não haver esse princípio nas línguas de sinais, visto ser óbvio por conta da modalidade gesto-visual. No entanto, conforme Brentari (1995), autores como Corina (1990); Perlmutter (1992); Sandler (1993); Brentari (1993) propuseram, com base na visualidade, uma hierarquia de sonoridade para as línguas de sinais. Como podemos observar na argumentação de Brentari (1995).

Essa hierarquia de sonoridade está embutida na estrutura dos recursos prosódicos (...) pois os movimentos representados pelas articulações proximais mais altas na estrutura são mais visíveis do que aqueles articulados pelas articulações distais representadas abaixo na estrutura. Por exemplo, movimentos executados pelo pulso são tipicamente maiores e mais facilmente vistos de longe do que aqueles articulados pela mão. (BRENTARI, 1995, p.696 tradução nossa)⁷

Dessa maneira, os autores citados admitem haver nas línguas de sinais um elemento mais proeminente, ou seja, um segmento mais visual do que outro. Wilbur (1986) também concorda com esse posicionamento e menciona que um olhar mais atento para os sinais revela que certos eventos motores parecem apresentar mais proeminência que outros. Nesse quesito, pensando em uma relação de equivalência, parece haver uma correspondência entre sonoridade e visualidade, o que é mais sonoro nas línguas orais equivale ao que é mais visual nas línguas gesto-visuais. No entanto, definir o mais visual não nos parece uma tarefa tão simples. Cunha (2011, p. 54) observa: “os parâmetros são organizados simultaneamente na produção dos sinais e alguns se destacam mais, outros menos”. Aquele que se destaca mais seria o elemento mais visual.

⁷ “Such a sonority hierarchy is built into the prosodic features’ structure (...) since movements represented by the more proximal joints higher in the structure are more visible than those articulated by the distal joints represented lower in the structure. For example, movements executed by the wrist are typically larger and more easily seen from further away than those articulated by the hand.”

De fato, os parâmetros se organizam simultaneamente, mas definir o movimento como o mais visual numa realização simultânea de segmentos não é tão óbvio. Para que haja movimento é necessária a presença de um corpo, sem o qual não há movimento. Por exemplo, na realização de um sinal, a mão parada ainda é possível ser vista, mas o contrário, o movimento sem a mão é impossível. Vemos assim, uma dependência do movimento em relação à mão. Em outras palavras, podemos dizer que o que vemos na língua sinalizada é uma mão que realiza ou não um movimento, envolvendo ou não determinada parte do corpo.

Sandler e Lillo-Martin (2006) chamam essa noção de sonoridade de saliência visual e encontram nisso algumas evidências para sugerir que essa desempenha um papel na forma de signos. No entanto, as autoras mostram que uma comparação direta com a sonoridade das línguas orais é prematura e provavelmente insustentável, dadas as propriedades radicalmente diferentes da transmissão dos sistemas nas duas modalidades. As autoras apresentam o termo saliência visual, sustentando que isso aproximará mais essa análise de uma teoria fonológica.

Diferentemente de autores como Brentari (1990, 1998), Perlmutter (1992) e Sandler (1993), citados por Sandler (2008), que propõem uma analogia entre sonoridade e saliência visual, essa autora considera pouco provável que sonoridade nas línguas orais equivalha a uma saliência visual nas línguas de sinais, ao afirmar que:

A dificuldade de encontrar um paralelo a esse respeito decorre de uma diferença na arquitetura dos dois sistemas de transmissão. Na língua oral, a fonte de energia são os pulmões, e a sonoridade relativa do sinal acústico é determinada pelas propriedades do filtro, o trato vocal. A língua de sinais não tem essa distinção entre fonte de sinal e filtro: o sinal é percebido diretamente. (SANDLER, 2008, p. 11 tradução nossa)⁸

Cunha (2011) adota a possibilidade de haver essa equivalência na libras em relação ao pico de sonoridade e admite, em sua pesquisa, que o parâmetro movimento é o segmento mais proeminente, ou seja, mais visual.

⁸ “The difficulty in finding a parallel in this regard stems from a fundamental difference in the architecture of the two transmission systems. In spoken language, the source of energy is the lungs, and the relative sonority of the acoustic signal is determined by properties of the filter, the vocal tract. Sign language has no such distinction between signal source and filter: the signal is perceived directly.”

Figura 05 – Sinal HOMEM



Fonte: Cunha, (2011, p.90).

Nesse exemplo, na sinalização HOMEM, a autora relata perceber que o parâmetro mais saliente, em relação aos demais, é o movimento.

Principalmente, porque todos os sinais observados apresentaram algum movimento – de direção, interno, secundário, de apontação, contorno, balanço ou transicional. Mesmo em sinais isolados, encontrados nos dados de controle, é possível observar a presença destes movimentos, mostrando a saliência visual. (CUNHA, 2011, p. 101)

Notamos a partir do excerto que o que a autora aponta para identificar a saliência no parâmetro movimento é, na verdade, a recorrência e não, de fato, a proeminência, embora, em momento posterior, ela reconheça a necessidade de adotar uma escala de comparação entre os tipos de movimento, a fim de observar quais são os movimentos mais perceptíveis.

Outro posicionamento acerca da sílaba para libras, encontramos em Aguiar (2013), que não adota a hipótese de saliência visual, mas apresenta o núcleo como aquele de maior força, não considera o movimento para essa posição, mas a locação, porém admite que esta não parece atender ao critério da visualidade.

Analisando bem este item das LS, vemos que ele pode não parecer (*e apenas não parecer mesmo!*) o mais visível, contudo é o único que aparece em todos os sinais. Não há a possibilidade de se executar um sinal sem a Locação, pois todo sinal precisa ser produzido em algum lugar do corpo (ou próximo dele). (AGUIAR, 2013, p. 49 grifo nosso)

Notamos, diante dos estudos analisados nesta seção, que a questão da saliência visual não parece um critério satisfatório para identificar a sílaba e seu núcleo, pois ao que percebemos, definir o que é mais visual não parece ser uma tarefa tão trivial. Ademais, com relação às línguas orais, é possível estabelecer que a sequência de elementos no ataque e na coda não pode ter a mesma escala de sonoridade (SEARA, et al. 2019). Observamos que, na escala de sonoridade de línguas orais, participam dois segmentos diferentes, vogal e consoante. No entanto, segundo Sandler (2008), autores como Brentari (1990, 1998), Perlmutter (1992) e Sandler (1993), que admitem a sonoridade visual, aplicam esse princípio de modo distinto.

Na hierarquia de sonoridade das línguas de sinais, observada na tabela 01, nota-se que Brentari (1998 apud CUNHA, 2011) estabelece uma escala de comparação da sonoridade de línguas de sinais com a das línguas orais, propondo uma equivalência das juntas (locação) ombro, cotovelo, punho, etc. aos traços nas línguas orais. Vejamos:

Tabela 01– Hierarquia de sonoridade das línguas de sinais e línguas orais

Para movimentos com sinais simples			Para a fala (KENSTOWICZ, 1994)	
Traços	Juntas	Valor da Sonoridade	Traços	Valor da Sonoridade
grupo	ombro	6	vogais	5
direção	cotovelo	5	glides	4
orientação	punho	4	líquidas	3
abertura	metacarpo	3	nasais	2
	interfalangeal	2	obstruintes	1

Fonte: Brentari (1998 apud CUNHA, 2011, p.56)

Ao que percebemos, as juntas às quais a autora se refere, são partes do corpo ou da mão, o que nos sugere que não é o movimento, apenas, o responsável por essa sonoridade, mas o movimento aplicado às partes do corpo, o que desabilita esse segmento de ser considerado o mais sonoro/visual. Brentari (1995) defende que movimentos executados pelo punho são maiores e mais facilmente vistos de longe do que aqueles articulados pela mão. Contudo, podemos afirmar que o que vemos de longe ou de perto são os punhos ou as mãos em movimento, portanto, consideramos que a visualidade não pode ser atribuída a um único parâmetro, mas à combinação deles.

Dessa forma, observamos que mesmo com as contribuições dos autores citados, especialmente dos estudiosos da libras, ainda temos muito o que investigar sobre a sílaba nessa língua. Certamente adentraremos nessas questões na seção dedicada à nossa análise, mas já antecipamos nossas reflexões, dizendo que, por mais empenho que façamos, provavelmente não conseguiremos sanar todos os nossos questionamentos acerca desse objeto tão rico e vasto que é a sílaba na libras. Para dar prosseguimento a essa discussão, na tentativa de uma análise coerente com a modalidade gesto-visual da língua, apresentamos na próxima seção o modelo fonológico que utilizamos em nossa análise.

4 A delimitação do sinal e a proposta fonológica MLMov

Uma importante questão posta por Cunha (2011), com a qual concordamos, é que a delimitação do sinal é um fator primordial na análise de uma língua sinalizada. Contudo, definir o que é um sinal na libras sempre se mostrou uma árdua tarefa para os estudiosos, à semelhança do que ocorre nas línguas orais ao delimitar, no contínuo de fala, onde começa e onde termina uma palavra. Nas línguas de sinais, o desafio parece ser ainda maior, devido a sua característica tridimensional. Todavia, entender o que constitui o sinal e sua delimitação interna é crucial para se estabelecer o que é a sílaba nas línguas de sinais. Concernente a esse desafio, Xavier (2006) afirma que:

Uma das primeiras e, talvez, uma das mais complexas questões que surgem quando se tenta estabelecer a estrutura segmental de um sinal diz respeito à sua delimitação no *continuum* sinalizado, ou seja, à determinação do momento em que ele começa a ser articulado, e do momento em que sua articulação é finalizada. Essa delimitação é decisiva para estabelecer quantos e quais segmentos constituem um sinal. (XAVIER, 2006, p. 118).

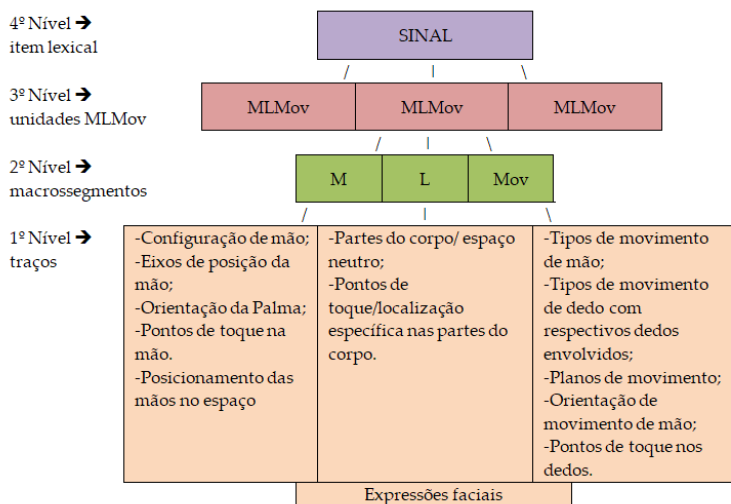
Assim, assumiremos como estrutura articulatória do sinal a unidade MLMov, proposta por Lessa-de-Oliveira (2012, 2019). Com base nessa estrutura segmental, podemos compreender as unidades fonológicas que constituem um sinal e suas ordenações. Isso é de extrema relevância já que pretendemos entender a estrutura da sílaba em libras.

Segundo a proposta de Lessa-de-Oliveira (2012, 2019), o sinal se compõe de um tipo de unidade que a autora chama de MLMov (Mão,

Locação e Movimento). Conforme a autora, essa unidade é constituída de três tipos de macrosssegmentos, os quais são formados por traços distintivos imbricados, que são o que a literatura, de modo geral, tem chamado de parâmetros e muitas vezes equiparado a fonemas das línguas orais. Essa distinção, a nosso ver, é o diferencial da MLMov, pois apresenta uma análise que contempla o nível dos traços como o primeiro e mais elementar nessa estrutura.

Stokoe (1960) já havia, inicialmente, proposto como elementos articulatórios do sinal a configuração de mão, a locação e o movimento, tratando-os por quiremas. Diferentemente, Lessa-de-Oliveira (2012, 2019) apresenta uma estrutura segmental hierárquica composta de 4 níveis articulatórios, em que o primeiro nível é constituído pelos traços formantes de três tipos de macrosssegmentos: Mão (ou /M/) , onde se encontram os traços configuração de mão, eixo de posição da mão, orientação de palma, ponto de toque na mão e posicionamento da mão no espaço; Locação (ou /L/), no qual se encontram os traços parte do corpo e pontos de toque; e Movimento (ou /Mov/), em que se tem os traços tipo de movimento de mão e de dedos, plano de movimento, orientação da palma e pontos de toque nos dedos. No segundo nível, encontram-se os macrosssegmentos /M/, /L/ e /Mov/; no terceiro nível formam-se as unidades MLMov e por fim, no quarto nível encontram-se os sinais (ou palavras). Quanto à expressão facial, a autora assume que esse é um traço importante na estrutura do sinal, embora ela, até o momento, não os tenha colocado em nenhum dos macrosssegmentos. Assim, Lessa-de-Oliveira representa a estrutura segmental hierárquica do sinal conforme fig. 06:

Figura 06 – Estrutura articulatória do sinal conforme proposto Lessa-de-Oliveira (2012, 2019)



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019, p. 111).

Dito isso, iniciamos, na seção que segue, uma verificação da sílaba em libras e a identificação dos elementos que a compõem, ataque, núcleo e coda, baseando-nos na estrutura hierárquica do sinal como estabelecida no modelo MLMov.

5 Discussões e resultados

Nesta seção, empreendemos o desafio de contribuir com a descrição do sistema fonológico da libras especificamente quanto à estrutura silábica. Para tanto, com base na estrutura fonológica MLMov, com a qual delimitamos o sinal na libras, faremos uma análise da estrutura articulatória do sinal, identificando a sílaba e apontando qual é o seu núcleo, bem como o critério que utilizamos em nossa análise.

5.1 O Princípio da Sonoridade e sua aplicação na libras

Um critério utilizado para estabelecer o movimento enquanto núcleo foi o Princípio da Sonoridade que, nas línguas de sinais, como vimos, é substituído pela visualidade ou saliência visual, isto é, o núcleo seria o segmento mais visual na língua, conseqüentemente, o que seria obrigatório em todas as sílabas. Já os elementos que constituiriam as posições de ataque e coda seriam menos visuais e não seriam obrigatórios. No entanto, tal posicionamento não nos parece uma decisão assertiva, já que esse critério de proeminência da visualidade (mais visual e menos visual) não ficou esclarecido satisfatoriamente. Não fica claro como distinguir o elemento mais visual e o critério utilizado para definir essa escala de visualidade nas línguas de sinais parece ser um tanto quanto subjetivo, pois o que pode ser mais visual para uma pessoa pode não ser para outra. Ademais, notamos que mesmo considerando essa visualidade, o mais visual em libras estaria mais atrelado à combinação do segmento movimento aos segmentos mão ou locação do que ao movimento em si.

Cunha (2011), Sandler e Lillo-Martin (2006) e Wilbur (1986) consideram o movimento como o segmento mais visual. Já Aguiar (2013) e Passos (2018) não assumem o critério visualidade na sílaba, mas o elemento de maior força, que seria, para esses autores, o ponto de articulação (ou locação). Nós, por outro lado, poderíamos eleger /M/ como o componente mais visual, mais proeminente, já que é o macrossegmento mais concreto no sinal, pois, além de a mão, na atuação como elemento fonológico, apresentar-se sempre configurada, num eixo e orientação de palma específicos, trata-se da executora do movimento, isto é, o movimento em si não existe sem um executor e este é a mão. Quanto ao espaço neutro, esse não é visto, não marca presença visual na composição do sinal. Assim, podemos dizer, a nosso ver, que o que nos salta aos olhos na sinalização são as mãos. Mas não aderimos à utilização desse critério em nossa análise, por reconhecer que precisamos de critério melhor estruturado.

Nas línguas orais, por outro lado, parece não haver divergências quanto à sonoridade, pois é algo muito perceptível. Em língua portuguesa, por exemplo, o falante nativo, mesmo não tendo conhecimento teórico algum sobre sílaba, parece inconscientemente saber o número de sílabas que se tem em uma cadeia de fala. Conforme Câmara Jr. (1977), o falante tem consciência do número de sílabas da cadeia fônica e, afirma ainda que a aquisição e estruturação da língua na mente infantil são baseadas na sílaba. O mesmo não parece acontecer com uma língua de sinais

como libras, na qual o falante nativo, provavelmente terá dificuldades em apontar o que é mais visual em uma cadeia de fala.

Conforme Sandler e Lillo-Martin (2006), a literatura sobre sílabas e sonoridade na língua de sinais é confusa, em parte porque as conclusões de diferentes pesquisadores geralmente têm diferentes bases empíricas. E em parte, podemos acrescentar, porque essas bases empíricas são, em sua maioria, das línguas orais.

Por considerar a hipótese da sonoridade, saliência visual ou visualidade, um critério além de confuso, como disseram as autoras, não funcional, não o estabelecemos como critério para definir o núcleo silábico. Assim, entendemos que o princípio que rege a libras é a obrigatoriedade do segmento na sílaba, como acontece com o núcleo, ocupado, no português, pelas vogais.

5.2 Identificando o núcleo da sílaba

Descartado o critério da sonoridade, nos propomos nesta seção a apresentar o critério obrigatoriedade como sendo funcional para identificar o núcleo da sílaba em libras. Sendo assim, o núcleo é aquele que está presente em todos os sinais (mais especificamente, em todos os segmentos silábicos dos sinais), portanto, não poderá ser o movimento como argumenta Cunha (2011), embasada em Liddell e Johnson (1984), pois se verificam muitos sinais na libras que não apresentam movimento. Nesse sentido, Felipe (2001) e Aguiar (2013) também afirmam que existem sinais na libras sem movimento, como no exemplo dado por Xavier e Barbosa (2014) nas fig. 07 e fig. 08.

Figura 07 – OITO (sem movimento)



Figura 08 – OITO (com movimento de punho)



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384).

Nos sinais apresentados, os autores identificam uma variação no parâmetro movimento, dois diferentes padrões, em que um deles consiste na possibilidade de realizar certos sinais sem ou com movimento. No exemplo, trata-se da variação da realização do numeral OITO, que tanto pode ser articulado com ou sem movimento. Assim, é perceptível que existem sinais na língua sem movimento.

Quanto a isso, autores (CUNHA, 2011; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006; e WILBUR, 1986) que assumem o movimento como núcleo da sílaba asseveram que todo sinal tem um movimento. Consoante a afirmação de Liddell (1984, apud BRENTARI, 1995, p. 695):

Um ponto de consenso quase completo entre os modelos de fonologia da língua de sinais é que os movimentos são os núcleos da sílaba. Essa idéia tem sua origem na correlação entre a função dos movimentos e a função das vogais em línguas faladas (LIDDELL, 1984)⁹.

Autores que adotam essa perspectiva consideram que mesmo não tendo um movimento fonológico, o núcleo da sílaba será um movimento transicional, como podemos observar no exemplo dado por Cunha (2011), na fig. 09.

Figura 09 – Quadros com o movimento transicional para articulação do sinal CASA



Fonte: Cunha (2011, p.99).

⁹ “One point of nearly complete consensus across models of sign language phonology is that the movements are the nuclei of the syllable. This idea has its origin in the correlation between the function of movements and the function of vowels in spoken languages”

O sinal CASA em libras é articulado sem movimento, no entanto, em sua análise, a autora considera que a presença do movimento é indispensável e mesmo que não tenha um movimento fonológico é necessário certo movimento para que a mão ocupe determinado lugar no espaço, posicionada para alguma direção. “O movimento de preparação para o sinal não é um movimento fonológico, mas sim, um movimento transicional, por isso alguns autores não o consideram como núcleo de sílaba em Ls” (CUNHA, 2011, p. 99). O movimento de transição refere-se tanto ao movimento de deslocamento da mão do estado de repouso para início da realização do sinal, quanto à mudança de um sinal para outro.

Levando em consideração que, na análise da autora, o movimento transicional é a sílaba, qual seria então seu núcleo no exemplo CASA? Sendo, conforme a autora, o núcleo um movimento de transição, ainda que não fonológico, no caso do exemplo citado, o núcleo seria, então, o movimento, em que as mãos partem do estado de repouso até a consumação do sinal. Dessa forma, tanto a sílaba quanto seu núcleo é o movimento de transição. Quanto ao fato de a autora assumir que a sílaba em libras e seu núcleo podem ser um elemento não fonológico, chamamos a atenção para o que afirma Hulst (1993), que adverte que o movimento de transição não faz parte do domínio fonológico, visto que não possui caráter distintivo. Ou seja, o movimento de transição não faz parte da estrutura articulatória do sinal. Portanto, parece-nos estranha a indicação desse tipo de movimento como um componente da sílaba.

Ainda nesse sentido, nos embasamos em Cagliari (1981) para reforçar nossa hipótese. “As sílabas são o suporte da fala e são preenchidas por segmentos fonéticos”. (CAGLIARI, 1981, p.105). Assumimos assim, que a sílaba só poderá ser construída por unidades fonológicas do tipo MLMov (com suas variações internas) e seu núcleo será preenchido pelo segmento que sempre estará presente em cada unidade.

A partir do nosso conhecimento sobre a libras e da verificação de sinais no dicionário (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001)¹⁰, constatamos que existem sinais sem movimento, como CASA, EM PÉ, OITO, PENSAR, CRUZ etc. Além disso, se considerarmos que um movimento transicional, elemento não fonológico, não pode fazer parte da sílaba, então, pensando no critério obrigatoriedade, o macrosssegmento /Mov/ não

¹⁰ Os sinais utilizados em nossa pesquisa foram retirados do dicionário Capovilla e Raphael (2001), por ser o dicionário mais robusto e mais utilizado nas pesquisas em libras.

pode ocupar a posição de núcleo silábico. De igual maneira, é provável que se levante a possibilidade de se considerar também a existência de sinais sem o macrosssegmento /M/, como SEXO, LADRÃO/ROUBAR, BOCHECHAR e MASTIGAR. De antemão, já ressaltamos que, para a maioria desses ‘sinais realizados sem a mão’, existe o sinal correspondente realizado com a presença da mão. Muitos deles são considerados gírias e há um número bastante reduzido desse tipo de ocorrência na línguas. Todavia nossa justificativa para o afastamento de problema por causa desses casos não se resume a esses pontos. Portanto, voltaremos a essa questão na seção de análise.

Mas ainda podemos ir além, ao verificar nos estudos de Lessa-de-Oliveira (2019) que, diferentemente do que afirma Aguiar (2013), o macrosssegmento /L/ também pode estar ausente na constituição do sinal. A autora nos traz, a esse respeito, uma observação interessante que merece nossa atenção. Lessa-de-Oliveira (2019) afirma que o espaço neutro, considerado pela literatura como elemento que compõe o sinal, em sua análise, não é um traço distintivo. Dessa forma, sinais como CASA, FELIZ, ADEUS, TELEVISÃO, QUADRO, MAGRO, MUNDO etc. seriam exemplos de sinais sem locação. Como menciona a autora, “compreendemos que a falta de uma parte do corpo, isto é, a realização do movimento no espaço neutro, à frente do sinalizante, constitui ausência desse macrosssegmento” (Lessa-de-Oliveira, 2019, p. 115). Ou seja, conforme essa ideia, o espaço neutro não participa da composição do sinal por não marcar presença visual no ‘desenho’ desse, como mencionamos na seção anterior, diferentemente das partes do corpo, cuja presença, além de ser distintiva, agrega-se normalmente a esse desenho, como um componente da imagem icônica que deu origem ao sinal.

Nesse sentido, com base na unidade MLMov e pensando no critério obrigatoriedade, parece que estamos diante de um problema, pois, como vimos, aparentemente nenhum dos três macrosssegmentos – /M/, /L/ e /Mov/ – cumpriria esse critério. Contudo, apesar dos casos de sinais sem a presença da mão em sua realização, a proposta apresentada na próxima seção é que o macrosssegmento /M/ da estrutura MLMov seja considerado o núcleo da sílaba sinalizada. E veremos que essa questão dos ‘sinais realizados sem a mão’ fica resolvida a partir da compreensão de que o macrosssegmento /M/ não se confunde com a mão propriamente dita.

5.3 Mão, o núcleo da sílaba

Como dissemos, em nossa análise assumimos o macrossegmento /M/ como o núcleo da sílaba, mas o que é mesmo a sílaba na libras? Compreendemos que a sílaba em libras não pode ser definida como nas línguas orais, isto é, “cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões” (SILVA, 2014, p.76), ou seja, interrupção do fluxo de ar que vem dos pulmões. Diferentemente, precisamos entendê-la do ponto de vista de sua função na língua, como uma unidade fonológica que está na base da constituição de cada sinal, uma unidade que foi constituída pelo nível anterior, o dos macrossegmentos – /M/, /L/ e /Mov/ – e constitui o nível seguinte, o sinal ou palavra. Portanto, com base no modelo fonológico MLMov, nossa hipótese é que uma sílaba em libras é composta por uma unidade MLMov, que por sua vez poderá apresentar as seguintes combinações: [MLMov], [ML], [MMov] ou [M], já demonstradas por Lessa-de-Oliveira (2019). De acordo com essa autora, na estrutura segmental hierárquica composta em níveis articulatórios, a sílaba encontra-se no terceiro nível (cf. fig. 06), assim como nas línguas orais, um nível abaixo da palavra ou sinal. “Nessas línguas o primeiro nível é o dos traços distintivos, o segundo é o dos fonemas, o terceiro é o das sílabas e o quarto é o dos itens lexicais”. (Lessa-de-Oliveira, 2019, p. 112).

Entendido o que é uma sílaba, passamos agora a nossa defesa de que o macrossegmento /M/ deve ser considerado seu núcleo. Como dissemos, abordaremos essa análise apenas pelo critério da obrigatoriedade, pois apesar de considerar a mão, talvez, mais visual que o movimento, pois é a mão que de fato vemos e é ela que realiza o movimento, reconhecemos certa fragilidade nesse critério, que não é satisfatório, por isso não o utilizamos.

Nesse sentido, assim como /Mov/, /L/ também não pode ser núcleo de sílaba, pois como disse Lessa-de-Oliveira (2019), existem sinais sem esse segmento. Autoras como Brito (2010), Quadros e Karnopp (2004) dentre outros consideram o espaço neutro como componente do sinal: “Ponto de Articulação é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo” (BRITO, 2010, p.37). Percebemos, todavia, que o espaço à frente do emissor parece não ser distintivo. Portanto, esse é um elemento não fonológico. Lessa-de-Oliveira (2019, p.115) assevera que o “macrossegmento Locação envolve partes do corpo na composição do sinal, sua presença implica sempre participação ativa na construção da imagem”. Já o espaço neutro parece ter, no tocante à articulação, apenas

uma dimensão física, na alocação da articulação do sinal, que deve ser captado pela visão do receptor na produção da fala sinalizada, assim como ocorre com o ar na propagação do som a ser captado pelo ouvido do receptor na produção da fala oral.

Talvez possamos compreender que o espaço neutro tenha um papel na dimensão discursiva e sintática, pois é onde a sinalização acontece, mas não como um segmento fonológico. Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004, p.57) dizem que é o espaço da enunciação. “O espaço de enunciação é um espaço ideal, no sentido de que se considera que os interlocutores estejam face a face”. Assim, notamos sua participação mais ativa ao nível dos enunciados como na marcação de referentes e na concordância verbal, por exemplo.

Nesse sentido, fizemos uma rápida investigação em alguns sinais que são realizados no espaço neutro e observamos a atuação ou não de /L/ nesses sinais. Vejamos os sinais CASA e CONFUSÃO nas fig. 10 e fig. 11 a seguir.

Em nossa análise, observamos que os sinais na libras são, em sua maioria, monossílabos, pois são formados por apenas uma unidade MLMov, como podemos observar no sinal CASA (fig. 10). O sinal é constituído apenas por /M/ (mão configurada em *ele espalmado*¹¹). Nesse caso, temos uma sílaba apenas com núcleo, assim como também ocorre em português, à semelhança da sílaba /a/, como por exemplo, na palavra amor.

Figura 10 – Sinal CASA



Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

[M]

Monossílabo: Composto por 1 unidade MLMov.

¹¹ Tabela de Configuração de Mão de Lessa-de-Oliveira (2019).

Ao analisar a realização do sinal CASA, observamos que mesmo que de forma intuitiva ele seja realizado logo à frente do emissor, esse sinal também pode ser realizado à esquerda ou à direita do sinalizador sem causar mudança fonológica. Porém, no enunciado, quando isso acontece, o falante pode fazer referência à casa da esquerda ou à casa da direita, fazendo uma incorporação de adjetivo de lugar, mas o sinal continua inalterado, continua sendo casa. Percebemos, com isso, que o espaço neutro não tem participação no nível fonológico, mas na organização sintática.

De igual modo, ao observarmos o sinal CONFUSÃO (fig.11), coletado no dicionário Capovilla e Raphael (2001) e as formas escritas desse sinal em *Sign Writing*¹² (fig. 12) e em SEL¹³ (fig. 13), notamos que não há, em ambos os sistemas de escrita, um símbolo gráfico para marcar o espaço de sinalização, o que reforça nossa hipótese de que esse espaço não atua na realização do sinal. Observamos que a ausência desse elemento não interfere na constituição do sinal, o que não acontece se retirarmos outro elemento fonológico da palavra.

Figura 11 – Sinal CONFUSÃO








[MMov]

¹² *Sign Writing* é um sistema de escrita para línguas de sinais.



¹³ Sistema de Escrita de Libras, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012).

Figura 12 – Sinal CONFUSÃO em *Sign Writing*

	
notação em SW:	
	= configuração e orientação das mãos;
	= direção e plano do movimento
	= contato (entre; mãos entrelaçadas)
	= dinâmica (movimento rápido)

Fonte: Marinho (2014, p.103)

Figura 13 – Sinal CONFUSÃO em SEL

	
	= Macrossegmento Mão: traços - eixo da mão: <i>medial, orientação da palma: para trás;</i>
	= Macrossegmento Mão: traço – <i>configuração: mão espreada;</i>
	= Macrossegmento Mão: traço - <i>ponto de toque: entre os dedos;</i>
	= Macrossegmento Movimento: traços- <i>tipo: retilíneo, direção: para cima e para baixo;</i>
	= Macrossegmento Movimento: traços - <i>modo: conjuntamente por ambas as mão.</i>

Fonte: Autoria própria

Vejam agora a análise dos sinais PRESIDENTE (fig. 14) e PROFESSOR (fig. 15).

Figura 14 – Sinal PRESIDENTE

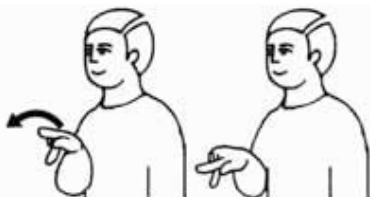


Figura 15 – Sinal PROFESSOR



Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

[MMov]

[MMov]

Ainda para reforçar nossa hipótese de que o espaço neutro não é fonológico, utilizaremos os exemplos de Xavier (2006) que se baseia no modelo de Liddell e Johnson (1989), em que *suspensão* e *movimento* seriam os dois segmentos das línguas de sinais. Xavier (2006) faz uma análise dos sinais PRESIDENTE (fig. 14) e PROFESSOR (fig. 15) como sendo distintivos pelo traço locação. Conforme Xavier (2006), Liddell e Johnson (1989) incluem, entre os traços segmentais, traços que descrevem o deslocamento da mão de um ponto a outro no espaço de sinalização. No caso de PRESIDENTE, o sinal é analisado como sendo o deslocamento inicial e final estabelecido pelo traço locação, *plano de contorno*. Já no sinal PROFESSOR, que também é realizado à frente do emissor, “o que determina a forma arqueada do movimento são as diferentes especificações para os traços de localização que descrevem as fases inicial e final desse segmento” (XAVIER, 2006, p.41). Para o autor, é o traço de localização que deriva a realização de um determinado tipo de movimento. Nossa análise difere completamente dessa, pois compreendemos que o traço diferenciador pertence ao macrossegmento /Mov/ – formado pelos traços *tipo de movimento*, *plano* e *direção de movimento* – já que observamos uma mudança no movimento e não na locação.

Observamos ainda que os traços ‘planos’ mencionados na análise de Xavier (2006) são entendidos como traços da locação, o que é corroborado na fala de Máximo (2016, p.64), segundo o qual, “Quanto à estrutura do ponto de articulação, ela especifica o articulador passivo, dividido em uma dimensão de três planos - horizontal (y-plane), vertical

(x-plane), mediano sagital (z-plane)”. Porém, no modelo MLMov os traços dos três planos (denominados nesse modelo como transversal, frontal e sagital) pertencem ao segmento /Mov/, isto é, esses planos são percebidos na trajetória do movimento, pois sem movimento não há planos (distintivos para o sinal) nesse espaço à frente do emissor. Dessa forma, a nulidade do espaço neutro não acarreta prejuízo à constituição do sinal.

Apesar de não termos feito uma análise extensa sobre a atuação do espaço neutro, levantamos algumas evidências de que, possivelmente, esse espaço não compõe o sinal, o que nos revela uma necessidade de mais investigação nesse sentido. Essa discussão fez-se necessária para o entendimento da sílaba em nossa análise, já que o espaço neutro não faz parte do macrossegmento /L/, assim, não constituirá núcleo de sílaba.

Quanto ao estabelecimento do /M/ como núcleo de sílaba, podemos argumentar que esse é o segmento com recorrência praticamente na totalidade dos sinais em libras, além disso, é o articulador principal. O macrossegmento /M/ é o responsável pela execução do movimento, como já mencionamos. Sem /M/ não existe /Mov/. A respeito disso, outros autores também concordam acerca da função primordial da mão na constituição do sinal. “A descrição fonológica do sinal está centrada, basicamente, na mão” (MÁXIMO, 2016, p.38). Marinho (2014, p.122) comenta: “A mão é um articulador bastante utilizado nas línguas de sinais justamente porque o seu sistema osteoarticular permite grande mobilidade, tornando-se um poderoso recurso para a criação de diferentes formas”.

Apesar de Lessa-de-Oliveira (2019, p.114) não trazer um estudo sobre a sílaba, podemos inferir que a autora considera a mão como o núcleo silábico, pois, ao tratar da composição interna do sinal, afirma que “o macrossegmento Mão se distingue dos dois outros pelo fato de ser o único que não se ausenta da unidade e o único que não varia em quantidade de seu traço basilar, que é a configuração de mão”, ou seja, o macrossegmento /M/ é tratado pela autora como o principal articulador da unidade MLMov. Entretanto, o que não se pode é confundir /M/ com mão ou com configuração de mão.

Procurando explicar essa questão, trazemos duas possibilidades de análises para os ‘sinais realizados sem a mão’. A primeira se baseia na explicação de Lessa-de-Oliveira (2019), que, ao mencionar os exemplos de LADRÃO e SEXO, explica que nesses casos, a ‘língua’ e a ‘bochecha’ têm a função de executar o movimento, ou seja, temos aí o macrossegmento /M/ representado. Para os outros exemplos que trouxemos, podemos seguir

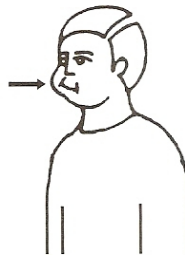
a mesma lógica. Isso porque, se pensarmos na função de cada segmento, podemos dizer que a execução do movimento é uma das duas funções do macrossegmento /M/, a outra é agregar à estrutura imagética o traço configuração de mão. Nesse sentido, mesmo nos sinais em que a mão não aparece, a função de executar o movimento, que pertence a /M/ como acabamos de mencionar, é realizada por outro articulador, como língua, bochecha, maxilar, entre outros, que substituem a mão nesses casos. Assim, mesmo nesses sinais, que fogem ao padrão, é possível percebermos a presença do /M/ na unidade MLMov, ainda que seus traços formantes sejam excepcionais, isto é, não envolvam ‘configuração de mão’, ‘eixo da mão’, ‘orientação de palma’, em vez disso envolve-se ‘parte do corpo’. Dessa forma, a excepcionalidade desses raros casos de ‘sinais realizados sem a mão’ não está nem no terceiro nível, o das unidades MLMov, nem no segundo, o dos macrossegmentos. Está no primeiro, o dos traços, sem, portanto, implicar a ausência de /M/ na unidade MLMov.

Quanto à segunda possibilidade, admitindo que, em alguns casos, o núcleo não seja preenchido por /M/, talvez possamos analisar esse tipo de execução de sinal como algo semelhante ao que ocorre com sílabas de palavras de certas línguas orais, como o inglês, em que o núcleo pode ser preenchido por uma consoante nasal ou líquida (l ou r), como em *bottle* e *little*. Em suma, admitindo essa segunda possibilidade, podemos dizer que o núcleo silábico na libras, segmento obrigatório na unidade MLMov, seria preenchido basicamente pelo macrossegmento /M/, mas poderá ser preenchido, em raros casos, pela combinação de /L/ e /Mov/, sendo, portanto, um sinal amalgamado, como nos exemplos na fig. 16 e fig. 17:

Figura 16 - sinal MASTIGAR



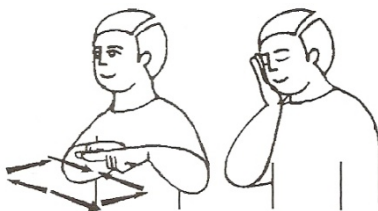
Figura 17 - sinal SEXO



Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

Quanto à estrutura silábica da libras, ainda podemos destacar que além dos sinais monossilábicos, há sinais constituídos por mais de uma unidade MLMov, conforme fig. 18. O sinal QUARTO é um composto constituído por dois sinais SALA + DORMIR, portanto um sinal dissílabo ou bimorfêmico, usando o termo de Brentari (2008 apud CUNHA, 2011). Como também IGREJA; ZEBRA, ESCOLA etc.

Figura 18 - Sinal QUARTO



Fonte: Capovilla e Raphael (2001)
[MMov][ML]

Dissílabo: Composto por 2 unidades MLMov

Na primeira unidade do sinal QUARTO, ambas as mãos configuradas em *zê*, posicionadas no eixo *anterior*, palmas orientadas *para baixo*, fazem um movimento *angular duplo*, formando a imagem de um quadrado em *plano transversal*, constituindo-se a primeira sílaba com /M/ e /Mov/. Na segunda unidade, uma das mãos, configurada em *mão espalmada* repousa na face, constituindo-se a segunda sílaba com /M/ e /L/.

Já o sinal BOLO é feito com três bases (cf. fig. 19), três unidades MLMov, sendo, portanto, trissílabo. Assim como, MADRASTA; PADRASTO etc.¹⁴

¹⁴ Sinais com duas ou três sílabas em libras não são sempre decorrentes de composição, como é o caso de PAI, em que a primeira sílaba corresponde ao sinal HOMEM, mas a segunda (beijo na mão), isoladamente, não corresponde a nenhum sinal. E no caso de sinais como BOLO, formado por três sílabas, nenhuma dessas isoladamente funcionam como outros sinais. Para mais informação sobre essa questão, conferir Lessa-de-Oliveira (2019).

Figura 19 - Sinal BOLO



Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

[M] [MMov] [MMov]

Trissílabo: Composto por 3 unidades MLMov.

Na primeira sílaba do sinal BOLO, ambas as mãos configuradas em *gancho* apresentam-se posicionadas *uma ao lado da outra* com *palmas em paralelo*, constituindo-se essa sílaba apenas com /M/. Na segunda sílaba, sobre uma das mãos, configurada em *mão espalmada* com palma orientada *para cima*, a outra mão, também configurada em *mão espalmada* posicionada no *eixo anterior* (com palma orientada *para medial*), realiza um movimento *retilíneo para baixo*, constituindo-se a sílaba com /M/ e /Mov/. E a terceira sílaba se apresenta quase idêntica à segunda, alterando-se apenas o eixo da mão principal, que passa à *medial-lateral* e sua orientação da palma, que passa à *para trás*, constitui-se com /M/ e /Mov/.

Por fim, ressaltamos a relevância da nossa pesquisa, visto que a tarefa da descrição linguística da libras é tão pertinente quanto necessária. Assim sendo, nossas contribuições acerca da sílaba constituíram apenas mais um passo rumo ao conhecimento da organização fonológica da libras, entendendo, contudo, que muito há ainda o que se descrever e compreender nessa língua tão complexa.

6 Algumas considerações

Compreendendo que a sílaba é um elemento fundamental no sistema fonológico das línguas naturais, empreendemos o presente estudo com o objetivo de investigar a estrutura silábica da libras, língua de modalidade gesto-visual. Assim, pretendemos identificar seu núcleo e descrever se havia ou não funcionalidade no Princípio da Sonoridade para identificação do núcleo em libras.

Nesse sentido, com base no modelo MLMov, que prevê uma estrutura segmental hierárquica para o sinal nas línguas de sinais,

assumimos que a sílaba em libras é formada por pelo menos uma unidade MLMov que poderá ter quatro combinações possíveis: [MLMov], [ML], [MMov] ou [M]. Assim, utilizando o princípio da obrigatoriedade, identificamos que o núcleo silábico é o segmento fonológico que está presente em praticamente todos os sinais, sendo, portanto, preenchido pelo macrosssegmento /M/ e que o pico de sonoridade não deve ser considerado como critério para o reconhecimento do núcleo silábico em línguas de sinais, pois além de ser um critério que tem sido abordado em estudos dessas línguas de maneira um tanto quanto subjetiva, carece de mais refinamento.

Concordamos que, de fato, toda sinalização apresenta algum tipo de movimento, já que, mesmo que o sinal não apresente movimento fonológico, a mão vai precisar se deslocar do estado de repouso até a realização do sinal. No entanto, assumimos que tal movimento, por não ser fonológico, como esclarecemos, não pode ser considerado pertencente à sílaba em libras tampouco seu núcleo. Para nós, não é aceitável eleger um elemento que não faça parte da estrutura fonológica para assumir uma função tão proeminente nessa estrutura.

De igual maneira, entendemos que todo sinal é realizado no espaço de sinalização, espaço à frente do emissor, mas não encontramos nele elementos que o definam como traço fonológico, portanto, não poderá ser núcleo de sílaba. Sendo assim, o macrosssegmento /M/ constitui a base da(s) unidade(s) silábica(s) de praticamente todos os sinais, mesmo de alguns raros casos de sinais que são constituídos apenas pelas ENMs, pois, mesmo nesses casos, pudemos observar a função do macrosssegmento /M/ sendo executada por outro articulador, sendo, então, /M/ considerado, em nosso trabalho, o núcleo da sílaba em libras.

Assim, aspiramos apontar aspectos relevantes que corroborassem a compreensão da sílaba em libras, mas entendemos que este trabalho se constitui apenas como uma breve contribuição para os estudos da sílaba que ainda carecem de ampliação e aprofundamentos das questões aqui discutidas, bem como de aspectos não abordados neste estudo.

Contribuição das autoras

Ione Barbosa de Oliveira Silva: Concepção, planejamento, análise e interpretação dos dados; redação do artigo e sua revisão.

Vera Pacheco: Análise e interpretação dos dados; redação do artigo, revisão intelectual crítica e revisão do texto.

Adriana S. C. Lessa-de-Oliveira: Análise e interpretação dos dados; redação do artigo, revisão intelectual crítica e revisão do texto.

Referências

- AGUIAR, T. C. *Nova proposta de sílaba em Libras*. 2013. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2013.
- ALVES, U. K. Teoria da sílaba. In: HORA, D; MATZENAUER, C. L. (orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-140.
- BRENTARI, D. Sign language phonology. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 639-691.
- BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 2010.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Campinas: Unicamp, 1981.
- CÂMARA Jr, J.M. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 45. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CAPOVILLA, R. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. v. I. São Paulo: EDUSP, 2001.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 91-119.
- CUNHA, K. M. M. B. *A estrutura silábica na língua brasileira de sinais*. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2011.
- FELIPE, T. A. *Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001. p. 164.
- HORA, D; VOGLEY, A. Fonologia autosssegmental. In: HORA, D. ; MATZENAUER, C. L. (orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 63-80.

HULST, H. van der. *Units in the analysis of signs*. Phonology, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 209-241, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1017/S095267570000004X>.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear*. ReVEL, Porto Alegre, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL* Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 17, n. 2, p. 103-122, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>.

MAGALHÃES, J.; BATTISTI, E. Fonologia métrica. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 93-107.

MARINHO, M. L. *Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF*. 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, 2014.

MÁXIMO, N. N. *Fonologia da Libras: o estatuto da mão não-dominante*. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Artes e Comunicação, Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

PASSOS, A. F. K. *Fonética e fonologia da Libras: o acento*. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

QUADROS, R.M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANDLER, W. The syllable in sign language: considering the other natural language modality. In: MACNEILAGE, P.; DAVIS, B.; ZAJDO, K. (eds.). *Ontogeny and phylogeny of syllable organization*. New York: Taylor Francis, 2008. p. 1-18. Disponível em: http://sandersignlab.haifa.ac.il/pdf/The_syllable_in_sign_language.pdf, Acesso em: 20 jun. 2021.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. New York: Cambridge University Press, 2006.

SEARA, I. C; NUNES, V. G; VOLÇÃO, C. L. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

STOKOE, W. C. *Sign language structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*. New York: Buffalo University, 1960.

WILBUR, R.; NOLEN, S. *Duration of syllables in American Sign Language*. *Language and Speech*, Pennsylvania, v. 29, p. 263–280, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1177/002383098602900306>.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira*. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. *Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras*. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445069770367936329>.



Mesmo (Same) and the Structure of Determiner Phrases

Mesmo e a estrutura dos sintagmas determinantes

Alessandro Boechat de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
alboechat@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0001-9925-2643>

Abstract: This paper analyzes the Brazilian Portuguese adjective *mesmo* with anaphoric reading (MOLTMANN, 1993; FERREIRA, 2010). Expanding the functional layer of the determiner phrase (e. g., CINQUE, 2010), this analysis proposes that *mesmo* has “pronominal” properties and that there is a specific position in the functional structure of DP/NP which hosts both possessive pronouns and anaphoric *mesmo*, at least in the end of derivation, and such a position is in fact a host for adjectives with pronominal properties. In the last sections the article (using tools of formal semantics: e. g. HEIM; KRATZER, 1998) presents a semantic definition for anaphoric *mesmo*, arguing that it is a sort of implicit comparative item (CARLSON, 1987), with a “comparison function” as part of its very definition. We propose, taking advantage of insights of the pertinent literature (ALRENGA, 2010; HEIM, 1985; LASERSOHN, 2000; among others), that the semantics of *mesmo* is composed of an assignment function and a function which establishes a contextual equivalence by means of the sharing of relevant properties between the referent or kind introduced by the DP with *mesmo* and an individual or kind mentioned in previous discourse. In the end of the paper, we briefly speculate on the semantics of what is here called “explicit” comparative *mesmo* (that includes a comparative CP after the noun), which, as well as the distributive *mesmo* (CARLSON, 1987, among others), and as this text intends to show in the following pages, is hierarchically lower, in the syntax of DPs, than anaphoric *mesmo*.

Keywords: *Mesmo*; Determiner Phrase; Adjectives; Comparative Semantics.

Resumo: Este trabalho analisa o adjetivo *mesmo* do português brasileiro com a leitura anafórica (MOLTMANN, 1993; FERREIRA, 2010). Expandindo a camada funcional do sintagma determinante (e. g., CINQUE, 2010), esta análise propõe que *mesmo* tem propriedades “pronominais” e que há uma posição específica na estrutura funcional do DP/NP que alberga, pelo menos ao fim da derivação, tanto pronomes possessivos quanto o adjetivo *mesmo* anafórico, e tal posição recebe, de fato, adjetivos com propriedades

pronominais. Nas últimas seções o artigo apresenta (usando ferramentas da semântica formal: por exemplo, HEIM; KRATZER, 1998) uma definição semântica para o *mesmo* anafórico, defendendo que ele é uma espécie de item de comparação implícita (CARLSON, 1987), tendo uma “função de comparação” como parte de sua definição. Propomos, aproveitando *insights* da literatura pertinente (ALRENGA, 2010; HEIM, 1985; LASERSOHN, 2000; entre outros), que a semântica de *mesmo* é composta por uma função de assinalamento e uma função que estabelece uma equivalência contextual por meio de um compartilhamento de propriedades relevantes entre o referente ou tipo introduzido pelo DP que contém *mesmo* e um indivíduo ou tipo mencionado no discurso prévio. Por fim, o artigo especula sobre a semântica do que aqui é chamado *mesmo* “explicitamente” comparativo (que inclui um CP comparativo após o nome), que, assim como o *mesmo* distributivo (CARLSON, 1987, entre outros), e como este texto deseja mostrar nas páginas a seguir, é mais baixo hierarquicamente, na sintaxe do DP, que o *mesmo* anafórico.

Palavras-chave: *Mesmo*; Sintagma Determinante; Adjetivos; Semântica de Comparativos.

Recebido em 06 de dezembro de 2021

Aceito em 15 de março de 2022

1 Introduction

The word *mesmo* in (Brazilian) Portuguese is a modifier of nouns and verbs. In nominal environment, it occurs in two orders inside the DP: between the article (or demonstrative determiner) and the noun, with mandatory agreement (at least in gender in all varieties of Brazilian Portuguese), as in (1a); or after the noun, where agreement is not mandatory (at least in my variety of Brazilian Portuguese), as in (1b).

(1) a. O mesmo homem entrou na sala.
The mesmo.masc.sg man entered in.the room
“The same man got into the room”.

b. As moças (mesmo/mesmas) entraram na sala¹.
The girls (mesmo.masc.sg./mesmas.fem.pl) entered in.the room
“The girls themselves got into the room”.

¹ In fact, the post-nominal *mesmo* takes the entire DP, as we showed in another work (LEMLE; MEDEIROS, 2014). Therefore, it is not just a matter of order between constituents.

In this paper I will investigate the pre-nominal occurrence of *mesmo* with the ***anaphoric reading*** (thus dubbed, as far as I can recall, by MOLTSMANN, 1993, but the term is also used by others, particularly FERREIRA, 2010 for Brazilian Portuguese *mesmo*) – that is, I am excluding from this paper’s discussion both its postnominal occurrence, whose semantic contribution is completely different (as can be seen from (1b) above), as well as the ‘internal’ reading² of prenominal *mesmo*, which we see in (2) below, where there is a glass of juice that is somehow shared (distributed between events of tasting, according to CARLSON, 1987) by the two individuals that constitute the subject of the sentence³:

- (2) Pedro e Ana provaram do mesmo copo de suco⁴
 Pedro and Ana tasted from.the mesmo.masc.sg glass of juice
 “Pedro and Ana tasted the same glass of juice”.

When anaphoric, as in (1a) above, *mesmo* is used when the discursive environment provides an entity (or kind) which is equal or very similar (in some relevant dimension(s)) to the referent of the DP that contains *mesmo*. Typically, this entity provided by discourse is the topic of conversation. For example, in (3), the first sentence introduces a

² Or ‘dependent’ reading, or ‘distributive’ reading, which occupies most of the literature on equivalent items in other languages, such as *same* and *different* in English; e. g., Carlson (1987), Moltmann (1993), Barker (2007), Beck (2000), for German, among others.

³ I’m also excluding from this paper the “pronominal” use of *mesmo*, which is encountered in marginal kinds of discourse such as: “O homem fugiu para a mata, mas, após algumas buscas, o mesmo foi capturado pela polícia” (the man ran away to the woods, but, after a few hours, the same (man) was captured by the police). Possibly we have here the root *mesm-* categorized as a noun or a pronoun, if we adopt a Distributed Morphology approach (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), for example. I think most of what will be discussed about the semantics of *mesmo* (section 3) can be applied in this case; and its syntactic behavior will be, I think, similar to that of pronouns.

⁴ I will not deal with the quantifier reading, as we see in (i) below; as for the (explicit) comparative reading, in (ii), I will deal with it in an exploratory way at the end of this paper. Note that in example (2) *mesmo* can also have the anaphoric reading, depending on the context.

(i) *Todo aluno encontrou o mesmo problema na prova.*

“*Every student found the same problem in the test.*”(ii) *Os mesmos homens que tinham assaltado o banco foram vistos numa festa com o prefeito.*

“*The same men who had robbed the bank were seen in a party with the mayor.*”.

man who remains the topic of conversation, and the referent of the DP *o mesmo homem* (the same man), in such a context, is the same as this man.

- (3) Alguns dias atrás um vizinho comum viu um homem espionando a casa do Cláudio. Segundo ele, o cara não era muito sutil. Ontem o **mesmo homem** tentou invadir o terreno do Cláudio pulando o muro.
 “A few days ago a common neighbor saw a man spying on Claudio’s house. He told us the guy was not discrete. Yesterday the **same man** tried to break into Claudio’s property by jumping over the wall”.

But the use of *o/a(s) mesmo/a(s) NP(s)* is also acceptable in contexts like the one below, in which *a amiga* (the friend.fem) is not the discursive topic, but is previously mentioned:

- (4) Pedro veio me visitar com uma amiga ontem à noite. Ele parecia meio cansado e falava de maneira atabalhoada. A **mesma amiga** depois me procurou sozinha para explicar a situação.
 “Pedro came to visit me with a friend last night. He looked a little tired and spoke in a confused way. The **same friend** later came to me alone to explain what was going on”.

In other words, anaphoric *mesmo* is a modifier within a constituent that typically ‘refers’ to the discursive topic or to a previously mentioned or presupposed individual in the discourse.

This property has, of course, some relation to the fact that indefinite determiners or quantifiers, such as *um* (a), *algum* (some), *todo* (every) etc., are prohibited in the presence of anaphoric *mesmo*⁵. The examples below show it.

⁵ The definite article or the demonstrative determiners, all sharing the definite feature, are the true licensors of anaphoric *mesmo*. Thus, a high quantifier, like *todos* (plural “all”), that takes a definite DP, is licensed with anaphoric *mesmo*: *todos os/esses/aqueles mesmos bandidos invadiram a mansão* (“all the/those/these same bandits broke into the mansion”).

- (5) *todo/*algum/*um⁶/*cada/* nenhum mesmo homem pulou o muro.
Every/some /a /each /no same man jumped the wall

Since the DPs containing anaphoric *mesmo* makes, in some way, reference to an individual previously mentioned in the discourse, quantifiers like *todo* (every) or *cada* (each) should not head them; likewise, *algum* (some) or *um* (a), which are usually associated to the

⁶ The indefinite article is indisputably licensed when pre-nominal *mesmo* has a distributive reading, as in (i) below:

- (i) Maria e Paulo assistiram a um mesmo filme.
Maria and Paulo watched to a same movie
“Maria and Paulo watched the same movie”.

Note that in (i) the DP which includes *mesmo* does not refer to a discourse topic or any previously mentioned individual.

It is relevant to say that the NP dependent or distributive reading of *mesmo* has important differences when compared to the ‘external’, or discourse-oriented, or anaphoric reading. For example, in distributive reading, presuppositions of the affirmative form are not preserved in interrogative or negative forms (BARKER, 2007), as can be seen from the examples below:

- (ii) Provei uma/a mesma bebida nas duas festas. (It presupposes the existence of a drink).

I tasted a /the same drink in.the two parties
“I tasted the same drink in the two parties”.

- (iii) Não provei uma/a mesma bebida nas duas festas. (It doesn’t keep the presupposition).

Not found a/the same drink in.the two parties
“I did not taste the same drink in the two readings”.

- (iv) Você provou uma/a mesma bebida nas duas festas? (It doesn’t keep the presupposition).

You tasted a/the same drink in.the two parties
“Did you tasted the same drink in the two parties?”

Anaphoric reading, on the other hand, preserves the presupposition of existence. For example, the following negative sentence keeps the presupposition of existence which a positive version of the sentence would have in this context: “Tinha um homem esquisito de barba que eu vi na feira e que eu achei que ia encontrar de novo lá nos outros dias. Mas o mesmo homem não apareceu de novo por aquelas bandas” (There was a weird bearded man who I saw in the fair and who I believed I would see there again in the following days. But the same man did not appear again in the neighborhood). A positive version compatible with the context could be this one: “E (de fato) o mesmo homem apareceu de novo por aquelas bandas” (and (in fact) the same man appeared again in the neighborhood).

introduction of new information in the discourse (i. e., non-presupposed elements), will not co-occur with anaphoric *mesmo* as well.

Syntactically, anaphoric *mesmo* selects an NP, being one of the most external (if not the most external) among modifiers. Typical adjectives are closer to the noun than *mesmo*. Thus, in (6a) below, *mesmo* takes the constituent *carro amarelo* (yellow car) (the discursive antecedent has to be a yellow car), not just the NP *carro* (car), excluding the adjective *amarelo* (yellow). Note, also, that the adjective may come before the noun, and, yet, it cannot precede *mesmo* (cf. (6b)). Anaphoric *mesmo* is also higher than numerals⁷; and possessive pronouns also occupy a higher position, above other modifiers, such as adjectives, prepositional phrases and relative clauses, and numerals (cf. (6d)). Possessives seem to compete with anaphoric *mesmo* as to their position in the structure of the DP-NP: when they, possessives and *mesmo*, precede the noun, they never co-occur; and possessive pronouns also occupy a higher position, above other modifiers, such as adjectives, prepositional phrases and relative clauses, and numerals (cf. (6d)).

- (6) a. Ontem eu vi um carro amarelo na rua. Hoje, o **mesmo carro amarelo** estava na garagem aqui do prédio.
 “Yesterday I saw a yellow car on the street. Today **the same yellow car** was in our building’s garage”.
- b. Nós encontramos as mesmas boas/*boas mesmas intenções naquela instituição.
 We found **the same good/*good same intentions** in that institution.
- c. Os mesmos dois/??dois mesmos homens bem vestidos foram vistos tomando sorvete no centro comercial.
 The same two/*two same well-dressed men were seen eating ice cream at the mall.

⁷ Possessive and *mesmo* very marginally co-occur, as in the example below (taken from https://motorola-global-portal-pt.custhelp.com/app/answers/detail/a_id/68867/~1/motorola-titanium-direct-talk, accessed on 05/13/2020). In this case, the possessive is higher than *mesmo*, and the article is not present. Note, however, that the reading here is not the one we are dealing with in this article: there is no channel nor code – nor even kinds of channels and codes – that are discursive topics (although the fragment talks about channels and codes in general). I will discuss this point in the next section. Chamadas de rádio conduzidas por Caminho-2 fora da rede e usando canais e códigos abertos. Nestas ligações, alguém usando *seu mesmo* canal e código pode ouvir sua conversa. “Radio calls conducted by Path-2 outside the network and using channels and open codes. On these calls, someone using **your same** channel and code can hear your conversation”.

d. Ontem, vi um amigo meu do tempo da escola sentado sozinho num banco de praça no centro da cidade. Tinha um olhar estranho, atormentado, mas não consegui falar com ele. Infelizmente, hoje encontrei **o mesmo amigo da turma do ginásio/*o mesmo meu amigo da turma do ginásio/*o meu mesmo amigo da turma do ginásio/?o mesmo amigo meu da turma do ginásio/esse mesmo amigo meu da turma do ginásio** deitado numa calçada em frente a um prédio comercial perto da praça, todo sujo. Aproximei-me dele para entender o que ocorria e ajudá-lo.

“Yesterday, I saw a friend of mine from school time seated on a park bench in the city center. He had a strange, tormented look, but I couldn’t speak to him. Unfortunately, today I found **the same friend from school/*the same my friend from school/*my same friend from school/?the same friend (of) mine from school/that same friend (of) mine from school** lying on a sidewalk in front of a commercial building near the park, all dirty. I got close to him to understand what was going on and help him”.

Whatever the exact position filled by prenominal *mesmo* in the DP-NP structure, from a grammatical and morphological point of view, the word behaves as an adjective, as it agrees in gender and number with the noun that follows it and has a superlative form⁸ (although it cannot be directly modified by intensifiers or other adverbs). The examples below illustrate this:

- (7) a. *A mesmo menina comeu aquela torta.
The same.masc girl ate that pie
- b. *O mesmos rapaz cantou na festa.
The same.pl boy sang in.the party
- c. A mesmíssima ópera foi exibida no nosso teatro.
The same.sup opera was exhibited in.the our theater
- d. A mais bela moça ganhou o concurso.
The more beautiful girl won the contest

⁸ The superlative form of *mesmo* seems to indicate a maximum degree of property sharing (or a maximum degree of ‘identity’, although identity should not have a scale) between compared elements, in this case, an element previously mentioned in the speech and the referent of the DP that contains *mesmo*. See discussion in section 3.

- e. *O mais/menos mesmo rapaz cantou na festa.
The more/less same boy sang in.the party
- f. *O muito mesmo rapaz cantou na festa.
The much same boy sang in.the party

As well as typical adjectives, *mesmo* never precedes pronouns in Nominative Case (or in any Case whatsoever), as we can see from (8). Neither does it precede proper names (unless the proper name does not refer to a specific individual, but denotes a set of individuals who have such a name, the only acceptable interpretation for (8b) below).

- (8) a. Pedro notou que uma moça tinha feito sinais para o porteiro na entrada do museu. **Mesma ela (a mesma moça)* depois conseguiu furar a fila e entrar na frente de todo mundo.
“Pedro noticed that a girl had signaled the doorman at the entrance to the museum. ***Same she** (the same girl) later managed to disrespect the line and get in the museum before everyone”.
- b. #O mesmo João entrou na sala enquanto almoçávamos.
“The same John got into the living room while we had lunch”

Another interesting fact about the position of *mesmo* in the DP-NP structure is that pre-nominal *mesmo* can be ambiguous between distributive and anaphoric readings. But the adjective *diferente* (different), which can also have a distributive or internal reading, has only this reading when in pre-nominal position, and is ambiguous when post-nominal⁹. The following examples show it:

- (9) a. Pedro e Maria dormem na mesma cama.
Pedro and Maria sleep in.the same bed
“Pedro and Maria sleep in the same bed” (that is, the bed is shared by both – distributive reading –, or there is a bed which was mentioned in discourse and *the same bed* refers to it: for example, the kind of bed that is also slept in by a friend of Pedro’s, which is talked about in the context).

⁹ Maybe prenominal *diferente* (different) does not have a distributive reading at all, but means something like ‘various’. The distributive effect in cases like (9c) is due to the plurality of the subject. Thanks to Filipe Kobayashi for calling my attention to this point.

b. Pedro e Maria dormem em camas diferentes

Pedro and Maria sleep in beds different.pl

“Pedro and Maria sleep in different beds” (that is, Pedro sleeps in one bed and Maria sleeps in another one – the distributive reading –, or they both sleep in beds which are different from contextually referred to beds).

c. Pedro e Maria dormem em diferentes camas

Pedro and Maria sleep in different.pl beds

“Pedro and Maria sleep in different beds” (the only allowed reading is the distributive one).

Such property is discussed by Cinque (2010), among others: in a hierarchy of adjectives in the DP, the highest occurrence of *diferente* (different) is discourse-oriented, while the closest to the noun is dependent on a constituent inside the sentence. This is particularly noticeable when we have two post-nominal occurrences of *diferente* (different). The following example, though a little marginal in terms of acceptability, shows us that, while the first occurrence of the adjective tells us that the two hats are different from each other, the second tells us that both are different from others which we can compare with in the context.

(10) ?Alan e Zé compraram chapéus diferentes diferentes numa loja aqui perto.

Alan and Zé bought hats different.pl different.pl in.a store here close
 “Alan and Zé bought different different hats at a store nearby”.

In the example, the first occurrence of *diferente* (different), closer to the noun *chapéus* (hats), has a distributive (or dependent) reading, since it says that the hat bought by Alan is different from the hat bought by Zé. The second occurrence, further away from the noun *chapéu*, has an external reading, discourse-oriented, as it tells us that the two hats are different from expected or typical hats.

Would the same happen to *mesmo*? Consider the context (11) below. In spite of the fact that there are contextual conditions for two occurrences of *mesmo*, the relevant sentence with the two occurrences of *mesmo* remains very degraded. Although the double occurrence of *mesmo* is degraded, which requires explanation (some kind of restriction on more than one prenominal high adjective), we will see later that the distributive *mesmo* is lower, or more internal, in the structure of the DP than the anaphoric *mesmo*, and this favors Cinque (2010)’s proposal for the structure of the DP-NP.

- (11) A Maria e o Pedro dividiam um apartamento, mas dormiam em colchões no chão, pois estavam sem dinheiro para comprar camas de solteiro. Eles não suportavam mais aqueles colchões no chão. Um dia eles viram um vizinho se livrando de uma cama de casal que não lhe servia mais. Apesar de velha, estava em bom estado, e seria de graça... **Acabou que a ?*mesma mesma cama foi dividida pelos dois por um tempo**, apesar do desconforto que sentiam com a situação.
 “Maria and Pedro shared an apartment, but slept on mattresses on the floor, as they had no money to buy single beds. They couldn’t stand those mattresses on the floor anymore. One day they saw a neighbor getting rid of a double bed that no longer served him. Despite being old, it was in good condition, and it would be free... So, in the end of the day, **the same same bed** was shared by both of them for a while, despite the discomfort they felt with the situation.

Unlike *diferente* (different), the adjective *mesmo* does not have such a “freedom” of positioning, and will not be found in a postnominal position preserving the meanings that we are discussing at this point of this paper: postnominal *mesmo* is a sort of focus marker that does not necessarily even express gender agreement, mandatory for adjectives in any variety of Portuguese¹⁰.

Some authors argue that items corresponding to prenominal *mesmo* in other languages are comparative forms of adjectives (CARLSON, 1987; BECK, 2000; OXFORD, 2010; among others). In English, for example, *same NP* can be followed by an *as*-clause, which is found in other types of comparative structures that express identity or equivalence. This can be seen in (12a) below. Carlson (1987) speaks of an ‘implicit comparison’ (our anaphoric reading) when there is no comparative clause inside the noun phrase that contains *same*.

- (12) a. He is the *same* man *as* I saw in front of the church.
 b. Ele é o mesmo homem que eu vi na frente da igreja.
 He is the mesmo man that I saw in.the front of.the church
 “He is the *same* man *as/that* I saw in front of the church”.

¹⁰ For instance: *elas mesmas/mesmo dormiram no chão.*
 They.fem mesm.fem.pl/mesmo slept in.the floor
 “They themselves slept on the floor”.

In Portuguese, *mesmo NP* can also be accompanied by a clause (cf. (12b)) that, supposedly, introduces a parameter for comparison. It is not so obvious, as it is in English (or German; BECK, 2000), that we have a comparative structure (with possible extraposition of the corresponding term of comparison) in Portuguese, because the conjunction that heads the sentence is the same for both comparison structures and relative clauses of all kinds. However, based on what shall be discussed in due time (section 3.2), I will assume sentences like (12b) as involving comparative structures, and I will tentatively approach *mesmo* in such structures at the end of this article.

From the point of view of meaning, I will argue that, in order for anaphoric *mesmo* to be properly used, it is necessary that the DP containing *mesmo* in (13a) refers to an entity which is equivalent (in some sense to be defined) or identical to the discourse topic or other individual previously mentioned or presupposed.

- (13) a. O mesmo homem entrou no cinema usando um boné.
 The mesmo man entered in.the cinema using a cap
 “The same man got into the cinema wearing a cap”.
 The man x so that x is equivalent to y, where y is provided by the context C, got into the cinema wearing a cap
- b. A vizinha de um amigo meu disse que Pedro viu esse mesmo amigo usando um boné no cinema.
 The neighbor of a friend mine said that Pedro saw this mesmo friend using a cap in.the cinema
 A friend of mine’s neighbor said Pedro saw this same friend wearing a cap in the cinema”.

That is, (13a) will be true if and only if the only contextually relevant individual who is a man is equivalent to a man (that is, shares all the contextually relevant properties with this man so that this makes them to count as one individual in the context) previously mentioned in discourse and got into the cinema wearing a cap. Following the reasoning developed above, the sentence (13b) will have as one of its interpretations the following: it will be true if and only if there is an individual y, who is my friend, such that the only contextually relevant individual x who is a neighbor of y said that Pedro saw z, who is my friend and equivalent to the individual y, wearing a cap at the cinema.

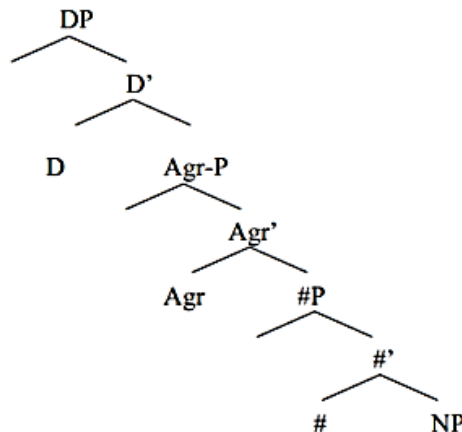
In this paper, I will discuss two important things. The first is the relationship of the word *mesmo* with the structure of the determiner

phrase, showing that its syntactic behavior offers something interesting for the study and unveiling of this structure. The second is the meaning of *mesmo*. I will propose a description (and partial formalization) of this word's anaphoric meaning in the syntactic position we are considering, arguing that the extension of *mesmo* is dependent on referents given by the context. The paper has the following organization. In section 2 below, I discuss the syntactic structure of DP (following, to a large extent, among others, SCHOORLEMMER, 1998; BRITO, 2007; CINQUE, 2010 and BRITO; LOPES, 2016) and present a proposal for the place of the adjective *mesmo* in such a structure, taking into account that prenominal possessive pronouns and anaphoric *mesmo* are mutually exclusive. In section 3 I propose a minimal semantics for *mesmo* in the syntactic position shared with the possessives and discuss a possible application of (at least part of) this semantic definition in cases where *mesmo* is involved in an explicit comparison.

2 Of the syntactic structure of DP and *mesmo*

There is a varied literature which explores, as it was done for the left periphery of the sentence (e. g., RIZZI, 1997; BOCCI; RIZZI, 2017) and for the periphery of the VP (BELLETTI, 2004), a 'cartography' of the determiner phrases (e. g., BORER, 2005; CINQUE, 2010; BRITO; LOPES, 2016 for Portuguese; among many others). Some studies in Portuguese and other languages (e.g., MIGUEL, 2002; CARDINALETTI, 1998) propose the following (minimal) structure for determiner phrases:

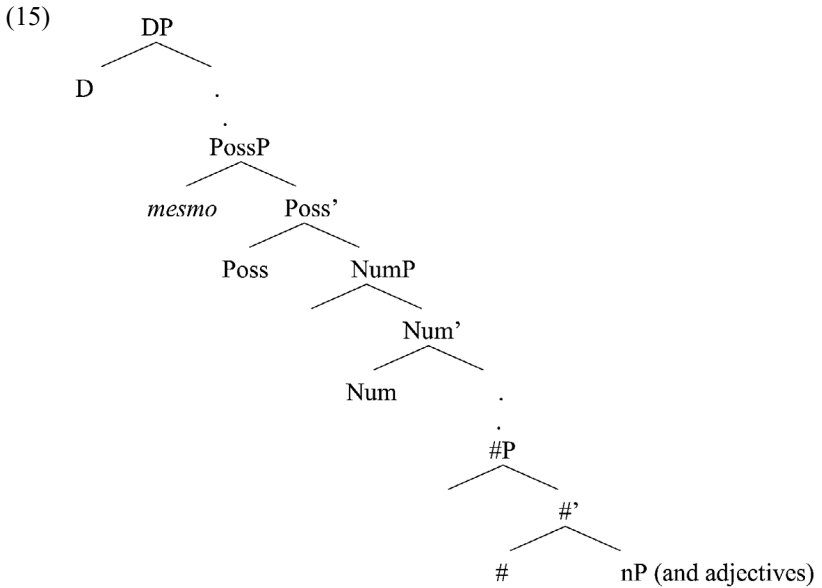
(14)



Both in European and Brazilian Portuguese, and in other languages as well, many authors (e. g., SCHOORMELER, 1998) argue that possessive pronouns, at least those which do not express arguments of the noun head they merge to, are adjectives base-generated in the specifier of a *Poss* (Possessive) head of the NP extended projection, and, for some of these scholars, such possessive adjectives are further moved to the specifier of the Agr phrase (e. g., BRITO, 2007; BRITO; LOPES, 2016). The other (lexical) adjectives belong to lower layers of the NP extended projection structure, distributed in a universal hierarchy of adjectives (cf. CINQUE, 2010).

It seems clear, taking into account the behavior of anaphoric *mesmo* depicted in the previous section, that it must be positioned above numerals and other adjectives, and occupy the same (final) position as the pronominal possessives; in addition, anaphoric *mesmo* must be below the definite determiners (articles and demonstratives); it must also, as we have already seen, be blocked when the indefinite article or quantifiers such as *algum* (some), *cada* (each), *todo* (every), *nenhum* (no) etc., head the DP. Further, anaphoric *mesmo* is licensed only within a DP which expresses shared properties with the referent of the discourse topic – or with an individual previously mentioned or presupposed.

For several reasons (cf. HALLE; MARANTZ, 1994; CHOMSKY, 1995; among others), I will assume there is no agreement head as part of DP-NP structure. I will therefore propose that pronominal possessive pronouns are generated or moved to the specifier position of a head that I will, for now, call *Poss*, as previous literature does. Thus, the anaphoric adjective *mesmo* should occupy, at the end of the derivation at least, the position shown in the tree below, since it disputes this position with pronominal possessives.



The question the reader could be asking herself at this moment is: what do the anaphoric adjective *mesmo* and pre-nominal possessives have in common in order for them to supposedly occupy the same position in (15)?

However, let us postpone the answer for this question to the next section, in which I will address the meaning of anaphoric *mesmo*. For now, it is important to draw attention to the following facts. The first is that the co-occurrence of anaphoric *mesmo* with the notion of possession or other relationships conveyed by possessive pronouns is not prohibited¹¹. In the following examples, we have relations that could

¹¹ Janayna Carvalho pointed out to me (p. c.) that in some contexts the possessive keeps on being precluded or makes the construction really bad. For instance, in (16a), if I exchange “daquela moça” (of that girl) for “meu” (mine), the sentence becomes degraded (*?o mesmo chapéu meu foi esquecido na varanda – “the same hat of mine was left in the balcony”). However, postposing possessive pronouns always degrades definite DPs, hosting it the adjective *mesmo* or not: *?o chapéu meu/seu/nosso/teu foi esquecido na varanda (the hat of mine was left in the balcony). Note further that the sentence becomes less degraded when we substitute the definite article for a demonstrative: ??esse mesmo chapéu meu foi esquecido na varanda (this same hat of mine was left in the balcony). For now, I have nothing to say about this order constraint.

be (or are) expressed by possessives in determiner phrases containing anaphoric *mesmo*.

- (16) a. ?O mesmo chapéu daquela moça foi esquecido na varanda.
The mesmo hat of.that girl was forgotten in.the balcony
“The same hat of that girl was left in the balcony”.
- b. O mesmo amigo da Maria disse que ela estava bem.
The mesmo friend of.the Maria said that she was well
“The same friend of Maria said she was well”.
- c. Tem um amigo meu que fere nossos ouvidos cantando. Mas esse mesmo amigo meu toca berimbau muito bem.
Has a friend mine that hurts our ears singing. But this mesmo friend mine plays berimbau very well
“There is a friend of mine who hurts our ears when he’s singing. But this same friend of mine plays berimbau very well”.

Now let us compare these examples with those in (17) below, in which the relevant DPs include anaphoric *mesmo* and prenominal possessives. They are all ungrammatical or very degraded.

- (17) a. *O mesmo seu chapéu/??O seu mesmo chapéu foi esquecido na varanda.
The mesmo your hat/ the your mesmo hat was forgotten in.the balcony
“The same hat of yours was left in the balcony”.
- b. *O mesmo nosso carro/?*O nosso mesmo carro ainda está na garagem.
The mesmo our car/ the our mesmo car stil is in.the garage
“The same car of ours is still in the garage”.
- c. Tem um amigo meu que fere nossos ouvidos cantando. Mas *esse mesmo meu amigo/*esse meu mesmo amigo toca berimbau muito bem.
Has a friend mine that hurts our ears singing. But this mesmo my friend/this my mesmo friend plays berimbau very well
“There is a friend of mine who hurts our ears when he’s singing. But this same friend of mine plays berimbau very well”.

Another important property of DPs containing anaphoric *mesmo* is related to the binding theory. While possessives can be bound within their binding domain, the prenominal adjective *mesmo* does not change

the DP (which is referential) so as to allow it to be bound in any domain. The following examples illustrate this¹².

- (18) a. [Maria e Joana]_i chamaram [as suas_{ij} amigas] para a festa.
 Maria and Joana called the their friend.fem.pl to the party
 Maria and Joana called their friends to the party”.
- b. [Maria e Joana]_i viram [as mesmas moças]_{j/*i} no espelho.
 Maria and Joana saw the mesmas girls in.the mirror
 “Maria and Joana saw the same girls un the mirror”

The binding differences between possessive pronouns and *mesmo* are related to the different semantic definitions of the two (kinds of) items, which shall be discussed in more detail in the next section. However, we can explain such differences at this very moment, based on some intuition about the meanings of *mesmo* and possessives. The adjective *mesmo*, in fact, simply establishes a sort of identification of the DP that hosts it, which is a R-expression, with a referent in discourse (or in the sentence). It is not like a possessive, which is a pronoun that takes a referent in discourse (or in the sentence) and establishes a pragmatically defined relation, that is never identity, of this referent with the R-expression denoted by the DP which hosts it. Once the adjective *mesmo* is just a way through which a R-expression gets a previously mentioned referent in discourse, it is the whole DP that counts for binding principles; and, since the DP that hosts *mesmo* is a R-expression, then Principle C is the only relevant binding principle in this case.

The examples in (16) show that the fact that *mesmo* and pronominal possessive pronouns do not co-occur within the DPs cannot be explained by some semantic incompatibility between the two. The explanation must therefore be syntactic. The examples in (18) show that

¹² It is interesting to note, however, that *mesmo* after pronouns forces the binding of the pronoun obeying principle A, as we see below, in (i) below.

[Maria e Joana]_i viram [elas mesmas]_{i/*j} no espelho.

Maria and Joana saw they mesmas in.the mirror

“Maria and Joana saw themselves in the mirror”.

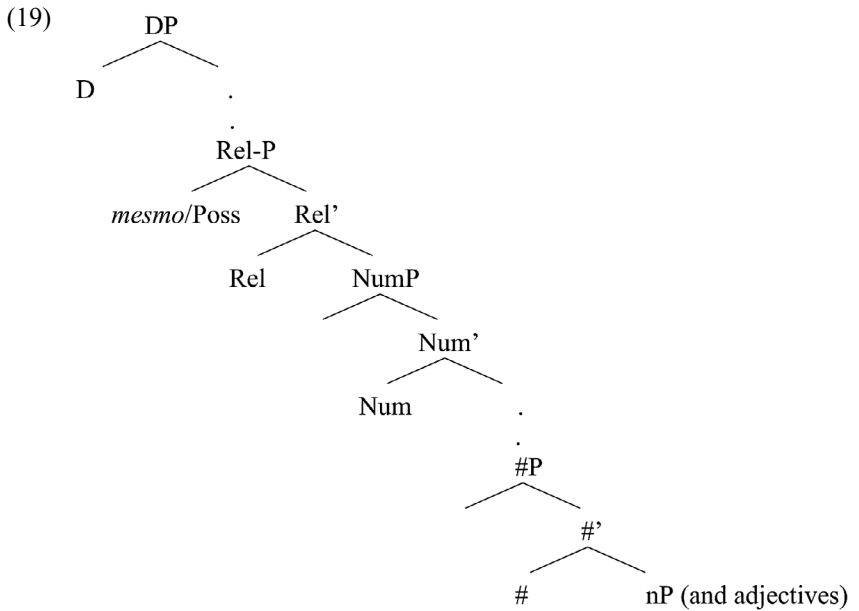
prenominal *mesmo* and possessives are different in terms of binding properties^{13, 14}.

According to this approach, the characteristic shared by possessives and anaphoric *mesmo* is the fact that they are adjectives with pronominal properties. We could then think that the position they occupy is a position (not necessarily the only one) for noun modifiers with an “incomplete” extension, which take part of their extension from other constituents outside the DP, present in the sentence or in the previous discourse.

As the position of anaphoric *mesmo* and pronominal possessives is, as it seems, the same in the syntactic structure, and *mesmo* is not a possessive, I propose, assuming a structure similar to that of (19), that the head label *Poss* in (15) should be changed. Therefore, the DP-NP structure would have a node whose function is *relating* the reference of the DP which includes a “pronominal adjective” and other entities expressed in the sentence or in the discourse, referents external to that DP. I will use the label *Rel* (relational) for this head. Thus, *Poss* is replaced by *Rel*, as the (final) position filled by pronominal possessives or anaphoric *mesmo* at least in the structure of DPs.

¹³ One of the reviewers asks why a sentence like “o professor do amigo [da Maria e da Joana]i disse que viu [as mesmas moças]i no shopping” (Mary and Jane’s friend’s teacher said he saw the same girls in the mall) is, with such coindexing properties, agrammatical, if “as mesmas moças” obeys Principle C. For me, however, though marginal, it is not really ungrammatical; and gets more acceptable if we substitute the definite article by a demonstrative: “o professor do amigo [da Maria e da Joana]i disse que viu [essas mesmas moças]i no shopping” (Mary and Jane’s friend’s teacher said he saw these same girls in the mall).

¹⁴ One of the reviewers asks why a sentence like “o professor do amigo [da Maria e da Joana]i disse que viu [as mesmas moças]i no shopping” (Mary and Jane’s friend’s teacher said he saw the same girls in the mall) is, with such coindexing properties, agrammatical, if “as mesmas moças” obeys Principle C. For me, however, though marginal, it is not really ungrammatical; and gets more acceptable if we substitute the definite article by a demonstrative: “o professor do amigo [da Maria e da Joana]i disse que viu [essas mesmas moças]i no shopping” (Mary and Jane’s friend’s teacher said he saw these same girls in the mall).



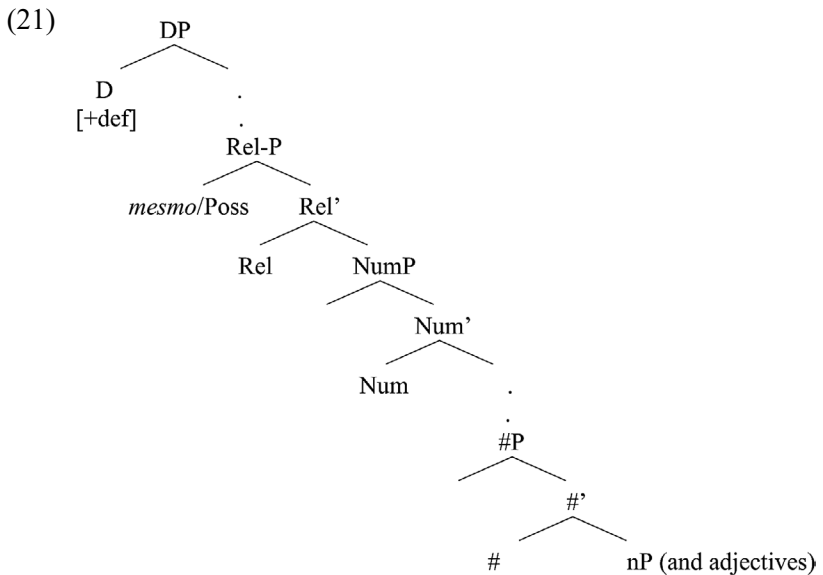
It is important to note that elements in the specifier position of *Rel* resist a combination with the indefinite article. The possessives in the Portuguese variety spoken by the author may even co-occur with this article, but they must appear after the noun, as we see in (20) below¹⁵. In a similar way, anaphoric *mesmo*, which, according to the proposal developed here, occupies the same position as the one of pre-nominal possessives, does not co-occur with the indefinite article.

- (20) a. Encontrei um amigo meu na pracinha ontem.
 Met a friend mine in.the park yesterday
 “I met a friend of mine at the park yesterday”.

¹⁵ In Portuguese, possessives also occur without articles or demonstratives, as we can see in the sentence “encontrei meu chapéu na mesa” (I found my hat on the table). As I said earlier, possessives are not obliged to occupy the [Spec, RelP] position in order to be licensed inside the DP or to attain their pronominal properties. However, it may be the case that, in such an example, there is in fact a *Rel* head, but the possessive moves from [Spec, RelP] to a higher position, like the [Spec, DP], and this move obliterates the phonological expression of the article. Such a proposal, however, needs further investigation, in another work.

- b. ?*Encontrei um meu amigo na pracinha ontem.
Met a my friend in.the park yesterday
- c. ?*Encontrei um mesmo amigo na pracinha ontem.
Met a mesmo friend in.the park yesterday
- d. #Encontrei um amigo mesmo na pracinha ontem.
Met a friend mesmo in.the park yesterday
“I really met a friend at the park yesterday”.

Such facts suggest, at least at first glance, that one can think of *Rel* as a head licensed only in the environment of definite determiners. The syntactic tree below represents the idea. Definite determiners, such as the definite article and the demonstratives *esse* (this), *aquele* (that), etc., are the only ones that co-occur with anaphoric *mesmo* and pre-nominal possessive pronouns (in my variety of Portuguese¹⁶).



¹⁶ It can be the case that there is, in fact, a *Poss* head, lower than the indefinite determiner *d* head (cf. CINQUE, 2010), where non-argumental possessives are generated, and this would explain the existence of varieties of Portuguese that accept an indefinite article preceding a pronominal possessive. Perhaps even in more restrictive varieties, such as the one being analyzed in this article, such possessives are generated in that position and obligatorily moved to the specifier of *Rel*. This particular question requires further investigation, which will be conducted in due time.

Thus, sentence (1a), repeated as (22) below, will have the (simplified) structure given by (23) in the sequence:

- (22) O mesmo homem entrou na sala.
 “The same man got into the room”.
- (23) [_{IP} [_{DP} o [_{RelP} mesmo [_{Rel}’ *Rel* [_{NP} homem]]]]] [_I’ entrou na sala]

As I said above, the specifier of *Rel* will not be the only position to host the adjective *mesmo*. The examples on note 7 show us that with the distributive reading the pronominal adjective *mesmo* is also licensed in the context of an indefinite article, which, supposedly, does not license *Rel*. For Cinque (2010), among others, the indefinite article occupies a lower position in the DP-NP template than the definite article and the demonstrative determiners. We will discuss this shortly. In addition, there are cases like the one in (24), where the reading of *mesmo* is not distributive (and hardly anaphoric either), but the pronominal possessive pronoun coexists with it, which suggests that in this example the pronominal adjective *mesmo* occupies a lower position in the architecture of DP.

- (24) Seus amigos e familiares podem te ligar de forma gratuita pelo WhatsApp para *o seu mesmo número do Brasil*¹⁷.
 “Your friends and family can call you for free via WhatsApp to your same telephone number in Brazil”.

Although my judgments are not very sure regarding the acceptability of examples such as (24), it seems to me that the licensing (for me marginal) of *mesmo* in (24) is crucially dependent on the presence of the modifier PP (which could be, in fact, a comparative expression). Without such a modifier, the DP would be much more degraded. (In (24) phrases like *para o seu número* (to the.masc your number) or *para o seu número do Brasil* (to the.masc your number from Brazil) would sound perfect to me, but when the word *mesmo* occurs, the prepositional phrase is needed in order for the sentence to be acceptable.)

The discussion above shows that there are positions for the adjective *mesmo* lower than that occupied by anaphoric *mesmo*. Such

¹⁷ From <https://americachip.com/como-usar-o-whatsapp-no-exterior>; accessed on 05/31/2020. Notice, further, that in this example the ellipsis of the NP following the adjective *mesmo* is not allowed, which shows that it is not anaphoric at all.

positions in the syntactic tree host the distributive *mesmo* and perhaps what I am calling the “explicit” comparative *mesmo* (CARLSON, 1986; MOLTSMANN, 1993), which includes a term of comparison usually manifested by a clause similar to a relative clause. In the example in (24), I believe the PP *do Brasil* is introducing a comparison term (the number your friends and family can call is the same as your number in Brazil – even if you are outside the country).

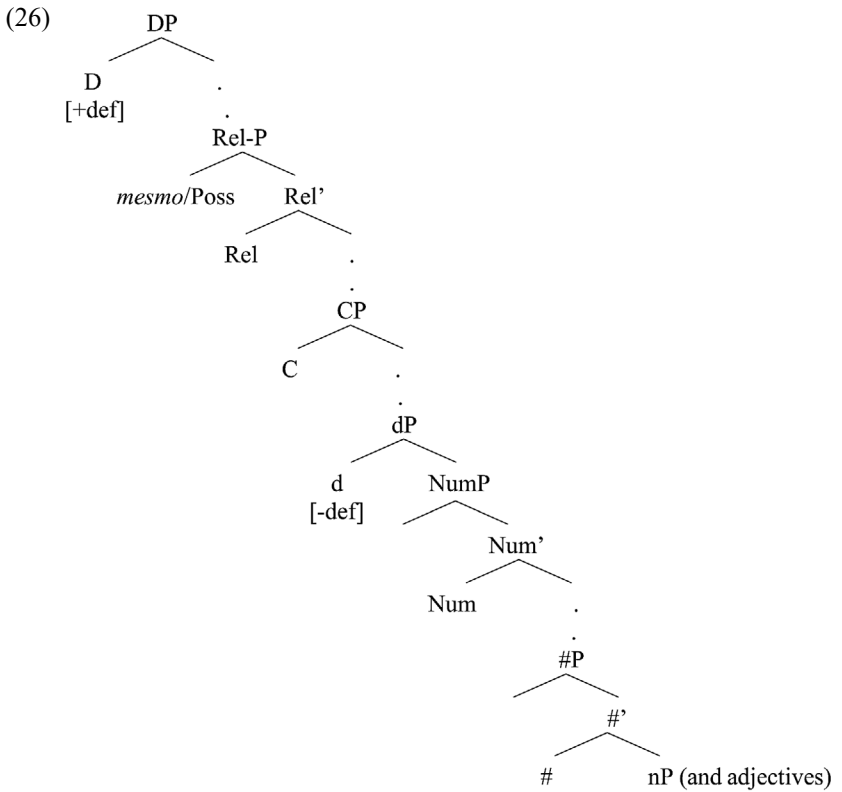
And since we are talking about (explicit) comparative *mesmo*, it should also be noted that, unlike the anaphoric version of the adjective, the word is allowed to be in the c-command domain of the indefinite article, even though such occurrences are quite restricted or marginal (for me at least). We therefore have more evidence that comparative *mesmo* is lower than anaphoric *mesmo*.

(25) a. Daquele grupo ali, a Maria fez amizade com ?uma mesma pessoa que eu, mas eu não sei quem.

From.that group there the Maria made friendship with a mesma person that I, but I not know who

“From that group out there, Maria became friends with the same person as me, but I don’t know whom”.

Taking into account what was discussed so far and that the indefinite determiners are lower than definite determiners in the DP structure, as part of the relevant literature claims (e. g., CINQUE, 2009; KAYNE, 1994; 2006), we might say that head *Rel* occupies a position between that of indefinite determiners and maybe lower quantifiers and that of definite determiners. Thus, anaphoric *mesmo* and pronominal possessive pronouns (in the variety of Portuguese analyzed here) will not be preceded by an indefinite article precisely because they occupy the specifier of *Rel*, at the end of the derivation at least. The following structure, partially based on Cinque (2008; 2010), illustrates the proposal argued for in this paper:



In the tree above, *d* will be the head occupied by the indefinite determiner, which, in Cinque's proposal (2008; 2010), is placed below the head to which the restrictive finite relative clauses are attached. For Cinque and other authors (for example, KAYNE, 2004), the *Num* and *d* heads collapse, but I will keep them separate, at least in this paper, as the co-occurrence of the indefinite plural article and numerals are allowed in Portuguese. We see in the syntactic tree that anaphoric *mesmo* will occupy (at the end of the derivation, at least) a position above numerals and the indefinite article, which partially explains its exclusive occurrence with the definite article; following the reasoning so far, comparative and distributive *mesmo* would occupy a position below *d*, which explains their occasional appearance in indefinite DPs.

3 On the meaning of *mesmo* (and of possessive pronouns)

Let me begin this section by proposing a semantic definition for anaphoric *mesmo*. As I said earlier, anaphoric *mesmo* – the one hosted in the specifier position of the *Rel* head – will have such an extension that it will include a sort of ‘pronoun’ – that is, part of its extension will be provided by the extension of other constituent(s) in the sentence (subject to certain constraints) or, more commonly, from the previous discourse. As it will be proposed below, in (27), *y*, the ‘anaphoric’ part of the definition of *mesmo*, will take its reference from the (discursive or sentential) context, constrained by Principle C of Binding Theory.

But how can we relate the reference of *y* with other elements in the definition of *mesmo*? Let us suppose that this definition also includes a function, which I will call *contextually equivalent to*, that relates an entity *x*, which belongs to the set defined by the common noun preceded by *mesmo*, with an entity *y* taken from the context, which also belongs to this set. Let us now define *contextually equivalent to* the following way: *it is a function which relates two entities or kinds, x and y, and says that, if x is contextually equivalent to y in context C, then x and y share a minimum set of contextually relevant properties which makes x and y count as just one entity or kind in the context.*

- (27) $[[\text{mesmo}_{\text{Rel}}]]^{[y \rightarrow i]} := \lambda f_{\langle e, t \rangle} . \lambda x. f^{[y \rightarrow i]}(x) = 1 \ \& \ Z^{[y \rightarrow i]}(x, y) = 1$
 where $Z(x, y)$ is a relation such that *x* is contextually equivalent to *y* in context *C* and *i* is an individual (or kind) previously mentioned in discourse.

Such a proposal bares some resemblances to Alrenga (2010)’s, Nunberg (1984)’s and especially more classical analyses, such as Heim (1985)’s, for English *same*, but differs from them in important ways. Contrary to Nunberg (1984), I assume entities in the model, not just properties. Contrary to Alrenga (2010), I argue that *mesmo* sets a comparison between entities, though through the sharing of properties. And contrary to Heim, I specify what kind of equivalence relation exists between a discourse referent and the possible referent of the DP which includes *mesmo*. Alrenga (2010) and Lasersohn (2000) discuss the difficulties of Nunberg (1984)’s approach, and I will not repeat their arguments against this analysis here. Alrenga (2010)’s proposal, which assumes that the English *same* relates sets of properties, not entities, does not provide adequate means of dealing with the anaphoric adjective *mesmo*, which must make reference to an entity or kind mentioned in

previous discourse. That is why I am not adopting his analysis in this paper, although I recognize that some problems Alrenga points out for the traditional approaches which assume that adjective *same* compares entities are pertinent and hard to circumvent. A completely different course of analysis is espoused by Lasersohn (2000), who adopts the concept of *halo* (LASERSOHN, 1999). This approach, however, implies that, when the entities compared do not share all the properties, the assertion with *same* is false – because they are not effectively *the same* (as pointed out by Lasersohn himself) –, though possibly pragmatically felicitous given the context, because one of the entities compared is located inside the other entity's *halo*¹⁸, and that makes the assertion felicitous depending on the discourse. I believe it is problematic and anti-intuitive that most (almost all, perhaps) of the assertions involving *same* be false, though felicitous in context, and therefore I will not adopt this solution here.

Let us now see how (27) applies in a concrete example. In context (3) above, the referent of the DP *o mesmo homem* (the same man) must be contextually equivalent to the entity who a neighbor of the speaker told her was spying on Cláudio's house (and not being discrete). In this example, the set of properties shared between the man seen by the neighbor and the one who broke into the house is such that they must be taken as one and the same entity.

Then, why am I not assuming that $x = y$ in (27) (as in, e. g., HEIM, 1985, among others)? It depends on how we interpret the relation “=” above. If we interpret this relation as the sharing of just contextually relevant properties (including the properties defined by the common noun preceded by *mesmo*), we could use “=” in our formulation (27); however, if it means the sharing of all properties by the two compared entities (except for the property of being referred to by different linguistic expressions), how could we deal with sentences like (28) below, for which there cannot be a strict identity between x and y ?

- (28) a. Eu tive a mesma doença, mas bastante diferente.
 I had the mesma illness but enough different
 “I had the same illness, but very different”

¹⁸ Roughly speaking, the *halo* is a set of entities that are “near” an entity which they are compared to in terms of the number of shared properties.

- b. Eu não tive exatamente a mesma doença.
 I not had exactly the mesma illness
 “I did not have exactly the same illness”.

As can be seen, in sentences like (28), the speaker is not talking about strict identity of entities or maybe even kinds. In order to understand this point, let us imagine a plausible situation for (28a) in which the speaker is in fact telling the hearer that she was infected with the same (kind of) virus that caused the illness mentioned in previous discourse, but did not have all the same symptoms (perhaps no same symptom at all). So, in this example, a relevant property (maybe the only one, apart from both being illnesses) shared by the two states of illness which are being compared is that they were caused by a virus *V*. And that, apart from the fact that the compared entities are *illnesses*, is sufficient for the speaker (and the hearer) to consider them to be equivalent – the *same*. The fact that the virus *V* was the cause of both illnesses is true, in spite of their differences. So, in order to avoid misunderstandings, I prefer to use the expression *contextually equivalent to* in the formulation (27) rather than using the symbol¹⁹ “=”.

An advantage of thinking of anaphoric *mesmo* as a function which expresses a *minimum contextually equivalence* between two entities in a given context is that it is possible to intensify that equivalence in that context. The grammar allows this to be expressed in two manners. On the one hand, it is permitted to combine some sorts of adverbs and quantifiers with the DP which includes *mesmo*, such as *exatamente* (exactly), *quase* (almost), etc. On the other hand, *mesmo* has a superlative form, *mesmíssimo* (same.sup).

- (29) a. Exatamente a mesma peça foi encenada no teatro da nossa cidade.
 Exactly the mesmo play was performed in.the theater of.the our city
 “Exactly the same play was performed at the theater of our city”.
- b. A mesmíssima peça foi encenada no teatro da nossa cidade.
 The mesmo.sup play was performed in.the theater of.the our city
 “The very same play was performed at the theater of our city”.

¹⁹ In fact, the adjective *igual* (“equal”, “identical”) behaves the same way in normal language, typically focusing on contextually relevant properties in order to establish the comparison.

- c. Nós assistimos a quase a mesma peça ontem.
 We watched to almost the mesma play yesterday
 “We watched almost the same play yesterday”.

Maybe, in (29a) the adverb *exatamente* widens the set of assumed shared contextually relevant properties so that, for the speaker, there is no relevant distinction between the play she watched and the play she is taking as comparison (a play provided by the context, which is not in fact an entity, which endures, but an event which can happen again). It seems, in fact, that there is a minimal set of shared properties which makes the two plays to count as one for the speakers, and the adverb asserts that there are more shared properties than the minimum assumed (the play was performed the same way, with the same actors, the same scenario, the acting was very similar...). The superlative morpheme in (29b) has approximately the same semantic function. The adverb *quase* (almost) in (29c) says that the minimum set of shared contextually relevant properties was not ‘achieved’ by the comparison relation the speaker is trying to settle, and *x* and *y* are in fact not ‘the same’, even though we may suppose that they share the maximal proper subset of the agreed minimum set of shared properties which would make the comparison defined by *mesmo* true.

To end this section, I would like to discuss two problems pointed out by Nunberg (1984) and Lasersohn (2000) for *same* in English, but which must be faced by anyone who is trying to analyze *mesmo* in Portuguese as well. One of them is related to the following example, inspired in a similar example discussed in Nunberg (1984):

- (30) Comprei um Ford Ka zero na semana passada. Ontem, um primo meu, que tirou recentemente a carteira de motorista, pediu para dar uma volta com meu carro novo na vizinhança. Eu deixei. Infelizmente, ele bateu no **#mesmo carro** numa esquina a duas quadras daqui. Amassou a porta toda do carona...
 “I bought a brand-new Ford Ka last week. Yesterday a cousin of mine, who recently took out his driver’s license, asked to take a ride with my new car in the neighborhood. I let him drive my car. Unfortunately, he hit the **#same car** on a corner two blocks from here. He smoothed the entire passenger door...”

Any speaker knows that the DP *o mesmo carro* (the same car) cannot mean “the same kind or model of car”. But why is that in this

context? The answer to this problem is the following. The situation described in (30) is such that *a car hits another car*; and the subject of the verb *bater* (hit) must be interpreted as an entity, not a kind: so, if a car *bate em* (hits) another, the car which is the subject of the verb is never interpreted as a kind. When the referent of the DP *o mesmo carro* (the same car) is compared with the car that hits it, and that cannot be a kind of car, but an individual car, the minimum for the Z function must be the set of properties which characterizes entities, not kinds, and therefore the two expressions with the word *car* will refer to entities which must count as the same individual car. But there is no way a car could hit itself, whatever the quality of the driver. Thus, the expression *o mesmo carro* is odd in such a context, once no other (kind of) car is provided for it to take as reference. Notice that even if I use *o mesmo tipo de carro* (“the same kind of car”), instead of *o mesmo carro* (the same car), I would have the same problem. Last but not least, I think it is relevant to say that I tried to find in the internet the following sequences “um/esse/aquele/meu... tipo de carro bateu” (a/this/that/my... kind of car hit), but I found none. That suggests the verb *bater* indeed does not select kinds (of cars) as subjects.

The second problem I would like to discuss was pointed out by Lasersohn (2000) as a difficulty for Nunberg (1984)’s analysis. I will provide a very similar example in Portuguese, which illustrate what is in question here:

- (31) Possuo uma TV Samsung 42”. Meu vizinho possui a mesma TV.
 “I own a TV Samsung 42”. My neighbor owns the same TV”.

Roughly speaking, for Nunberg (1984), the model has no entities, just properties, and what characterizes entities are the properties which are true for them in the model. Two entities are the *same* if the model is such that there are no properties which distinguish them. In this case, (31) is a problem, for there is clearly a property, which must pertain to the model (the property *is owned by X*), but distinguishes the two entities compared – and they keep on being *the same*.

The analysis argued for in this paper (as well as the *halo* analysis by Lasersohn) does not face such a difficulty, for it considers entities in the model, and the model does not exclude properties. So, although the Z function does not include the *is owned by X* property, it continues to be part of the model, and there is no problem at all in saying (31), maintaining the two TVs as the same.

3.1 Possessives

Another important question that must be addressed in this section is: what do possessive pronouns and anaphoric *mesmo* have in common so that both occupy the same syntactic position inside the DP-NP structure? Let us suppose that possessive pronouns have two typical semantic definitions, one in which they are arguments of nouns, as is the case of (32a), and another in which they simply encode various, pragmatically defined, kinds of relations, as we see in (32b). The definitions proposed in (33a) and (33b) would correspond, respectively, to the examples in (32a) and (32b). They are similar to some definitions we find in the literature (cf. BARKER, 2011, among others), where the predicate *Z* in (33b) is a relation pragmatically settled.

(32) a. O seu amigo não está bem de saúde.
The your friend not is well of health
“Your friend is not in good health”.

b. Eu estou tomando o seu suco.
I am taking the your juice
“I’m drinking your juice”.

(33) a. $[[\text{seu}]]^{[y \rightarrow \text{hearer}]} := \lambda f_{\langle e, \langle e, t \rangle \rangle} \lambda x. f^{[y \rightarrow \text{hearer}]}(x, y) = 1$

b. $[[\text{seu}]]^{[y \rightarrow \text{hearer}]} := \lambda f_{\langle e, t \rangle} \lambda x. f^{[y \rightarrow \text{hearer}]}(x) = 1 \ \& \ Z^{[y \rightarrow \text{hearer}]}(x, y) = 1$

In (33) *hearer* in the assignment indicates a specific referent in the situation; that is, it means that we are stating that the variable *y* will have a value, ‘hearer’, and so it will refer to a specific entity, the person who the speaker is talking to. Note that the possessive pronoun in (33b) has a semantic definition similar to that given in (27) for anaphoric *mesmo*, since it has an anaphoric element *y* which is related to the variable *x* by means of a function coordinated with the function defined by the common noun which follows *mesmo*. The difference lies in the functions which relate *x* and *y* in possessives and anaphoric *mesmo*.

Suppose, finally, that the fact that possessives have this “pronominal” element as part of their definition makes them, as it happens with anaphoric *mesmo*, compatible with the *Rel* head, and licenses them in the position of specifier of *Rel* – even if the occupation of this position by a possessive in the structure is not mandatory as it is for anaphoric *mesmo*. As we said earlier, this head, close to the DP border, hosts syntactic elements that can be related to the constituents outside the DPs which include them.

Thus, since they are elements with pronominal properties within the DP, and since they can take entities outside the sentence or their DPs as their antecedents, I propose here that they compete for the same syntactic position, [Spec, RelP], a position that precisely encodes such anaphoric relations with elements both within the sentence (but outside the DP) and outside it. As anaphoric *mesmo* must occupy such a position to be able to take external referents, and this is the position occupied by pronominal possessives in the variety of Portuguese spoken by the author, anaphoric *mesmo* and pronominal possessives cannot co-occur inside the same DP²⁰.

Many interesting questions about the syntactic and semantic behavior of possessives need clarification. For example, would possessives receive a different (from (33)) semantic definition if they occupy a different position inside the DP structure? And what is the relation between (anaphoric) *mesmo* and the possessives in other positions, conveying possible other interpretations? There is a literature on different readings of possessives in different syntactic positions, but this discussion is complex and outside the scope of this paper.

3.2 *Mesmo* in ‘explicit’ comparatives

So far, we claimed that anaphoric *mesmo* sets a kind of ‘implicit comparison’ (cf. CARLSON, 1987). Now it is worth asking if when there is an explicit term of comparison, such as a clause, we can keep something of the definition given in (27) for the word we are studying here. In other words: would the comparative *mesmo* have a semantic definition equal or close to the one of anaphoric *mesmo*? What follows is exploratory, but I will argue that we could have a close definition – different from the semantic definition of the distributive *mesmo*, whatever it is (for important discussion on distributive *same* in English, see, among others, BARKER, 2007 and CARLSON, 1987).

To begin with, it is important to show some evidence that typically the clauses which come after the noun in what I am calling here explicit comparative are not simple relative clauses with a restrictive semantic

²⁰ The quantifier *cada* (“each”) does not typically precede pronominal possessives (although it co-occurs with postnominal possessives). As we saw above, *cada* does not co-occur with pronominal anaphoric *mesmo* as well. Would the quantifier occupy the [spec, Rel] position proposed here? I don’t think so. Note that the same can be said about other (lower) quantifiers, such as *algum* (some), *nenhum* (no), etc. So, I believe that the spec, Rel position is higher than that of all these quantifiers, and that is why *cada*, as well as other quantifiers such as *algum*, cannot co-occur with pronominal possessives (in my variety of Portuguese).

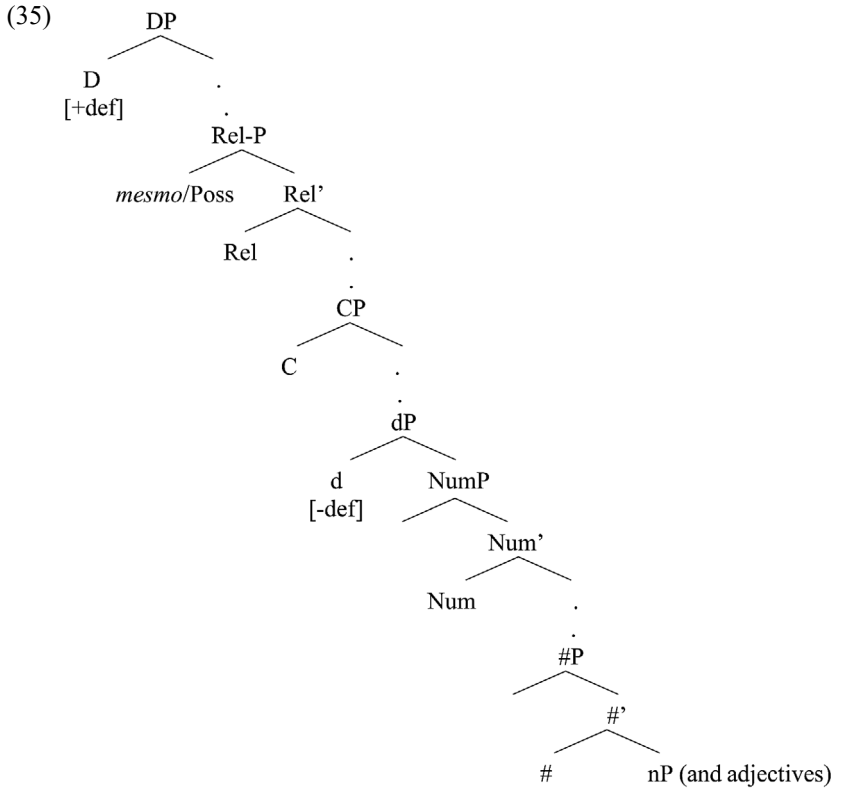
function, but a sort of term of comparison. The examples below suggest that the clauses that follow the nouns *livro* (book) and *sorvete* (ice cream) are real extraposed comparative clauses, because they are subject to the same sort of ellipses as comparatives in general (which is not allowed in simple relatives):

- (34) a. Pedro procurava o mesmo livro que eu (procurava).
 Pedro searched the mesmo book that I (searched)
 “Pedro looked for the same book as me”.
 Pedro procurava o livro que eu *(procurava).
 Pedro searched the book that I *(searched)
 “Pedro looked for the book that I looked for”
 Pedro gosta mais de sorvete do que eu (gosto).
 Pedro likes more of ice-cream of that I (like)
 “Pedro likes ice cream more than me”.
 Pedro é mais dedicado do que eu (sou)
 Pedro is more dedicated of that I (am)
 “Pedro is more dedicated than me”

The important point of the above paragraph is that, syntactically and semantically, many of such clauses behave like comparative clauses, like the ones we find in other comparative structures, as we can see comparing (34d) to (34a) and (34a) to (34b).

Now, let us suppose that the comparative clause is inserted in a projection of the adjective phrase headed by *mesmo* (e.g., EMBICK, 2007; among others), as we see in the diagram below. Suppose, further, that comparative structures are below the head *d*, which introduces the indefinite article (see CINQUE, 2010, among others)²¹.

²¹ In the tree below, there must be an extraposition operation in order to generate the right sequence of constituents, which is *mesmo*-nP-YP. However, I will not discuss this hard issue in this paper.



Let us also suppose that when *mesmo* belongs to such a configuration, it has the following semantic definition, very close to (27) above, with the exception that the adjective loses its pronominal character (the assignment function).

(36) $[[mesmo_{comp}]] := \lambda f_{\langle e,t \rangle} . \lambda y . \lambda x . f(x) = 1 \ \& \ Z(x,y) = 1$
 where $Z(x,y)$ is a relation such that x is contextually equivalent to y in context C .

Let's look at an example:

- (37) O mesmo homem que não era muito sutil invadiu o terreno.
 The mesmo man that not was very subtle invaded the land
 “The same man who was not very discrete broke into the land”.

Here, the comparative clause, *que não era muito sutil* (who was not very discrete), would have the following extension:

$$(38) [[YP]] = \lambda g_{\langle\langle e,t\rangle, \langle e, \langle e,t \rangle \rangle, \langle e,t \rangle, \langle e,t \rangle \rangle} \cdot \lambda f_{\langle e,t \rangle} \cdot \lambda x. \exists y. g(x,y) = 1 \ \& \ y \text{ was not very discrete.}$$

Simple functional application has the desired consequence. Thus, the aP syntactic node will have as its extension the following:

$$(39) [[aP]] = [\lambda g_{\langle\langle e,t\rangle, \langle e, \langle e,t \rangle \rangle, \langle e,t \rangle, \langle e,t \rangle \rangle} \cdot \lambda f_{\langle e,t \rangle} \cdot \lambda x. \exists y. g(x,y) = 1 \ \& \ y \text{ was not very discrete}]([\lambda f_{\langle e,t \rangle} \cdot \lambda x. f(x) = 1 \ \& \ Z(x,y) = 1]) = \lambda f_{\langle e,t \rangle} \cdot \lambda x. \exists y. f(x) = 1 \ \& \ Z(x,y) = 1 \ \& \ y \text{ was not very discrete.}$$

When we combine aP with the noun *homem* (man) – or, in the tree, when we merge aP with X' –, which is a function compatible with the domain of the resulting function in (38), we will have the function in (40). The function in (40) will later be taken by the definite determiner, and such a constituent will be a generalized quantifier, as desired. Taking as reference the tree in (34), the formulation below provides the extension of the XP node.

$$(40) [[XP]] = [\lambda f_{\langle e,t \rangle} \cdot \lambda x. \exists y. y \text{ was not very discrete} \ \& \ f(x) = 1 \ \& \ Z(x,y) = 1]([\lambda x. x \text{ is a man}]) = \lambda x. \exists y. y \text{ was not very discrete} \ \& \ x \text{ is man} \ \& \ Z(x,y) = 1.$$

An important point of the proposal that I am entertaining here, and which may not have been sufficiently clear from the discussion so far, is that part of the extension of the items is established by its syntactic environment. That is, depending on where the item is, the semantic function it conveys will be of a semantic type or other, even though they preserve a common nucleus. As we could see above, when *mesmo* occupies the position of specifier of *RelP*, its extension is a function of the type $\langle\langle \lambda, t \rangle, \langle e, t \rangle \rangle$, and will include a pronominal part; on the other hand, when it is in the context of a comparative clause, it will be a function of type $\langle\langle e, t \rangle, \langle e, \langle e, t \rangle \rangle \rangle$.

It is possible, considering the definition given in (36), that other sorts of syntactic constituents occupy the position of specifier of aP in (35). We could, therefore, have other adjectives, prepositional phrases, among other things, occupying that position. Perhaps that is indeed the case, and would account for sentences such as the one presented below, where the term of comparison seems to be established by the prepositional phrase *do Pedro* (of Pedro).

- (41) Eu comprei o mesmo telefone do Pedro.
I bought the mesmo telephone of.the Pedro
“I bought the same (kind of) telephone as that of Pedro”.

Here, the PP *do Pedro* would occupy the specifier of the comparative aP headed by *mesmo* and would be a function, in that context of comparison, compatible with the domain of the function provided for *mesmo* in (36). But a more in-depth investigation of all the issues raised in this subsection need further reflection; particularly, this proposal for explicit comparatives must be confronted with other approaches, such as Alrenga (2010)'s, among others. This, however, will be left for future work.

Conclusions

In this work I discussed semantic and syntactic properties of the word *mesmo* in (Brazilian) Portuguese, when it has an anaphoric function. I tried to explain their position in the structure of the DP and its non-co-occurrence with the pre-nominal possessives – which means, according to the proposal, that they occupy the same (final) position in the DP. I then defended the existence of a position within the DP that is occupied by “pronominal adjectives” – and that anaphoric *mesmo* is a type of pronominal adjective, just like possessive pronouns.

In the sequence, I proposed a semantic definition for anaphoric *mesmo* which, in some respects, is similar to the (simplified) definition of possessives and includes a pronominal part. Compositionally, we arrive at the desired result: that the DP (which is necessarily definite) that includes *mesmo* refers to an entity that is the topic of the discourse or to an entity that was mentioned in the previous discourse. Finally, I make an incipient attempt to explore the reasoning developed for the semantic definition of anaphoric *mesmo* in situations where there is an explicit term of comparison, as we see in the examples (36) and (40) of the previous section.

Acknowledgement

I dedicate this work to Miriam Lemle with whom, years ago, I thought about issues related to pre- and postnominal *mesmo*. Though few of the ideas developed in that occasion are used in this paper, Professor Lemle convinced me to take a look into the complexities of the word *mesmo* in various contexts, and this work would not exist without her vision. I would also thank the reviewers for very insightful and important comments and suggestions. All mistakes which remain in this version of the paper are entirely my own.

References

- ALRENGA, P. Comparisons of Similarity and Difference. *In*: HOFHERR, P. C.; MATUSHANSKY, O. (eds.) *Adjectives: Formal Analyses in Syntax and Semantics*. John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 155-183.
- BARKER, C. Parasitic scope. *Linguistics and Philosophy*, v. 30, p. 407-444, 2007. DOI: 10.1007/s10988-007-9021-y
- BARKER, C. Possessives and Relational Nouns. *In*: von HEUSINGER, K. *et al.* (eds.) *Semantics*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2011. p. 1109-1130.
- BECK, S. The Semantics of *Different*: Comparison Operator and Relational Adjective. *Linguistics and Philosophy*, v. 23, p. 101-139, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1005566722022>
- BOCCI, G.; RIZZI, L. *Left Periphery of the Clause: Primarily Illustrated for Italian*. Wiley online Library, 2017 (Available at: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/9781118358733.wbsyncom104>. Accessed on 05 dec. 2018).
- BORER, H. *In Name Only*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BRITO, A. M. European Portuguese Possessives and the DP structure. *Cuadernos de Lingüística del I. U. I Ortega y Gasset*, v. 14, p. 27-50, 2007.
- BRITO, A. M.; LOPES, R. E. V. The structure of DP. *In*: WETZELS, L. *et al.* (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2016. p. 254-274.
- CARDINALETTI, A. On the DEFICIENT/STRONG Opposition in Possessive Systems. *In*: ALEXIADOU, A.; WILDER, C. (eds.) *Possessors, Predicates and Movement in Determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 17-54.
- CARLSON, G. *Same and Different: Some Consequences for Syntax and Semantics*. *Linguistics and Philosophy*, v. 10, n. 4, p. 531-565, 1987.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge Mass: The MIT Press, 1995.
- CINQUE, G. More on the Indefinite Character of the Head Of Restrictive Relatives. *Rivista di Grammatica Generativa*, v. 3, p. 3-24, 2008.
- CINQUE, G. *The Syntax of Adjectives: a Comparative Study*. Cambridge Mass: The MIT Press, 2010.

EMBICK, D. Blocking effects and analytic/synthetic alternations. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 25, p. 1-37, 2007. DOI: 10.1007/s11049-006-9002-9

FERREIRA, M. The morphosemantic of number in Brazilian Portuguese bare singular. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 9, n. 1, p. 95-116, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.112>.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.). *The View from Building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993. p. 111-176.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of Distributed Morphology. In: CARNIE, A.; HARLEY, H. (eds.) *MITWPL 21: Papers on phonology and morphology*. Cambridge: MITWPL, 1994. p. 275-288.

HEIM, I. *Notes on Comparatives and Related Matters*, 1985 (Available at: semanticsarchive.net. Accessed on: 05 dec. 2020).

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Blackwell Publishing, 1998.

KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

KAYNE, R. S. Some notes on comparative syntax, with special reference to English and French. In: CINQUE, G.; KAYNE, R. S. (eds.). *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 3-69.

KAYNE, R. S. Expletives, Datives, and the Tension between Morphology and Syntax (não publicado), 2006.

LASERSOHN, P. *Same, Models and Representations*. In: *Proceedings from SALT X*. Ithaca: Cornell University, CLC Publications, 2000. p. 83-97.

LASERSOHN, P. Pragmatic Halos. *Language*, v. 75, n. 3, p. 522-551, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/417059>.

LEMLE, M.; MEDEIROS, A. B. “Mesmo: escopo sintático e pressuposição”. In: Encontro Nacional da ANPOLL, XXIX, 2014, Florianópolis.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: *Proceedings of 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, Philadelphia: University of Pennsylvania, 1997. p. 201-225.

MIGUEL, M. Possessive Pronouns in European Portuguese and Old French. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 1, p. 215-240, 2002. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.43>

MOLTMANN, F. Reciprocals and “Same/Different”: Towards a Semantic Analysis. *Linguistics and Philosophy*, v. 15, n. 4, p. 411-462, 1993.

NUNBERG, G. Individuation in Context. *In: Proceedings of West Coast Conference on Formal Linguistics 3*. Berkeley: Stanford Linguistics Association, 1984. p. 203-217.

OXFORD, W. Same, Other and Different: a First Look at Microsyntax of identity adjectives. *In: Proceedings of 2010 ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN LINGUISTICS ASSOCIATION*. Montreal: Canadian Linguistics Association, 2010. p. 1-15.

SCHOORMELER, M. Possessors, Articles and Definite Determiners. *In: ALEXIADOU, A.; WILDER, C. (eds.) Possessors, Predicates and Movement in Determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 55-86.

RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery. *In: HAEGEMAN, L. (ed.) Elements of Grammar*. Kluwer Academic Publisher, 1997. p. 281-337.



A identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia: uma revisão de escopo

The Identification of Internal Speech Through Surface Electromyography and Encephalography: a Scope Review

Kyvia Fernanda Tenório da Silva

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas/Brasil

kyvia.silva@fale.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-0509-3555>

Susana Carvalho

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracajú, Sergipe/Brasil

susana_carvalho@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-8708-3205>

Miguel José Alves de Oliveira Júnior

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas/Brasil

miguel@fale.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-0866-0535>

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma revisão de escopo sobre a identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia. Foi realizada uma busca na literatura dos últimos cinco anos (2015 a 2020), utilizando-se descritores em inglês e português, organizados de acordo com a seguinte sintaxe: (“*silent speech*” OR “*inner speech*” OR “*covert speech*” OR “*self-talk*” OR “*imaginary speech*”) AND (*electromyography* OR *electromyographies* OR “*surface electromyography*” “*electromyographies, surface*” OR “*electromyography, surface*” OR “*surface electromyographies*” OR *electromyogram* OR *electromyograms* OR *electroencephalography* OR *EEG* OR *electroencephalogram* OR *electroencephalograms*), sem incluir citações e patentes em diferentes bases de dados. A conceituação de fala interna diferiu entre os estudos incluídos nesta revisão, mas teve similaridade quanto à ausência de som e movimento articulatório. O propósito

das pesquisas que analisaram os bio-sinais da eletroencefalografia e/ou eletromiografia de superfície na fala interna comparando-os ou não com a fala audível era desenvolver sistemas que sejam controlados pelo processamento mental da língua.

Palavras-chave: eletroencefalografia; eletromiografia; fala interna.

Abstract: The aim of this article is to present a scope review on the identification of internal speech through surface electromyography and encephalography. A search was performed in the literature of the last five years (2015 to 2020), using descriptors in English and Portuguese, organized according to the following syntax: (“silent speech” OR “inner speech” OR “covert speech” OR “self-talk” OR “imaginary speech”) AND (electromyography OR electromyographies OR “surface electromyography” “electromyographies, surface” OR “electromyography, surface” OR “surface electromyographies” OR electromyogram OR electromyograms OR electroencephalography OR EEG OR electroencephalogram OR electroencephalograms), not including citations and patents in different databases. The concept of internal speech differed among the studies included in this review, but it was similar in terms of the absence of sound and articulatory movement. The purpose of the research that analyzed the biosignals of electroencephalography and/or surface electromyography in internal speech, comparing them or not with audible speech, was to develop systems that are controlled by the mental processing of the language.

Keywords: surface electromyography; electroencephalography; inner speech.

Recebido em 27 de outubro de 2021

Aceito em 02 de fevereiro de 2022

1 Introdução

A fala é um ato individual da vontade do falante, isto é, o falante detém a competência de usar a língua que adquiriu (SAUSSURE, 2006, p.19). Além disso, ela acontece no aqui e agora, ou seja, é realizada no momento que é planejada (RASO, 2013, p.19). A fala pode ser caracterizada do ponto de vista fisiológico, articulatório, acústico e pragmático (RASO, 2013; SILVA *et al.*, 2019).

A produção da fala envolve os neurônios motores superiores, o trato extrapiramidal, os circuitos dos gânglios da base e de controle do cerebelo, as vias finais do sistema motor formadas pelos nervos laringeos que se conectam com os músculos da respiração, da face e da laringe às áreas cerebrais correspondentes. Tal atividade resulta da interação do sistema

nervoso central e periférico e dos receptores sensoriais que processam sinais fisiológicos (BEHLAU; AZEVEDO; MADAZIO, 2013, p. 19).

Podem ser mensurados os sinais fisiológicos provenientes do sistema nervoso central e periférico, os potenciais de ação muscular e a pressão sonora na produção da fala por meio de sensores e equipamentos especializados. As medidas desses sinais são denominadas de biossinais, que têm sido um campo de pesquisa que busca compreender os mecanismos subjacentes à produção da fala humana (SCHULTZ, 2017, p. 2257).

Segundo Schultz (2017, p. 2257), esse campo tem recebido incentivo dos avanços tecnológicos que permitem investigar os biossinais da fala em pesquisas voltadas para o desenvolvimento de sistemas de comunicação falada, abrangendo duas áreas de convergência: reconhecimento de fala e voz sintética.

Essas áreas incluem Interfaces Cérebro-Computador (*Brain-Computer Interface* - BCI), também denominadas de interface cérebro-máquina (*Brain Machine Interface* - BMI), sistemas de comunicação de hardware e software que possibilitam aos humanos interagir, usando sinais de controle gerados da atividade eletroencefalográfica (NICOLAS-ALONSO; GOMEZ-GIL, 2012, p. 1212) e a interface de fala silenciosa (*Silent-Speech Interfaces* - SSI), sistema que permite a comunicação por voz sem sinal acústico audível disponível, produzindo uma representação digital da fala que pode ser sintetizada, interpretada como dados ou encaminhada para uma rede de comunicações (DENDY *et al.*, 2010, p. 270).

As duas interfaces podem empregar a eletroencefalografia (EEG), que mede a atividade elétrica do cérebro. Com essa técnica, os sinais são registrados de forma não invasiva por meio de eletrodos colocados no couro cabeludo e a eletromiografia de superfície (EMG) registra a atividade elétrica muscular capturada por eletrodos de superfície (DENDY *et al.*, 2010, p. 278).

As pesquisas experimentais que utilizam essas técnicas adotam em suas metodologias o princípio de que os biossinais de fala sejam registrados de forma inaudível (CHUYSUD, K.; PUNSAWAD, 2019; JANKE; DIENER, 2017; SRISUWAN; PHUKPATTARANONT; LIMSAKUL, 2018). No entanto, não há um consenso entre essas pesquisas quanto à terminologia adotada para fala inaudível, que, de acordo com Schultz (2017, p. 2259), pode ser silenciosa, imaginada e interna.

Diante da falta de consenso terminológico para a fala inaudível, é necessário investigar como os estudos a conceituam, qual a natureza metodológica empregada nos estudos e identificar quais os resultados apresentados. O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar uma revisão de escopo sobre a identificação da fala interna a partir de estudos experimentais que empregam a eletromiografia de superfície e a encefalografia.

2 Metodologia

Para a realização desta revisão, foram realizadas cinco etapas: definição da pergunta norteadora, elaboração dos critérios de inclusão e exclusão para a busca da literatura, estabelecimento das informações a serem colhidas dos estudos e apresentação da revisão, baseada na recomendação *Prisma-ScR*¹ (TRICCO *et al.*, 2018, p. 467).

Para execução da pesquisa bibliográfica e da discussão desta pesquisa, foi elaborada a questão norteadora: como os estudos experimentais que empregam a eletromiografia de superfície e a eletroencefalografia identificam a fala interna?

2.1 Estratégias de busca

Para a execução da pesquisa bibliográfica, foi feita uma busca no ano de 2021 nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Public Medicine Library* (PubMed), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line*), *Scopus* (Elsevier), *Google Scholar* e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), disponíveis no Portal do Periódico Capes, que foram escolhidas por serem bases da área da saúde ou por abrangerem áreas da tecnologia, ciências sociais, artes e humanidades, visto que a eletroencefalografia e a eletromiografia de superfície são técnicas usadas na área da saúde e em outras áreas destinadas à pesquisa. Foi realizada também uma pesquisa de descritores em inglês e português, usando a seguinte sintaxe: (“*silent speech*” OR “*inner speech*” OR “*covert speech*” OR “*self-talk*” OR “*imaginary speech*”) AND (*electromyography* OR *electromyographies* OR “*surface electromyography*” “*electromyographies, surface*” OR “*electromyography, surface*” OR “*surface electromyographies*” OR *electromyogram* OR *electromyograms* OR *electroencephalography* OR *EEG* OR *electroencephalogram* OR *electroencephalograms*), sem incluir citações e patentes nas bases de dados.

¹ Protocolo internacional para realização de revisão de escopo, que serve para sintetizar evidências e avaliar o escopo da literatura sobre um tópico.

2.2 Critérios de inclusão

Foram selecionados os artigos em português e inglês publicados nos últimos cinco anos (2015 a 2020) que tratassem do tema da identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia. Após cinco anos da data de publicação, as pesquisas estão mais sujeitas a se tornarem obsoletas em decorrência do avanço tecnológico.

2.3 Critérios de exclusão

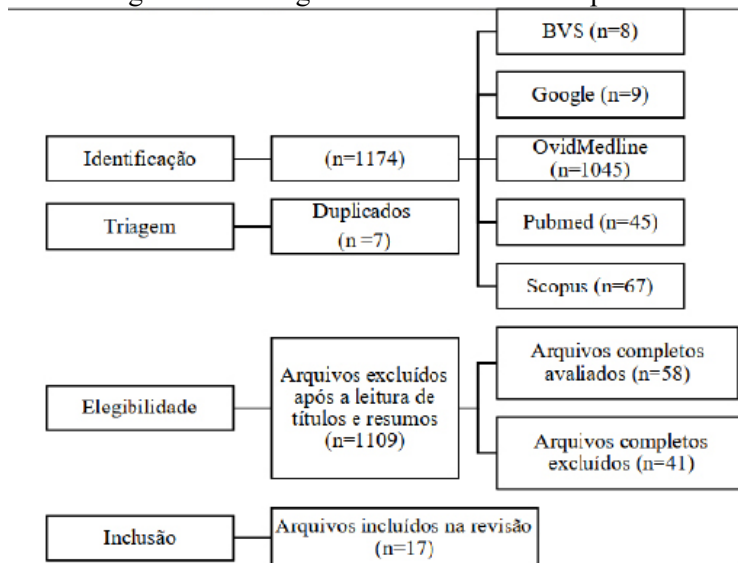
Estudos duplicados e de revisão foram descartados, bem como aqueles que tinham entre seus participantes crianças, idosos, pessoas com patologias de voz, alterações cognitivas e auditivas. Essa seleção decorre desta revisão que visa mapear pesquisas com participantes adultos saudáveis com a pretensão de avaliar como abordaram a fala interna com esse público para aplicar em futuro experimento.

2.4 Coleta e análise dos dados

Inicialmente, foram executadas a busca, a identificação dos artigos, a avaliação dos títulos e resumos, depois a leitura na íntegra e seleção final para esta revisão. Três bases de dados não apresentaram resultados para busca realizada com os descritores, sendo elas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações).

Foram encontrados 1174 arquivos, sendo que 1109 arquivos foram eliminados a partir dos critérios de exclusão com base no título e no resumo, restando 65 arquivos. Ao analisar os arquivos baixados, foram identificados sete arquivos duplicados que também foram descartados, sobrando 58 arquivos para serem lidos na íntegra. Desses 58 restantes, foram excluídos 41 arquivos, porque o foco de análise de tais estudos era a rede neural ou o desenvolvimento de algoritmos para os sinais da eletromiografia de superfície e/ou da eletroencefalografia, restando apenas 17 estudos que analisaram a fala interna. O fluxograma, mostrado a seguir na figura 1, descreve a seleção das publicações desta revisão, baseado na recomendação *Prisma-ScR* (TRICCO *et al.*, 2018).

Figura 1 - Fluxograma da revisão de escopo



Para sintetizar os estudos, uma análise descritiva para examinar cada artigo foi usada. Posteriormente, os artigos foram organizados e agrupados a partir da temática. Constam nos resultados desta revisão resumos narrativos.

3 Resultados

Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre estudos que tratassem sobre a fala interna foram localizados 17 pesquisas realizadas em nove países, divididas em duas categorias: estudos envolvendo a fala interna e a fala audível (BOWERS *et al.*, 2019; BRADLEY *et al.*, 2019; TØTTRUP *et al.*, 2019; WHITFOR *et al.*, 2017) e aqueles que analisaram apenas a fala interna (ACHANCCARAY; SEPULVEDA, 2019; ARTEMIADIS, 2018; GALEGO, 2016; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2017; JAHANGIRI *et al.*, 2018; JAHANGIRI; SEPULVEDA, 2019; JAHANGIRI; NALBORCZYK *et al.*, 2020; KOIZUMI; UEDA; NAKAO, 2018; KOMEILOPOR; CESARI.; DAFFERTSHOFER, 2017; NALBORCZYK *et al.*, 2017; NGUYEN; KARAVAS; PAWAR; DHAGE, 2020; SERESHK *et al.*, 2017; YOSHIMURA *et al.*, 2016). Os trabalhos realizados nas diferentes áreas de pesquisa (Audiologia e Patologia da fala, Ciência da Computação, Engenharia, Neurociência, Neurologia, Psicologia, Tecnologia) são apresentados abaixo nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1- Síntese dos artigos que tratam dos estudos envolvendo a fala interna e a fala audível

Estudos envolvendo a fala interna e a fala audível					
Autor/Ano/ País	Objetivo	Tipo de experimento/ Técnicas	Participantes	Conceito de fala	Achados
WHITFOR <i>et al.</i> (2017) Austrália	Explorar se a supressão de N1, ² que tem sido observada consistentemente em resposta à fala audível, também ocorre em resposta à fala interna, que é uma ação puramente mental.	Experimental/ Técnica: EEG	Fala interna: 42 participantes, sendo 24 mulheres, idade média 23,4. Fala audível: 30 indivíduos participaram do experimento. A idade média dos participantes foi de 25,0 anos (desvio padrão = 6,0) e 20 eram do sexo feminino.	A fala interna refere-se à produção silenciosa de palavras na mente.	Por meio do experimento de fala interna, a produção de um fonema interno resultou na atenuação sensorial do potencial evocado auditivo eliciado por um fonema audível apresentado simultaneamente, na ausência de qualquer ação motora manifesta, ou seja, a produção da fala interna, por si só, levou à supressão de N1 para um som audível. Além disso, a atenuação sensorial era dependente do conteúdo do fonema interno correspondendo ao conteúdo do fonema audível. No experimento da fala audível, a amplitude de N1 foi menor quando os participantes produziram simultaneamente o mesmo fonema em sua fala audível (condição de correspondência), em comparação com quando produziram um fonema diferente em sua fala audível (condição de incompatibilidade). Além disso, essa amplitude foi significativamente menor na condição passiva em comparação com as duas condições ativas (ou seja, correspondência e incompatibilidade). Isso se justifica pelo fato de que os participantes foram solicitados a realizar uma ação motora audível no experimento de fala audível, mas não no experimento de fala interna.
BOWERS <i>et al.</i> (2019) EUA	Usar análise de componente independente de dados de EEG para investigar diferenças no curso de tempo de MU sensório motor e ERPs alfa do lobo temporal e IPCs (coerência de fase Inter componente) entre a produção de fala audível e encoberta com influência mínima de artefato relacionado ao movimento.	Experimental/ Técnicas: EGG e EMG.	23 falantes nativos de inglês destros, sendo 3 homens com idade média de 25,16 anos (21 a 46) e nenhum histórico de distúrbios auditivos, cognitivos, comunicativos ou de atenção.	Imagem interna da fala (ou seja, a produção de fala encoberta) com influência mínima do artefato relacionado ao movimento.	Os resultados mostraram que, em relação à produção encoberta, a produção audível foi associada a maior supressão alfa / beta em frequências <10Hz logo após a apresentação do estímulo ortográfico entre os componentes sensório motores esquerdo e direito, juntamente com melhorias significativas no intervalo teta (4-7 Hz) durante o período de planejamento e aprimoramentos delta – teta durante a produção. A coerência de fase Inter componente do hemisfério esquerdo em frequências <10Hz foi máxima durante a execução da fala na condição fala audível, enquanto um pico semelhante foi evidente na condição de fala encoberta logo após a deixa para falar com valores decrescentes depois disso. Em contraste, a coerência de fase Inter componente do hemisfério direito foi máximo em frequências <10Hz na condição de fala encoberta durante o período (500-1000 ms) associado à execução audível na condição de fala audível. Além disso, picos betas intermitentes significativamente maiores foram observados em ambos os hemisférios esquerdo e direito na condição de fala encoberta.

² Componente N1 é uma resposta cerebral eletrofisiológica produzida a partir do estímulo auditivo. A supressão de N1 ocorre quando o cérebro processa sons de forma mais atenuada do que sons externos idênticos (WHITFORD *et al.*, 2017, p.1).

BRADLEY <i>et al.</i> (2019) Austrália	Investigar se a fala interna, como a fala audível, é acompanhada por uma descarga de corolário temporalmente precisa e de conteúdo específico.	Experimental/ Técnica: EEG.	Experimento 1:42 participantes relataram ter audição normal em ambos os ouvidos. Dados de três participantes foram excluídos. A idade média dos participantes restantes, 20 dos quais eram mulheres e 38 dos quais eram destros, foi de 20 anos. Experimento 2:61 participantes. Dados de seis participantes foram excluídos. A idade média dos demais participantes, 42 dos quais eram mulheres e 52 destros, foi de 20 anos.	A fala interna é a produção silenciosa de palavras na mente.	A produção do fonema interno atenuou o N1, mas apenas quando os fonemas interno e audível ocorreram simultaneamente e combinaram com o conteúdo. Se o fonema audível for apresentado antes ou depois da produção do fonema interno, ou se o fonema interno não correspondia ao conteúdo do fonema audível, não ocorria atenuação do N1. A fala interna exerce efeito semelhante no processamento auditivo, indicando uma equivalência funcional entre as descargas associadas à fala interna e audível, embora a fala interna não produza um som audível.
TØTTRUP <i>et al.</i> (2019) Dinamarca	Investigar a viabilidade de classificar a fala (encoberta e audível) para o controle de um dispositivo externo com base no EEG de ensaio único.	Experimental/ Técnica: EEG e EMG	Sete indivíduos destros saudáveis (cinco mulheres; 24 ± 2 anos).	Fala encoberta entendida como fala interna.	Os autores usaram os sinais do EEG e do EMG sincronizados, tornando mais eficiente a captação dos sinais. Para classificar a fala audível e encoberta, foram requeridas ações que solicitavam apenas a produção da fala (audível e encoberta), apenas a realização do movimento e a associação da fala com movimento. Os resultados mostraram que a precisão média de classificação para fala encoberta foi $67 \pm 9\%$ sendo inferior à fala audível com precisão de classificação de $75 \pm 7\%$. A precisão média de classificação para imagem motora foi $77 \pm 6\%$, sendo semelhante à precisão da classificação para a execução do movimento de $79 \pm 6\%$. A precisão média de classificação para todas as ações secretas (fala encoberta e imagem motora) foi $61 \pm 9\%$, sendo inferior à precisão de classificação média para todas as ações abertas (fala audível e execução de movimento) de $67 \pm 7\%$. Os autores sugerem que a fala encoberta poderia ser usada para o controle do BCI e uma alternativa potencial para pacientes que não podem usar imagem motora.

Quadro 2- Síntese dos artigos que tratam dos estudos que analisam a fala interna

Estudos que analisam a fala interna					
Autor/Ano/País	Objetivo	Tipo de experimento/ Técnicas	Participantes	Conceito de fala	Achados
GALEGO (2016) Brasil	Desenvolver um sistema experimental para adquirir, extrair e classificar sinais de EMG dos músculos da face que estão relacionados ao processo da fala com determinados comandos verbais, assim como, adquirir conjuntamente sinais de EEG relacionados aos eventos estudados com os mesmos comandos.	Experimental / Técnicas: EEG e EMG	Sete sujeitos saudáveis, entre 22 e 35 anos, de ambos os sexos. Sete sujeitos com sequelas de AVC, com idade entre 59 anos e 75 anos, do sexo masculino.	A fala interna consiste no ato de pensar em realizar movimento.	O autor utilizou os sinais do EMG e do EEG sincronizados, tornando mais eficiente. Além disso, ele realizou a classificação de quatro comandos verbais mediante sinal de EMG, obtendo médias de acerto entre 88,8% e 94,2% e foram alcançadas taxas de até 70% sem EMG e de até 80,8% com EEG e EMG.
YOSHIMURA <i>et al.</i> (2016) Japão	Classificar a atividade cerebral associada à articulação de vogais secretas.	Experimental/ Técnica: EEG e FMRI.	Dez participantes humanos saudáveis (um do sexo feminino e nove do sexo masculino fizeram parte do experimento; idade média \pm desvio padrão: 34,1 \pm 9,2). Todos os participantes tinham audição normal.	Articulação de vogais encobertas, ou seja, produção silenciosa da fala de vogais na mente.	O estudo demonstrou que a precisão de classificação de articulação de vogais encobertas usando correntes corticais EEG foi significativamente maior do que a que usa sinais de sensor EEG. Além disso, esse é o primeiro estudo a mostrar que é possível usar as correntes corticais da EEG em soletadores BCI, bem como as áreas anatômicas contribuintes e suas conectividades funcionais para articulação de vogais secretas. Apesar do circuito neural para articulação de vogais encobertas não ser confirmado a partir da análise, os resultados foram consistentes com outros estudos que falam sobre o processamento fonológico durante a produção da linguagem.
JAHANGIRI; SEPULVEDA (2017) Reino Unido	Investigar as diferentes bandas de frequências usando tarefas mentais de fala encoberta para BCI	Experimental/ Técnica: EEG	Dez voluntários, sendo oito participantes neurotípicos, um disléxico e um autista ao ver as abreviações imaginassem as palavras que correspondiam.	Produção de sílaba encoberta (fala que é gerada internamente, mas não articulada).	Os resultados mostraram que a precisão da classificação para todos os usuários em todos os casos é alta (72-88%). A banda Alfa tem o maior poder de classificação seguido pela banda Beta. No entanto, apenas 12% das características mais importantes (13.894 no total) estão na banda Alfa e 31% (34.654 no total) na banda Beta. Embora a banda Gama tenha menor poder de classificação, 57% das características mais importantes (63.814 no total) estão nesta banda.

KOMEILIPOOR; CESARI; DAFFERTSHOFER (2017) Holanda	Usar a competição entre as entradas auditivas e visuais, bem como entre as entradas auditivas e sensório-motoras, para sondar como as oscilações corticais contribuem para a integração multissensorial.	Experimental/ Técnica: EEG	12 voluntários, sendo cinco mulheres, participaram de um experimento usando o EEG com o intuito de identificar a influência dos correlatos neurais na observação e / ou articulação silenciosa de sílabas congruentes / incongruentes na percepção auditiva.	Fala silenciosa é articular as sílabas com o mínimo de vocalização possível.	A percepção auditiva de sílabas é degradada quando os participantes observaram e, em menor grau, a articulação silenciosa das sílabas incongruentes. Há um maior envolvimento do sistema auditivo, em vez do motor, na interação áudio articulatória e que o giro superior temporal direito desempenha um papel central tanto para a convergência audiovisual quanto audiomotora.
NALBORCZYK <i>et al.</i> (2017) França	Examinar os correlatos fisiológicos de ruminação verbal na tentativa de fornecer novos dados no debate entre simulação motora e abstração.	Experimental/ Técnica: EMG	72 participantes iniciais com exclusão de um, , restando 71 com idade média 20,58 anos. Os participantes relataram não ter nenhuma doença neurológica ou histórico médico psiquiátrico, nem distúrbio de linguagem ou deficiência auditiva, além de não tomarem nenhum medicamento.	A ruminação verbal é um caso particular de fala interna, que é definida como produção verbal silenciosa na mente ou a atividade de falar silenciosamente consigo mesmo.	O aumento da atividade muscular da face registrada pelo EMG confirma a hipótese de que a ruminação é uma instância de discurso interno articulatório especificado. Além disso, o aumento da atividade orbicular da boca pode estar relacionado ao aumento na verbalização encoberta, enquanto o aumento na atividade frontal pode estar relacionado ao aumento da tensão facial devido ao efeito negativo. Os autores mostraram o envolvimento dos músculos da fala durante a ruminação. Isso está de acordo com a visão de simulação motora, na qual a fala interna é totalmente especificada no nível da articulação, não apenas no nível léxico. Além disso, os resultados mostraram que o relaxamento provocou uma diminuição na atividade muscular dos músculos envolvidos na fala, indicando que a redução na atividade muscular da produção da fala pode dificultar a simulação articulatória e limitar produção de fala interior, reduzindo, assim, a ruminação.
SERESHK <i>et al.</i> (2017) EUA	Investigar a classificação online alcançável de fala encoberta com base em sinais de eletroencefalografia (EEG).	Experimental/ Técnica: EEG	12 participantes, sendo seis homens e seis mulheres com idade entre 25 e 33.	Fala encoberta é a produção mental, sem qualquer vocalização ou movimento motor.	Para a discriminação entre o ensaio mental da palavra “não” versus o descanso, uma precisão média da sessão online de $75,9 \pm 11,4\%$ foi alcançada através de acertos de nível de acaso de passagem com 10 dos 12 participantes. Os participantes estavam mais engajados durante as sessões online em comparação com as sessões offline devido à presença de feedback após cada tentativa. Os resultados sugeriram que a fala encoberta pode ser adequada para usuários selecionados de BCI.
JAHANGIRI <i>et al.</i> (2018) Reino Unido	Analisar o desempenho do sistema BCI para tarefas de imagens motoras e para tarefas de fala encoberta.	Experimental/ Técnica: EEG	Quatro participantes neurologicamente saudáveis.	Fala encoberta (fala que é gerada internamente, mas não articulada).	Para tarefas de imagens motoras, 15,1% de todos os recursos estão concentrados na faixa de segundos (0,73-0,875), correspondendo à realização de movimentos imaginários e à interrupção dos movimentos reais por meio do controle executivo orientado por objetivos. Esse controle envolve atividade cognitiva de alta frequência em regiões do cérebro, como o córtex parietal superior e o córtex pré-frontal. 23,2% de todos os recursos mais valiosos estão dentro das bandas alfa e beta relacionadas às imagens motoras. Os outros 76,8% dos recursos estão nas bandas gama e gama alta (funções cognitivas), sugerindo que, em tarefas motoras de imaginação, as funções cognitivas geram uma quantidade significativamente maior de atividade dependente de classe em comparação com o movimento de execução. 48,8% dessas características estão acima de 70 Hz, que correspondem às funções de processamento linguístico não existindo sem a imaginação motora, podendo fornecer uma possível explicação para a maior precisão de classificação de tarefas de fala encoberta (82,5%) em comparação com tarefas de imagens motoras (77,2%) em um ambiente idêntico, considerando que há uma correlação direta positiva (com $R = 0,8822$ e $P = 0$) entre suas performances.

<p>KOIZUM; UEDA; NAKAO (2018) Japão</p>	<p>Planejar um modelo de imagem visual envolvendo a visualização da operação alvo e, em seguida, examinar a possibilidade de distinguir as imagens visuais. Investigar um modelo de fala interna previamente aplicado, que compreende a pronúncia interna de palavras sem emitir sons, e fala interna + imagens visuais, que combina as duas técnicas.</p>	<p>Experimental/ Técnica: EEG</p>	<p>15 indivíduos saudáveis do sexo masculino participaram dos experimentos. 14 dos 15 participantes eram destros. A idade média dos 15 participantes era de 22,9 anos (desvio padrão, 2,3, variação, 20-29 anos). Todos os participantes tinham visão normal ou corrigida para normal.</p>	<p>Fala interna compreende a pronúncia interna de palavras sem emissão de sons.</p>	<p>Os autores constataram que o efeito da frequência foi significativo (com a correção Greenhouse-Geisser, $F(3,27, 45,72) = 37,90$; $p < 0,001$ na tarefa de fala interna, $F(4,42, 61,84) = 27,23$; $p < 0,001$ na tarefa de imagem visual, $F(3,46, 48,47) = 24,80$; $p < 0,001$ na tarefa de fala interna + imagens visuais). Na tarefa de fala interna e na tarefa de imagem visual, a banda gama alta rendeu melhor precisão do que qualquer uma das bandas de frequência mais baixa ($p < 0,05$). Quando apenas a banda gama alta foi usada, a precisão média entre os 15 participantes foi de 82,9% para a fala interna, 82,6% para imagens visuais e 82,7% para a fala interna e imagens visuais. Além disso, a precisão para o córtex pré-frontal foi a maior em todas as tarefas (81,3% para fala interna, 84,6% para imagens visuais e 83,2% para fala interna e imagens visuais e a precisão média foi mais alta para o polo frontal 75,0% para fala interna, 75,9% para imagens visuais e 78,7% para fala interna e imagens visuais).</p>
<p>NGUYEN; KARAVAS; ARTEMIADIS (2018) EUA</p>	<p>Investigar os mecanismos da fala imaginada e avaliar a adequação de cada grupo para as aplicações do BCI.</p>	<p>Experimental/ Técnica: EEG</p>	<p>15 sujeitos saudáveis, sendo 11 homens e quatro mulheres, com idade entre 22 e 32 anos.</p>	<p>Três tipos diferentes de fala imaginada, a saber, fala imaginada de palavras curtas (<i>in, out e up</i>), palavras longas (<i>cooperate e independent</i>) e vogais (<i>/a/, /i/ e /u/</i>). Fala imaginada é entendida como a produção interna, ou seja, na mente sem qualquer vocalização ou movimento muscular.</p>	<p>Os autores constataram que a atividade cerebral durante o experimento foi concentrada quase exclusivamente nos lados frontais esquerdo, médio e parietal do cérebro que se encontram sobre a área de Broca, o córtex motor e a área de Wernicke, responsáveis pela produção e pelo reconhecimento da fala. O padrão espacial comum binário forneceu a maior precisão de classificação e é bastante consistente na maioria dos casos. Esse padrão é um método mais simples em que todas as tarefas mentais são consideradas como uma classe. O padrão espacial comum multiclasse produziu resultados melhores do que o binário, dependendo dos assuntos e das condições. Finalmente, a seleção de canais com base na técnica de autocorrelação produziu a menor precisão de classificação no experimento. O desempenho da classificação entre três palavras curtas (<i>in, out e up</i>) e três vogais (<i>/a/, /i/ e /u/</i>) apresentou desempenho semelhante, sugerindo que a classificação das imagens da fala ocorreu com base no som e não no significado. Ao comparar o desempenho entre a classificação de três palavras curtas (<i>in, out e up</i>) e duas palavras longas (<i>cooperate e independent</i>), com base nos valores de K, autores indicaram que a classificação de palavras longas forneceu resultados melhores. Isso sugere que as palavras com maior complexidade podem ser mais facilmente discriminadas usando sinais de EEG. Além disso, a classificação entre uma palavra curta e uma palavra longa também rendeu o valor de k mais alto, sugerindo a complexidade diferente das palavras adicionadas um grau extra para discriminar as imagens da fala.</p>
<p>JAHANGIRI; ACHANCCARAY; SEPULVEDA (2019) Reino Unido</p>	<p>Apresentar uma nova BCI linguística baseada em EEG, que usa as quatro estruturas fonêmicas «BA», «FO», «LE» e «RY» como classes de tarefas de fala encoberta.</p>	<p>Experimental/ Técnica: EEG</p>	<p>Seis voluntários neurologicamente saudáveis na faixa etária de 21 a 33 anos.</p>	<p>Fala encoberta (fala que é gerada internamente, mas não articulada).</p>	<p>Em média, todos os usuários obtiveram mais de 16 das 20 previsões corretas (desempenho médio de 82,5). De 6 usuários e 4000 recursos / usuário, um total de 24 mil recursos mais valiosos foram identificados. A atividade mais importante começa ~ 100ms após o início, conforme o reconhecimento da sugestão auditiva e está concentrada na faixa de frequência de 70-128 Hz correspondente às funções linguísticas. Além disso, identificaram as regiões mais importantes: córtex pré-frontal, STG esquerdo (área de Wernicke), IFG direito e esquerdo (área de Broca) que correspondem à atividade fonética linguística anterior à articulação.</p>

<p>JAHANGIRI; SEPULVEDA (2019) Reino Unido</p>	<p>Buscar novidades com uma abordagem exploratória usando EEG. Criar um espaço de recursos detalhado, de forma que pouca ou nenhuma informação relevante fosse perdida ou excluída.</p>	<p>Experimental/ Técnica: EEG</p>	<p>Dez voluntários sem alterações neurológicas com idade entre 21 e 33 anos.</p>	<p>Fala encoberta (fala que é gerada internamente, mas não articulada).</p>	<p>Ao eliminar as imagens motoras, a precisão da classificação da grande média caiu de 96,4% para 94,5%. A contribuição da imagem motora da articulação na separabilidade da classe de tarefas de fala encoberta é insignificante quando comparada com os estágios de processamento linguístico de alta gama da produção de palavras. No entanto, usando tentativas de 312 milissegundos em vez de tentativas de 1 segundo, o custo computacional é reduzido significativamente. As tentativas de 312 milissegundos usadas no trabalho contiveram apenas atividade de processamento linguístico fonético. O processamento linguístico fonético antes da articulação elicia um padrão único e específico da palavra de alta atividade gama. Durante a fala encoberta, as regiões motoras da linguagem são suprimidas, mas não completamente desativadas, pois há a presença de movimentos musculares involuntários minúsculos relacionados a cada estrutura fonêmica, que criam artefatos mioelétricos de gama alta relacionados à classe. As regiões mais significativas são o córtex pré-frontal (controle executivo impulsionado pelo estímulo), o giro temporal superior esquerdo (área de Wernicke, recuperação do código fonológico), o giro frontal inferior direito e esquerdo (área de Broca, silabificação).</p>
<p>NALBORCZYK <i>et al.</i> (2020) França</p>	<p>Trazer novas informações para o debate entre a visão da simulação motora e a visão da abstração da fala interna, focalizando uma forma expandida de fala interna: a produção intencional não-verbal.</p>	<p>Experimental/ Técnica: EMG</p>	<p>25 alunas francófonas (idade média = 19,57, desvio padrão = 1,1).</p>	<p>A visão da abstração da fala interna, focalizando uma forma expandida de fala interna: a produção intencional não-verbal.</p>	<p>Embora a eletromiografia de superfície possa levar a uma precisão razoável na discriminação de classes de não palavras durante a produção da fala audível (usando sinais gravados em apenas dois músculos relacionados à fala), ela não permite discriminar essas duas classes durante a produção da fala interna em todos os participantes (apenas para dois participantes).</p>
<p>PAWAR; DHAGE (2020) Índia</p>	<p>Classificar dados de eletroencefalografia (EEG) de palavras de fala encoberta.</p>	<p>Experimental/ Técnica: EEG</p>	<p>Seis indivíduos saudáveis e falantes fluentes de inglês foram recrutados (duas mulheres e quatro homens), com idade média: 27,6 ± 3,2; 5 destros). Todos os participantes relataram visão e função auditiva normais. Nenhum dos participantes tinha histórico de distúrbios neurológicos ou problemas graves de saúde.</p>	<p>Fala encoberta, entendida como produção mental.</p>	<p>Resultados experimentais mostraram que, com os recursos baseados em Daubechies-dwt, o algoritmo de aprendizagem profunda kernel supera os classificadores mais comuns em BCI em termos de precisão de classificação e eficiência computacional. É evidente a partir dos resultados que a classificação de sinais de voz encobertos baseados em EEG é possível usando ELM kernel para os usuários BCI selecionados. Autores sugerem que o córtex pré-frontal, o giro temporal superior esquerdo (área de Wernicke), o giro frontal direito e esquerdo inferior (área de Broca) e o córtex motor primário são as regiões cerebrais mais proeminentes para o reconhecimento oculto da fala. Além disso, o córtex motor primário pode ser atenuado, uma vez que tem uma penalidade marginal na precisão da classificação.</p>

As Figuras 2 e 3, abaixo, contêm informações quanto ao país, ano, língua, periódico, quantidade de experimentos, de participantes no geral, de participantes feminino e masculino, de idade, de técnicas e de eletrodos do EMG. Além disso, são especificados o tipo de sistema de EEG, o tipo de estímulo, tarefa e quais as produções requeridas.

Figura 2 – Síntese das características metodológicas dos estudos que analisam fala interna e audível

Fala audível e interna																
Autores	Ano	País	Língua	Periódico	Quantidade de experimento	Número geral de participantes	Feminino	Masculino	Idade	Quantidade de técnica	Tipo de técnica	Quantidade de eletrodos empregados no EMG	Tipo de sistema do EEG	Tipo de Estímulo	Tarefa de produção	Quais produções solicitadas (Estímulos ou Comandos)
WHITFOR <i>et al.</i>	2017	Austrália	Inglês	<i>sLife</i>	2	72	44	28	24,20	1	EEG	-	10/20	Auditivo	Sílaba	/ba/
BOWERS <i>et al.</i>	2019	EUA	Inglês	<i>Experimental Brain Research</i>	1	23	20	3	25,16	2	EEG/ EMG	2	10/10	Visual	Pares de sílabas	/ba da/ /da ba/
BRADLEY <i>et al.</i>	2019	Austrália	Inglês	<i>NeuroImage</i>	2	94	62	32	20,00	1	EEG	-	10/20	Auditivo	Sílabas	/ba/, /bi/
TØTTRUP <i>et al.</i>	2019	Dinamarca	Dinamarquês	IEEE	1	7	5	2	24,00	2	EEG/ EMG	1	10/20	Visual	Palavras	/Go/, /Step/, /Viborg/

Fonte: Elaboração própria.

JAHANGIRI <i>et al.</i>	2018	Reino Unido	Inglês	IEEE	1	4	0	0	0	1	EEG	-	10/10	Auditivo	Sílabas: BA (back arrow), FO (forward up arrow), LE (left arrow), and RT (right arrow)	/BA/ /FO/ /LE/ /RY/
KOIZUMI, UEDA, NAKAO	2018	Japão	Japonês	IEEE	1	15	0	15	22,9	1	EEG	-	10/20	Visual	Palavras	/aa/ /hha/ /tataa/ /imigi/ /mao/ /ashira/ /up/down/ /left/ /right/ /forward/ /backward/
NGUYEN; KARAVAS; ARTEMIAIDIS	2018	EUA	Inglês	<i>Journal of Neural Engineering</i>	1	15	4	11	26,4	1	EEG	-	10/20	Visual	Palavras e vogais	/Cooperate/ /independe nt/ /up/ /out/ /in/ /a/ /i/ /u/
JAHANGIRI; ACHANCCARA Y, SEPULVEDA	2019	Reino Unido	Inglês	IEEE	1	6	0	0	27	1	EEG	-	10/10	Auditivo	Sílabas	/BA/ /FO/ /LE/ /RY/
JAHANGIRI; SEPULVEDA	2019	Reino Unido	Inglês	<i>Journal of Medical Systems</i>	1	10	0	0	27	1	EEG	-	10/10	Auditivo	Sílabas	/BA/ /FO/ /LE/ /RY/
NALBORCZYK <i>et al.</i>	2020	França	Francês	<i>Journal PLoS ONE</i>	1	25	25	0	19,37	1	EMG	5	0	Auditivo	Palavras	/manas/ /papas/ /fafa/ /mama/ /papa/ /baba/ /papa/ /papa/ /baba/
																/mama/ /giga/ /sesa/ /hale/ /tita/ /dada/ /mami/ /papi/ /bibi/ /tata/ /mama/ /papa/
PAWAR; DHAE	2020	Índia	Inglês	<i>Biomedical Engineering Letters</i>	1	6	4	2	27,6	1	EEG	-	10/20	Auditivo	Palavras	/Left/ /right/ /up/ /down/

4 Discussão

Observou-se que, dos 17 estudos incluídos nesta revisão, há quatro que analisaram a correlação da fala interna e da fala audível (BOWERS *et al.*, 2019; BRADLEY *et al.*, 2019; TØTTRUP *et al.*, 2019; WHITFOR *et al.*, 2017), sendo três estudos realizados em língua inglesa (BOWERS *et al.*, 2019; BRADLEY *et al.*, 2019; WHITFOR *et al.*, 2017) e um em dinamarquês (TØTTRUP *et al.*, 2019).

Dos 13 trabalhos que tratavam apenas da fala interna, existem sete estudos feitos em língua inglesa (ARTEMIADIS, 2018; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2017; JAHANGIRI *et al.*, 2018; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2019; JAHANGIRI.; ACHANCCARAY.; SEPULVEDA, 2019; NGUYEN.; KARAVAS.; PAWAR.; DHAGE, 2020; SERESHK *et al.*, 2017), dois em japonês (KOIZUMI.; UEDA.; NAKAO, 2018; YOSHIMURA *et al.*, 2016), dois no francês (NALBORCZYK *et al.*, 2017; NALBORCZYK *et al.*, 2020), um em português (GALEGO, 2016) e um em holandês (KOMEILIPOOR.; CESARI.; DAFFERTSHOFER, 2017).

Quanto à idade dos participantes das 17 pesquisas, a média geral foi de 26,23 anos, sendo a média geral por gênero de 14,9 mulheres e 7,2 homens. Com relação ao número total de participantes em relação à quantidade de experimentos, a média foi de 32,6 nos quatro estudos que correlacionaram fala audível e fala interna, enquanto a média foi de 16,1 para os 13 estudos que avaliaram apenas a fala interna.

No que diz respeito à técnica empregada para analisar a fala interna, dos quatro estudos sobre fala audível e interna dois utilizaram EEG e EMG (BOWERS *et al.*, 2019; TØTTRUP *et al.*, 2019) e outros dois apenas EGG (BRADLEY *et al.*, 2019; WHITFOR *et al.*, 2017).

Já dos 13 trabalhos que tratavam da fala interna, nove usaram apenas o EGG (ARTEMIADIS, 2018; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2017; JAHANGIRI *et al.*, 2018; JAHANGIRI.; ACHANCCARAY.; SEPULVEDA, 2019; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2019; KOIZUMI.; UEDA.; NAKAO, 2018; KOMEILIPOOR.; CESARI.; DAFFERTSHOFER, 2017; NGUYEN.; KARAVAS.; PAWAR.; DHAGE, 2020; SERESHK *et al.*, 2017), sendo que cinco adotaram o sistema 10/10 e quatro o 10/20, que se diferenciam quanto ao número de eletrodos para coletar os sinais corticais. Três outras pesquisas empregaram o EMG, sendo duas em conjunto com EEG, a saber: EGG (sistema 10/20) e EMG (7 eletrodos) (GALEGO, 2016), EGG (sistema 10/20) e EMG (2 eletrodos) (KOMEILIPOOR.; CESARI.; DAFFERTSHOFER, 2017),

e uma apenas emprega o EMG (3 e 4 eletrodos) (NALBORCZYK *et al.*, 2017). Apenas um fez uso do EEG (sistema 10/20) e FMRI (YOSHIMURA *et al.*, 2016).

Em relação ao tipo de estímulo para produção da fala interna, dez pesquisas apresentaram para os participantes um estímulo auditivo (BRADLEY *et al.* 2019; GALEGO, 2016; JAHANGIRI *et al.*, 2018; JAHANGIRI; SEPULVEDA, 2019; KOIZUMI; UEDA; NAKAO, 2018; KOMEILIPoor; CESARI; DAFFERTSHOFER, 2017; NALBORCZYK *et al.*, 2020; PAWAR; DHAGE, 2020; WHITFOR *et al.*, 2017; YOSHIMURA *et al.*, 2016) e oito, um estímulo visual (BOWERS *et al.*, 2019; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2017; KOIZUMI; UEDA; NAKAO, 2018; KOMEILIPoor; CESARI.; DAFFERTSHOFER, 2017; NALBORCZYK *et al.*, 2017; NGUYEN; KARAVAS; ARTEMIADIS, 2018; SERESHK *et al.*, 2017; TØTTRUP *et al.*, 2019).

No que diz respeito à tarefa empregada para produção da fala interna, foram solicitados em sete estudos que os participantes produzissem a fala interna de palavras (ARTEMIADIS, 2018; GALEGO, 2016; KOIZUMI; UEDA; NAKAO, 2018; NALBORCZYK *et al.*, 2020; NGUYEN; KARAVAS; PAWAR; DHAGE, 2020; SERESHK *et al.*, 2017; TØTTRUP *et al.*, 2019), em mais sete pesquisas se pediu que expressassem mentalmente sílabas (BOWERS *et al.* 2019; BRADLEY *et al.* 2019; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2017; JAHANGIRI *et al.*, 2018; JAHANGIRI; SEPULVEDA, 2019; JAHANGIRI; ACHANCCARAY; SEPULVEDA, 2019; KOMEILIPoor; CESARI; DAFFERTSHOFER, 2017) e em dois requereram vogais (NGUYEN; KARAVAS; ARTEMIADIS, 2018; YOSHIMURA *et al.*, 2016).

Essas tarefas solicitadas pelos estudos desta revisão em sua maioria são artificiais, por exigir produção de sílabas sem significado associado, vogais e pseudopalavras (KENT, 2015, p.768).

A conceituação de fala variou nos estudos, mas teve similaridade quanto à ausência de som e movimento articulatório, a saber: dez trabalhos conceituaram a fala encoberta como produção mental, sem qualquer vocalização ou movimento motor (BOWERS *et al.* 2019; JAHANGIRI.; SEPULVEDA, 2017; JAHANGIRI *et al.*, 2018; JAHANGIRI; SEPULVEDA, 2019; JAHANGIRI; ACHANCCARAY; SEPULVEDA, 2019; PAWAR; DHAGE, 2020; SERESHK *et al.*, 2017; TØTTRUP *et al.* 2019; YOSHIMURA *et al.*, 2016), cinco estudos definiram a fala interna como a pronúncia interna/silenciosa sem emissão de sons (BRADLEY *et al.* 2019; KOIZUMI; UEDA; NAKAO, 2018; NALBORCZYK *et al.*, 2017; NALBORCZYK *et al.*, 2020; WHITFOR *et al.*, 2017), um conceituou como fala silenciosa (KOMEILIPoor; CESARI.;

DAFFERTSHOFER, 2017) e um delimitou a fala imaginada como a produção interna sem qualquer vocalização ou movimento muscular (NGUYEN; KARAVAS; ARTEMIADIS, 2018).

A constatação feita neste trabalho quanto à variação terminológica e à similaridade conceitual assemelham-se à apresentada por Kent (2015, p. 788), revelando que fala silenciosa, encoberta, interna e imaginada diferiram quanto à nomenclatura, mas apresentaram o mesmo conceito, que é a fala realizada mentalmente sem saída audível ou ações motoras visíveis da fala e pronunciada sem fonação ou outras fontes sonoras audíveis, como sussurro.

Segundo Kent (2015, p. 767), há estudos que apresentam diferenças entre a produção de fala e da não fala, mostrando que, do ponto de vista cortical, a produção da fala ocorre na região esquerda, envolvendo processos motores, fonológicos e fonéticos, podendo assumir uma variedade de formas, dependendo da tarefa, diferindo da não-fala, que são atos motores realizados por várias partes da musculatura da fala para realizar o movimento especificado ou objetivos posturais que não são suficientes por si próprios para ter identidade fonética, ausente de significado, estando sob controle dos indivíduos, sendo eles: movimento dos lábios, mandíbula, língua ou bochechas, fonação sustentada, zumbido, grunhido, assobio, sopro, entonação de som simples e expiração prolongada.

Os estudos avaliados nesta revisão abordaram a fala de um ponto de vista orgânico e fisiológico. A fala é vista como o resultado do ato programado e coordenado dos músculos estriados localizados na laringe realizada pelo sistema motor, que é constituído por vias, estruturas e nervos presentes no sistema nervoso central e periférico, sendo incumbidos da produção motora da voz. O comando intencional da voz começa no sistema nervoso central, sobretudo, no córtex cerebral, sendo a região que conceitua, planeja e executa a ação da fala, o que inclui a fonação (BEHLAU; AZEVEDO; MADAZIO, 2013, p. 19).

Os quatro trabalhos que relacionaram a fala interna e a audível mostraram que há relação entre a fala interna e audível associadas aos componentes auditivo e sensorio motores. WHITFOR *et al.* (2017, p. 2) expuseram que o cérebro transmite comandos para os músculos dos lábios, da língua e das pregas vocais executarem movimento e fazerem uma cópia de eferência que possibilita a previsão do que está prestes a ouvir pelas regiões do cérebro encarregadas de processar os sons. Se ocorrer a correspondência entre o que foi ouvido e previsto, essas regiões que processam o som diminuem suas respostas.

Ao analisarem a existência da cópia de eferência na fala interna, BRADLEY *et al.* (2019, p. 175) e WHITFOR *et al.* (2017, p. 9) descobriram que a produção do fonema interno na língua inglesa australiana atenuou o N1, sendo este um componente da resposta

eletrofisiológica do cérebro em resposta ao estímulo auditivo. Essa atenuação apenas ocorreu quando a produção da fala interna e audível ocorreram simultaneamente e combinaram com o conteúdo (WHITFOR *et al.*, 2017, p. 11; BRADLEY *et al.*, 2019, p. 175). Bradley *et al.* (2019, p. 175) mostraram que a fala interna exerce efeito semelhante no processamento auditivo, indicando uma equivalência funcional entre a percepção externa das ações, sendo os sinais internos responsáveis de conduzir esses sinais do sistema motor para o sistema perceptual, associados à fala interna e audível, embora a fala interna não produza um som audível.

Outro estudo analisou a diferença das respostas cerebrais a partir de estímulos visuais na produção da fala audível e interna. Bowers *et al.* (2019, p. 718,719) expuseram que há ativação cerebral do fluxo sensorio-motor dorsal envolvido na preparação e na execução da fala, mas há diferença nas respostas sensoriais entre a fala audível e a interna, estando ausente na produção da fala interna. Ao analisar essas diferenças, os autores identificaram que há coerência sensorio-motora de baixa frequência e do lobo temporal posterior na integração de feedback somatossensorial e acústico na fala audível em relação à execução da fala interna.

De acordo com Tøttrup *et al.* (2019, p. 689), as respostas cerebrais foram analisadas na produção da fala audível e interna com o intuito de verificar a viabilidade de empregar os bio-sinais de fala para controlar sistemas de interface cérebro-computador (BCI), comparar e combinar com imagem motora. A interface, combinando movimento-fala, apresentou desempenho de $61 \pm 9\%$ e $67 \pm 7\%$ para fala interna e audível, mostrando a possibilidade do desenvolvimento de um sistema BCI multimodal (TØTTRUP *et al.*, 2019, p. 691,692).

Dentre os 13 trabalhos, nove estudos mostraram que há maior precisão da fala interna em relação à imagem motora além de identificar as regiões mais importantes: córtex pré-frontal, giro temporal superior esquerdo (área de Wernicke - compreensão da linguagem), giro frontal inferior direito e esquerdo (área de Broca - planejamento motor da linguagem, na articulação e no ritmo da fala), responsáveis pela atividade linguística. Empregando a técnica EEG, Komeilipoor, Cesari e Daffertshofer (2017, p. 281) mostraram que, na produção da fala interna, há um maior envolvimento do sistema auditivo, em vez do motor, na interação audioarticulatória e que o giro superior temporal direito desempenha um papel central para a convergência audiovisual e audiomotora.

Apenas uma pesquisa correlacionou os bio-sinais da eletroencefalografia (EEG) e da eletromiografia de superfície (EMG) na fala interna, mostrando a precisão da classificação de quatro comandos verbais - direita, esquerda, para frente e para trás - de até 80,8% entre a eletroencefalografia e a eletromiografia de superfície (GALEGO, 2016, p. 121).

Outros dois trabalhos utilizaram apenas a técnica da eletromiografia de superfície para analisar a produção da fala interna. NALBORCZYK *et al.* (2017, p. 61) mostraram o envolvimento dos músculos da fala durante a fala interna, ou seja, há simulação motora na fala interna. No entanto, a eletromiografia não conseguiu discriminar duas classes de não palavras por meio dos sensores localizados nos músculos zigomático maior e orbicular da boca inferior durante a produção da fala interna em todos os participantes, mas apenas para dois participantes (NALBORCZYK *et al.*, 2020, p. 22).

A fala interna foi analisada pelas técnicas de EEG e EMG em sua maioria a partir de sistemas de interface cérebro-computador com o intuito de prever a classificação, a melhor captação do sinal, identificar as áreas corticais e ver a correlação entre as regiões cerebrais. No entanto, nenhum desses estudos apresentou embasamento teórico linguístico, sendo essa uma limitação importante, visto que o conceito de fala interna apresentado pelos estudos é do ponto de vista orgânico e fisiológico, que de forma geral não apresentam teorias linguísticas no delineamento metodológico.

5 Conclusão

A terminologia para fala interna diferiu entre os estudos incluídos nesta revisão, mas a conceituação se assemelha, tratando do processamento mental da fala interna de forma inaudível e sem movimento articulatório.

Apesar da distinção terminológica, os estudos revelaram que a existência da correlação entre a fala audível e a interna e que é possível captar respostas dos movimentos dos músculos orais e da atenuação auditiva no processamento mental da fala inaudível e sem movimento articulatório – chamada de fala interna.

O processamento mental da língua lida com a percepção e a produção e, apesar de serem estudadas de forma separada há interligação, por dependerem dos mesmos sistemas neurais, auditivos, motores, sensoriais e perceptuais. Esses sistemas fornecem respostas neurofisiológicas que os pesquisadores ainda possuem dificuldade de

relacionar as teorias sobre mente e com os estados e propriedades do cérebro (CHOMSKY, 1997, p. 208,209).

As respostas neurofisiológicas da eletroencefalografia e/ou eletromiografia de superfície na fala interna foram analisadas pelos estudos desta revisão do ponto de vista biológico. Essas pesquisas não apresentaram um embasamento teórico linguístico para conceituar fala interna e houve ausência de uma justificativa para escolha das palavras, sílabas e vogais nas tarefas de produção requeridas aos participantes.

Apenas um trabalho, uma dissertação de Mestrado feita no Brasil, realizou experimento em língua portuguesa. Esse trabalho se preocupou em analisar a fala interna do ponto de vista biológico e as tarefas de fala requeridas eram comandos verbais (direita, esquerda, frente e atrás) que estão relacionados às habilidades visuoespaciais.

Faz-se necessário estudo com aporte teórico linguístico que apresente justificativa para seleção das tarefas de produção da fala interna, considerando os aspectos segmentais e prosódicos no processamento mental, visto que esses aspectos concedem à fala naturalidade, inteligibilidade e a modulação entoacional que permite distinguir significados.

Declaração de autoria

Este artigo “A identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia: uma revisão de escopo” decorre do projeto de pesquisa da doutoranda Kyvia Fernanda Tenório da Silva, sob orientação dos professores doutores Susana Carvalho e Miguel José Alves de Oliveira Júnior. A primeira autora foi responsável pela investigação, metodologia, escrita – rascunho original. A segunda autora contribuiu com a conceptualização e supervisão. A conceptualização, administração do projeto e supervisão foi de responsabilidade do terceiro autor. Todos os autores participaram da escrita – análise e edição.

Referências

BEHLAU, M.; AZEVEDO, R.; MADAZIO, G. Anatomia da Laringe e Fisiologia da Produção da Vocal. In: BEHLAU, M (org.). *Voz: o livro do especialista*. vol. 1. 3º ed. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2013, p. 1-42.

BOWERS, A. *et al.* Power and phase coherence in sensorimotor mu and temporal lobe alpha components during covert and overt syllable production. *Experimental Brain Research*, Alemanha, v. 237, n.3, p. 705–721, 2019. DOI: 10.1007/s00221-018-5447-4

BRADLEY, Jack N. *et al.* Inner speech is accompanied by a temporally-precise and content-specific corollary discharge. *NeuroImage*, Estados Unidos, v. 198, p. 170-180, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2019.04.038>

CHOMSKY, N. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* [online]. 1997, v. 13, n. spe, p. 51-74. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000300002>. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000300002>>. Acesso em: 18 agosto 2021.

CHUYSUD, K.; PUNSAWAD, Y. Hybrid EEG-fEMG based Human-Machine Interface for Communication and Control Applications. *16th International Joint Conference on Computer Science and Software Engineering (JCSSE)*, vol. 62, n. 3, p. 1-5, 2019. DOI: 10.1109/JCSSE.2019.8864195

DENBY, B. *et al.* Silent speech interfaces. *Speech Communication*, Amsterdã, v. 52, n. 4, p. 270-287, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.specom.2009.08.002>

GALEGO, J. S. *Aquisição e processamento de biossinais de eletromiografia de superfície e eletroencefalografia para caracterização de comandos verbais ou intenção de fala mediante seu processamento matemático em pacientes com disartria*. 2016. 159f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

JAHANGIRI, A.; SEPULVEDA, F. The contribution of different frequency bands in class separability of covert speech tasks for BCIs. *IEEE*, p. 2093-2096, 2017. DOI: 10.1109/EMBC.2017.8037266

JAHANGIRI, A. *et al.* Covert Speech vs. Motor Imagery: a comparative study of class separability in identical environments. *IEEE*, p. 2020-2023, 2018. DOI: 10.1109/EMBC.2018.8512724

JAHANGIRI, A.; ACHANCCARAY, D.; SEPULVEDA, F. A Novel EEG-Based Four-Class Linguistic BCI. *IEEE*, p. 3050-3053, 2019. DOI: 10.1109/EMBC.2019.8856644

JAHANGIRI, A.; SEPULVEDA, F. The Relative Contribution of High-Gamma Linguistic Processing Stages of Word Production, and Motor Imagery of Articulation in Class Separability of Covert Speech Tasks in EEG Data. *Journal of Medical Systems*, Nova Iorque, v. 43, n. 20, 2019. DOI: 10.1007/s10916-018-1137-9. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10916-018-1137-9>>. Acesso em: 17 de mai. 2021.

JANKE, M.; DIENER, L. EMG-to-Speech: Direct Generation of Speech From Facial Electromyographic Signals. *IEEE/ACM Transactions on Audio, Speech, and Language Processing*, v. 25, n. 12, p. 2375-2385, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1109/TASLP.2017.2738568>

KENT, R. D. Nonspeech Oral Movements and Oral Motor Disorders: A Narrative Review. *Am J Speech Lang Pathol.* v. 4, n. 24, p. 763-89, 2015. DOI: 10.1044/2015_AJSLP-14-0179. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4698470/#A1>>. Acesso em: 25 de ago. 2021.

KOIZUMI, K.; UEDA, K.; NAKAO, M. Development of a Cognitive Brain-Machine Interface Based on a Visual Imagery Method. *IEEE*, p. 1062-1065. 2018, DOI: 10.1109/EMBC.2018.8512520

KOMEILIPOOR, N.; CESARI, P.; DAFFERTSHOFER, A. Involvement of superior temporal areas in audiovisual and audiomotor speech integration. *Neuroscience*, v. 343, p. 276-283, 2017. DOI: 10.1016/j.neuroscience.2016.03.047

NALBORCZYK, L. *et al.* Can we decode phonetic features in inner speech using surface electromyography? *Journal PLoS ONE*, v. 15, n. 5, p. 1-27, 2020. DOI: 10.1371/journal.pone.0233282 Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article/authors?id=10.1371/journal.pone.0233282>>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

NALBORCZYK, L. *et al.* Orofacial electromyographic correlates of induced verbal rumination. *Biological psychology*, Amsterdã, vol. 127, ISSN 0301-0511, p. 53-63, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2017.04.013>

NICOLAS-ALONSO, L. F.; GOMEZ-GIL, Jaime. Brain computer interfaces, a review. *Sensores Basel*, v. 12, n. 2, p. 1211-1279, 2012. DOI: 10.3390/s120201211. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1424-8220/12/2/1211/htm>>. Acesso em: 11 de jun. 2021.

NGUYEN, C. H.; KARAVAS, G. K.; ARTEMIADIS, P. Inferring imagined speech using EEG signals: a new approach using Riemannian Manifold features. *Journal of Neural Engineering*, v.15, n. 016002, p. 11-14, 2018. DOI: 10.1088/1741-2552/aa8235

PAWAR, D.; DHAGE, S. Multiclass covert speech classification using extreme learning machine. *Biomed. Eng. Lett.*, v. 10, n. 2, p. 217-226, 2020. DOI: 10.1007/s13534-020-00152-x. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7235109/>>. Acesso em: 31 de maio 2021.

RASO, T. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 12–46, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23730>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

SRISUWAN, N.; PHUKPATTARANONT, P.; LIMSAKUL, C. Comparison of feature evaluation criteria for speech recognition based on electromyography. *Med Biol Eng Comput*, v. 56, n.6, p.1041-1051, 2018. DOI: 10.1007/s11517-017-1723-x

SERESHKEH, A. R. et al. Online EEG Classification of Covert Speech for Brain-Computer Interfacing. *International Journal of Neural Systems*, Cingapura, vol. 27, n. 8, 1750033, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1142/S0129065717500332>. Disponível em: https://www.worldscientific.com/doi/10.1142/S0129065717500332?url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori:rid:crossref.org&rfr_dat=cr_pub%20%20pubmed. Acesso em: 20 de abr. 2021.

SCHULTZ, Tanja et al. Biosignal-Based Spoken Communication: A Survey. *IEEE/ACM Trans. Audio, Speech and Lang. Proc*, v. 25, n. 12, p. 2257–2271, 2017. DOI: 10.1109/TASLP.2017.2752365

STEPHAN, F.; SAALBACH, H.; ROSSI, S. Inner versus Overt Speech Production: Does This Make a Difference in the Developing Brain? *Brain Sciences*, v. 10, n. 12, p. 939, 2020. DOI: 10.3390/brainsci10120939

SILVA, T. C. et al. *Fonética Acústica: os sons do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

TØTTRUP, L. et al. Decoding covert speech for intuitive control of brain-computer interfaces based on single-trial EEG: a feasibility study. *IEEE*, p. 689-693, 2019. DOI: 10.1109/ICORR.2019.8779499

TRICCO, A. C. et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA ScR): Checklist and Explanation. *Annals of Internal Medicine*, v.169, n.7, p. 467–473, 2018. DOI: 10.7326/M18-0850. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/full/10.7326/M18-0850?rfr_dat=cr_pub++0pubmed&url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org>. Acesso em: 11 de out. 2021.

WHITFORD, T. J. *et al.* Neurophysiological evidence of efference copies to inner speech. *eLife*, Cambridge, v. 6, ed. 28197, p.1-23, 2017. DOI: 10.7554/eLife.28197. Disponível em: <<https://elifesciences.org/articles/28197#s4>>. Acesso em: 23 de abr. 2021.

YOSHIMURA, N. *et al.* Decoding of Covert Vowel Articulation Using Electroencephalography Cortical Currents. *Frontiers in Neuroscience*, v.10, p.175, 2016. DOI: <https://doi.org/10.3389/fnins.2016.00175>. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fnins.2016.00175>>. Acesso em 13 abr. 2021.



Orações introduzidas por *cualquiera* sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

Clauses Introduced by Cualquiera Under the Functional Discourse Grammar Point of View

Camila Rodrigues de Amorim

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

rodrigues.amorim@unesp.br

<http://orcid.org/0000-0001-6121-7236>

Talita Storti Garcia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

talita.garcia@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

Resumo: Este artigo investiga as orações introduzidas por *cualquiera*, no espanhol, que são concebidas dentre as orações *concessivas impróprias* ou *concessivo-condicionais* por Haspelmath e König (1998) e Flamenco García (1999). Essas estruturas são assim denominadas porque mesclam características tanto das condicionais quanto das concessivas. A fim de desvelar o funcionamento dessas orações, assumimos o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), com o objetivo de descrever as motivações pragmáticas ou semânticas que se manifestam nas propriedades morfossintáticas dessas estruturas. Para seleção e análise das ocorrências provenientes da modalidade escrita, elegemos o corpus CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*), banco de dados que disponibiliza textos das variedades do espanhol da América e da Espanha. Os resultados indicam que as orações introduzidas por *cualquiera* podem exercer tanto função semântica, no Nível Representacional, como função retórica, no Nível Interpessoal. Esse resultado sugere um novo olhar para o fenômeno em análise, apresentado pela literatura como uma estrutura híbrida, já que, neste estudo, são concebidas de forma discreta, em termos de funções.

Palavras-chave: *cualquiera*; espanhol; orações concessivo-condicionais; Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract: This work investigates the clauses introduced by *cualquiera*, in Spanish, which are conceived among the *improper concessive* or *concessive-conditional clauses* by Haspelmath and König (1998) and Flamenco García (1999). These structures are categorized this way because they mix features of both conditional and concessive clauses. In order to reveal the functioning of these clauses, we assume the model of the Functional Discourse Grammar (henceforth FDG) by Hengeveld and Mackenzie (2008), with the purpose of describing the pragmatic and semantic motivations that are manifested in the morphosyntactic properties of these structures. For the selection and analysis of the occurrences of the written texts, we chose the CREA corpus (*Corpus de Referencia del Español Actual*), a database that provides texts of the varieties of Spanish from America and Spain. The results show that the sentences introduced by *cualquiera* can perform both a semantic function at the Representational Level and a rhetorical function at the Interpersonal Level. This result suggests a new look at the phenomenon under analysis, presented in the literature as a hybrid structure, since, in this study, they are conceived in a discrete way, in terms of functions.

Keywords: *cualquiera*; Spanish; concessive-conditional clauses; Functional Discourse Grammar.

Recebido em 12 de abril de 2021

Aceito em 26 de outubro de 2021

1 Introdução¹

O item *cualquiera*, no espanhol de hoje, integra diferentes paradigmas, podendo exercer diferentes funções na oração. De acordo com a literatura linguística, esse item se gramaticalizou como *pronome indefinido* (HASPELMATH, 2001), mas pode integrar o rol dos *pronomes relativos inespecíficos* (BRUCART, 1999; NGLE, 2010), quando vem especificado por uma oração subordinada relativa restritiva.

¹ O presente artigo apresenta parte dos resultados obtidos por Amorim (2019), em que investiga as construções *QU-quiera que sea* à luz da teoria da Gramática Discursivo-Funcional.

Enquanto relativo inespecífico, *cualquiera* encabeça orações que funcionam como argumento da oração principal, mas, também, introduz orações que são, do ponto de vista sintático, menos integradas, conforme constatamos, respectivamente, em (1) e (2):

- (1) *Con cualquiera que trabajes, te sentirás a gusto* (BRUCART, 1999, p. 517).

[Com qualquer (pessoa) que você trabalhe, vai se sentir à vontade]².

- (2) *Cualquiera que sea la ropa que se ponga, siempre está elegante* (NGLE, 2010, p. 922).

[Qualquer que seja a roupa que vista, sempre está elegante].

Em (1), o funcionamento do pronome *cualquiera* é diferente do apresentado em (2), pois exhibe apenas o traço [+humano], podendo ser parafraseado pelo sintagma *cualquier³ persona*. O pronome *cualquiera* exerce função sintática de complemento preposicionado do verbo da oração principal *sentirse a gusto con X*.

Em (2), no entanto, verificamos que a oração principal *siempre está elegante* é semântica e sintaticamente completa, uma vez que os dois complementos necessários da estrutura predicativa estão expressos, a saber, sujeito elíptico na terceira pessoa do singular *él/ella*, e predicativo do sujeito *elegante*. Assim, diferentemente de (1), a função sintática que a oração *cualquiera que sea la ropa que se ponga* exerce com relação à oração principal não é a de argumento. De acordo com a NGLE (2010, p. 921-922), essa oração admite parafrase com uma *oração concessiva de indiferença*, tal como *Se ponga la ropa que se ponga, siempre está elegante*, que expressa que, independentemente da roupa que vista o sujeito (bonita; feia; cara; barata, etc.), fica elegante. Nesse caso, o sentido concessivo emerge, conforme o autor, da inferência que se faz a respeito desse conjunto infinito de possibilidades a respeito do referente (*ropa*) que não interferem no fato expresso na oração principal.

² Todas as traduções são de nossa autoria.

³ No espanhol atual, *cualquiera* também pode aparecer grafado como *cualquier*, sem a vogal temática *a*, quando aparece como determinante, anteposto a um substantivo no singular.

Considerando, portanto, os casos em que as orações encabeçadas por *cualquiera* ocorrem menos integradas à oração principal, conforme (2), este artigo investiga, sob a perspectiva do modelo da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as propriedades funcionais dessas estruturas, a fim de verificar como se dá sua atuação nos diferentes níveis e camadas do modelo. A motivação da pesquisa decorre do fato de esses casos serem, ainda, objeto de questionamento e discussão entre diferentes autores, dado que o sentido *concessivo* emerge, não pelo uso de uma conjunção prototípica, mas sim pela negação de um conteúdo implícito entre falante e ouvinte, que pode ser recuperável no contexto comunicativo.

O universo de investigação contempla 125 ocorrências extraídas de textos da modalidade escrita do CREA - *Corpus de Referencia del Español Actual*, banco de dados que oferece textos de língua espanhola, tanto da América quanto da Espanha.

Este trabalho organiza-se da seguinte maneira: na seção (2), apresentamos os conceitos da teoria da Gramática Discursivo-Funcional necessários para a compreensão do fenômeno em foco. Na seção (3), trazemos as principais considerações do que diz a literatura sobre as orações introduzidas por *cualquiera*. Na seção (4), discutimos os dados e apresentamos os resultados desta pesquisa, seguindo, como principal critério de análise, a camada de atuação das construções prefaciadas por *cualquiera*. Por fim, destacamos, nas Considerações Finais, as principais contribuições deste estudo.

2 A Gramática Discursivo-Funcional: algumas considerações teóricas

A Gramática Discursivo-Funcional tem como principal objetivo explicar os fenômenos linguísticos a partir da relação com o contexto. Nesse modelo, é no Componente Gramatical que se identificam os aspectos da comunicação que refletem formalmente na estrutura linguística. Os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída interagem com o Componente Gramatical através das operações de *formulação* (regras que determinam qual constituinte será válido nas representações semânticas e pragmáticas subjacentes) e de *codificação* (regras que convertem as representações semânticas e pragmáticas em representações morfológicas e fonológicas), e é, também, no Componente Gramatical, que os níveis de representações semânticas e pragmáticas se organizam em diferentes camadas de maneira hierárquica.

O Nível Interpessoal, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), lida com os aspectos pragmáticos da unidade da língua que refletem o papel da interação entre os Participantes: Falante-Ouvinte⁴. Esses papéis se analisam em termos de duas funções: pragmáticas e retóricas, sendo essas últimas as que nos interessam neste estudo. Dentre as *funções retóricas*, a GDF identifica a Concessão (Conc), que se define pela *dependência* entre Atos Discursivos (A), um Nuclear (A_i) e outro Subsidiário (A_j).

O Nível Representacional, por sua parte, trata dos aspectos semânticos da unidade linguística. Enquanto o Nível Interpessoal lida com as informações que são associadas ao Falante, o Nível Representacional se ocupa das unidades não vinculadas a ele.

Tal como ocorre no Nível Interpessoal, diferentes funções podem ser aplicadas às entidades linguísticas do Nível Representacional. Hengeveld e Mackenzie (2008) mostram que a concessão, por exemplo, quando ocorre no domínio representacional, como *função semântica*, se estabelece entre Conteúdos Proposicionais (p).

Ressaltam os autores que essas distinções interpessoais e representacionais se refletem diretamente no processo de codificação, no Nível Morfossintático. Nesse sentido, a ordenação da oração concessiva com relação à principal pode ser um indício da camada em que atua (Ato Discursivo ou Conteúdo Proposicional), pois, quando a concessiva se antepõe à principal, a concessão tende a se definir na camada do Conteúdo Proposicional (cf. 3), como função semântica, diferentemente dos casos em que a relação concessiva se estabelece entre Atos Discursivos (cf. 4), como função retórica, quando a oração concessiva se pospõe à principal, codificando dois Atos Discursivos. Nesse caso, o Subsidiário (Conc) aparece posposto ao Ato Nuclear. Vejamos os exemplos trazidos pelos autores e suas respectivas representações:

- (3) *Although the work took longer than expected it was easy*
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).

[Embora o trabalho levasse mais tempo que esperado, foi fácil.]

[(p_i: - o trabalho levou mais tempo que o esperado - (p_i)_{Conc}) (p_j: - foi fácil - (p_j))]

⁴ Falante e Ouvinte serão grafados com letra maiúscula, quando se tratar de entidades da GDF. Esses termos se referem aos interlocutores de maneira geral, tanto em contextos de língua falada como escrita.

(4) *The work was fairly easy, although it took me longer than expected* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54)

[O trabalho foi razoavelmente fácil, embora levasse mais tempo que o esperado.]

[(A_i: -o trabalho foi razoavelmente fácil- (A_i)) (A_j: -levou mais tempo que o esperado- (A_j))Conc]

Como se observa, a distinção entre as concessivas que se dão no domínio pragmático ou semântico é codificada, de alguma maneira, no processo de codificação, o que se observa, no Nível Morfossintático, por meio da ordenação das Orações⁵ envolvidas.

O Nível Morfossintático, responsável pelas propriedades estruturais de uma unidade linguística, considera dois tipos de dependência morfossintática, as relações dos tipos núcleo-modificador e núcleo-dependente. Exemplos típicos do primeiro tipo são as orações adverbiais. Já a relação do tipo núcleo-dependente se define pela relação entre um predicado e seus argumentos, tal como ocorre nas orações completivas, por exemplo.

A depender das relações estabelecidas nos níveis superiores de análise entre núcleo-modificador ou entre núcleo-dependente, definem-se os processos *equiordenação*, *coordenação* e *cossubordinação*, observados na camada da Expressão Linguística. Quando duas Orações dependem mutuamente umas das outras, evidencia-se o processo de equiordenação. Na coordenação, diferentemente, cada Oração que se combina é independente. Já na cossubordinação, uma das Orações é dependente e a outra não.

Além das relações acima estabelecidas, há casos que devem ser tratados dentro do escopo da *subordinação* e devem, portanto, ser analisados na camada da Oração, não na camada da Expressão Linguística. Isso ocorre, por exemplo, no caso das orações que são constituintes argumentais de outras orações, tal como as orações adverbiais, substantivas ou predicativas.

Ressaltamos, também, que a representação do Nível Morfossintático se caracteriza pela colocação dos elementos conforme são enunciados. Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram o seguinte

⁵ O termo Oração é grafado com maiúscula apenas quando faz referência à camada no Nível Morfossintático.

padrão para a disposição dos elementos na camada da Oração: a posição inicial P^I, a posição medial P^M e a posição final P^F. As posições marginais são dedicadas aos constituintes extraoracionais, que se estabelecem fora dos limites da Oração, sendo que a P^{Pré} diz respeito à posição pré-oracional e a P^{Pós} à posição pós-oracional. Verifica-se, no esquema 1, que as barras (|) indicam os limites da Oração:

Esquema 1 - Posição das unidades linguísticas

Expressão Linguística	P ^{Pré}		P ^{centro}		P ^{Pós}
Oração			P ^I P ^M P ^F		

Fonte: Keizer (2015, p. 204).

Em resumo, verificamos que a relação de dependência entre Orações deve ser explicada considerando-se, além dos aspectos puramente sintáticos, a semântica e a pragmática. Por esse motivo, consideramos que esse modelo oferece as explicações necessárias para que identifiquemos como se estabelecem as relações de dependência nas orações prefaciadas por *cualquiera* a partir de sua atuação nos diferentes domínios.

3 As orações *concessivas impróprias* introduzidas por *cualquiera*

Na sincronia atual do espanhol, observamos estruturas introduzidas por *cualquiera*, que são analisadas por König (1985), Haspelmath e König (1998), Flamenco García (1999) e NGLÉ (2010) no âmbito das *orações concessivas*. Esses autores concebem que essas orações expressam um tipo de condição que não é suficiente para impedir o cumprimento do que se coloca na oração principal. Analisemos o exemplo do espanhol trazido por Flamenco García (1999):

- (5) *Cualquier cosa que ocurriera en la reunión, era necesario llegar a un acuerdo* (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3849).

[Qualquer coisa que acontecesse na reunião, era necessário chegar a um acordo].

De acordo com o autor, a oração *cualquier cosa que ocurriera en la reunión* expressa um número infinito de condições, evocado pelo quantificador *cualquier*, que não anula o que se afirma na oração

principal, *era necesario llegar a un acuerdo*. Quando a oração principal ocorre independentemente do que foi apresentado na subordinada, em termos tradicionais, observa-se o sentido concessivo. Para Flamenco García (1999), para Brucart (1999) e para a NGLÉ (2010), há algo de “adverbial” nessas orações. Para os autores, o sentido concessivo é recuperável inclusive nos usos antigos do relativo *cualquiera*, recuperado por Fernández Ramírez (1951a apud BRUCART, 1999, p. 517), em amostras do século XIV:

- (6) *La salud de las democracias, cualesquiera que sean su tipo y su grado, depende de un mísero detalle técnico: el procedimiento electoral* (ORTEGA Y GASSET, 1276 apud BRUCART, 1999, p. 517).

[A saúde das democracias, quaisquer que sejam seu tipo e seu grau, depende de um mísero detalhe técnico: o procedimento eleitoral.]

Em (6), defende Fernández Ramírez (1951) que, mesmo que *cualquiera* tenha adquirido o estatuto de pronome indefinido, pode também desempenhar função de relativo inespecífico, como na oração *cualesquiera que sean su tipo y su grado*, que expressa um valor concessivo, já que não interfere no que está contido na oração principal *la salud de las democracias depende de un mísero detalle técnico: el procedimiento electoral*.

Essas orações recebem diferentes denominações. Alguns autores, como Haspelmath e König (1998) e Leuschner (2007), as reconhecem como *concessivo-condicionais*. Outras categorizações foram adotadas, como *condicionais de irrelevância* por Haiman (1974) e König (1985; 1986; 1988), *concessivas indefinidas* por Thompson e Longacre (1985), *concessivas de irrelevância* por Parazuelos (1993) ou, até mesmo, *concessivas genéricas* por García-Medall (2005).

Haspelmath e König (1998) tendem a considerar que as orações *concessivo-condicionais universais*, dentre as quais se enquadram as estruturas aqui analisadas, sejam, na verdade, condicionais que, contextualmente, podem desenvolver o sentido concessivo. Os autores propõem o seguinte esquema, a fim de explicar que essas estruturas funcionam como condicionais, diferenciando-se das condicionais prototípicas por apresentarem um conjunto de prótases recuperáveis

implicitamente, conforme demonstra a seguinte representação, em (7), parafraseada em (7a):

(7) $\langle \forall (x), \text{ se } p_x, \text{ então } q_i \rangle$ (Traduzido de Haspelmath e König, 1998, p. 566).

(7a) **Se** {**a** ou **b** ou **c** ou **d...**}, **então** *q* (Traduzido de Haspelmath e König, 1998, p. 565).

Dado o fato de que, para os autores, cada oração concessivo-condicional relata um conjunto ou uma série de antecedentes para um conseqüente, uma dessas condições geralmente está em conflito com o conseqüente.

Flamenco García (1999), por outro lado, observando dados do espanhol, defende que nessas orações, as quais ele denomina de *concessivas impróprias*, o caráter concessivo se sobrepõe, porque a oração subordinada vem determinada por essa implicatura de um possível obstáculo resolvido de antemão. Tais estruturas são esquematizadas pelo autor, conforme (8):

(8) $\langle p_{(x)}, q \rangle = \langle \forall (x), \text{ se } p_x, \text{ então não } q_i \rangle \text{ e } q_{\text{verdadeiro}}$ (Traduzido de Flamenco García, 1999, p. 3848).

Em (8), de todos os valores que a variável *x* pode assumir nesse esquema, determinado pelo quantificador universal *cualquiera* (\forall), esses não são suficientes para que se cumpra a condição $\langle \text{se } x, \text{ não } q \rangle$, sendo que *q* sempre é tido como verdadeiro. Vejamos como se aplicaria essa explicação na ocorrência do corpus de análise, em (9) e (9a):

(9) Y una reflexión final: el martes próximo, el pueblo de Estados Unidos acudirá a las urnas para elegir su presidente. *Cualquiera que sea su resultado, el Gobierno de Estados Unidos mantendrá su compromiso con el proceso de la CSCE y con el fortalecimiento de la seguridad y la cooperación en Europa* (CREA, Política, 1980)⁶.

[Qualquer que seja o resultado, o Governo dos Estados Unidos permanecerá comprometido com o processo da

⁶ A referência aos textos provenientes do corpus de pesquisa recupera seus dados de publicação, a saber, temática e ano de publicação.

CSCE e com o fortalecimento da segurança e da cooperação na Europa”.]

(9a) $\langle \forall (x), \text{se seu resultado for } \text{for}_{(x)}, \text{ o Governo } \mathbf{n\tilde{a}o} \text{ permanecer\grave{a}} \text{ comprometido} \rangle$ O Governo permanecer comprometido
 verdadeiro \rangle

Observa-se que, de acordo com o esquema em (9a), o falante registra na oração concessiva imprópria uma objeção à inferência de que “se o resultado for (x), sendo (x) um conjunto indefinido de possibilidades (negativo, não esperado, etc.), então, o Governo **não** permaneceria comprometido”. A oração *cualquiera que sea su resultado* parece, nesse caso, introduzir uma informação menos saliente (funcionando como fundo), que o falante julga **irrelevante** frente ao que se afirma na oração principal.

Observamos que, como nas orações do tipo visto em (9) não há um item gramaticalizado (uma conjunção) que marque a relação concessiva, o sentido concessivo (sendo esse de domínio mais abstrato do que o sentido condicional) tende a ser interpretado pelos diferentes autores, em alguns contextos específicos, a partir de uma relação metafórica que se faz de que aquilo apresentado na oração subordinada é irrelevante, tendo em vista aquilo colocado na oração principal.

Neves (1999) ressalta que a diferença fundamental entre as condicionais e as concessivas reside no fato de que, na condicional, a escolha de um dos elementos disjuntos contidos implicitamente na oração subordinada influi e é **necessária** para o resultado expresso na oração principal. Assim, nas condicionais, a escolha disjuntiva na oração subordinada determina o resultado expresso na oração principal. Nas concessivas, o obstáculo apresentado não impede a realização do que está contido na principal.

Dentre todas essas categorizações, seja como concessiva, condicional ou como concessivo-condicional, é possível notar que todos os estudiosos acima elencados identificam um funcionamento “adverbial” nas orações introduzidas pelos indefinidos e é justamente essa ambiguidade de interpretação que motivou a investigação dos casos introduzidos por *cualquiera* no espanhol peninsular atual. Resta-nos responder o que ocorre nas estruturas aqui investigadas, pois podemos observar que o resultado contido na oração principal das estruturas com *cualquiera* é **independente** da escolha disjuntiva implícita na oração subordinada.

De acordo com o modelo da GDF, quando analisamos uma ocorrência em contexto de uso real de fala/escrita, uma estrutura “híbrida”, como a concessivo-condicional, deve ser concebida de maneira discreta, pois o falante, quando enuncia, tem propósitos comunicativos específicos. Portanto, partimos da hipótese de que essas estruturas expressam concessão e atuam nos diferentes níveis de formulação, o Interpessoal e o Representacional.

4 Metodologia

O corpus adotado para esta pesquisa é o CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*). A opção pelo espanhol peninsular deve-se à maior facilidade de acesso aos textos desta variedade no corpus adotado.

Em uma primeira etapa, selecionamos 995 ocorrências em que *cualquiera* vem seguido de uma oração restritiva com qualquer verbo no subjuntivo. Observamos que, em 59% dessas ocorrências, essa oração restritiva se constrói em torno do verbo *ser* no subjuntivo.

A partir dessa pré-seleção dos dados, foi possível compreender que, nas orações concessivo-condicionais, *cualquiera* funciona como quantificador universal, diferentemente de quando vem restrito por orações com outros verbos no subjuntivo, como em *cualquiera que quiera puede comprobar mi cuenta corriente* (“Qualquer um que quiser pode verificar minha conta corrente”), pois, nesses casos, *cualquiera* funciona como pronome indefinido, e a oração por ele encabeçada exerce função argumental com relação à oração principal.

Desse modo, como nosso objetivo inicial era analisar os casos em que as orações encabeçadas por *cualquiera* ocorrem menos integradas à oração principal, decidimos restringir a investigação ao funcionamento da oração *cualquiera que sea*.

Rosário (2015), ao analisar a estrutura concessiva⁷ *qualquer que seja*, no português, afirma que o uso categórico de verbos não nocionais, como os copulativos, faz com que a carga informativa recaia sobre outras partes do discurso. Nesse caso, essa carga é imposta à partícula *qualquer*, que pode ser utilizada para diversas referências de caráter catafórico ou anafórico:

⁷ O autor analisa tais estruturas como *orações concessivas justapostas*. Para mais informações sobre essa estrutura no português, ver Rosário (2015).

Quadro 1 - Categorias semânticas sob escopo da oração *cualquiera que sea*

Tipo de entidade	Ocorrência no corpus
Conteúdo Proposicional (p_1)	cualquiera que sea su ideología ;
Estado-de-coisas (e_1)	cualquiera que sea el resultado ;
Indivíduo (x_1)	cualquiera que sea la persona ;
Propriedade (f_1)	cualquiera que sea el color ;
Lugar (l_1)	cualquiera que sea el lugar ;
Tempo (t_1)	cualquiera que sea el momento ;
Modo (m_1)	cualquiera que sea el modo ;
Razão (r_1)	cualquiera que sea el motivo ;
Quantidade (q_1)	cualquiera que sea el porcentaje .

Fonte: Autoria própria

Assim, observa-se, no quadro 1, que *cualquiera* pode ter escopo sobre sintagmas de diferentes categorias semânticas, por funcionar como um quantificador universal e exibir o traço semântico [-humano].

5 Análise e discussão dos dados

Haspelmath (1997), Haspelmath e König (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008) e Company (2009) mostram que a origem do indefinido *cualquier(a)* remonta a uma estrutura relativa do tipo *haga en él cual castigo quiera (usted)* > *haga en él cual quiera castigo* > *haga en él cualquier(a) castigo*. Tal estrutura originária, de acordo com os autores, recupera, metaforicamente, a ideia de *conceder a escolha de dois disjuntos para o Ouvinte*. Haspelmath (1997) afirma que não é estranho, pois, que um item que expresse essa ideia seja utilizado em estruturas com sentido concessivo-condicional universal⁸. Entende-se que, a partir de um desdobramento metafórico de sentido, numa oração concessivo-condicional universal, a interpretação concessiva emerge, uma vez que o Falante *abre mão de sua escolha* para dizer *não importa (para mim) X, o que importa é Y*⁹.

⁸ O autor usa o termo *parametric concessive conditionals* (HASPELMATH, 1997).

⁹ O desdobramento de sentido se daria da seguinte forma: *conceder a escolha dos disjuntos para o Ouvinte (cual tú quiera)* > *Falante demonstra irrelevância frente a algo que o Ouvinte oferece* > *Falante demonstra irrelevância sobre o que se enuncia*.

Tal trajetória semântica corrobora para a explicação de nossos dados, uma vez que, nas ocorrências analisadas, o sentido concessivo se sobrepõe ao condicional. Defendemos que o Falante coloca, na oração subordinada, um conjunto de condições como irrelevantes frente ao que se enuncia na oração principal, partindo da pressuposição de uma possível objeção do Ouvinte.

Considerando o princípio norteador de análise, nível e camada de atuação dessas orações, a oração *cualquiera que sea X* exerce *função semântica* na maior parte das ocorrências (54%), como se verifica em (10), mas também encontramos casos de atuação como *função retórica* (46%), conforme (11). Vejamos as ocorrências:

- (10) Para decorar un adorno, podés usar una pieza de vidrio. Empezá por un vaso de cristal, y con las cerdas de un cepillo de dientes pingalo con pegamento haciendo figuras con éste, podés colocar el nombre de una persona o logotipo de una empresa en el mismo. ***Cualquiera que sea tu elección, lo apreciarán mucho*** (CREA, Diseño, 2001).

[Para decorar um enfeite, você pode usar um pedaço de vidro. Comece com um copo de cristal, e com as cerdas de uma escova de dente untadas com cola, formando figuras com ela, você pode colocar o nome de uma pessoa ou o logotipo de uma empresa. Seja qual for sua escolha, será muito apreciado.]

- (11) Relata que, hace años, encontraron que unos contenedores de Tylenol estaban adulterados con cianuro y habían causado la muerte de siete personas, y como no sabían en qué punto de la cadena de distribución se había adulterado la medicina, retiraron todo el Tylenol de todos los estantes en Estados Unidos, con resultado de pérdidas multimillonarias, para evitar que muriera una persona más. A esto es a lo que llamo yo ‘responsabilidad social del empresario’. El Washington Post, comentando el incidente, dijo: *‘Johnson & Johnson se ha mostrado claramente ante el público como una compañía que está dispuesta a hacer lo correcto, cualquiera que sea el costo’* (CREA, Economía y hacienda, 2000).

[Ele relata que, anos atrás, descobriram que alguns recipientes de Tylenol estavam adulterados com cianeto e causaram a morte de sete pessoas, e como não sabiam em que ponto da cadeia de distribuição o medicamento havia sido adulterado, retiraram todo o Tylenol de todas as prateleiras dos Estados Unidos, resultando em perdas multimilionárias, para evitar que mais uma pessoa morra. Isso é o que chamo de ‘responsabilidade social corporativa’. O Washington Post, comentando o incidente, disse: ‘A Johnson & Johnson se mostrou claramente ao público como uma empresa que está disposta a fazer a coisa certa, custe o que custar’.]

Em (10) as orações apresentam entre si uma relação que se refere aos traços semânticos da unidade linguística, uma vez que o vínculo entre as tradicionais orações principal e subordinada envolve relações que não podem ser localizadas no tempo e no espaço, mas sim concebidas na mente do Falante. Observa-se que, no trecho selecionado para análise, o Falante descreve os processos para decoração de um enfeite e oferece algumas opções para o Ouvinte escolher, caso esteja seguindo o passo a passo: *you can place the name of a person or the logo of a company*. Após ter apresentado essas opções de *how to make a decoration*, o Falante, protegendo-se da possível objeção do Ouvinte (*but if I place x? / and I place y?*), afirma: *whichever you choose, it will be very appreciated*. Entendemos que o sentido concessivo emerge porque a escolha do elemento disjuncto é totalmente irrelevante (*choose x **or** y **or** z...*) frente ao que se assevera na oração principal, de acordo com o que vimos na seção 3, sobre a definição do sentido concessivo para os diferentes autores. A anteposição da oração subordinada é resultado dessa antecipação que o Falante faz da informação que considera apenas um possível impedimento para o que está contido na oração principal.

Em (11), diferentemente, o Falante faz uma ressalva, com o objetivo de acrescentar uma informação pragmática sobre a oração principal anterior *Johnson & Johnson has clearly shown the public as a company that is ready to do the right thing*. Essa estratégia coincide com o que Chafe (1984) denomina *afterthought*, um “adendo”, pois o Falante adiciona um comentário sobre o que foi enunciado previamente.

Quanto à posição, de maneira geral, constatamos que a oração *cualquiera que sea X* aparece *anteposta* (cf. 10), em 15,2% dos dados, *intercalada*, em 38,4% dos dados, ou *posposta* (cf. 11), em 46,4% dos dados, com relação à oração principal, o que reflete as distinções semânticas e pragmáticas dessas estruturas.

Nas seções que seguem¹⁰, apresentamos, com detalhes, a descrição dessas estruturas segundo os critérios de análise (i) níveis e camadas de atuação e (ii) posição da oração *cualquiera que sea X*.

5.1 Orações concessivas no Nível Representacional

No Nível Representacional, a relação de concessão ocorre na camada do Conteúdo Proposicional, que é caracterizado como um constructo mental, – conhecimentos, crenças e desejos – pois não pode ser localizado no espaço e no tempo, mas pode ser qualificado em termos de atitudes proposicionais.

Vejam as ocorrências (12) e (13) a seguir:

(12) *Cualquiera que sea tu decisión, pienso divorciarme*. Este hombre no significa ni tanto así para mí (CREA, Teatro, 1992).

[Seja qual for sua decisão, vou me divorciar. Este homem não significa muito para mim.]

(13) Desde ese momento las autoridades panameñas se han esforzado por convencer a los bancos de que el más escrupuloso secreto sigue vigente y de que, como dice De Diego, “es falso, jamás ha sucedido ni va a suceder que el sistema bancario se abra a los investigadores”. Además, Panamá sigue ofreciendo ventajas a los bancos extranjeros por otras características de su economía no emite papel moneda -el circulante es el dólar- y no existe control de las transferencias. Cualquier persona que quiera depositar una determinada cantidad de dinero, no importa cuál sea, en un banco panameño sólo tiene que enviar un télex con sus

¹⁰ O percurso desta análise não será guiado pela organização descendente da GDF. Optamos, para fins didáticos, por iniciar a descrição pelo tipo oracional que coincide com o comumente apresentado nos compêndios descritivos do espanhol (cf. FLAMENCO GARCÍA, 1999).

datos básicos y abrir una cuenta, sin más requisitos ni controles. De Diego garantiza que “esto no va a cambiar de ninguna forma”. “*Ningún hecho político, cualquiera que sea el resultado final, va a afectar a los principios que han hecho de Panamá un centro bancario*” (CREA, Economía y Hacienda, 1987).

[Desde então, as autoridades panamenhas têm feito um esforço para convencer os bancos de que o segredo mais escrupuloso ainda está em vigor e que, como diz De Diego, ‘é falso, nunca aconteceu e nunca acontecerá que o sistema bancário se abra aos investigadores’. Além disso, o Panamá continua oferecendo vantagens aos bancos estrangeiros por outras características de sua economia, não emite papel-moeda - a moeda em circulação é o dólar - e não há controle de transferências. Quem quiser depositar uma determinada quantia de dinheiro, seja ela qual for, em um banco panamenho, basta enviar um telex com seus dados básicos e abrir uma conta, sem maiores exigências ou controles. Diego garante que ‘isso não vai mudar em nada’. ‘Nenhum acontecimento político, seja qual for o resultado final, afetará os princípios que fizeram do Panamá um centro bancário’.]

Em (12), na oração concessiva *cualquiera que sea tu decisión*, o Falante antecipa a possível objeção do Ouvinte (*e se eu decidir X? / e se eu decidir Y?*) para afirmar que, independentemente da escolha dos disjuntos, *ela pensa em se divorciar*. Dessa forma, a inferência de que essas alternativas pudessem acarretar em *não pensar em se divorciar* não se confirma.

A mesma relação é verificada em (13). Observamos que o Falante discorre sobre um período em que o medo e a incerteza tomavam conta do centro financeiro internacional do Panamá, em decorrência de uma crise política que causou efeitos econômicos negativos aos proprietários das entidades financeiras estrangeiras estabelecidas naquele país. A fim de evitar possíveis contestações (*e se o resultado dessa crise fosse X? / e se fosse Y?*) por parte do Ouvinte, o Falante assegura, de acordo com suas crenças e expectativas, que nenhuma dessas condições colocaria em risco a manutenção do Panamá como o primeiro centro bancário da América Latina e um dos primeiros do mundo.

Em (12) e em (13), os Falantes assinalam ausência de compromisso com a veracidade/falsidade dos Conteúdos Proposicionais *cualquiera que sea tu decisión e cualquiera que sea el resultado final*. Por estar sob o escopo da estrutura *cualquiera que sea*, os Estados de Coisas *decisión e resultado* são colocados como irrealis dentro de um mundo hipotético, pois não é possível localizá-los no tempo e nem podemos avaliá-los em termos de seu estatuto de realidade.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144), Conteúdos Proposicionais podem ter sua natureza epistêmica avaliada por meio de termos que indiquem a atitude proposicional, tal como certeza, dúvida e descrença.

No caso das ocorrências (12) e (13), por exemplo, a inserção de um advérbio, como *efectivamente* (“efetivamente”), que indica certeza por parte do Falante, comprova o estatuto epistêmico das orações modificadas pelas orações concessivas:

(12a) Cualquiera que sea tu decisión, **efectivamente** pienso divorciarme.

(13a) **Efectivamente** ningún hecho político, cualquiera que sea el resultado final, va a afectar a los principios que han hecho de Panamá un centro bancario.

Assumimos, então, que, na GDF, o misto concessivo/condicional pode ser interpretado de outra forma, pois observamos que o Falante antecipa um contra-argumento de seu Ouvinte, e coloca-o como irrelevante frente ao que se afirma na oração principal. Assim, afirmamos que (12) e (13) constituem casos de orações às quais é atribuída a função semântica Concessão. De acordo com a definição apresentada por Garcia e Pezatti (2013), as orações concessivas da camada do Conteúdo Proposicional constituem “[...] um modificador do núcleo representado pela oração principal [...]” (GARCIA; PEZATTI, 2013, p. 483), sendo assim, as ocorrências podem ser representadas pela GDF da seguinte forma:

(12b) (p_i: –pienso divorciarme–: (p_j: **-cualquiera que sea tu decisión–**)_{Conc})

(13b) (p_i: –ningún hecho político va a afectar a los principios que han hecho de Panamá un centro bancario.–: (p_j: **-cualquiera que sea el resultado final–**)_{Conc})

5.2 Orações concessivas no Nível Interpessoal

No Nível Interpessoal, a concessão configura uma função retórica, uma relação entre dois Atos Discursivos. Ao atuarem como estratégia para garantir que o Falante alcance seus objetivos na comunicação, cada elemento envolvido na concessão configura um Ato Discursivo com estatuto diferente, sendo, nesta ordem, Nuclear e Subsidiário. O Falante, assim, faz uma ressalva ao todo ou a algum elemento que está contido no Ato Nuclear. Por meio da ressalva representada, o Falante busca evitar interpretações equivocadas por parte do Ouvinte.

Vejamos a ocorrência (14):

- (14) Pero, en fin, pensamos que hay total incoherencia cuando se dice que se va a buscar una salida pacífica pero que no se va a hacer concesiones sobre nuestra principal petición. Es decir, que la hipótesis sería que nosotros, o sea el MRTA, retroceda. Y eso nunca sucederá. Entonces nos preguntamos ¿de qué salida pacífica se habla? Creo que el señor Fujimori debería ser más claro ante la opinión pública nacional e internacional, pero principalmente debería ser claro ante los familiares de las personas aquí retenidas. Con esta posición aparentemente sólo se está ganando tiempo y creando las condiciones para una salida militar. Y la vida para él está por debajo de los intereses políticos, ahora los cubre como de interés nacional. *Es mejor que no espere más tiempo y se decida de una vez, cualquiera que sea su decisión* (CREA, Política, 1997).

[Mas, por fim, pensamos que há uma incoerência total quando se diz que se buscará uma solução pacífica, mas que nenhuma concessão será feita em relação ao nosso pedido principal. Ou seja, a hipótese seria que nós, ou seja, o MRTA, recuamos. E isso nunca vai acontecer. Então nos perguntamos: de que saída pacífica estamos falando? Acredito que o Sr. Fujimori deveria ser mais claro para a opinião pública nacional e internacional, mas principalmente para as famílias das pessoas detidas aqui. Aparentemente, essa posição está apenas ganhando tempo e criando as condições para uma saída militar. E a vida para ele está abaixo dos interesses políticos, agora ele os cobre como sendo do interesse nacional. É melhor que (ele) não espere mais tempo e se decida de uma vez, seja qual for sua decisão.]

Verificamos que o estatuto dessa estrutura distingue-se das ocorrências apresentadas em 5.1, já que a oração concessiva tem a função comunicativa de esclarecer uma possível interpretação equivocada do Ouvinte. Em (14), o Falante apresenta sua opinião no Ato Nuclear, mas acha que pode não ter ficado claro para o Ouvinte que *é importante que a decisão seja tomada, independentemente de qual seja a decisão, seja ela X, Y ou Z*. Ou seja, o Falante acrescenta o comentário *cualquiera que sea su decisión*, a fim de evitar que seu Ouvinte pense que a decisão a ser tomada tenha de ser necessariamente X (*bem pensada*, por exemplo). Observamos, portanto, que essa é uma estratégia do Falante, uma estrutura que ele utiliza para atingir seus propósitos comunicativos, o que prova, de fato, que ocorre no Nível Interpessoal.

Nas construções concessivas pertencentes à camada do Ato Discursivo, a oração concessiva e a oração principal constituem, portanto, Atos distintos, dada a independência de Ilocução entre as duas orações. Em (14), observamos que tanto a Ilocução do Ato Nuclear como a do Ato Subsidiário são declarativas. Com base nas descrições oferecidas por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 54), a ocorrência (14), bem como as demais que consideramos como pertencentes à camada do Ato Discursivo neste trabalho, podem ser assim representadas:

(14a) (M₁: [(A₁: –es mejor que no espere más tiempo y se decida de una vez– (A₁)) (A₂: –cualquiera que sea su decisión– (A₂)_{Conc}] (M₁))

Nas representações referentes ao Nível Interpessoal, os Atos Discursivos são dispostos na ordem em que eles se realizam. Assim, o Ato Nuclear é representado em (A₁), enquanto o Ato Subsidiário é representado em (A₂), e os dois se localizam dentro de um único Movimento, representado por (M₁). A função retórica de concessão (Conc) recai sobre o Ato Subsidiário, que expressa uma ressalva à enunciação do Ato Nuclear.

A relação entre o Ato Discursivo Nuclear e o Ato Discursivo Subsidiário resulta, no Nível Morfossintático, na realização de uma única Expressão Linguística, constituída por duas Orações que se combinam por cossubordinação, sendo que o Ato Nuclear corresponde a uma Oração independente e o Ato Subsidiário equivale a uma Oração morfossintaticamente dependente.

As orações concessivas da camada do Ato Discursivo podem se voltar para a enunciação de todo o Ato Discursivo Nuclear, como vimos em (14), ou, também, exercerem uma ressalva sobre um elemento específico presente nesse Ato. Vejamos a ocorrência (15) e sua representação em (15a):

- (15) Y aquí, lo que está en el candelero a fin de cuentas es el estado de nuestra democracia, su capacidad de defenderse de los que intentan destruirla y, al mismo tiempo, de tratarles con toda ecuanimidad. Para ello, lo primero que hay que dejar sentado es que este no es un juicio político. Es un juicio penal. Los cargos no son ideológicos, son criminales. O allegadamente criminales, para ser jurídicamente correctos. Los jueces tendrán que mirar no a los políticos, ni a los periódicos, ni a los observadores internacionales, sino única y exclusivamente, al Código. *Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia, cualquiera que sea.* (CREA, Testimonios varios, 1997).

[E aqui, o que está em destaque, no final das contas, é o estado de nossa democracia, sua capacidade de se defender contra aqueles que tentam destruí-la e, ao mesmo tempo, tratá-los com toda a serenidade. Para isso, a primeira coisa a estabelecer é que não se trata de um julgamento político. É um julgamento criminal. As acusações não são ideológicas, são criminosas. Ou supostamente criminoso, para ser legalmente correto. Os juízes terão que olhar não para políticos, ou jornais, ou observadores internacionais, mas única e exclusivamente, para o Código. E nós, espanhóis, devemos estar dispostos a aceitar a sentença, seja ela qual for.]

- (15a) (M₁): [(A₁: –Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia– (A₁)) (A₂: –cualquiera que sea– (A₂))
Conc] (M₁)

Constatamos que, em (15a), o Ato Discursivo Nuclear, *Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia*, aparece antes do Ato Subsidiário, *cualquiera que sea*, que é adicionado como uma “correção”, um *afterthought*, sobre a referência que o Subato [+específico] *la sentencia* evoca. Nesse caso, o Falante acrescenta esse comentário, com o propósito de evitar a interpretação equivocada por

parte do Ouvinte de que, possivelmente, *caso a sentença venha a ser uma em específico X, Y, etc.*, possa não ser aceita pelo povo espanhol. Então, o Falante retoma e reformula no Ato Subsidiário: *temos que aceitar o julgamento e a sentença do criminoso, [não somente aquela que nos favorece], mas qualquer que seja essa sentença*. Verificamos que, quando o Falante enuncia um comentário ou uma correção sobre o dito, ou seja, sobre uma entidade do domínio pragmático, algumas marcas morfossintáticas emergem, como, por exemplo, a menor integração entre as unidades no Nível Morfossintático.

Então, quanto à codificação morfossintática dessas estruturas, verificamos:

(14b)	P centro	P pós
Es mejor que no espere más tiempo y se decida de una vez		cualquiera que sea su decisión

(15b)	P centro	P pós
Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia		cualquiera que sea

Como a função retórica Concessão é usada cognitivamente como um pensamento ulterior, a Oração se posiciona iconicamente em P^{pós} da Expressão Linguística, posição prototípica dos constituintes extraoracionais.

6 Considerações finais

Este artigo apresenta, sob o escopo do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, uma análise das motivações funcionais das orações introduzidas por *cualquiera* no espanhol. Os resultados mostram que essas orações podem estabelecer relações de dois tipos diferentes, pois podem atuar no nível semântico, Representacional, quando se constituem na camada do Conteúdo Proposicional, e também no nível pragmático, Interpessoal, quando atuam na camada do Ato Discursivo.

O primeiro caso, responsável por 54% dos casos, se dá quando a relação de concessão ocorre entre Conteúdos Proposicionais. Essas orações concessivas se assemelham ao esquema proposto pelas

gramáticas tradicionais, pois formam com a oração principal um único bloco semântico e sintático. Nesse caso, a oração concessiva desempenha a *função semântica concessão*.

O segundo caso, por sua vez, responsável por 46% das ocorrências, se dá quando a concessão configura uma *função retórica*, no Nível Interpessoal, uma estratégia utilizada pelo Falante para guiar seu Ouvinte e, assim, atingir seus propósitos conversacionais. Pode funcionar como ressalva sobre o que foi dito ou para evitar uma possível interpretação equivocada do Ouvinte sobre algo (um Subato) evocado no Ato Discursivo Nuclear.

Os dados mostram que a codificação morfossintática dessas estruturas, resultado das relações estabelecidas nos níveis superiores do modelo, se dá da seguinte forma: (i) quando atua no Nível Representacional, a oração concessiva é posicionada nos domínios de P^I da Oração; (ii) quando exerce função retórica, no Nível Interpessoal, é alojada em P^{pós} da Expressão Linguística.

Em resumo, sob o escopo da GDF, mostramos que essas estruturas devem ser concebidas de forma discreta, em termos de *funções*, conforme as intenções comunicativas do Falante. Defendemos que, apesar da estreita relação semântica entre os significados de condição > concessão, atestada por diferentes autores (FLAMENCO GARCÍA, 1999; HASPELMATH, 1997; HASPELMATH, KÖNIG, 1998), nos dados analisados, o sentido concessivo se sobrepõe ao condicional. Isso porque, conforme a análise, verificamos que o Falante acrescenta a oração encabeçada por *cualquiera* ou com o objetivo de antecipar e prevenir-se de uma possível objeção do seu Ouvinte para colocá-la como irrelevante frente ao argumento que se apresenta na oração principal, ou com o objetivo de acrescentar uma ressalva sobre algo dito anteriormente.

Com este estudo, esperamos, além de ter mostrado a aplicabilidade do modelo em camadas da Gramática Discursivo-Funcional, ter demonstrado a importância de se analisar a dependência das orações introduzidas por *cualquiera*, considerando-se os domínios pragmático e semântico, além do domínio sintático.

Agradecimentos

Esta pesquisa teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), a quem agradecemos.

Contribuição das autoras

Camila Rodrigues de Amorim: Obtenção de dados, análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito.

Talita Storti Garcia: Análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito.

Referências

AMORIM, C. R. *Construções QU-quiera que sea no espanhol sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2019.

BRUCART, J. M. La estructura del sintagma nominal: las oraciones de relativo. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 395-522.

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2010. 179 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2010.

GARCIA, T. S. G.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da Gramática Discursivo-Funcional, *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 475-494, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942013000200007>

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 3805-3878.

GARCÍA-MEDALL; J. La concesión genérica y el modo verbal en español. *Revista Moenia*, Santiago de Compostela, v. 11, n. 11, p. 283-304, 2005.

HAIMAN, J. Concessives, Conditionals, and Verbs of Volition, *Foundations of Language*, v. 11, n. 3, p. 341-359, 1974.

HASPELMATH, M. *Indefinite pronouns*. Oxford: Clarendon press, 1997.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: AUWERA, J. (ed.). *Adverbial construction in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 563-639.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English* (textbook). Oxford: Oxford University Press, 2015.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v. 66, n. 1, p. 1-19, 1985a. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(85\)90240-2](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2)

KÖNIG, E. Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In: FISIÁK, J. (ed.). *Historical semantics. Historical Word-formation*. Berlin, Nova York, Amsterdam: Mouton, 1985b. p. 263-282.

KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.

KÖNIG, E.; AUWERA, J. van der. Clause integration in German and Dutch conditionals, concessive conditionals, and concessives. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 101-134.

LEUSCHNER, T. Nonspecific free relatives and (anti)grammaticalization in English and German. *Folia Linguistica Historica*, v. 26, n. 1-2, p. 45-69, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/flin.26.1-2.45>

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 545-673.

PARAZUELOS, M. H. C. *La expresión de la concesividad en español*. 1993a. 392 f. Tese (Doutorado em Filologia Românica) – Faculdade de Filologia, Universidad Complutense de Madrid, 1993a.

PARAZUELOS, M. H. C. “Inhibición” o “indiferencia”: Rasgo común a expresiones de sentido concesivo. *Revista de Filología Románica*, Madrid, v. 10, p. 107-151, 1993b, DOI: <https://dx.doi.org/10.5209/RFRM>

PEZATTI, E. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Corpus de referencia del español actual*. Disponível em: <<http://www.rae.es>> Acesso em: 23 out. 2021.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE). Madrid: Espasa-Calpe, 2010.

ROSÁRIO, I. C. Juxtaposed concessive constructions: a usage-based functional analysis, *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 37, n. 2, p. 145-155, 2015.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-234.



Consciência morfológica: o emprego de sufixos agentivos por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização

Morphological Awareness: the Use of Agentive Suffixes by Illiterate Children and Children in the Literacy Process

Veridiana P. Borges

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil

profa.veridianapborges@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4130-1902>

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil

carmen.matzenauer@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4505-7521>

Resumo: O foco deste estudo foi a verificação da consciência morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, avaliada por meio da aplicação de uma tarefa de produção dos sufixos *agentivos* *-or*, *-eiro*, *-ista*. A consciência morfológica é a habilidade de manipulação das menores unidades de sentido de uma língua, os morfemas, e de reflexão sobre essas unidades. O *corpus* foi obtido por meio de entrevistas com 16 crianças, 8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, divididas em dois grupos: Grupo 1, com crianças não alfabetizadas (idade entre 4 e 5 anos); Grupo 2, com crianças em processo de alfabetização (idade entre 6 e 7 anos). A análise voltou-se para a manipulação de morfemas evidenciada pelo emprego de um morfema por outro com o mesmo valor agentivo. Os resultados mostraram o crescimento gradual da capacidade de análise da estrutura morfológica das palavras, condicionado pela idade e pela escolaridade, embora essa habilidade já se mostre presente desde a primeira faixa etária estudada, o que se interpreta como a presença precoce de um nível de consciência morfológica já na idade de 4 anos – desde essa idade as crianças já manipulam sufixos agentivos, formando palavras que não seguem a estrutura convencional da língua.

Palavras-chave: aquisição da morfologia; consciência morfológica; sufixos agentivos.

Abstrat: This study aimed at investigating morphological awareness of children who were either illiterate or going through their literacy process by applying a production task with agentive suffixes *-or*, *-eiro*, *-ista*. Morphological awareness is the ability to reflect on the smallest units of meaning in a language, the morphemes, intentionally applied to the structuring and recognition of words. The corpus was obtained through interviews with 16 children, 8 male and 8 female, divided into two groups: Group 1: preliterate children, aged between 4 and 5 years; Group 2: children in the process of literacy, aged between 6 and 7 years. The analysis focused on the manipulation of morphemes evidenced by replacing a morpheme with another with the same agentive value. Results showed gradual building of morphological awareness as children's ages and contact with the literacy process increase, although it had already been present in the first age group that was part of the study. This fact is interpreted as the precocious presence of a level of morphological awareness at the age of 4, when children start to manipulate agentive suffixes and form words that do not follow the conventional structure of the language.

Keywords: acquisition of morphology; morphological awareness; agentive suffixes.

Recebido em 09 de julho de 2021

Aceito em 22 de novembro de 2021

1 Introdução

A aquisição da linguagem¹ é um campo de investigação que tem mostrado tendências universais na construção das gramáticas-alvo, que são aquelas assumidas pelas diferentes línguas. Estudos sobre fonologia, sintaxe, morfologia, entre outros, revelam como a criança opera até chegar à gramática de um falante adulto, evidenciando as tendências gerais, bem como as particularidades vinculadas ao funcionamento de cada sistema. No entanto, as investigações que têm o foco no âmbito morfológico ainda são escassas e carecem de exploração, conforme revelam Bassani e Soares (2021), Corrêa (2018), Borges, Mazzaferro e Matzenauer (2018), Ferrari Neto (2012).

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001.

Nesse contexto, este artigo apresenta algumas considerações sobre o processo de desenvolvimento da consciência morfológica na aquisição do português brasileiro (PB). A consciência morfológica, que, para Carlisle (1995, p.194), é a habilidade que o falante possui de refletir acerca dos morfemas da língua, tem sido objeto de pesquisas especialmente vinculadas aos processos de alfabetização, de leitura e de aquisição da escrita, como se observa em Durão (2016), Mota (2009, 2012), Kirby JR *et al.* (2012).

Reflexões nesse campo do conhecimento, questionando como essa habilidade se desenvolve no gradual processo de aquisição da língua, em que momento começa a emergir e quando começa a ser um processo consciente, são capazes de auxiliar no entendimento da complexa natureza do fenômeno do desenvolvimento linguístico pelas crianças, além de oferecer subsídios para educadores, constituindo-se em relevantes possibilidades de pesquisa, especialmente ao tratar-se do português do Brasil, em que os estudos com esse foco ainda são escassos.

Berko (1958) revela ser evidente que a aquisição da linguagem é mais do que o armazenamento de enunciados ensaiados ou palavras memorizadas, já que as crianças são capazes de compreender as frases que lhes são dirigidas e são capazes de produzir palavras que nunca ouviram antes. Nesse sentido, exemplos de fala de crianças, como *desabrir, desabagunçar, borrachar* (LORANDI, 2006, p. 48-50) ou como *ela é pobra; pai careco, prédio idioto* (FIQUEIRA, 2005, p.37), estas com o emprego de flexão de gênero, mostram a criatividade da criança ao usar morfemas para criar formas flexionadas ou para criar novas palavras, as quais, embora não integrem o léxico dicionarizado da língua, são previsíveis pela gramática, portanto, possíveis de existir, porque trazem unidades morfológicas pertencentes à língua, bem como respeitam possibilidades combinatórias e hierárquicas da gramática. Ao criá-las, a criança já evidencia capacidade de operar com morfemas, o que está reconhecido nesses estudos, mas as análises não se detêm em considerações sobre a consciência morfológica.

Borges (2015) defende que as crianças de 4 anos já possuem algum nível de consciência morfológica, ao mostrarem capacidade de manipular os morfemas, por exemplo, ao criar pseudovocábulos a partir das unidades licenciadas pela língua. Sendo assim, verificou que a consciência morfológica é uma capacidade adquirida de forma progressiva, que vai aumentando com a idade das crianças e, de modo particular, com o contato com o processo de alfabetização.

Com o interesse voltado para o processo de aquisição da estrutura interna da palavra e para a consciência de aspectos dessa estrutura, o objetivo do estudo aqui relatado foi verificar a consciência de morfemas derivacionais em crianças não alfabetizadas, com idade entre 4 e 5 anos, e em crianças em processo de alfabetização, com idade entre 6 e 7 anos. Partindo-se da hipótese de que o emprego de um morfema em lugar de outro pode ser tomado como evidência de que a criança está manipulando morfemas e de que deles está tendo consciência, optou-se pela aplicação de um teste de produção de palavras derivadas por sufixação. A tarefa aplicada eliciava a produção dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*. Entende-se que o emprego de morfema diferente do convencionalizado pela língua, na busca do mesmo significado, mostra que a criança analisa a estrutura interna da palavra e que o uso precoce de palavras sufixadas de acordo com o alvo pode indiciar uma estrutura não analisada morfológicamente.

A definição dos informantes da pesquisa, divididos em dois grupos (crianças em processo de alfabetização e crianças não alfabetizadas), foi condicionada pelo interesse em verificar-se a possível relação entre o desenvolvimento da consciência da morfologia e o processo da alfabetização. Em havendo essa relação e tendo em vista o fato de a criança alfabetizada apresentar consciência da aplicabilidade/funcionalidade dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or* na língua, poderia inferir-se que essa capacidade potencializa o desempenho do aluno tanto no processo de produção textual, como no processo da leitura – esse fato, no entanto, está além do escopo do presente estudo. O presente trabalho apresenta, portanto, um campo de investigação teórica com implicações que podem ser exploradas em sala de aula, a fim de potencializar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos no processo de escrita e de leitura.

Para sustentar as análises, foram acionados conceitos sobre a aquisição da morfologia, sobre a morfologia da língua, com uma breve descrição acerca dos sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or*, bem como sobre o desenvolvimento da consciência morfológica no âmbito da aquisição da linguagem. A seção subsequente aborda fatos relevantes do aporte teórico do estudo.

2 Considerações teóricas relevantes para o estudo

Trazem-se aqui algumas considerações acerca do processo de aquisição do componente morfológico de um sistema linguístico, acerca da morfologia do português, bem como acerca da consciência morfológica.

2.1 Sobre a aquisição da morfologia

Ao considerar os primeiros passos do desenvolvimento morfológico no processo de aquisição da linguagem, Clark (2001) afirma que as crianças, ao produzirem seus primeiros vocábulos, geralmente entre 12 e 20 meses de idade, são capazes de apresentar modulações morfológicas sistemáticas nas palavras já em seu primeiro ano como falante de uma língua. Com os substantivos, por exemplo, as crianças começam a adicionar morfemas para marcar distinções como gênero e número; já com os verbos, adicionam marcadores para tempo, modo, número e pessoa.

Embora cedo emergjam determinadas unidades da morfologia da língua, de acordo com a autora, a criança pode levar vários anos para adquirir o domínio pleno dos paradigmas morfológicos de um sistema linguístico, devido a pelo menos três razões:

- a) alguns significados distintos parecem ser mais complexos do que outros e, devido a isso, podem levar mais tempo para serem adquiridos;
- b) determinados paradigmas são irregulares e, por isso, também levam mais tempo para serem aprendidos;
- c) alguns tipos de unidade linguística podem apresentar maior complexidade estrutural do que outros, podendo afetar o processo de aquisição morfológica; sufixos, por exemplo, são adquiridos mais precocemente do que prefixos².

² A precocidade do emprego de sufixos em comparação com prefixos foi corroborada no estudo de Borges (2015), com dados de crianças falantes nativas do PB.

Estabelecendo uma hierarquia na aquisição de unidades morfológicas, Clark (2001, p. 385) revela que as crianças analisam primeiramente a estrutura de palavras, identificando raízes e afixos. Para a autora, as crianças criam novas palavras para preencher lacunas semânticas e, com essa operação, evidenciam ser capazes de manipular os morfemas da língua; constroem uma forma (pseudovocábulo) para o significado que desejam informar. Esse fato aponta para a capacidade que a criança tem de captar, em seu inventário linguístico, as formas licenciadas pela língua, mesmo que o resultado final sejam vocábulos que não fazem parte do léxico da língua alvo.

2.2 Sobre a morfologia da língua

O constituinte morfológico de uma língua tem no morfema a sua unidade básica, identificada, já nos estudos estruturalistas, como a menor unidade portadora de significado³. Camara Jr. (1970) destaca a morfologia como um dos níveis de estudo da estrutura linguística e da formação de palavras de uma língua, tendo o morfema como objeto de análise.

Para Basilio (1987), em uma categorização ampla, os morfemas podem ser identificados como lexicais e afixos. Os morfemas lexicais constituem o cerne do vocábulo (CAMARA JR, 1970, p. 24), veiculando significação referente ao mundo extralinguístico. Essa propriedade de unidade lexical pode ser exemplificada em morfemas como *cant-*, de *cantar*, *vend-*, de *vender* e *ped-*, de *pedir*. Segundo Basilio (1987), os afixos capazes de formar palavras, também chamados morfemas derivacionais, são acrescentados ao morfema lexical e se dividem em prefixos e sufixos. A par destes, há os morfemas flexionais, cuja função é expressar categorias gramaticais, como explica Basilio (1987).

Os morfemas derivacionais, os quais criam, a partir do morfema lexical, novas palavras na língua, são o foco deste estudo. Ao juntar-se aos radicais ou lexemas básicos para a formação de palavras, são, portanto, responsáveis pela criação de novos vocábulos, como estes derivados a partir do morfema lexical *cas-*: *cas-eiro*, *cas-inha*, *cas-ebre*, *cas-arão*.

³ É relevante registrar-se que a unidade tomada como base para a análise pode diferir em razão do modelo teórico adotado: há uma série de estudos que têm a palavra como a unidade privilegiada na morfologia (word-based morphology), tal como Aronoff (1976) e seus seguidores; outros seguem a perspectiva da morfologia baseada no morfema (morpheme based morphology), como é o caso dos estruturalistas e da Morfologia Distribuída, mais atualmente; é a esta segunda corrente que se filia o presente estudo.

Por estar o presente estudo voltado para a derivação sufixal por meio do emprego de afixos agentivos, apresentam-se considerações sobre a noção de morfema-base, sobre o processo de derivação sufixal e sobre os sufixos agentivos *-eiro*, *-ista* e *-or*.

2.2.1 Morfema-base ou radical

Seguindo-se Basílio (1987, p.14) no entendimento de que as palavras derivadas são “constituídas estruturalmente de uma base acrescida de um afixo”, a essa base denomina-se aqui *morfema-base*, a exemplo de Seixas (2007, p.13), Machado (2011, p. 20). O morfema-base majoritariamente identifica-se com o radical da palavra. Basílio (1987, p. 14) refere o radical como a base para a derivação morfológica. Considerando-se as seguintes palavras: *pedra* / *pedreira* / *pedraria*, a sequência *pedr-* representa o morfema-base.

2.2.2 Derivação sufixal

De acordo com Gonçalves (2019, p.136), “derivação é o processo pelo qual uma palavra, chamada derivada, é formada a partir de outra, dita primitiva”⁴. Logo, a derivação sufixal consiste na formação de palavras novas a partir da adição de um sufixo a uma base. Os sufixos são formas presas que, ao serem postas à direita de um morfema-base, derivam novos vocábulos, caracterizando a formação de uma palavra derivada. Conforme Lima (2006), o processo de derivação sufixal é o mais produtivo da língua e também o mais utilizado pelos falantes de PB. É relevante destacar-se que, no processo de derivação sufixal, as palavras podem apresentar alteração da classe gramatical e, de acordo com Monteiro (1991), os sufixos nem sempre se depreendem com facilidade, já que, dando origem a uma palavra nova, passam a também formar uma nova base para derivação.

Apresentam-se, a seguir, rápidas considerações sobre os três sufixos arrolados como objeto do presente estudo, os quais são formadores de substantivos na gramática da língua.

⁴ Vocábulo constituído de um único radical associado ou não a vogais temáticas (GONÇALVES, 2019).

2.3 Sobre os sufixos objeto do estudo

Para este estudo sobre a consciência morfológica em crianças alfabetizadas e em crianças em processo de alfabetização, foram eleitos três sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or*.

O sufixo *-eiro*, segundo Basílio (2011), é um dos mais produtivos da língua. Une-se ao morfema-base para formar nomes de agente, instrumento e lugar (BECHARA, 2009). Conforme Lima (2006), a produtividade desse morfema é recorrente tanto na fala de adultos, como na fala infantil, o que pode facilitar o reconhecimento e a identificação de seu uso na língua.

O sufixo *-or* adjunge-se ao morfema-base para compor nomes de agente, instrumento e lugar (BECHARA, 2009). Segundo Sandmann (2020, p. 52), o sufixo *-or* mostra-se produtivo na língua com o significado de agente ou instrumento (ex.: *cantor*).

O sufixo *-ista* une-se ao morfema-base para formar nomes de agente, instrumento e lugar (BECHARA, 2009); tem-se um exemplo em *jornalista*. Segundo Basílio (2011), o sufixo *-ista* também é um dos mais produtivos da língua.

2.4 Sobre a consciência morfológica

De acordo com Carlisle (1995), define-se a consciência morfológica como a capacidade que a criança tem de manipular os morfemas de uma língua e de refletir sobre eles de forma intencional. Para Gombert (1992), esta é uma das capacidades de reflexão e manipulação intencionais da língua que compõem a consciência metalinguística, juntamente com a consciência fonológica e a sintática. Para Machado (2011), a consciência morfológica é a capacidade de reflexão e manipulação intencional da estrutura morfológica das palavras. Já para Tighe e Binder, a consciência morfológica é “a compreensão de que as palavras podem ser divididas em unidades menores de significado, como raízes, prefixos e sufixos” (TIGHE; BINDER, 2015, p. 245). Para Rosa (2003, apud BORGES, 2015, p. 32), a consciência morfológica “é a capacidade de perceber que os morfemas são partes constituintes das palavras”.

Os conceitos de consciência morfológica aqui apresentados mostram abrangências distintas, indo desde o entendimento de que as palavras podem ser divididas em unidades menores até a capacidade de refletir sobre os morfemas. Esse fato tornou pertinente adotar-se a

posição de que a consciência morfológica apresenta diferentes níveis. Optou-se, então, pelo conceito de consciência morfológica como a capacidade de perceber que as palavras podem ser divididas em morfemas, ou seja, em unidades menores de significado, de segmentar os morfemas, de manipular morfemas na construção de palavras e de refletir intencionalmente sobre os morfemas como unidades constitutivas das palavras.

Esse conceito de consciência morfológica contém três níveis:

- (a) o primeiro nível diz respeito à capacidade de perceber que as palavras podem ser divididas em morfemas e de segmentá-los;
- (b) o segundo nível diz respeito à capacidade de manipular morfemas na construção de palavras;
- (c) o terceiro nível diz respeito à capacidade de refletir intencionalmente sobre os morfemas como unidades que constituem as palavras.

Pelo fato de o presente estudo ter estabelecido o recorte na análise da aplicação de tarefa que elicia a produção dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*, ateve-se à verificação da consciência morfológica no segundo nível acima discriminado, ou seja, manteve o foco na visão de consciência morfológica como a capacidade das crianças de manipular morfemas na construção de palavras. Entende-se ser possível avaliar esse nível de consciência morfológica por meio de tarefa de produção porque, conforme já mencionado, se defende que o emprego de morfema diferente do convencionalizado pela língua, na busca do mesmo significado, evidencia que a criança analisa a estrutura interna da palavra.

Entende-se por capacidade de manipular morfemas a habilidade de empregá-los, preenchendo o espaço do afixo de acordo com o significado que este veicula, mesmo que o “produto final” seja uma palavra que não pertence ao léxico do português, mas que poderia a ele pertencer, uma vez que respeite as possibilidades combinatórias e hierárquicas da gramática da língua.

De acordo com a literatura (BORGES; MAZZAFERRO; MATZENAUER, 2018; SEIXAS, 2007), a avaliação da consciência morfológica é feita por meio de tarefas. Essas tarefas têm como objetivo medir o desempenho dos sujeitos em circunstâncias que necessitam de uma reflexão sobre o significado das palavras, bem como a capacidade

que as crianças possuem de identificar e manipular os morfemas da língua (BORGES, 2015). As tarefas desempenham papel crucial na metodologia desta investigação. É, portanto, pela aplicação de uma tarefa que o presente estudo propõe uma avaliação da consciência morfológica em seu nível dois, relativo à capacidade de manipular morfemas na construção de palavras, em crianças não alfabetizadas e em crianças em processo de alfabetização.

3 Aspectos metodológicos do estudo

Os informantes e o instrumento da pesquisa são aqui explicitados.

3.1 Descrição dos informantes

O presente estudo⁵ obteve a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Católica de Pelotas, sob o protocolo nº 43687915.8.0000.5339.

Na busca do objetivo de verificar a emergência da consciência morfológica, observando, especificamente, como ocorre a produção dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*, em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, esta pesquisa contou com a participação de 16 crianças, com idades entre 4 e 7 anos, 8 meninos e 8 meninas, monolíngues, falantes nativas do PB, estudantes⁶ de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS.

⁵ Este estudo teve o seu ponto de partida nos dados coletados na dissertação de mestrado desenvolvida por Borges (2015), que teve como objetivo descrever e analisar a consciência morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, considerando o processo de produção e de reconhecimento de morfemas. O estudo aqui apresentado constitui-se em uma ampliação da análise proposta por Borges (2015).

⁶ Lê-se: Maternal A, Maternal B, 1º ano do Ensino Fundamental, 2º ano do Ensino Fundamental. Denominaram-se “não alfabetizadas” as crianças de 4 e 5 anos que se encontram no “nível Maternal” da Escola não apenas por não saberem ler e escrever, mas também por não estarem sendo submetidas a um processo formal de alfabetização; denominaram-se “em processo de alfabetização” as crianças de 6 e 7 anos que se encontram no “nível Ensino Fundamental, 1º e 2º anos” da Escola, as quais estão sendo submetidas a um processo formal de alfabetização.

Os sujeitos foram separados por faixas etárias (FE) e por sexo⁷, somando-se quatro crianças em cada faixa etária:

- (a) Faixa Etária 1 - informantes com 4 anos de idade: não alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas;
- (b) Faixa Etária 2 - informantes com 5 anos de idade: não alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas;
- (c) Faixa Etária 3 - informantes com 6 anos de idade: alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas;
- (d) Faixa Etária 4 - informantes com 7 anos de idade: alfabetizados; 2 meninos e 2 meninas.

A fim de analisar-se se a consciência morfológica emerge de forma distinta entre crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, houve a divisão em dois grupos, considerando-se a variável “alfabetização”: (a) Grupo I: crianças não alfabetizadas – que correspondem às faixas etárias FE1 e FE2; (b) Grupo II: crianças em processo de alfabetização – que pertencem às faixas etárias FE3 e FE4. Essa divisão nos dois grupos faz-se pertinente tendo em vista que a literatura da área não apresenta concordância em relação a quando a consciência morfológica emerge e em relação ao fato de o início de um ensino formal poder ser um potencializador para desenvolver esta competência (BORGES; MAZZAFERRO; MATZENAUER, 2018). Sendo assim, dividiram-se os informantes nestes dois grupos, para verificar se haveria diferença na capacidade de manipular os morfemas da língua levando em conta essas variáveis.

Por ser relevante, destaca-se ainda que as crianças que fizeram parte desta investigação foram selecionadas pelas professoras e coordenadoras da escola, sendo que cada informante deveria cumprir os seguintes critérios: apresentar desenvolvimento cognitivo e linguístico

⁷ A variável sexo não foi controlada nesta pesquisa. Seixas (2007), ao analisar o desenvolvimento da consciência morfológica em crianças de 5 anos, verificou que o gênero não se mostrou uma variável relevante no que diz respeito a esse tema. Logo, a divisão em gênero, neste trabalho, deu-se apenas para manter uma uniformidade na organização do *corpus* aqui apresentado.

de acordo com a sua idade; não ter qualquer tipo de desvio fonológico; ser monolíngue e falante nativo do PB; fazer parte das faixas etárias definidas nesta investigação; não estar alfabetizado (Grupo I) ou estar em processo de alfabetização (Grupo II).

3.2 Descrição do instrumento e de sua aplicação

Para a verificação da consciência morfológica, foi aplicada a *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*, que é destinada à avaliação da habilidade de produção de morfemas derivacionais. Com essa tarefa, procurou-se verificar se os informantes produziam os sufixos agentivos *-eiro -ista e -or*, que são os morfemas agentivos mais recorrentes em palavras do PB a que as crianças têm acesso (LIMA, 2006), e, precipuamente, buscou-se avaliar se havia o emprego de um sufixo agentivo por outro, preservando o significado agentivo da palavra derivada; também se procurou examinar se havia a aplicação predominante de algum desses sufixos no vocabulário das crianças pesquisadas, além de ter-se buscado verificar o condicionamento, ou não, da escolarização nessa habilidade.

Cabe destacar que o presente estudo apresenta apenas uma avaliação qualitativa dos dados, razão pela qual os resultados não foram submetidos a um tratamento estatístico.

3.2.1 Tarefa de produção de palavras com sufixos agentivos

A *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* proposta para o presente estudo foi formada por 12 imagens, que eliciam o emprego dos sufixos agentivos: *-eiro, -ista, -or*, sendo o emprego de cada sufixo motivado por quatro imagens. As palavras que compuseram a *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* foram apresentadas aos participantes de forma lúdica, por meio da interação entre pesquisadora e informante.

A aplicação do instrumento ocorreu em entrevistas individuais com as crianças na biblioteca da escola, tendo sido gravadas todas as atividades. A tarefa foi exibida às crianças em tela de computador por meio do programa *PowerPoint*, seguindo-se estes procedimentos: depois de um diálogo motivacional com cada criança e de uma atividade de familiarização com o instrumento, eram apresentadas imagens de pessoas exercendo determinado ofício e, logo após, pedia-se ao sujeito que dissesse como se chama a pessoa que desempenha aquela atividade.

Explicita-se aqui uma atividade de familiarização⁸: perante a imagem de uma pessoa exercendo a atividade de cabeleireiro⁹, apresentava-se, a cada criança, a palavra “cabelo” (vocábulo constituído pelo morfema-base + vogal temática); em um diálogo com a criança, a pesquisadora instigava uma discussão sobre o tema e, subsequentemente, propunha a pergunta alvo: “como se chama a pessoa que arruma o cabelo?” A resposta esperada era a palavra com o morfema-base + o sufixo agentivo *-eiro*: “cabeleireiro”.

Na Figura 1, apresentam-se exemplos das imagens utilizadas na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*.

Figura 1 - Exemplo da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos



Fonte: as autoras

Passada a etapa de familiarização, passava-se à apresentação das imagens que compuseram esta tarefa. Destaca-se que as imagens eram expostas uma por vez, sendo eliciado o emprego dos três sufixos de forma intercalada. Essa atividade foi baseada na Tarefa de Analogia de Palavras, utilizada por Seixas (2007, p. 60).

No Quadro 01, apresentam-se as palavras que foram o alvo da *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*.

⁸ Diz respeito à etapa preliminar da aplicação da tarefa. Destaca-se que, na atividade de familiarização, foram apresentados contextos com os três sufixos agentivos investigados *-eiro*, *-ista*, *-or*, a fim de evitar o subsequente emprego, pela criança, de apenas um dos sufixos, conforme a Figura 1.

⁹ O vocábulo “cabeleireiro” é derivado da palavra ‘cabeleira’, no entanto o uso corrente da língua vincula o agente *cabeleireiro* à pessoa que lida com “cabelo” e não com *cabeleira*.

Quadro 01 - Palavras usadas na Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivo

1. Pipoqueiro	7. Sapateiro
2. Motorista	8. Surfista
3. Pintos	9. Jogador
4. Lixeiro	10. Açougueiro
5. Ciclista ¹⁰	11. Equilibrista
6. Pescador	12. Lavador

Fonte: as autoras

4 Descrição e análise dos dados

Os dados obtidos com a aplicação da *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* estão sumarizados nos quadros a seguir apresentados. Nos quadros, cada informante está identificado por números de 1 a 16, com a sinalização das letras “F” e “M”, indicando se o sujeito pertence ao sexo feminino ou ao sexo masculino. O uso do (X) é indicativo de que os informantes produziram os sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or* e o uso do símbolo (X*) é indicativo de que produziram a palavra com um morfema agentivo diferente daquele convencionado pela língua (ex.: uso do sufixo *-eiro* pelo sufixo *-or* (*pinteiro* ao invés de *pintor*)). Já os espaços em branco indicam que os informantes não realizaram qualquer tipo de produção.

Em razão de esta tarefa eliciar a produção linguística das crianças, abria a possibilidade do emprego de qualquer um dos sufixos agentivos, formando palavras não dicionarizadas, a partir das diferentes combinações de morfema-base + sufixo.

Salienta-se que, ao tratar-se do emprego dos sufixos agentivos *-eiro*, *-ista*, *-or*; foco do presente trabalho, é plausível chamar-se a atenção para o fato de que o sufixo *-or*¹¹ é, dentre eles, o de uso mais frequente:

¹⁰ Sabe-se que a palavra “ciclista”, embora designe um agente (o que anda de bicicleta – Dicionário Aurélio on-line), não tem a mesma transparência morfológica das outras palavras da lista, mas é de uso frequente na região em que foi realizada a pesquisa. Todas as palavras da lista foram consideradas frequentes no uso da língua por falantes da região do país em foi desenvolvida a pesquisa.

¹¹ Destaca-se que o sufixo *-or* cumpre a função de formar palavras cujo significado é designar o agente de determinada ação (ex.: pintor, escritor), bem como substantivo

o Dicionário Aurélio registra 3.409 palavras terminadas em *-or*, 1.977 palavras terminadas em *-eiro* e 1.708 palavras terminadas em *-ista*¹².

Os Quadros de 02 a 05 apresentam, por faixa etária, os resultados obtidos com a aplicação dessa tarefa. Expõem-se, em sequência, os dados e as interpretações relativas aos resultados das quatro faixas etárias que compuseram o estudo: FE1, FE2, FE3 e FE4.

O Quadro 02 expressa os resultados verificados na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* na FE 1.

Quadro 02 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 1 (Idade: 4:0)

Sufixos	-eiro				-ista				-or			
	1 F	2 F	3 M	4 M	1 F	2 F	3 M	4 M	1 F	2 F	3 M	4 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro												X*
Motorista						X		X				
Pintor									X	X	X	X
Lixeiro		X	X									
Ciclista												
Pescador									X		X	X
Sapateiro											X*	X*
Surfista				X*							X*	
Jogador									X		X	X
Açougueiro												
Equilibrista											X*	
Lavador									X		X	X

Fonte: as autoras

Pelos dados registrados no Quadro 02, verifica-se que os informantes da FE 1 produzem palavras com os três sufixos agentivos

abstrato que também veicula o significado agentivo (ex.: clamor). Ademais, o sufixo *-or*, diferentemente dos sufixos *-eiro* e *-ista*, é adjungido a verbos e não a nomes.

¹² Embora a frequência no dicionário não remeta necessariamente à produtividade do morfema, o que é de fato ao que as crianças têm acesso, esse é um dado relevante quanto à constituição do léxico da língua.

estudados: *-eiro -ista e -or*. Entretanto, essa produção nem sempre ocorreu com o sufixo convencionado pela gramática do PB, sendo que as crianças apresentaram preferência por utilizar o sufixo agentivo *-or* em suas produções. De acordo com a hipótese proposta para este estudo, aí está um indício de manipulação de morfemas e, portanto, um indicativo de determinado nível de consciência morfológica, ou seja, do nível dois de consciência morfológica, em consonância com o argumento apresentado na Seção 2.4.

O sujeito 1F somente produziu palavras com o sufixo agentivo *-or*¹³ (*pescador, jogador, lavador e pintador*), sufixo esse de alta frequência em palavras do PB, eximindo-se de empregar qualquer outro sufixo.

O sujeito 2F empregou os três tipos de sufixos agentivos, mas respondeu a apenas três estímulos: *motorista, pintor e lixeiro*. Como essas palavras são de uso frequente, interpretou-se que essas três formas podem estar sendo empregadas como palavras primitivas, sem a consciência dos sufixos agentivos na sua formação, ou seja, como formas não analisadas quanto à estrutura morfológica, constituída de morfema-base+sufixo. Fato que pode dar suporte a essa interpretação é a produção de *pipoco* para *pipoqueiro*, a partir do estímulo *pipoca*; neste caso, a criança não empregou sufixo agentivo: apenas adicionou o morfema *-o* para cumprir o papel de marcador de gênero.

O sujeito 3M empregou dois dos três tipos de sufixos agentivos aqui esperados: *-or* e *-eiro*. Produziu palavras formadas principalmente pelo sufixo agentivo *-or*: *pintor, pescador, jogador, lavador*, palavras essas convencionadas pela gramática do português. No entanto, também produziu *sapatador*, para *sapateiro*, *surfador*, para *surfista, equilibrador*, para *equilibrista*. Os dados apontam que essa criança possui a capacidade de manipular os morfemas e, com base nisso, infere-se que o informante opera no segundo nível de consciência morfológica (veja-se Seção 2.4). Ao combinar morfemas-base a sufixos agentivos de forma diferente do padrão da língua, já se apropriou de morfemas da língua e os produz para dar conta do processo de derivação. O informante também produziu *vendedor de pipoca (para pipoqueiro)* e *andador de bicicleta (para ciclista)*, criando uma expressão agentiva. Assim, o uso do morfema *-or* em suas produções indica a capacidade que a criança tem de derivar palavras e de reconhecer o significado que o morfema sufixal *-or* atribui

¹³ Conforme já foi referido, esse afixo é de alta frequência em palavras do PB, fato esse que pode corroborar o seu emprego em maior índice.

a elas, apresentando indícios de que tem consciência de como utilizar e manipular morfemas agentivos da língua. O informante deixou de produzir apenas as palavras *motorista* e *açougueiro*.

O sujeito 4M também apresentou maior produção do sufixo agentivo *-or*: dos 12 estímulos, o informante não produziu resposta para 4 deles: *lixeiro*, *ciclista*, *equilibrista*, *açougueiro*. Para o estímulo relativo à ação de pintar, derivou a palavra *pintador*. Cabe destacar que a palavra *pintador* traz a adição do sufixo *-or* à raiz + vogal temática, fazendo emergir a forma alomórfica *-dor*.

As outras produções do sujeito 4M são semelhantes às formas realizadas pelo informante 3M, que produziu: *pipocador* para *pipoqueiro*; *sapatador* para *sapateiro*; *surfeiro* para *surfista*. Esses dados apontam que o informante tem consciência de que, adjungindo um sufixo agentivo ao morfema-base, se produz uma palavra derivada, e isso se verifica especialmente pelo fato de não empregar o sufixo padrão para aquele vocábulo; o sujeito, portanto, parece ter a capacidade de apropriar-se dos morfemas da língua, de manipulá-los e de produzi-los para dar conta do processo de derivação.

A partir dos dados analisados, verifica-se que as crianças da FE 1, exceto a 2F, parecem possuir a capacidade de criar novas palavras, apropriando-se dos morfemas licenciados pela gramática do português. Cabe destacar que esse fato pode ser um indício de que os sujeitos têm a habilidade de manipular os sufixos agentivos, o que não significa dizer, necessariamente, que as crianças da FE1 tenham a consciência de refletir intencionalmente sobre os morfemas. No entanto, está evidente que os informantes preenchem o espaço do sufixo mantendo o campo semântico de agentividade, o que mostra que os sujeitos manipulam esses afixos de acordo com o que é licenciado pela língua. Esse fato implica dizer que o segundo nível de consciência morfológica (veja-se Seção 2.4) já se faz presente na gramática das crianças.

Em muitos casos, as produções realizadas contemplaram o padrão derivacional da língua, embora para alguns estímulos a derivação padrão não tenha sido atendida. Essa fuga do alvo da língua, com uma nova organização estrutural para atender ao mesmo significado, é evidência forte, em dados de aquisição da língua, de que a criança está manipulando diferentes unidades do sistema linguístico; no caso aqui em discussão, crianças com 4 anos de idade já estão manipulando morfemas do português.

Merece destaque o fato de que a maior parte das produções da FE1 ocorreu com o sufixo agentivo *-or*. Logo, para esses informantes, o sufixo *-or* parece ter o valor não marcado como agentivo no sentido

de funcionar como morfema *default* para o agentivo: em 14 produções com esse sufixo, as crianças derivaram palavras em conformidade com o padrão da língua; em 5 produções, criaram nomes agentivos diferentes do padrão. Observou-se a produção do sufixo *-eiro* em três palavras, sendo uma “inventada”, e do sufixo *-ista* em duas ocorrências, com palavras pertencentes ao léxico da língua. A escolha pelo sufixo *-or* predominou, portanto, nesta FE. Retoma-se a afirmação, já expressa na introdução deste artigo, de que uso precoce de palavras sufixadas de acordo com o alvo pode indiciar uma estrutura não analisada morfologicamente.

O Quadro 03 mostra os resultados obtidos na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixo Agentivo* na FE 2, com crianças de 5 anos.

Quadro 03 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 2 (Idade: 5:0)												
Sufixos	-eiro				-ista				-or			
Sujeito	5 F	6 F	7 M	8 M	5 F	6 F	7 M	8 M	5 F	6 F	7 M	8 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro	X	X	X									
Motorista						X	X	X				
Pintor				X*					X*	X		
Lixeiro	X	X	X	X								
Ciclista				X*								
Pescador									X	X	X	X
Sapateiro		X										
Surfista						X	X					X*
Jogador									X	X		X
Açougueiro	X	X	X	X								
Equilibrista									X*	X*		X*
Lavador			X*	X*					X			

Fonte: as autoras

Conforme os dados do Quadro 03, os informantes da FE 2 produziram palavras com os três sufixos agentivos: *-eiro*, *-ista* e *-or*. Houve um aumento da ocorrência do emprego do sufixo *-eiro*, ao lado do uso do sufixo *-or*, em se comparando com as produções da faixa etária

anterior, ainda que tenha havido a produção de palavras com este sufixo agentivo de forma diferente do padrão (ex.: *pintareiro* para *pintor*).

O sujeito 5F apresentou 6 produções ditas “padrão” na aplicação dos morfemas agentivos; para os 12 estímulos, não produziu estes quatro nomes agentivos: *motorista*, *ciclista*, *sapateiro* e *surfista*, sendo que apenas as palavras *pintador* e *equilibrador* se distanciaram da forma convencionalizada na língua: como já havia sido observado na FE 1, a criança fez a adição do sufixo *-or* à raiz + vogal temática, fazendo emergir a forma alomórfica *-dor*; o tema foi aqui a base da derivação.

Os dados da informante 6F indicam que 9 produções estão de acordo com léxico da língua, sendo que houve a ocorrência de uma variabilidade na aplicação do sufixo agentivo na produção da palavra *equilibrador* ~ *equilibrista*; a criança apenas não produziu as palavras *ciclista* e *lavador*.

O sujeito 7M produziu 5 palavras utilizando morfemas agentivos em consonância com o padrão da língua (*motorista*, *lixeiro*, *pescador*, *surfista*, *açougueiro*); em duas palavras apresentou uma derivação diferenciada: *pintador*, *lavareiro*. Em *pintador*, a base da derivação é que se faz diferente do padrão (pint]or) – a motivação é a mesma observada nas FEs 1 e 2; em *lavareiro*, o sufixo utilizado é diferente do padrão (lava]dor). A criança não produziu 5 palavras dos 12 estímulos apresentados (*pipoqueiro*, *ciclista*, *sapateiro*, *jogador* e *equilibrista*). Os dados da criança 7M evidenciam que a sua gramática parece já integrar os três sufixos agentivos, especialmente os sufixos *-or* e *-eiro*, já que foram utilizados na derivação de palavras sem que façam parte do *input* linguístico que recebe (*pintador*, *lavareiro*). Reforça-se a afirmação de que o uso de sufixos, na criação de palavras diferentes do alvo, para atingir o mesmo significado evidencia que a criança reconhece a existência de diferentes morfemas na formação de palavras e também reconhece o significado que o morfema sufixal atribui a essas palavras, devendo ser tomado como índice de que tem capacidade de manipular morfemas agentivos da língua, o que se interpreta como um nível de consciência morfológica (veja-se Seção 2.4).

O sujeito 8M também derivou formas agentivas diferentemente do padrão do PB – formou estas palavras: *pinteiro*, *bicicleteiro*, *lavareiro*, *equilibrador*, *surfador*. A criança utilizou, em suas produções, predominantemente o sufixo agentivo *-eiro*. O emprego desse sufixo, bem como do sufixo *-or*, em formas diferentes do padrão parece indicar que

o sujeito tem um nível de consciência desses morfemas derivacionais, conforme já foi aqui salientado. Esse menino apenas não produziu as palavras *açougueiro* e *sapateiro*.

Com base nesses resultados, pode afirmar-se que as crianças da FE 2 mostram avanço no uso de sufixos agentivos, já que, ao lado do sufixo *-or*, empregaram o sufixo *-eiro*: registrou-se a produção, com o sufixo *-eiro*, de 11 palavras convencionadas e de 4 não convencionadas, e, com o sufixo *-or*, de 10 palavras convencionadas e de 5 não convencionadas, totalizando 15 produções de cada um desses morfemas. O sufixo agentivo *-ista* apareceu apenas 5 vezes nas produções desta FE, sendo que todas as derivações são de palavras pertencentes ao léxico. O fato de o sufixo *-ista* somente aparecer em derivações em consonância com o padrão poderia também levar à interpretação de que a criança ainda não tem consciência desse morfema e, como consequência, toma as palavras que o contêm como formas simples, não analisadas quanto à estrutura que contém morfema-base+sufixo.

Os resultados apontam que, na FE2, há um equilíbrio na escolha dos sufixos agentivos, e esse fato pode indicar que, conforme aumenta a faixa etária e cresce a experiência linguística da criança, aumenta também o conhecimento do emprego desses sufixos e a habilidade de manipulá-los.

No Quadro 04, trazem-se os resultados obtidos na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* na FE 3.

Quadro 04 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 3 (Idade: 6:0)

Sufixos	-eiro				-ista				-or			
	9 F	10 F	11 M	12 M	9 F	10 F	11 M	12 M	9 F	10 F	11 M	12 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro	X	X	X									
Motorista		X*	X*				X					
Pintor		X*	X*					X				X
Lixeiro	X	X	X	X								
Ciclista			X*									X*
Pescador			X*					X		X	X	
Sapateiro			X						X*			
Surfista		X*	X*									X*
Jogador	X*	X*								X	X	
Açougueiro	X	X	X	X								
Equilibrista			X*					X*	X*			X
Lavador			X*					X	X			X

Fonte: as autoras

Os dados do Quadro 04 mostram que as crianças da FE 3 produziram preferencialmente palavras com o sufixo agentivo *-eiro*, fato esse atribuído principalmente a dois informantes: 10F e 11M. Das 25 palavras derivadas com o sufixo *-eiro*, 12 foram produções de palavras que fazem parte do inventário do português e 13 foram palavras diferentes do padrão da língua. Já o morfema agentivo *-or* aparece em segundo lugar na produção desses informantes, somando 15 produções de palavras, sendo que 8 estão de acordo com o padrão da língua e 6 são criações das crianças. Nas crianças com 6 anos de idade houve um aumento (especialmente em dois informantes) no uso de sufixos em derivações diferentes do alvo para atingir o mesmo significado, o que parece apontar maior capacidade de combinar os morfemas da língua, o que indica que a criança reconhece o significado que o morfema atribui a palavras derivadas e que, podendo manipular morfemas, deles mostra maior índice de consciência. Por fim observa-se que, nesta FE, houve

baixa produtividade do morfema agentivo *-ista*: foi produzido apenas uma vez, pelo Informante 12M, na palavra *motorista*. Como o item lexical *motorista* pode ser considerado de uso frequente em diferentes contextos sociais, interpreta-se que, nessa única presença, o sufixo *-ista* parece não se mostrar reconhecido pelas crianças entrevistadas na FE3, o que pode conduzir à hipótese de que a palavra *motorista* aqui está empregada como forma não analisada em termos de sua estrutura morfológica.

A criança 9F apresentou 7 produções ditas “convencionais” na utilização dos morfemas agentivos, sendo que, das 12 possibilidades, não produziu: *motorista*, *ciclista*, *sapateiro* e *surfista*. Desviando-se do uso padrão dos sufixos agentivos, produziu as palavras *boleiro* para *jogador*, *pintador* para *pintor*, *equilibrador* para *equilibrista*. Com essas derivações, a criança parece mostrar consciência dos sufixos agentivos *-or* e *-eiro* como formadores de nomes agentivos da língua. Ressalta-se, novamente, que as palavras *pintador* e *equilibrador* foram derivadas a partir da raiz + vogal temática, fazendo emergir a forma alomórfica *-dor* para o sufixo *-or*.

Os dados da informante 10F apontam a produção de 8 palavras com o sufixo agentivo *-eiro*, sendo apenas 3 delas dicionarizadas (*pipoqueiro*, *lixeiro*, *açougueiro*); no que diz respeito às outras 5 palavras, foram formadas com o sufixo *-eiro* de forma diferente do que é padrão na língua: *dirigeiro* para *motorista*; *pinteiro* para *pintor*; *bicicleteiro* para *ciclista*; *surfeiro* para *surfista*; *jogadeiro* para *jogador*; a criança também produziu *sapatator* para *sapateiro*, *equilibrador* para *equilibrista*. Observe-se que esse informante produz de forma preponderante o sufixo agentivo *-eiro* na derivação de formas agentivas, o que leva a inferir-se que esse é o sufixo agentivo mais produtivo na gramática dessa criança, talvez por ter sido adquirido recentemente e estar recebendo tratamento generalizante. Os dados do estudo estão apontando para a emergência do sufixo *-eiro* ser posterior à do sufixo *-or*; também está mostrando que o sufixo *-ista* tem emergência subsequente à dos sufixos *-or* e *-eiro*.

O informante 11M mostrou uma preferência significativa pelo sufixo agentivo *-eiro*, já que o empregou em 11 das 12 possibilidades apresentadas na tarefa; assim, além das palavras já presentes na língua com esse afixo, o sujeito produziu também: *dirigeiro* para *motorista*; *pintereiro* para *pintor*; *bicicleteiro* para *ciclista*; *surfereiro* para *surfista*; *equilibreiro* para *equilibrista*; *lavareiro* para *lavador*, sendo que a única palavra produzida conforme o léxico dicionarizado foi *jogador*. Sendo

assim, tem-se que a criança 11M dá prevalência ao sufixo agentivo *-eiro* na derivação de nomes agentivos. Os dados mostram que, em duas derivações com esse sufixo, a criança faz quase uma reduplicação, com a epêntese da líquida *r* (assimilada da líquida presente no sufixo) e a presença da vogal temática *-e*, como se pode observar nas palavras *pintereiro*, *lavareiro* e *surfereiro*; na derivação de *pintereiro* (derivado de *pintar*) e de *surfereiro* (derivado de *surfear*), há alteração da vogal temática *-a* > *-e*), fazendo resultar a sequência *-ereiro*.

O sujeito 12M apresentou em seus dados 7 produções em conformidade com o padrão da língua e 3 produções com o uso do sufixo agentivo *-or* em palavras “inventadas”, que foram: *bicicletador* para *ciclista*; *surfor* para *surfista*; *equilibrador* para *equilibrista*, todas essas palavras produzidas com o sufixo agentivo *-or*, mostrando-o, assim, como o sufixo agentivo mais produtivo na sua gramática. Conforme foi acima referido, interpreta-se que a única forma produzida com o sufixo *-ista* nesta FE3 (a palavra *motorista*) se manifesta como não analisada em termos dos morfemas que compõem a sua estrutura. Essa interpretação de que as formas com o sufixo *-ista* empregadas pelas crianças até a FE3 (até a idade de 6:0 anos) são não analisadas do ponto de vista da morfologia se vê fortalecida pelo fato de, nas FEs 1 e 2, ter sido registrado maior número de palavras com *-ista* do que na FE3.

O sujeito 12M também produziu duas palavras com o sufixo *-aria* (*pipocaria* e *sapataria*), parecendo deslocar o significado de agente da ação, passando a expressar o local em que se vende pipoca, ou se consertam sapatos. Na dúvida quanto ao deslocamento ser do significado da expressão ou quanto ao deslocamento ser do significado do morfema *-aria*, a pesquisadora questionou a criança: *Sapataria, o que significa?* E o menino respondeu: *É o consertador de sapatos*. A resposta leva à interpretação de que, na gramática do menino, o sufixo *-aria* está deslocado para a categoria de agentivo. Parece que o sujeito se apropria das unidades morfemáticas disponíveis em seu inventário linguístico para produzir as palavras e dar conta do processo de comunicação. O importante é verificar que esse emprego dos morfemas não é feito aleatoriamente, mas, sim, seguindo a estrutura permitida pela gramática da língua. Mesmo havendo o deslocamento da categoria semântica do sufixo, a produção do menino indica a sua capacidade de manipular estruturalmente morfemas sufixais.

A análise mostra que há um distanciamento das crianças da FE 3 em relação às duas FEs anteriores, já que agora o sufixo *-eiro* é o que tem uso prevalente: as crianças da FE 3 produzem, preferencialmente, palavras com os sufixos agentivos *-eiro* (12 palavras convencionadas e 13 não convencionadas), seguido do sufixo *-or* (8 palavras convencionadas e 6 não convencionadas). Com restrito uso, o sufixo agentivo *-ista* apareceu apenas em uma produção, dando indícios de que, para crianças da FE 3, esse afixo parece ainda não ser reconhecido e, portanto, não se mostra produtivo.

O Quadro 05 resume os resultados obtidos na *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos* na FE 4.

Quadro 05 - Resultados da aplicação da Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos

Faixa Etária 4 (Idade: 7:0)												
Sufixos	-eiro				-ista				-or			
	13 F	14 F	15 M	16 M	13 F	14 F	15 M	16 M	13 F	14 F	15 M	16 M
Palavras-alvo												
Pipoqueiro	X	X	X	X								
Motorista					X	X	X	X				
Pintor									X	X	X	X
Lixeiro	X	X	X	X								
Ciclista						X	X	X				
Pescador									X	X	X	X
Sapateiro	X	X	X	X								
Surfista	X*			X*			X			X*		
Jogador									X	X	X	X
Açougueiro	X	X	X	X								
Equilibrista	X*					X	X					X*
Lavador									X	X	X	X

Fonte: as autoras

Os dados registrados no Quadro 05 apontam que as crianças da FE 4 produzem palavras com os sufixos agentivos *-eiro* *-ista* e *-or*, com a indicação de que nesta FE surge um maior equilíbrio na produção desses morfemas: o sufixo agentivo *-eiro* apresenta o maior índice de produção

(22), sendo que apenas 3 delas foram produções “inventadas”; já o sufixo agentivo *-or* foi empregado 20 vezes, sendo que apenas 2 dessas produções foram diferentes do padrão da língua; o morfema agentivo *-ista*, aparecendo 10 vezes nas produções, pode dizer-se que começou a mostrar produtividade – nas FEs precedentes, o sufixo *-ista* mostrou-se praticamente ausente.

A informante 13F mostrou, em seus dados, 9 produções ditas “convencionais” na aplicação dos morfemas agentivos, sendo que, das 12 possibilidades, não produziu apenas uma: *ciclista*. Diferentemente do padrão de uso da língua, a criança produziu as palavras *surfeiro* para *surfista*; *equilibreiro* para *equilibrista*, substituindo o sufixo *-ista* pelo sufixo *-eiro*, fato esse que pode indicar que a informante tem uma preferência em suas produções pelo sufixo agentivo *-eiro*, mais produtivo no português, como também pode apontar que o sufixo *-ista* ainda não integra a sua gramática.

Já a criança 14F apresentou uma produção predominantemente de acordo com os padrões linguísticos; apenas em lugar da palavra *surfista* produziu *surfador*, optando por produzir a palavra com o sufixo agentivo *-or*.

O informante 15M produziu todas as 12 ocorrências de acordo com o que é convencionado pela gramática do português.

O sujeito 16M produziu todas as 11 palavras utilizando a derivação com os sufixos agentivos convencionados; no entanto, a criança produziu *equilibrador* para *equilibrista*. Embora essa troca de sufixo possa ocorrer sem qualquer prejuízo do significado, já que os dois sufixos veiculam o mesmo sentido, aponta a tardia emergência do sufixo *-ista* na gramática das crianças.

Os dados deste estudo apontam que as crianças da FE 4 produziram palavras com os sufixos agentivos *-eiro* (16 palavras dicionarizadas e 3 não dicionarizadas) e *-or* (16 palavras dicionarizadas e 2 não dicionarizadas), mostrando um equilíbrio entre os morfemas agentivos *-eiro* e *-or*. Já o sufixo agentivo *-ista* obteve, na FE4, a maior ocorrência de produção em se comparando com as FEs mais baixas: na FE 4, o sufixo *-ista* apareceu 10 vezes nas produções, sendo que em todas as derivações com esse sufixo foram produzidas palavras pertencentes ao léxico.

Com esses resultados, a FE 4 mostra, em um olhar comparativo com as FEs precedentes, importante avanço no emprego dos sufixos aqui estudados, não apenas por derivar palavras com os três sufixos,

mas também por manipulá-los com adequação e por comutá-los, em formas diferentes do alvo, ainda que em número restrito, com morfemas que atendem ao mesmo significado agentivo. Diferentemente das FEs anteriores, em que houve índices mais altos de emprego de sufixos de maneira não convencional, mostrando uma análise experimental, pelas crianças, quanto ao emprego de sufixos agentivos, os resultados da FE4 parecem apontar para um exercício de síntese, em direção ao que é convencional na formação de palavras da língua: as crianças, na FE dos 7 anos, usam palavras derivadas com sufixos agentivos prevalentemente de acordo com o sistema alvo; aí o conhecimento morfológico pode não estar explícito, mas os movimentos que as FEs precedentes mostraram quanto à construção de estruturas morfológicas leva a interpretar-se que, na FE4, as formas derivadas por sufixação empregadas pelas crianças já são resultantes de uma análise morfológica e de uma síntese estrutural em um vocábulo da língua: as crianças agora podem estar, então, analisando as palavras em morfemas e usando-as de acordo com o alvo e esse fato representa um novo grau de consciência morfológica.

Quanto ao índice de emprego dos três morfemas agentivos que integraram o presente estudo, os dados das crianças aqui objeto de análise apontam, como mais produtivos na formação de palavras, os sufixo *-or* e *-eiro*, com emprego muito restrito do sufixo *-ista*. Esse fato explica por que os sufixos mais produtivos podem tomar o lugar do sufixo *-ista* na criação de agentivos (ex.: *surfeiro* para *surfista*). Apesar de menos produtivo, o sufixo *-ista* foi utilizado para criar palavras: foi o que ocorreu com o Informante 16M, que produziu *bicicletista* para *ciclista*. Reforça-se aqui o entendimento de que o emprego dos sufixos agentivos na derivação de palavras de forma não convencional ao uso da língua pode ser meio de atestar um nível de consciência que a criança tem desses morfemas, ou seja, a capacidade de manipular morfemas na construção de palavras da língua.

Os dados do presente estudo parecem apontar para uma hierarquia na integração dos três sufixos agentivos na gramática das crianças das quatro FEs aqui investigadas, conforme se registra de forma sintética em (1), com referência a quatro momentos, cada um correspondendo a uma das FEs: o primeiro a mostrar emprego consistente e a prevalecer parece ser o sufixo *-or*, com a presença também de *-eiro*; depois os sufixos *-or* e *-eiro* apresentam uso equilibrado; após o emprego de *-eiro* mostra predominância sobre o emprego de *-or*, e, por fim, junta-se o uso do sufixo *-ista* ao dos sufixos agentivos *-eiro* e *-or*.

- (1) FE1 suf. *-or* > *-eiro* ; FE2 suf. *-or* , *-eiro* ; FE3 suf. *-eiro* > *-or* ;
FE4 suf. *-eiro* , *-or*, *-ista*

Com essa linha de desenvolvimento, as crianças do Grupo 1 (não alfabetizadas, com idade 4 e 5 anos) e as crianças do Grupo 2 (em processo de alfabetização, com idade 6 e 7 anos) mostram também o emprego crescente dos três sufixos agentivos, mas, o que é crucial para este estudo, evidenciam também o desenvolvimento crescente da consciência desses morfemas: as crianças mostram possuir consciência de que os sufixos agentivos *-or*, *-eiro* e *-ista*, ao serem adjungidos a uma palavra primitiva, formam um novo vocábulo, independentemente de essas palavras pertencerem ou não ao léxico da língua. Especialmente o emprego de palavras não pertencentes ao uso corrente da língua revela a capacidade de as crianças segmentarem esses sufixos, sendo que o uso de um sufixo agentivo por outro evidencia não apenas a capacidade de segmentação das palavras em morfemas, mas também de reconhecimento de que esses sufixos, adicionados a uma base, veiculam um novo significado.

A maior desenvoltura no tratamento de sufixos agentivos mostrada pelos informantes deste estudo das FEs 3 e 4, compostas pelas crianças em processo de alfabetização (Grupo 2), também pode ser tomada como reveladora de que a alfabetização pode contribuir para o desenvolvimento da consciência morfológica.

Por fim, em uma ampliação da abrangência do presente estudo, defende-se que, ao verificar o emprego de palavras derivadas por sufixação tendo como ponto central a capacidade de manipulação dos sufixos agentivos *-or*, *-eiro*, *-ista*, com foco particular para a criação de formas não convencionais, esta investigação contribui para o entendimento do fenômeno da consciência morfológica. Indo além, também pode cogitar-se que, ao voltar-se para a maneira como as crianças operam com morfemas, está conduzindo a uma observação para o modo como ocorre o processamento da linguagem. Com esses movimentos, é possível sugerir-se que a pesquisa mostre alcance para um encaminhamento pedagógico, tendo em vista que, sob a perspectiva dos docentes, tem-se que os instrumentos testados podem servir de apoio para o ensino da morfologia nos anos iniciais e também podem oferecer meios para que professores estimulem a produção linguística dessas formas em seus alunos e, indo além, podem oportunizar o enriquecimento do seu léxico e o reconhecimento de relações semânticas entre palavras da língua.

Do ponto de vista dos alunos, esse conhecimento pode ser um potencializador da fluência leitora, pois se entende que a consciência morfológica pode ser um caminho facilitador da compreensão em leitura: já que cada morfema possui significado, no momento em que o aluno consegue abstrair esse entendimento, a leitura e compreensão de palavras e de contextos pode ser mais clara, rápida e eficaz.

5 Considerações finais

O objetivo da presente pesquisa foi verificar se crianças falantes nativas do PB, com idade entre 4 e 7 anos, não alfabetizadas e em processo de alfabetização, já apresentam a capacidade de manipular os morfemas da língua, caracterizado como um nível de consciência morfológica, de acordo com a proposta apresentada na Seção 2.4.

Neste estudo, o nível de consciência morfológica relativo à capacidade de manipular morfemas foi avaliado por meio da *Tarefa de Produção de Palavras com Sufixos Agentivos*, com foco nos sufixos *-eiro*, *-ista*, *-or*. Os dados apontaram que os sujeitos desta investigação já derivam palavras com sufixos agentivos e com eles criam palavras novas, mostrando a consciência do morfema-base e do sufixo, sendo que esse fato se fez evidente particularmente pela adjunção, ao morfema-base, de um tipo de sufixo agentivo diferente daquele que a língua escolheu para determinado nome, como, por exemplo, o emprego de *-or* por *-eiro* (*pipocador* por *pipoqueiro*) ou o emprego de *-or* e *-eiro* por *-ista* (*surfeiro*, *surfor* por *surfista*). O emprego de um sufixo por outro com a atribuição do mesmo significado agentivo é entendido como uma evidência de que as palavras estão sendo analisadas e manipuladas, pelas crianças, como estruturas que contêm mais de um morfema.

A partir dos resultados desta pesquisa, interpreta-se que o segundo nível de consciência morfológica, ou seja, o da capacidade de manipular morfemas, já está presente nas crianças dos Grupos 1 e 2, sendo que a escolaridade parece influenciar na sedimentação do emprego do sufixo de forma convencional, depois de a criança analisar a presença de mais de um morfema na mesma palavra, como também na apropriação de maior variedade de sufixos agentivos licenciados pela gramática da língua. A capacidade de segmentação de morfemas, evidenciada pela derivação de pseudovocábulos, já se encontra desde a FE 1, o que, então, se interpreta como a presença do segundo nível de consciência morfológica.

Por fim, cabe destacar que, com o avanço escolar, a derivação de palavras diferentes do padrão parece diminuir, indicando que o processo de escolarização favorece o crescimento da capacidade do tratamento da morfologia das palavras em consonância com o alvo da língua: isso quer dizer que, depois de as crianças analisarem a estrutura morfológica, o que se reconhece pelas trocas no emprego dos sufixos, há o movimento de síntese, em que as palavras são empregadas de acordo com o que é convenicionado pelo sistema.

Nesse sentido, Goulart (2015) atesta, em seu estudo sobre aspectos da morfologia verbal, que o processo de escolarização condiciona a aquisição de fenômenos de natureza morfológica, sobretudo daqueles cuja aquisição é mais tardia. A escola, sob essa ótica, será a instituição capaz de contribuir significativamente para a efetivação da aquisição da morfologia da língua, por conseguir possibilitar maior exposição dos sujeitos a toda a complexidade que a habilidade morfológica exige, aumentando a experiência linguística dos sujeitos e encontrando, nesse campo da língua, possíveis caminhos para o desenvolvimento da aprendizagem do PB, em especial de sua ortografia, leitura e escrita (GOULART, 2015).

Salienta-se, por fim, a contribuição desta pesquisa ao somar-se aos ainda escassos estudos sobre o desenvolvimento da consciência morfológica, principalmente sobre a aquisição do PB. Acredita-se que o processo de aprendizagem e ensino nas séries iniciais de escolaridade possa ter algum ganho com a presente investigação, especialmente para o processo de aquisição da leitura, do desenvolvimento da capacidade da interpretação do significado de palavras e de textos e também da escrita ortográfica, a exemplo de estudos como os de Carlisle e Nomanbhoy (1993) e Deacon e Kirby (2004).

Declaração de autoria

Veridiana P. Borges: desenho da pesquisa, desenvolvimento das ferramentas, metodologia, coleta de dados, análise dos dados, interpretação dos resultados. Escrita original; escrita – análise e edição.

Carmen Matzenauer: desenho e orientação da pesquisa, metodologia, análise dos dados e interpretação dos resultados. Escrita – original; escrita – análise e edição.

Referências

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1976.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BASSANI, I.; SOARES, F. Levantamento bibliográfico de estudos em aquisição de linguagem em revistas de linguística brasileiras: um enfoque para a morfologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, 2022, p. 425-455. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.4.325-355>

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERKO, J. The child's learning of English morphology. *Word*, v.14, p.150-177, 1958. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00437956.1958.11659661>.

BORGES, V.P. *Consciência morfológica em crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização: produção e reconhecimento de morfemas*. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2015.

BORGES, V. P.; MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. Processamento dos afixos do PB: o reconhecimento de morfemas por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 582-594, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26422>.

CÂMARA JÚNIOR. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CARLISLE, J. F. Morphological awareness and early reading achievement. In: FELDMAN, L. (org.). *Morphological aspects of language processing*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 189-211.

CARLISLE, J. F.; NOMANBHOY, D. M. Phonological and morphological awareness in first graders. *Applied Psycholinguistics*, Cambridge, v. 14, p. 177–195, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0142716400009541>.

CICLISTA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Aurélio: 7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 14 nov.2021.

CLARK, E.V. Morphology in Language Acquisition. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A.M. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2001. p. 374-389.

CORREA, L. M. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 339-383, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300014>.

DEACON, H.; KIRBY, J. Morphological awareness: Just «more phonological»? The roles of morphological and phonological awareness in reading development. *Applied Psycholinguistics*, Cambridge, v. 25, p. 223-238, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1017.S0124716404001117>.

DURÃO, J. H. C. *Consciência morfológica e desenvolvimento da escrita*. 2016. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, 2016.

FERRARI NETO, J. Passos em direção a uma teoria da aquisição da morfologia. In: TAVEIRA DA CRUZ, R. (org.). *As interfaces da gramática*. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 215-239.

FIGUEIRA, R. A. A criança na língua. Erros de gênero como marcas de subjetivação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 29–48, 2005. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v47i1/2.8637268>.

GOMBERT, J. *Metalinguistic Development*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1992.

GONÇALVES, C.A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GOULART, T. T. P. D. *A Produção de Formas Verbais Irregulares por Crianças Falantes do Português Brasileiro (PB)*. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2015.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão monousuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KIRBY, J.; DEACON, H.; BOWERS, P.; IZENBERG, L.; WADE-WOOLLEY, L.; PARRILA, R. Children’s morphological awareness and reading ability. *Reading and Writing*, v. 25, p. 389-410, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11145-010-9276-5>.

LIMA, P. A. N. de. *Morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro na fala de crianças de dois a sete anos de idade*. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

LORANDI, A. *Formas Morfológicas Variantes na gramática infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade*. 2006. 185 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

MACHADO, M. J. M. da C. *Implicações da consciência morfológica no desenvolvimento da escrita*. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, 2011.

MOTA, M. O papel da consciência morfológica para a alfabetização em leitura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 159-166, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000100019> Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/yXpcpvp4pYp4vqDpLRbxmhG/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MOTA, M. Explorando a relação entre consciência morfológica, processamento cognitivo e escrita. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 29, n. 1. p. 159-166, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000100010>

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 3.ed. Campinas: Pontes, 1991.

NUNES, T.; BRYANT, P. *Improving literacy by teaching morphemes*. London: Routledge, 2006.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Dados eletrônicos. Curitiba: Ed. UFPR, 2020.

SEIXAS, M. C. P. *O desenvolvimento da Consciência Morfológica em Crianças de 5 anos*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, 2007.

TIGHE, E.L.; BINDER, K.S. An investigation of morphological awareness and processing in adults with low literacy. *Applied Psycholinguists*, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 245-273, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0142716413000222>.



Da afirmação enfática à concessividade: dois estudos de caso na história do português

From Emphatic Affirmation to Concessivity: Two Case Studies in the History of Portuguese

Sanderléia Roberta Longhin

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

sanderleia.longhin@unesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-8702-0033>

Resumo: Este trabalho investiga os processos diacrônicos de constituição de duas perífrases conjuncionais concessivas do português, *bem que* e *se bem que*. Com respaldo teórico da Gramaticalização, sobretudo Traugott e Dasher (2002), Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010), e de alguns pressupostos de teorias pragmáticas sobre concessividade, conforme Anscombre (1980), Ducrot (1984), Moeschler e Spengler (1982), Rossari (2014), a questão maior está na compreensão do elo entre a semântica da fonte adverbial, os processos inferenciais instigados contextualmente e o tipo de significado concessivo. As análises são baseadas em uma amostra diacrônica que reúne textos do português antigo ao moderno e em uma metodologia norteada pelos padrões polissêmicos das construções com suas respectivas propriedades distribucionais. Os resultados fornecem evidências de que, embora se trate de dois fenômenos de mudança que emergem em diferentes estados de língua e em contextos distintos, ambos têm na fonte o advérbio *bem*, na função de afirmação enfática, e ambos se especializam na expressão de relações concessivas restritivas. Os dados duplamente compatíveis com as interpretações fonte e alvo indiciam processos graduais da pragmática à semântica, nos quais as noções de polifonia e hierarquia argumentativa são importantes.

Palavras-chave: junção; concessividade; gramaticalização; diacronia.

Abstract: This paper investigates the diachronic establishment process of two concessive conjunctive periphrases in Portuguese, *bem que* and *se bem que*. With theoretical support from Grammaticalization, in particular Traugott and Dasher (2002), Heine and Kuteva (2007), Bybee (2010), and some assumptions from pragmatic theories about concessivity, according to Anscombre (1980), Ducrot (1984), Moeschler and Spengler (1982), Rossari (2014), the main issue is about understanding the link between

the semantics of the adverbial source, the contextually induced inferential processes and the type of concessive meaning. The analyses are based on a diachronic sample featuring texts from ancient to modern Portuguese, and on a methodology guided by the constructions' polysemic standards with their corresponding distributional properties. The results provide evidence that, despite being two change phenomena which arise in different states of language and distinct contexts, both have the adverb *bem* at their source, in the role of emphatic affirmation, and both specialize in expressing restrictive concessive relations. The data doubly compatible with source and target interpretations evidences gradual processes from pragmatic towards semantics, in which the concepts of polyphony and argumentative hierarchy are of importance.

Keywords: junction; concessivity; grammaticalization; diachrony.

Recebido em 06 de setembro de 2021

Aceito em 29 de outubro de 2021

1 Introdução

Pesquisas sobre a história das construções concessivas em diferentes línguas evidenciam que a concessão é uma relação derivada que se situa no ponto final de uma cadeia de desenvolvimentos que conduz a significados cognitiva e comunicativamente mais complexos (HARRIS, 1988; KÖNIG, 1985a, 1985b, 1988; KORTMANN, 1997). Neste trabalho, analiso os processos diacrônicos de constituição de duas perífrases conjuncionais concessivas do português, *bem que* e *se bem que*, que têm a base lexical comum no advérbio avaliativo *bem* e que expressam significados concessivos de tipos similares. Os dados em (1) e (2)¹, extraídos do *corpus* da pesquisa, ilustram usos contemporâneos. Nos dois casos, a relação de concessão se sustenta em uma forma de *restrição* ao conteúdo da oração nuclear:

- (1) Sabem do dilúvio de Noé, **bem que** não conforme a verdadeira história; pois dizem que todos morreram, exceto uma velha que escapou em uma árvore. (20-1/CNP)

¹ Para referência aos exemplos utilizo a seguinte convenção: ao final, entre parênteses, o primeiro número indica o século, o segundo indica primeira ou segunda metade e a sigla remete ao texto fonte.

- (2) É condição essencial que o feijão seja novo para que a feijoada se torne apetitosa, preferindo-se o denominado - *mulatinho*, **si bem que** outros dêem mais valor ao feijão preto. (20-1/ACB)

No português brasileiro atual, *bem que* tem uso raro, ao passo que *se bem que* é uma das opções para concessão factual, juntamente com *embora*, *ainda que*, *apesar de (que)*. Estudos funcionalistas sobre construções com *se bem que*, em amostras de fala e de escrita contemporâneas, apontam para especificidades da construção complexa: as concessivas com *se bem que* podem se realizar nos modos indicativo e subjuntivo e a ordenação das orações é variável, com preferência pela posição, relacionada à função de *restrição* (NEVES, 2000; NEVES; BRAGA, 2016; NEVES; CONEGLIAN, 2018).

Apesar da fonte comum e das nuances concessivas similares, trata-se de duas instâncias de mudança, que emergem em contextos distintos e em diferentes estados de língua. *Se bem que* é mais tardia e desenvolveu-se a partir de um molde condicional. No entanto, como se verá, para os dois processos, é notória a contribuição da fonte adverbial *bem*. A seleção de *bem* para o domínio das concessivas não é uma singularidade do português, em várias línguas, advérbios análogos a *bem* também são parte integrante de juntores concessivos complexos, resultantes de mudança semântica e/ou de gramaticalização, como em francês *bien que*; italiano *benché* e *sebbene*; espanhol *bien que*, *si bien*; catalão *per bé que*, *si bé*; romeno *de bine ce*; alemão *obwohl* e *wiewohl* (KORTMANN, 1997, p. 97).

Com respaldo teórico do paradigma da gramaticalização, sobretudo Traugott e Dasher (2002), Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010), e de alguns pressupostos de teorias pragmáticas sobre o potencial argumentativo da concessão, conforme Anscombe (1980), Ducrot (1984), Moeschler e Spengler (1982) e Rossari (2014), o objetivo deste trabalho é identificar e analisar estágios de desenvolvimento diacrônico que habilitaram *bem que* e *se bem que* à expressão de relações concessivas. O foco da investigação está na compreensão do elo entre a semântica da fonte adverbial, os processos inferenciais instigados contextualmente e o tipo de significado concessivo. Não se trata apenas de explicar a reinterpretação de palavras existentes em novos juntores perifrásticos, mas de explicar a emergência de uma construção complexa, binária e relacional, que o jantor mobiliza para a expressão do significado ('Jun *p*, *q*' ou '*q*, Jun *p*', em que 'Jun' equivale ao jantor; *p* e *q*, a dois estados de coisas assertivos).

O artigo está estruturado da seguinte maneira: na segunda seção, reviso as fontes das concessivas e reúno indícios em favor de a afirmação enfática estar na origem de *bem que* e *se bem que*. Na terceira, apresento as bases teóricas para o estudo da mudança e das relações concessivas. A seguir, na quarta seção, explicito os critérios que subsidiaram a composição da amostra diacrônica e os procedimentos metodológicos com os dados. Na quinta seção, examino a multifuncionalidade do advérbio *bem*, em perspectiva sincrônica e, na sexta seção, apresento a descrição e análise dos padrões lexicais e gramaticais relativos a *bem*, em subseções que tratam, em viés longitudinal, dos diferentes estágios de mudança. Encerro o artigo com as considerações finais e referências bibliográficas.

2 As fontes da concessividade e as perífrases baseadas em *bem*

A evolução tardia e a natureza derivada da concessividade foram mostradas em estudos tipológicos (KÖNIG, 1985a, 1985b, 1988; HARRIS, 1988; KORTMANN, 1997), com especial destaque à complexidade estrutural dos juntores concessivos (conjunções, preposições e advérbios juntivos), que espelha com considerável transparência as construções que lhes deram origem. Segundo esses estudos, as fontes semânticas que podem ampliar o universo da concessão são várias e estão relacionadas a alguma propriedade das concessivas. Em perspectiva tipológica, as fontes mais produtivas incluem quantificação universal e de livre escolha, concomitância temporal, volição, permissão, ênfase aliada a relações temporais ou condicionais, sentimentos humanos e asserção enfática da factualidade.

Há várias referências na literatura sobre o trânsito histórico entre afirmação enfática e concessividade (ANSCOMBRE, 1980; HANSEN, 1998; KÖNIG, 1985a, 1985b, 1988, 1991; RODRÍGUEZ SOMOLINOS, 1995; ROSSARI, 2014; SQUARTINI, 2012). Para König (1991, p.167): “All particles that indicate affirmation as part of their meaning (*schon, ja, wohl*), for instance, may have a kind of concessive use”². A afinidade entre essas duas noções está em uma característica semântica central das construções concessivas: elas requerem a *factualidade* dos dois estados

² “Todas as partículas que indicam afirmação como parte do seu significado (*schon, ja, wohl*), por exemplo, podem ter um uso concessivo”.

de coisas do complexo³. Assim, parece plausível que a participação de advérbios cuja função é afirmar enfaticamente uma verdade - como, por exemplo, *true*, *fact*, *well*, do inglês, *schon*, *ja*, *wohl*, do alemão, *certes*, *d'accord*, *en effet*, do francês – pode ter sido decisiva para a evolução. Como desenvolvo adiante, a afirmação enfática é apenas uma das funções de *bem* e parece estar na base da derivação histórica de *bem que* e *se bem que*.

A expectativa em torno do valor de ênfase na construção originária de *bem que* e *se bem que* ganha força diante de resultados de pesquisas sobre a formação das concessivas em *bien*, no espanhol e no francês. Sobre *bien que*⁴, do espanhol, foram elencadas várias explicações (para uma síntese, CORTES PARAZUELOS, 1992) das quais destaco a de Rivarola (1976), segundo a qual a gênese de *bien que*, no espanhol medieval, estaria na adjunção do advérbio *bien* ao predicado *es verdad*, ligado a uma completiva subjetiva em *que*, imediatamente seguida por uma oração contrastiva, conforme (3):

- (3) Bien es verdat que las yervas et las plantas, et aun algunas animalias - así como las rebtilias - estas cosas se pueden engendrar de la umor de la tierra; mas las otras animalias non se engendran sinon por la manera de engendramiento. (RIVAROLA, 1976, p. 101) (Grifo meu)

Rivarola verificou que, no mesmo período, o significado de *bien es verdad que* também podia ser expresso pelas variantes abreviadas *bien es verdad* e *bien que*. Em todos os casos, “(...) el predicado consistía en la aprobación, con o sin afirmación explícita de la ‘verdad’ de lo enunciado en dicha frase”⁵ (RIVAROLA, 1976, p.101). Mais recentemente, Detges e Waltreit (2009) analisam a formação de *bien que*, concentrando-se na análise dos efeitos argumentativos de *bien*, em contextos do tipo *bien p*, *pero q*, similares aos explorados em Rivarola (1976). Para eles,

³ Com exceção das concessivas hipotéticas, cujas prótases não são factuais, o que as aproxima das condicionais.

⁴ *Bien que* foi frequente entre os séculos XVI a XVIII e é rara no espanhol moderno, estando circunscrita a gêneros literários (CORTES PARAZUELOS, 1992; PÉREZ SALDANYA; SALVADOR, 2014).

⁵ “(...) o predicado consistia na aprovação, com ou sem afirmação explícita da 'verdade' do que foi enunciado na referida frase”.

na negociação dos significados, a enunciação de *bien* equivale a um reconhecimento explícito da validade do conteúdo da proposição *p*, contudo, esse conteúdo é atenuado em favor da força do argumento trazido por *pero q*.

O espanhol conhece também *si bien*, de uso corrente, atestada com frequência crescente desde o século XVI. Sobre sua origem, segundo Cortes Parazuelos (1993), embora não se possa descartar a possibilidade de empréstimo do italiano, considerada por vários autores, é preciso ter em conta que *si*, desde o período antigo, já mostrava empregos contrastivos, tanto com traços contextuais de polaridade negativa, como de disjunção. Além disso, a autora verifica casos em que orações com *si bien* ou *si bien es verdad que* aparecem correlacionadas a uma oração contrastiva, como em (4), extraído da obra da autora:

- (4) Y si bien es verdad que dos o tres niños estuvieron para perderle, pero siempre se tenía por una travesura muy inocente. (CORTES PARAZUELOS, 1993, p. 244) (Grifo meu)

Quanto à formação de *bien que*, do francês, Waltireit (2012) associa a contextos contrastivos do tipo *bien p, mais q*, comuns no francês antigo, em que a escalaridade de *bien* interage com uma oração contrastiva ulterior. Nesse caso, a proposição *p*, por comportar *bien*, ganha em força argumentativa, gradua para mais em uma escala relevante, mas ainda assim não se sobrepõe à prevalência argumentativa do segundo membro, *mais q*. A interpretação concessiva resulta, segundo o autor, de uma *implicatura de irrelevância*, em que a conclusão a partir de *q* supera aquela de *p*, não importando a gradação conferida a *p* por *bien*.

Considerando que, na história do português, são dois os processos de mudança que recrutaram o advérbio enfático *bem*, mas que só um desses processos agrega condicionalidade, que é mais uma importante fonte para concessão (KÖNIG 1985a, 1985b), o propósito maior deste trabalho, como mencionado, é explicar *como* teria se processado, em cada caso, a suposta transição gradual de afirmação enfática (e condição) à concessão.

3 Pressupostos teóricos

Neste trabalho, filio-me a uma perspectiva funcionalista de língua e linguagem, em que assumo que os fenômenos de mudança linguística – possíveis, mas não necessários - encontram condições nas situações de uso da língua, que envolvem a atuação de forças cognitivas

e socioculturais. Tomo por base o aparato teórico-metodológico da teoria da gramaticalização, principalmente nos moldes de Heine e Kuteva (2007), Traugott e Dasher (2002) e Bybee (2010), em que processos de gramaticalização são concebidos como conjuntos complexos de alterações que afetam a substância semântica, a morfossintaxe e possivelmente a fonética, e que têm por motivação a pragmática dos sistemas inferenciais. Trata-se de processos diacrônicos graduais que tendem a avançar por meio de múltiplos estágios cronologicamente não lineares, podendo culminar em uma nova construção convencionalizada na língua.

Nessa perspectiva, os fenômenos investigados são instâncias de *gramaticalização*, já que resultam em construções gramaticais com significação procedural, e são também instâncias de um tipo de mudança semântica, a *(inter)subjetivização*, de fundo metonímico, que conduz à expressão de significados cada vez mais vinculados à crença dos sujeitos da comunicação (TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT; DASHER, 2002), como é o caso da concessividade. A expectativa é a de que inferências pragmáticas, tipicamente *(inter)subjetivas*, são induzidas no contexto e trazem enriquecimentos ao que é dito. Com o tempo, elas podem ser absorvidas pelo item ou construção, desvinculando-se dos aportes contextuais e tornando-se semanticamente codificadas. Para os limites deste artigo, em que reservo atenção especial à constituição diacrônica dos significados, coloco em questão, de forma imbricada, o papel do conteúdo conceitual da fonte, o modo de atuação dos contextos como guias para a produção de inferências e a especificidade do significado concessivo.

As relações concessivas podem ser definidas, de forma genérica, como resultado da asserção de dois eventos em um contexto em que, frente às expectativas geradas pelos modelos socioculturais vigentes, supõe-se a existência de algum tipo *incompatibilidade*. A tipologia das relações concessivas é extensa, assim como o é o conjunto das construções que as realizam. Baseio-me na distinção entre dois tipos concessivos principais, amplamente reconhecidos (GAST, 2019; KÖNIG, 1985a; LATOS, 2009; MOESCHLER; SPENGLER, 1982; PANDER MAAT, 1999; RUDOLPH, 1996), que denomino *causa negada* e *restrição*. Ambos têm em comum a *suspensão de uma relação* ou a *quebra de expectativas*, mas diferem nos processos interpretativos, o primeiro apela à demonstração e o segundo, à argumentação.

A relação concessiva de *causa negada* se fundamenta na negação de uma pressuposição pragmática de causalidade, conformando-se ao padrão de implicação *normalmente se p, então não-q*, que torna explícita a proximidade das concessivas com as relações causais e condicionais, mas pelo viés da negação. A relação concessiva *restritiva* se fundamenta em uma relação hierárquica entre forças argumentativas, em que,

embora o conteúdo proposicional da oração nuclear q tenha sua validade questionada pelo conteúdo da oração modificadora p , seja por meio de uma retificação, uma restrição ou uma atenuação, ele ainda se mantém como o mais determinante.

Tendo em vista a investigação de processos de mudança em que relações concessivas são habilitadas em construções antes não concessivas, a clareza sobre as propriedades que caracterizam as construções concessivas é crucial, pois tais características podem ser tomadas como pistas para apreensão dos ganhos graduais que acompanham o processo de mudança. Com base em Moeschler e Spengler (1982), König (1985a), Rudolph (1996) e Pander Maat (1999), as construções concessivas canônicas têm as seguintes características:

- 1) envolvem dois estados de coisas factuais;
- 2) expressam um significado de quebra de expectativa como resultado da suspensão de uma relação, seja ela causal ou argumentativa;
- 3) operam com conteúdos implícitos, acionados a partir de informações oriundas do contexto, dos modelos de mundo e dos valores partilhados entre os interlocutores;
- 4) mostram uma hierarquia no grau de determinação dos argumentos;
- 5) apresentam um encadeamento dialógico: elas são polifônicas⁶.

Como os juntores concessivos têm codificado seu papel procedural de sinalizar algum conflito entre dois estados de coisas e, ao mesmo tempo, sempre dependerão de inferências para a especificação das nuances concessivas, eles reúnem *codificação* e *inferência*, ou seja, *significado semântico* e *significado pragmático*. Acrescente-se a isso o fato de que, do ponto de vista teórico assumido, a mudança de significado

⁶ Do ponto de vista argumentativo, as estratégias discursivas para fins de contraste receberam uma descrição fina em termos da noção de *polifonia* (DUCROT, 1984), que se sustenta na distinção conceitual entre locutor e enunciador; o primeiro é o responsável pelo enunciado e o segundo, embora não fale efetivamente, tem seu ponto de vista expresso na enunciação. A polifonia ou ‘pluralidade de vozes’ tem lugar quando o locutor introduz no enunciado um ou mais enunciadores (o outro, terceiros, a opinião pública) com os quais pode se identificar ou dos quais pode se distanciar. No caso do contraste por concessão, a manobra argumentativa é assegurada por um duplo movimento, que consiste na aceitação, por parte do locutor, de um conteúdo atribuído a outro(s) enunciador(es) para, a seguir, invalidá-lo, por meio da apresentação de outro conteúdo, que sustenta uma conclusão diferente.

segue um percurso da pragmática à semântica. Esses dois aspectos, conforme Mauri e Auwera (2012), levam a admitir que os processos diacrônicos de constituição de jutores concessivos são fenômenos que favorecem a observação da fronteira instável entre o que é codificado e o que é inferido pragmaticamente, a qual tende a se mover no tempo, partindo de construções subcodificadas, com prevalência da pragmática, em direção à maior codificação.

4 Material e metodologia de investigação

A amostra diacrônica que fundamenta esta pesquisa foi compilada a partir de um conjunto de textos de gêneros diversos extraídos de sete plataformas digitais⁷. Para constituição da amostra, buscando representatividade e balanceamento, foram estabelecidas diretrizes relativas ao recorte temporal (português antigo, médio, clássico e moderno⁸); ao recorte espacial (variedades europeia e brasileira), à diversidade tipológica das sequências textuais e à quantidade de material similar para cada estado de língua⁹, de modo a obter um conjunto quantitativa e qualitativamente comparável. Em anexo, apresento a relação completa dos textos, com as respectivas siglas de referência.

A seleção dos textos foi determinada por dois postulados. Admitindo que as interações comunicativas constituem o lugar da negociação dos significados, da busca contínua por estratégias mais

⁷ Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese, *Corpus* Informatizado do Português Medieval, Base de Dados do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Coleções digitais da Biblioteca Nacional de Lisboa, Projeto História do Português Brasileiro, Projeto História do Português Paulista e Acervo digital da Biblioteca Brasileira. Agradeço ao bolsista Gabriel Benedetti, que trabalhou na constituição de parte da amostra diacrônica e na seleção e tabulação de ocorrências (Fapesp 2020/02285-9).

⁸ Adoto a periodização de Lindley-Cintra (cf. CASTRO, 2017, p.147), que propõe a identificação de quatro grandes fases não discretas: *português antigo* (XIII a XV), *português médio* (XV a XVI), *português clássico* (XVI a XVIII) e *português moderno* (XIX a XXI).

⁹ Para cada século foram contabilizadas cerca de 850.000 palavras, exceto para o período antigo, em que há menos textos disponíveis. No material dos séculos XIII, XIV e XV, obtive um total de 117.804, 565.686 e 585.219 palavras, respectivamente. Contudo, possíveis efeitos negativos dessa diferença quantitativa podem ser minimizados pela apuração da frequência relativa. A decisão de trabalhar com número elevado de palavras por sincronia se deve ao fato de que as construções com *bem que* e *se bem que* têm frequência relativamente baixa, já que concorrem com outros jutores para a marcação de concessão.

expressivas e efetivas de argumentação e de possíveis inovações linguísticas, o primeiro postulado é o de que o texto em si é uma unidade de análise ou o *macrolocus* da mudança, nos termos de Company Company (2016). A percepção da importância dos textos para a explicação da mudança é relativamente recente em Linguística Histórica e se deve, em grande parte, às contribuições do modelo de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006), que mostrou como as duas grandezas históricas, *língua e texto*, convergem para a expressão dos significados e como ambas são suscetíveis de mudança. A vantagem de investigar a mudança à luz dos textos (tipos textuais, gêneros e tradições discursivas) está no fato de que as tradições textuais, em função das condições de produção, predispõem o uso, a frequência e a distribuição de certas construções linguísticas, podendo atuar como espaços propícios à variação e à mudança ou, ao contrário, como refreadores de quaisquer inovações.

O segundo postulado, vinculado ao primeiro, se refere ao papel de contextos *dialógicos* na motivação e consolidação da mudança, entendendo-se *dialógico*, à maneira de Traugott (2010), não só como parte da distinção relativa ao número de enunciadores, se monólogo ou diálogo, mas relativa à *orientação argumentativa*, característica de discursos que reúnem posições conflitantes, contestações, polêmicas de vários tipos. Como as mudanças investigadas aqui incluem elementos com grande potencial subjetivo e argumentativo, o advérbio avaliativo *bem* e as perífrases concessivas, a expectativa é a de que tanto as construções fonte como as alvo sejam mais frequentes em contextos dialógicos, os quais, independentemente do número de enunciadores, colocam em jogo mais de um ponto de vista, com conclusões divergentes.

Quanto ao mapeamento das ocorrências, nas amostras dos séculos XIII ao XV, a busca se deu manualmente, por meio de ferramentas disponíveis para documentos nas extensões DOC e PDF. Para as amostras dos demais séculos, utilizei a ferramenta computacional *Sketch Engine* (<https://www.sketchengine.eu/>), que permitiu compilar, controlar o número de palavras e selecionar as ocorrências em seus contextos de uso. Embora a *Sketch* tenha agilizado a etapa de preparação dos dados, apresenta alguma limitação para o reconhecimento de dados de períodos pretéritos, em razão das particularidades do plano gráfico, sendo necessária a checagem manual em cada texto.

O procedimento metodológico central foi pautado na *polissemia* das construções, em que postulo três valores semânticos relacionados

a estágios da mudança, e os analiso qualitativa e quantitativamente, em perspectiva longitudinal, segundo parâmetros distribucionais e especificações semântico-pragmáticas. Os valores são: significado compatível com *fonte* (estágio inicial, não concessivo), significado duplamente compatível com fonte e alvo (estágio intermediário), e significado compatível apenas com alvo (estágio final, concessivo). Outras decisões metodológicas são explicitadas e justificadas nas (sub) seções voltadas à análise.

5 A fonte multifuncional *bem*

O advérbio *bem* em português moderno (lat. adv. *bene* “bem, vantajoso, felizmente”) atua como um modificador multifuncional, de significação instrucional, cuja interpretação é fortemente dependente do contexto, de processos inferenciais e de relações de escopo (ILARI, 2002). Os vários usos de *bem* parecem preservar em alguma medida o significado etimológico de *avaliação positiva*, que é explorado para fins argumentativos. Diante do caráter múltiplo de *bem*, um desafio que se impõe no estudo da mudança é alcançar uma descrição mais fina das diferentes funções de *bem* que ajude a compreender seu recrutamento para a expressão de concessão. Aproximando-me dos estudos de Ilari (2002) e de Lopes (2004), sobre valores de *bem* no português brasileiro e europeu; de Hansen (1998)¹⁰, sobre *bien* do francês, e de König (1991), sobre partículas de foco, descrevi os padrões adverbiais de *bem*, considerando uma classificação tripartida, não discreta, em *modal*, *intensificador* e *focalizador*, que caracterizo e exemplifico a seguir com dados do *corpus* do português moderno:

1. *Advérbio modal*. Efetua modificação por meio do acréscimo de uma avaliação positiva acerca de um processo, estado ou qualidade, tendo em vista um determinado parâmetro. Pode ser parafraseado por *de modo positivo*, *satisfatório*. Nos dados, a ordenação do advérbio é bastante típica: quando qualifica verbos (como adjunto ou argumento), tende à posposição, conforme (5); quando qualifica adjetivos (em geral,

¹⁰ Hansen (1998) apresenta uma proposta de análise da polissemia de *bien*, do francês moderno, em que reconhece três funções centrais, como advérbio de modo, de intensidade e como partícula assertiva, e estabelece conexões sincrônicas entre as funções. Reúne argumentos de que a função de partícula assertiva equivale a uma contraparte marcada da negação.

adjetivos deverbais), tende à anteposição, conforme (6) e (7). Aceita intensificação, com *muito* e *tão* , como em (5) e (6), respectivamente; e opõe-se a *mal* (*sentir-se mal* ; *mal vestida* ; *mal tratadas*).

(5) E eu penso que Arlequim ha-de sentir-se muito **bem** em mãos macias e perfumadas (20-1/RA)

(6) (...) jamais vira a mulher tão bonita, tão **bem** vestida. (20-2/AVE)

(7) E odiava aquele velho de unhas **bem** tratadas, cheiroso (20-2/AVE)

2. *Advérbio intensificador* . Realiza modificação por meio do acréscimo de uma graduação que pode incidir sobre predicados, circunstâncias e qualidades inerentemente escalares. A partir de uma comparação implícita que pressupõe avaliação, *bem* indica grau mais alto, situa-se na margem superior de uma escala. Nesse padrão, *bem* aceita paráfrase com *muito* ou *bastante* , sua ordenação mais típica é à esquerda de adjetivos e de advérbios, conforme (8) a (10), ou à direita do verbo, conforme (11), e, diferentemente do qualificador modal, não se opõe a *mal* , mas pode intensificá-lo (p.e. *bem mal*).

(8) Antonio teve uma constipação **bem** forte, porem já está quasi bom. (20-1/CWL)

(9) E tenho a vida já **bem** cheia de aventuras D'amor (20-1/RA)

(10) Eu acordava **bem** cedo e eu era tão preguiçosa naquele tempo (20-2/AJ)

(11) (...) minha boca inchada sangrava, apertei **bem** os lábios (20-2/OCM)

A distinção entre o modal e o intensificador nem sempre é clara. A depender da natureza do predicado envolvido, é possível atribuir ambas as leituras a um mesmo dado, como, por exemplo, em *lavou bem as mãos* , em que *bem* admite leitura modal, na qual qualifica a lavação das mãos de maneira satisfatória, e leitura intensiva, na qual a lavação das

mãos atinge um nível de excelência em uma escala de possibilidades¹¹. Esse parece ser o caso de (11).

3. *Advérbio focalizador*. Realiza modificação por meio da singularização de uma porção de informação que se quer evidenciar ou precisar. À maneira de Ilari (2002), entendo que a manobra de focalização realizada por *bem* implica ‘operações de verificação’ que dependem de uma comparação com algum parâmetro explícito ou recuperável no contexto. As operações de verificação são várias e levam ao reconhecimento de tipos de focalização, seja na verificação de número; de identidade de indivíduos, lugares e tempos; de propriedades ou relações; de coincidência com um protótipo, e até na verificação de factualidade, em que, por um procedimento de demonstração, o advérbio tem a função de realçar a verdade e o compromisso com uma conclusão¹² e sugerir que não seria o caso de endossar outras opiniões (ILARI, 2002, p. 193). Nesses casos, *bem* pode incidir sobre o conteúdo de nomes, advérbios e verbos, aceitando paráfrase com *exatamente*, *realmente*, *justamente*, conforme (12) a (15). A ordenação prevalente é à esquerda.

(12) O cabelo dela era todo branco e num lugar, **bem** aqui perto da testa, tinha um pedaço de peruca preta toda cacheada. (20-2/AJ)

(13) A norma geral, **bem** se vê, é a da responsabilidade do proprietário. (20-2/RFD)

(14) “É **bem** capaz de estar gostando”, disse Ventura. (20-2/OCM)

¹¹ Lopes (2004) investiga, em perspectiva sincrônica, uma possível relação genética entre os usos modal e intensificador, em que a leitura intensiva teria resultado da modal via implicatura conversacional. A autora mostra diferenças distribucionais que sugerem especializações entre os dois padrões de uso, mas concentra-se no componente semântico comum, a existência de uma escala subjacente, que é qualitativa para o modal, quantitativa para o intensificador. Dados com adjetivos deverbais, em que as ambas as leituras são aceitáveis, como, por exemplo, *uma comida bem apurada* e *uma roupa bem torcida*, são tratados como evidência da transição.

¹² O subtipo focal ‘verificação de factualidade’, de Ilari (2002), aproxima-se do valor de partícula assertiva de *bien*, do francês, de Hansen (1998). Segundo a autora, com o advérbio de força assertiva, “le locuteur indique, de manière emphatique, son engagement vis-à-vis de l’existence de l’état des choses dénoté par la phrase” (HANSEN, 1998, p. 114) (“o locutor indica enfaticamente seu compromisso com a existência do estado de coisas denotado pela frase”).

- (15) Só estes elementos, **bem** perceberá o leitor atento, já servem para colocar em dúvida os ataques contra o escritor. (20-2/OCM)

Na expressão dos valores adverbiais de *bem*, são recorrentes o componente avaliativo e o cotejo implícito com opções e possibilidades, dentro de um certo padrão ou parâmetro, traços que corroboram uma abordagem polissêmica de *bem*. Conforme tendências discutidas anteriormente (cf. Seção 2), advérbios que realizam ênfase e focalização podem estar na origem de relações concessivas. Em particular, a função de focalização por meio do realce de factualidade, segundo Ilari (2002, p. 194), é polifônica: “(...) sugere-se que é possível fundamentar a afirmação na observação imediata dos fatos ou em premissas facilmente compartilhadas, e evocam-se, polifonicamente, opiniões divergentes”, e a *polifonia* é constitutiva das relações concessivas (cf. Seção 3).

6 A diacronia dos padrões funcionais de *bem*

A pesquisa na amostra longitudinal considerou inicialmente todos os padrões de *bem*, lexicais e gramaticais¹³. O mapeamento dos dados resultou em 7453 *tokens*, distribuídos por usos nominais, adverbiais e conjuncionais. As frequências dos diferentes padrões de *bem*, em perspectiva longitudinal, são apresentadas na Tabela 1, da qual destaco: i) o padrão adverbial é o mais frequente em todos os estados de língua¹⁴; ii) os usos conjuncionais (sinalizados pelas hachuras) são mais tardios, emergem na transição entre português médio e clássico; iii) *bem que* é a primeira perífrase documentada, seus registros são mais frequentes nos textos dos séculos XVIII e XIX e mais restritos no português moderno¹⁵;

¹³ A seleção dos dados cobriu os usos nominal, adverbial e conjuncional concessivo, desconsiderando outros usos conjuncionais (*nem bem*, *bem como*), interjetivos e as dezenas de expressões nominais em *bem*.

¹⁴ A frequência absoluta do padrão adverbial (1397 dados), no século XVII, destoa das frequências nos demais estados de língua, o que se explica, em grande parte, em função de determinados textos da amostra terem favorecido um número bem elevado de dados (cf. 17TFV, 17CCJ, 17CR, 17MRM). Contudo, observa-se que, apesar desse pico em números absolutos, a frequência relativa se mantém nos mesmos níveis.

¹⁵ Hoje, a concessiva com *bem que* é muito pouco usual. Porém, nos textos do século XX, em sequências dialógicas, são comuns usos inovadores de *bem que* para a expressão de um desejo, como em: *Geni, bem que você podia cantar um pouco pra mim* (20-2/AJ)

iv) *se bem* é documentada a partir dos textos do século XVII; e v) *se bem que* é posterior e prevalece hoje sobre as demais.

Tabela 1 - Frequências absoluta e relativa dos padrões de *bem* em perspectiva longitudinal

	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
<i>bem</i> Nome	68 (36%)	204 (33%)	264 (29%)	127 (17%)	286 (17%)	218 (23%)	165 (13%)	76 (8%)
<i>bem</i> Advérbio	120 (64%)	414 (67%)	656 (71%)	626 (83%)	1397 (82%)	675 (70%)	951 (76%)	918 (87%)
<i>bem que</i>	0	0	0	5 (< 1%)	2 (< 1%)	38 (4%)	97 (8%)	9 (< 1%)
<i>se bem</i>	0	0	0	0	22 (1%)	16 (2%)	2 (< 1%)	1 (< 1%)
<i>se bem que</i>	0	0	0	0	0	11 (1%)	34 (3%)	51 (5%)
Total	188 (100%)	618 (100%)	920 (100%)	758 (100%)	1707 (100%)	958 (100%)	1249 (100%)	1055 (100%)

Fonte: elaboração própria.

A pesquisa em gramáticas pretéritas do português, publicadas entre os séculos XVII e XIX, especificamente nas seções reservadas às classes de palavras e aos períodos compostos, mostrou que as primeiras referências a *bem que* e *se bem que* aparecem somente nas gramáticas do século XIX, o que confirma expectativas, considerando que, em geral, é extenso o período entre o surgimento de uma inovação gramatical, sua convencionalização e posterior registro. Em Ribeiro (1881, p.70), há menção a *si bem que* como exemplo de locução conjuntiva e sua utilização é frequente no próprio texto da gramática¹⁶. Em Barbosa (1822, p.348), há menção a *bem que* e *se bem que* no conjunto das várias ‘fórmulas conjuntivas’ em *que*, que, segundo o autor, “(...) todas nada tem de conjuntivo senão o *que* preparado e conduzido pelos nomes e advérbios, que o precedem nestas semelhantes formulas”.

Os dados de (16) a (23), a seguir, trazem exemplares de cada padrão de *bem*. Em (16) e (17), *bem* é nome que, frequentemente, requer alguma especificação; em (18) a (20), é advérbio que realiza diferentes tipos de modificação; em (21) a (23), *bem* é parte constituinte de juntores perifrásticos que expressam relações concessivas.

¹⁶ São dados de *si bem que* com valor restritivo, conforme os seguintes excertos: *O jacu femea – a onça macho*. “Macho” e “fêmea” são usados como adjetivos de dous gêneros, **si bem que** encontrem-se nos escriptos classicos portuguezes as variações “macha” e “femeo” (p. 81); *O uso de “cujo” como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é arkhaico* (p. 227).

- (16) A liberdade corporal he hũũ dos **beens** da natureza (15-1/OE)
- (17) O mór **bẽ** que neste mũdo tiue que foy a mãy desta moça (16-2/TSM)
- (18) Ele, tanto que a vio recebeu-a mui **bem** e abraçou-a, (15-1/DSG)
- (19) aly amdauam antreles tres ou quatro moças **bem** moças e **bem** jentijs (15-2/CC)
- (20) (...) eu **bem** ssey, que non devia, poy'lo ey por vós (14-1/CA)
- (21) O feu orgaõ da respiraçaõ, **bem que** até agora fenaõ tenha determinado, parece estar pofto na boca. (18-2/HP)
- (22) Durou esta pia comemoraçaõ cento e trinta e quatro anos, e pouco a pouco se foy reffriando, até que o Papa Gregorio IX a renovou, e lhe accrescentou as Ave Marias do meyo dia, **fe bem** he opinião de alguns, que Luis XI Rey de França, fora o infituidor delas (18-1/SVP)
- (23) (...) achãdo-se com huma única filha, a quem os Medicos no seu achaque não davaõ remedio, se foy com ella ao Ermitão, o qual como a visse lhe difficultou a cura, porém que faria tudo, o que soubesse para ella ter alguma melhora, **se bem que** o achaque necessitava de tempo, e de remedios continuados (18-1/DA)

Os dados apontam o período clássico como um momento importante da reorganização do sistema de concessão do português. Além da formação das perífrases em *bem*, o mapeamento nos dados desse período apurou ainda outras formas emergentes para concessão: a perífrase *apesar de (que)*, que deriva de uma experiência emocional negativa vinculada ao nome *pesar*; as perífrases *sem que* e *nem que*, que partem de fontes negativas e evoluem a nuances distintas de concessão; e a conjunção *embora*, que deriva de uma expressão de volição. A especialização e a competição entre as formas novas para concessão, além dos recursos já disponíveis desde o português antigo (como, por exemplo, *ainda que*, *posto que*), ajudam a explicar a frequência relativamente baixa de *bem que* e *se bem que*. O tratamento conjunto dos mecanismos emergentes de concessão, em viés onomasiológico, será feito em outro trabalho.

6.1 Estágio inicial: usos adverbiais de *bem* no português antigo

Como as primeiras ocorrências de perífrases concessivas em *bem* foram documentadas nos períodos médio e clássico, interessa o exame mais circunstanciado dos usos adverbiais de *bem* em tempos mais remotos, nos textos do português antigo. Para tanto, diante da alta frequência do padrão adverbial (cf. Tabela 1), procedi a uma análise qualitativa baseada em uma subamostra de dados obtida a partir da seleção aleatória de ocorrências de todos os textos da amostra do período. Submeti um total de 192 dados de *bem* à classificação tripartida exposta anteriormente e verifiquei que os três padrões de modificação já eram usuais no período antigo, com as seguintes frequências (Tabela 2).

Tabela 2: Padrões de modificação de *bem* em uma subamostra do português antigo

modal	intensificador	focalizador
75/192 39%	26/192 13%	91/192 47%

Fonte: elaboração própria.

No padrão modal, que perfaz 39% da subamostra, *bem* modifica principalmente verbos e alguns adjetivos, acrescentando em todos os casos um valor qualitativo modal. A distribuição sintática é similar àquela dos dados contemporâneos: quando modificador verbal, *bem* ocorre tipicamente à direita, conforme (24)-(26); quando modificador adjetival, à esquerda, conforme (27)-(28). Também são comuns ocorrências em que *bem* está em relação de coordenação com um advérbio em *-mente*, conforme (29), o que torna bem evidente o valor modal. Os dados mostram uma afinidade maior com verbos de ação (*fazer, servir, pesar, plantar, obrar, lavar, remar, vestir*), alguns de elocução (*aconselhar, dizer, cantar*) e movimento (*andar*).

- (24) Diz meu amigo que me serve **ben** e que ren non lhe nembra se non min (13-1/CA)
- (25) E Torismundo teve que o cõselhava **bem** sem nẽhũũ engano e porẽde fez o que lhe cõselharon (14-2/CGE)
- (26) (...) pera ssaberem sse os carneçeiros pessam **bem** a carne ponha-sse a ballança e pesos (15-1/LRE)

(27) E el foi pera la e vio-a seer mui fermosa e mui **bem** vistida
(14-1/NL)

(28) E contra o septentrion jaz a serra muy **ben** plantada de arvores
e de muytas villas (14-2/CGE)

(29) (...) sayrom a nós e receberom-nos muy **bem** e muy ledamente
(14-2/FS)

No padrão *intensificador*, menos frequente na subamostra (13% dos dados), *bem* atua essencialmente como um modificador de adjetivos, graduando para mais, em uma escala relevante de possibilidades, conforme (30) a (33). A indistinção entre modo e intensificação, sinalizada anteriormente, já se verificava no período antigo, como em (33), em que *correr bem* admite a leitura “correr de modo satisfatório, dentro do padrão esperado”, em acepção qualitativa modal, ou “bastante, muito”, em acepção de intensidade.

(30) (...) que se levanta **bem** fremosa asy como a Lũa (14-2/CI)

(31) (...) a crisma deue seer cuberta de pano de sirgo ou de linho **bẽ**
brãco (14-2/PP)

(32) (...) faziam grande fugueira de lenha **bem** seca (14-2/CGE)

(33) (...) e outrosi correr **bem** e saltar per pallanca (14-2/LM)

No padrão *focalizador*, o mais frequente (47% dos dados da subamostra), *bem* incide sobre termos, predicados e até sobre proposições inteiras, singularizando partes de informação que estão à sua direita, o que resulta, nos dados analisados, em pelo menos três dos efeitos postulados em Ilari (2002): especificação de um número, *bem XV mil*, em (34); identificação de um espaço, *bem aly*, em (35); ou reforço de uma asserção, como (36) a (41):

(34) E os Mouros eram **bem** XV mil de cavalo, e os de pee nom
havam conto (14-1/NL)

(35) (...) repentiu-ss' e foy perdon pedir logo, **ben** aly u peccador
sol achar (13-2/CSM)

- (36) A provar averey eu se poderey guarir sen a hir veer, pero **ben** ssey que o non ey de fazer (13-1/CAM)
- (37) Amygo sygue me e soterra o meu corpo depouys que eu morer. ca **bẽ** creio per deos ca ueras galardõ por êde (14-1/LMT)
- (38) – Senhor, ora podedes buscar quem na prove, ca eu nom meterei i mais mão, ca eu **bem** vejo que Deus nom ma quer outorgar. (15-1/DSG)
- (39) E **bem** ssabede que os mercadores nõ leixarõ as peças do muymento de marmor que britaran o sãto corpo iazia ante as leuaron conssgo (14-1/TSN)
- (40) (...) digo ainda asy: **bem** ssabedes vós, rainha senhor, que antre a cousa infiinda e a cousa fiinda nom he alghũa conperaçom. (14-2/CI)
- (41) (...) por que era sutil desputador, e em ditar, ainda que fosse huñ pouco alevantado, todavia era doce, em tal guisa que **bem** o poderias conehcer por dicipolo de Theofrasto (15-1/LO)

Enquanto reforço de força assertiva, *bem* põe em realce o compromisso do locutor com a verdade do enunciado e sua crença nas consequências futuras, conforme (36) a (38); ou assegura a validade de um conteúdo buscando neutralizar possíveis objeções do(s) outro(s), como parece ser o caso de (39) a (41). Trata-se de efeitos de sentido que resultam da interação entre o significado de *bem* focalizador e fatores contextuais diversos. Nesses contextos, conforme os dados analisados, *bem* participa de construções completivas com traços bastante previsíveis, em que: i) *bem* ocupa a oração nuclear e escopa seu conteúdo¹⁷; ii) o sujeito da oração nuclear é expresso em primeira ou segunda pessoa, a depender do efeito pretendido; iii) os predicados se realizam mais frequentemente com verbos de cognição (*saber, entender, compreender, crer*) e, em menor escala, com os de elocução (*dizer, jurar, aconselhar*) e volição (*querer, sofrer*); iv) os verbos da oração nuclear se realizam

¹⁷ O escopo amplo distingue o funcionamento de *bem* focalizador daquele do qualificador modal e do intensificador, bem como de outras manobras do focalizador, como em (34) e (35), cujo escopo é mais restrito. O alargamento do escopo é uma condição importante para a constituição do juntor (cf. Seção 6.3 e 6.4).

majoritariamente no presente do indicativo; e v) a polaridade negativa é bastante frequente na oração subordinada (cf. (36), (38), (39) e (40)).

A marcação enfática da verdade de um conteúdo implica a existência de possíveis razões para questioná-la, configurando-se, assim, um cenário dialógico, polifônico, em que convivem posições antagônicas¹⁸. Considerando que a emergência de juntores contrastivos é favorecida em contextos dialógicos (TRAUGOTT, 2010), os dados desta seção trazem algum respaldo empírico para a então suposta relação de derivação entre a função de afirmação enfática e o significado concessivo, relação que será examinada, de maneira circunstanciada, nas seções 6.3 e 6.4.

6.2 Estágio final: as perífrases concessivas em *bem*

Nesta seção, o foco está na caracterização das construções concessivas com *bem que* e *se bem (que)*, etapa importante para a posterior elaboração de explicações sobre seus percursos graduais de constituição. As frequências dos dados que se conformam ao padrão alvo concessivo, 288 *tokens* no total, são mostradas na Tabela 3, que é um recorte da Tabela 1. As perífrases partilham os seguintes traços: i) ocupam a margem esquerda do segmento concessivo; ii) têm escopo amplo; e, iii) têm significado instrucional, não composicional, de quebra de expectativas. Embora provável que *se bem* e *se bem que* sejam estágios de uma mesma trajetória de mudança, represento-as ainda separadamente, visando a apreender a cronologia e outros fatos relevantes à convencionalização com *que*.

Tabela 3: Perífrases conjuncionais de base em *bem* em perspectiva longitudinal

	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
<i>se bem que</i>	2 (11,80%)	2 (9%)	26 (24%)	87 (17%)	111 (27%)
<i>se bem</i>	0	22 (92%)	16 (23%)	2 (2%)	1 (2%)
<i>se bem que</i>	0	0	11 (17%)	24 (25%)	24 (24%)
Total	2 (11,80%)	24 (20%)	63 (24%)	113 (18%)	136 (18%)

Fonte: elaboração própria.

¹⁸ Posição assumida em Anscombe (1980, p.118): “(...) le simple fait que renforcer une assertion, c'est par là-même signaler que cette assertion avait besoin de l'être, et qu'elle pouvait donc être combattue. C'est de cette façon qu'une marque de renforcement devient une marque de concession”. (“(...) o simples fato de reforçar uma afirmação é em si uma indicação de que essa afirmação precisava ser reforçada e que, portanto, poderia ser contestada. É assim que um marcador de reforço se torna um marcador de concessão”)

A análise de fatores relativos à ordenação das orações, à realização modal da oração concessiva e ao tipo de relação concessiva – se *causa negada* ou *restrição* – permite apurar aproximações e diferenças entre os usos das perífrases. No que toca à ordenação do membro concessivo com relação à oração nuclear, conforme Tabela 4, os dados evidenciam que as três ordenações são possíveis: anteposição, posposição e intercalação. No entanto, as concessivas com *se bem* e *se bem que* mostram tendência mais acentuada à posposição, respectivamente, 71% e 68%. A posposição das concessivas se relaciona à manobra de concessão por restrição, em que, por razões lógicas, primeiramente um evento é verbalizado para então ter sua validade restrita (RUDOLPH, 1996).

Tabela 4: Correlação entre juntor e ordenação do membro concessivo

	anteposição	posposição	intercalação
<i>bem que</i>	52/151 (35%)	67/151 (44%)	32/151 (21%)
<i>se bem</i>	5/41 (12%)	29/41 (71%)	7/41 (17%)
<i>se bem que</i>	17/96 (18%)	65/96 (68%)	14/96 (14%)

Fonte: elaboração própria.

Com relação à informação modal de *indicativo* ou *subjuntivo*, parâmetro aplicado aos segmentos concessivos oracionais desenvolvidos¹⁹, a Tabela 5, em números absolutos, mostra que as orações com *bem que* estão mais relacionadas ao subjuntivo, as orações com *se bem*, com indicativo, e as orações com *se bem que* se associam a ambos os modos, com frequência maior de subjuntivo, corroborando Neves e Braga (2016) e Neves e Coneglian (2018), sobre estudos de *se bem que* no português moderno.

Tabela 5: Informação modal na oração concessiva em perspectiva longitudinal

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	Ind	Subj	Ind	Subj	Ind	Subj	Ind	Subj	Ind	Subj
<i>bem que</i>	0	5	0	0	8	13	17	49	1	6
<i>se bem</i>	0	0	14	0	17	0	1	1	0	1
<i>se bem que</i>	0	0	0	0	11	0	10	15	12	22

Fonte: elaboração própria.

¹⁹ As articulações de termos e de orações reduzidas são menos frequentes nos dados investigados. Para *bem que*: termo (28%), oração reduzida (6%), oração desenvolvida (66%); para *se bem*: termo (24%), oração reduzida (7%), oração desenvolvida (69%); e para *se bem que*: termo (21%), oração reduzida (6%), oração desenvolvida (73%).

Nos dados analisados, o subjuntivo não expressa a hipoteticidade que tradicionalmente lhe é atribuída, conforme mostram (42) e (43), em que claramente o escrevente conhece e afirma a verdade do conteúdo da concessiva. Nas ocorrências de *bem que* e *se bem que*, o uso do subjuntivo parece mais associado à marcação de uma irrelevância argumentativa do estado de coisas *p* para a asserção feita previamente em *q*.

(42) Aqui tudo vaee em paz. Ha vinte dias mais ou menos chove continuado, por isso ainda não pude terminar a terceira carpa, mas, vou carpindo com chuva, **si bem que** esteja mudando o mato. (20-1/CWL)

(43) O imperador mostra-se animadíssimo, **bem que** continue a envelhecer a olhos vistos (21-1/HGB)

No quadro das concessivas do português, o recuo de *bem que* é um fato significativo a ser esclarecido e os dados da Tabela 5 podem contribuir. Uma hipótese a ser considerada é a de Montero Cartelle (2000) sobre fatos da história das concessivas do espanhol. Segundo o autor, a seleção modal é relevante para a compreensão das condições que regem a manutenção e o desaparecimento de jutores nas línguas, pois tendem a permanecer aqueles com grau maior de versatilidade, não restritos a uma única realização modal. Para os dados de *bem que* parece, de fato, haver uma especialização com tempos do subjuntivo, já *se bem que* é mais versátil. De todo modo, são necessárias mais investigações.

Quanto aos tipos concessivos, ambas as construções com *bem que* e *se bem que* estão mais envolvidas com estratégias de restrição, pelas quais a informação trazida pelo segmento concessivo *p* relativiza, em termos argumentativos, o conteúdo da oração nuclear *q*, como em (44)-(46). Casos de concessão por causa negada são raros e mais associados a *bem que*, como em (47)-(48). A Tabela 6 correlaciona o tipo de jutor e a nuance concessiva.

Tabela 6: Correlação entre jutor e tipo de relação concessiva

	Causa negada	Restrição
<i>bem que</i>	10/151 (7%)	141/151 (93%)
<i>se bem</i>	0/41 (0%)	41/41 (100%)
<i>se bem que</i>	1/96 (1%)	95/96 (99%)

Fonte: elaboração própria.

- (44) (...) não teve outro remédio mais, que valer-se da fortaleza de Sagres, e desta maneira escapou, **bem q** com gradissimo dano (17-1/G)
- (45) As mezinhas eraõ taõ poucas, & os Surgioões taõ ruins, que os mais, morriaõ mais das curas, que dos golpes. **Se bem** cuidadolífillimos os Irmãos da Santa Cafã da Mifericordia, tratavão no Hospital com todo regallo aos Enfermos. (17-2/NL)
- (46) As acções de Alexandre, e Cefar, que estavaõ brevemente para fahir à luz no idioma Portuguez, ficaõ reservadas para serem obras pofthumas, e talvez que entaõ sejaõ bem aceitas; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de um morto; **fe bem que** pouco vale hum livro, quando para merecer algum suffragio, necessita que primeiro morra o seu Author (18-2/RSV)

Nos dados de (44) a (46), o conteúdo da concessiva retifica ou restringe o que é dito explicitamente no contexto prévio e/ou as suposições que dele podem ser extraídas, em um conflito de forças no qual, ao final, prevalece a asserção da oração nuclear, ainda que atenuada. Em (44), afirma-se que o sujeito se salvou em um combate, abrigoando-se em uma fortaleza, mas acrescenta que os danos foram enormes. Em (45), afirma-se que há poucos remédios e que os cirurgioões são ruins, de modo que os feridos morriam mais em razão do tratamento inadequado do que dos próprios ferimentos. Essa asserção leva à suposição de que o hospital não cumpria seu papel. No entanto, a asserção concessiva enfraquece a suposição ao acrescentar que o trabalho dos religiosos no hospital trazia beneficios aos enfermos. De modo similar, em (46), o conteúdo de *p* coloca em questão a relevância do que é posto em *q*, ou seja, que as obras póstumias podem ser bem aceitas apesar dos erros.

Já (47) e (48) são pautados na suspensão de uma implicação de causalidade recuperável no contexto discursivo. No primeiro, nega-se a implicação de que a pouca idade é incompatível com a obtenção de um doutoramento e, no segundo, nega-se a implicação de que a cegueira é empecilho à instrução e ao sucesso. Contudo, nesses casos, a quebra de expectativa decorre não só da negação da implicação, mas também da *suposição inferida* de que existe uma força determinante – ou *causa primordial*, nos termos de Pander Maat (1999) – que supera

as circunstâncias trazidas pela oração concessiva, fazendo prevalecer o conteúdo da nuclear. Em (47), a causa primordial é “o Sr. Frankilim tem uma inteligência excepcional” e, em (48), “a menina cega tem capacidade de superação e talento excepcionais”. Nesses termos, a presença do segmento concessivo aumenta a força argumentativa da construção complexa.

(47) O Sr. Frankilim, **bem que** muito joven ainda, é formado Doutor em Mathematicas! (19-2/ZA)

(48) Mas a Providencia, como querendo testemunhar a Haüy sua adesão a tão nobres sentimentos, conduziu a Paris em 1784 uma menina allemã, que, **bem que** cega desde a idade de dous annos, tinha recebido muita instrucção, e era tambem excellente musica (19-2/IMC)

As nuances concessivas, causal e restritiva, contêm uma negação inerente e essa negação instiga a inferência de suposições, que são respaldadas pelo cotexto prévio ou pelo contexto discursivo e que, quando colocadas em jogo, realizam esquemas argumentativos distintos. Fica evidente, portanto, o nível de envolvimento do locutor e o caráter essencialmente pragmático das relações concessivas. A convencionalização das duas perífrases como juntores concessivos especializados em relações restritivas, ou seja, em relações que atenuam, do ponto de vista argumentativo, o conteúdo da oração nuclear, é um fato importante a ser rastreado, juntamente com a função focal de *bem* (cf. Seção 6.1), no estudo da constituição do significado concessivo.

6.3 Estágios intermediários: a trajetória de mudança em *bem que*

No português antigo, são abundantes os usos de *bem* em contextos dialógicos, conforme (49)-(51), em que sua função é reforçar a crença sobre a verdade do enunciado. Nesse caso, a adesão do locutor ao conteúdo é elevada. Os contextos envolvem negativa explícita, como (49), presença de juntores contrastivos, como *mays*, em (50), e estruturas paralelas com esquema de refutação e correção, do tipo *nom p, senõ q*, em (51). Esses dados enquadram-se no padrão fonte, juntamente com (36)-(41), e neles ainda não há leitura concessiva.

- (49) A provar averey eu se poderey guarir sen a hir veer, pero **ben** ssey que o non ey de fazer, e d' esto mi ven morte (13-1/CAM)
- (50) (...) costume he *que* nêhũu mayordomo nõ deue costrenger nêgũu por deuida en forno nê en açougue nê en adegã saluo sse ffor ja julgado. mays pode **ben** por testaçõ sobre pan & sobre vinho & sobre carne & sobre toda-las outras cousas (13-2/DCS)
- (51) – **Bem** sey eu, Senhor, que este feito nom foy por al, senõ porque mi és ainda sanhudo e porque eu nõ quigi estar em mha ordem pera ti fazer serviço. (14-2/FS)

Compare esses dados com (52)-(54), a seguir, em que o advérbio enfático está em uma estrutura correlativa com *mas* e o complexo oracional *bem p*, *mas q* habilita uma leitura concessiva, ainda que de modo composicional. Diferentemente de (49)-(51), em (52)-(54), há dupla interpretação:

- (52) (...) depoy a molher **bẽ** pode alimpar se do pecado per pêdêça. mas nũca ã nehuũa guysa pode cobrar a virgindade nẽ a entegridade dela. (14-1/LMT)
- (53) E ele lhe respondeo: “(...) e vós, senhor, nom havedes d’haver batalha com condes, mais mandade i estes boos fidalgos de Portugal, com que tenho grandes dívidos, e eu irei i com eles e, ou eles vencerom, ou eu i morrerei com eles». El rei disse: «Entendo que taes sodes vós, que **bem** posso ser escusado desta fazenda por vós, mais eu quero i seer». (14-1/NL)
- (54) (...) e que muytos crem ã a raiz do calamo aromatico he a raiz do esquinãto, e tãbẽ diz ã outros tẽ que a raiz da gualanga he a do esquinãto, e que junco Aromatico, e calamo aromatico não deue de fer muyto deferentes por afemelhança dos nomes. or. **Bem** pode fer que todos os finaes de dioscorides nã quadrem ao esquinãto mas o esquinãto he ho mefmo ã sempre foy, (16-2/CSD)

Nessas estruturas, a leitura de concessão está pragmaticamente disponível a partir da contribuição conjunta de *bem* e de *mas*, envolvidos

em uma manobra argumentativa polifônica. Para explicá-la, baseio-me, em parte, em Rodríguez Somolinos (1995) e Rossari (2014), que descreveram *certes p, mais q*, do francês. Nas construções de dupla interpretação *bem p, mas q*, os segmentos *p* e *q* são conteúdos afirmados e apresentados com estatutos discursivos diferentes. O segmento *p* traz um conteúdo *aceito* pelo locutor, mas atribuído a outro(s) enunciador(es), enquanto o segmento *q* traz o conteúdo que é *endossado* pelo locutor. A distinção entre as noções de *aceito* e *endossado* é fundamental: o que é endossado tem um grau maior de importância do que o que é aceito; o endossado é focal (ROSSARI, 2014).

Nessa manobra, *bem* incide sobre *p*, seu papel é reforçar a verdade da asserção do outro, sinalizando aceitação e aumentando a carga de subjetividade da construção. Um conteúdo só pode ser *aceito* se ele está disponível no contexto ou no universo de conhecimentos partilhados, isso implica que *p* veicula uma *informação dada* que, nesse caso, é reativada pelo advérbio *bem*, via uma espécie de anáfora. Na outra parte da construção, *mas* indica que o conteúdo de *q* e as conclusões extraídas são mais decisivas e refletem a posição do locutor. Como resultado, a estrutura correlativa *bem p, mas q* expressa um raciocínio tipicamente concessivo, em que o locutor adere a um argumento, reforça sua validade, mas o enfraquece ou mesmo o descarta em favor de outro argumento.

O dado (52), extraído do *Livro dos Mártires*, obra que trata dos feitos e paixões dos santos, é parte de um relato dos dizeres de São Nereu sobre a importância da virgindade. Em *p*, o locutor aceita e enfatiza a possibilidade de uma mulher purificar-se do pecado por meio de penitências, algo plausível do ponto de vista institucional religioso, no entanto, ele endossa em *q* o fato de que a purificação é insuficiente para a recuperação da integridade da mulher. Em (53), o locutor (nesse caso, *o rei*, em discurso direto) resgata do discurso prévio do interlocutor a possibilidade de ser dispensado da empresa (*posso ser escusado desta fazenda por vós*), mas marca em *q* posição contrária à possibilidade então licenciada. Em (54), *bem* enfatiza em *p* a possibilidade de que os traços fornecidos por Dioscórides não sejam suficientes para enquadrar a raiz esquinanto, informação dada no contexto prévio; contudo, em *q*, ele endossa o fato de que a planta sempre apresentou as mesmas características.

A nuance concessiva nos dados de dupla interpretação é a restritiva, aquela que reúne argumentos que têm forças distintas para sustentar uma conclusão. A análise aplicada a esses dados mostra um

elo entre os significados fonte e alvo, que é central para a compreensão da origem diacrônica do significado concessivo: a afirmação enfática realizada por *bem*, que realça a aceitação da verdade e/ou da posição do(s) outro(s) e sugere que seria incorreto acatar opiniões contrárias, é só uma estratégia para a inserção subsequente da posição endossada; e, havendo um ranque entre posições ou opiniões, se instaura hierarquia argumentativa, traço característico das concessivas restritivas.

Os dois conjuntos de dados, relativos aos contextos fonte e dupla interpretação, mostram diferenças salientes que indiciam aspectos do percurso de mudança rumo a *bem que*. Embora *bem* tenha nos dois contextos o papel de enfatizar uma afirmação, o grau de adesão ao conteúdo afirmado é diferente em cada caso, é forte no contexto fonte e fraco na dupla interpretação. A adesão fraca ou nível menor de confiança em (52)-(54) se deve, sobretudo, ao valor epistêmico de possibilidade de *p*, realizada com modal *poder* + infinitivo. A possibilidade epistêmica é acordada com o outro, é concedida, antes de ser qualificada como menos relevante. Uma segunda diferença está no fato de que, no contexto fonte, o locutor apresenta-se como o responsável pelo conteúdo assertado, já no contexto de dupla interpretação, há inclusão de uma outra posição argumentativa. A terceira diferença está obviamente na inferência de concessão presente nos contextos duplamente compatíveis com fonte e alvo.

A inferência concessiva sustentada a princípio por uma estrutura de que *bem* participava foi absorvida por *bem que*, depois de convencionalizado com *que*, provavelmente na transição entre português médio e clássico, se especializou em veicular um significado instrucional de concessão. As primeiras ocorrências da perífrase, documentadas no século XVI, mostram *bem que* como palavra gramatical, que ocupa posição fixa na margem esquerda de *p*, que tem escopo alargado incidindo na conexão binária entre *p* e *q* e que fornece instruções sobre a interpretação da conexão entre *p* e *q*. No entanto, elas têm em *q* um traço remanescente da estrutura correlativa que suponho ser a fonte: a conjunção *mas*. Reproduzo duas ocorrências, em (55) e (56), ambas de um mesmo texto, o *Colóquios de simples e drogas da Índia*, do médico botânico Garcia de Orta. A obra é construída na forma de diálogo em que o Dr. Orta expõe seus conhecimentos a Ruano, um interlocutor imaginário.

(55) (...) e os físicos da Perfia e da Turquia que curã aquelle Rey que vos ja nomeey, me dixeram que Auicena era de hũa cidade chamada Bohchoraa, a qual cae em a prouincia dita Vzbeque, que he parte da Tartaria, que nos chamamos, ou dos Magores, como elles chamão qua: **bem que** Andreas Belunenfis chame a aquella parte Perfia, mas ifto he largo modo tomãdo a Perfia (porque Perfia he pequena regiam) e depois foubde de mercadores difcretos e curiosos que muito tempo moraram em Hormuz, e perguntey lhe que cidade era Bohchoraa, e me dixeram que caya na parte de Vzbeque. (16-2/CSD)

(56) (...) e per eftes dous nomes fam conhecidas eftas duas maneiras de cardamomo dos físicos Arabios e mercadores, e ambas ha na India, e a mayor quantidade he de Calecut ate Cananor, **bem q̃** em outras partes do Malauar ha aja, e na Iaoa, mas não he tanta quantidade nem tam branco da cafa... (16-2/CSD)

6.4 Estágios intermediários: a trajetória de mudança em *se bem que*

No português antigo, *bem* é frequente em construções condicionais, ora reforçando uma possibilidade trazida pela apódose, conforme (57), ora reforçando uma hipótese na prótase, conforme (58). São usos que se conformam ao padrão fonte, sem leitura concessiva.

(57) Pero se alguus dineyros *per* conta ou ouro ou prata en massa receber doutri <en> encomêda a peso, **ben** o pode usar e dar a outro tão como o *que* recebeu. (13-2/FRA)

(58) por assi ser humeda, que por esso corrigiria a sua compleixom, ca, se estes **bem** soubessem en como se faz por direyta natureza, non falarom en esta guisa (14-2/LM)

Nesse período, identifiquei um único dado de dupla interpretação, (59), em que *se* e *bem* estão contíguos, em um contexto que reúne assertividade, modalidade epistêmica e polaridade negativa. O advérbio *bem* enfatiza a verdade do conteúdo da prótase *p*, a real *possibilidade de semelhança*, enfraquecendo seu caráter hipotético, e o conteúdo

subsequente sugere a irrelevância dessa verdade, já que prevalece a afirmação de que não há coincidência entre os rastros encontrados e os das pequenas relas. O fato de a prótase codificar informação conhecida, já mencionada em enunciado prévio (*que todo o rastro pareça*) é fundamental para a produção da inferência de irrelevância frente ao conteúdo de *q*.

(59) (...) todo o rastro pareça também das unhas de diante como das reelas, sempre son alongadas da entrada do rastro e as reelas juntas e curtas e grosas, e o talho, quando o poem en terra que **se bem** possa parecer, **non** se ajuntam as reelas ao rastro con grande peça, ca tal talho he o do rastro do cervo. (14-2/LM)

Nos textos do português médio e clássico, são mais frequentes os casos de dupla interpretação entre condição e concessão. O mapeamento desses dados, nos séculos XVI ao XX, é apresentado em números absolutos na Tabela 7, que mostra também os dados do padrão alvo, realizados por *se bem* e *se bem que*, permitindo comparação. Dados de dupla interpretação e os primeiros usos concessivos aparecem associados somente a *se bem*, na primeira metade do século XVII. Eles antecedem a emergência de *se bem que*, documentada a partir do século XVIII, e se tornam escassos à medida em que *se bem que* ganha terreno no português moderno.

Tabela 7: Padrões de dupla interpretação (condição ~ concessão) e de alvo (concessão) de *se bem (que)*

	xvi-1	xvi-2	xvii-1	xvii-2	xviii-1	xviii-2	xix-1	xix-2	xx-1	xx-2
<i>se bem</i> dupla interpretação	0	0	17	16	6	3	0	0	0	0
<i>se bem</i> concessivo	0	0	3	19	5	11	0	2	0	1
<i>se bem que</i> concessivo	0	0	0	0	8	3	14	20	40	11

Fonte: elaboração própria.

Os dados de dupla interpretação com *se bem* são chave para explicação da mudança. Neles, o molde condicional²⁰ é aproveitado para

²⁰ Narbona Jiménez (1990, p.94) refere-se a esse recurso em espanhol, evidenciando seu uso desde a época medieval: *mas si él fue brauo, no falló flaco al outro*; conforme também Cortes Parazuelos (1993). Em português, Leão (1961, p.81) enumera os diferentes propósitos expressivos para os quais se usam períodos hipotéticos, dentre eles está a marcação de oposição entre fatos ou seres: *se há uma razão pessoal para não ceder ao calendário, sobram mil outras para obedecer-lhe*.

fins de contraposição, com enfraquecimento da implicação condicional e do valor hipotético da prótase *p* em favor da expressão de contraste. Para tanto, as construções exigem arranjos contextuais específicos que, nos dados em análise, compreendem a ordenação das orações, com necessária anteposição da prótase, os paralelismos estruturais com opostos lexicais, a bipolaridade ou correlações enfáticas do tipo *bem... (muito) melhor*. Dadas as especificações contextuais, foi possível distinguir três conjuntos de dados de dupla interpretação com *se bem*.

Um conjunto abarca dados que mostram paralelismo estrutural, como (60) e (61). No primeiro, defende-se o ponto de vista de que os noviços têm seus estudos prejudicados em razão das várias obrigações e ocupações que eles têm de cumprir, por regra, na casa onde moram. Por meio de dois predicados paralelos com *ser*, a condicional *se* equaciona aspectos favoráveis e desfavoráveis. A presença de *bem* em *p* reforça a adesão do escrevente à *observância*, à submissão às regras da casa, no entanto, em *q*, argumenta que as regras comprometem o estudo, corroborando o argumento inicial. A construção admite paráfrase com ‘embora sejam todas em favor da observância, são contrárias ao estudo’, em que a oração concessiva antecipa uma possível objeção. Interpretação similar vale para (61), que cria uma compensação: os indivíduos eram incapazes de fazer oposição, mas tinham a função considerável de atuar na vigilância.

(60) Pesando-se tudo, parece que nem o mais aturado estudante desta Ordem pode dizer que estuda muito. Pois que diremos, se considerarmos que, sendo a força do estudo dos principiantes dos dezasseis até os vinte cinco anos, não sejam isentos por essa razão de nenhũa das obrigações de casa de noviços, na qual, além das gerais, há outras ocupações, que, **se bem** são todas em favor da observância, são em todo contrárias e distractivas do estudo. (17-1/VFB)

(61) Donde incitados do próprio animo, passaraõ á guerra de Parnambuco; fendo naquella Freguesia as pelloas de mais qualidade, & mais grossas fazendas, para com a despêsa, & o respeito, levantarem algũas Companhias, & Capitães de embofcadas, dos mefmos Moradores. Que **se bem** incapazes de fafer opposição, serviriaõ de sentinellas, dando rebate das sahidas que facilitava ao Inimigo, o feu Forte de Oranje. (17-2/NL)

No segundo conjunto de dados, conforme (62) e (63), as construções têm uma negativa explícita na apódose *q*. Do ponto de vista argumentativo, *bem* modifica a prótase, conferindo assertividade, e a negação da apódose compõe o argumento decisivo. São prótases sem valor hipotético, realizam-se com pretérito.

(62) (...) & escondido delle, tratou com o pouo & claeiro, o como o faria facerdote, & o pouo poz guardas ás portas da cidade, indo Santo Agoftinho a ella, para que lhes não fugiffe; & **fe bem** recuzou o facerdocio, não refiftio menos ao Bispado como elle affirma de fy. (17-1/TFV)

(63) No tocante à etymologia de *Feria*, faõ varios os pareceres. Huns derivaaõ esta palavra da immolaçaõ das victimas, *A victimis feriendis*, mas tem fuas duvidas esta derivaçaõ, porque **fe bem** havia sacrificios nos dias de Férias, como tambem fe não trabalhava nas festas dos sacrificios, não eraõ as Férias propriamente destinadas para sacrificar, nem taõ pouco os sacrificios para não trabalhar; de mais difto havia Ferias, em que fe não fazia nenhum sacrificio. (18-1/SVP)

O terceiro conjunto, conforme (64)-(66), diz respeito a contextos condicionais em que *bem* é parte de uma correlação enfática com outro advérbio (*bem... melhor; bem... ainda/muito melhor*) e ambos os advérbios sinalizam valores positivos em uma possível escala avaliativa. Diferentemente dos outros casos discutidos, aqui o padrão de *bem* é o intensificador. Na escala avaliativa, *bem* aumenta a importância do conteúdo da prótase e *melhor* acentua a superioridade do conteúdo da apódose, conformando-se a um raciocínio concessivo em que algo importante é tido como insuficiente. Nesse conjunto, são recorrentes verbos nos pretéritos do indicativo e frequentemente a construção é seguida por uma justificativa.

(64) Aqui nam pode o enfermeiro refiftir mais, vendo o charitatiuo offercimento do Padre, que **fe bem** o disse por palaura, **muito melhor** o executou por obra. (17-1/CCJ)

(65) Verdade he foy tempo, em que S. Agoftinho ajudou a rafgar & a romper a Igreja, por meo da heregia dos Manicheos, porem **fe bem** a rafgou, **melhor** a concertou, & refituiu: porq affy como entrando Iacob em caza de Labão lhe crescerão os bês, affy em entrando S. Agoftinho na Igreja, os bens espirituaes forão em grande abundancia, & crecimêto. (17-1/TFV)

(66) Isto he o *que* tem precedido; e elle **Se bem** o dise **melhor** o fez, por *que* alem de Se recolher á sua *fazenda* fuzpendeo atodoz os escriuains *que* há nesta *Villa* e alCayde; (18-1/PRA)

Nos três conjuntos, a composicionalidade de *se bem* é favorecida pela anteposição da prótase e evidenciada pela possibilidade de omitir *bem* sem invalidar a construção. O que se ganha com a inserção de *bem* é qualidade na argumentação, seja na sinalização de concordância e aderência, seja na intensificação escalar. Verbos no pretérito e o estatuto de informação dada atuam no enfraquecimento da condicionalidade, ao mesmo tempo em que a polaridade negativa, os paralelismos e o léxico antagônico sustentam processos inferenciais que expressam contraposição com base na gradação e hierarquia entre argumentos para uma conclusão. Esses dados de dupla interpretação convivem com dados de *se bem* reanalisado em perífrase, em que prevalece o valor alvo, como (22) e (45), mencionados anteriormente, e (67) e (68), a seguir, em que o conteúdo introduzido por *se bem* restringe o conteúdo da oração nuclear. A ordenação das orações, em particular, parece ter um papel bem importante: os dados de dupla interpretação condição ~ concessão estão sempre em anteposição; os concessivos, sempre em posposição.

(67) Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade repetida, **se bem** menos escura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que espalha as nuvens (17-2/AF)

(68) A cabeça, que he alongada, parece eftar provida de quatro pontas, ou tenteadores carnudos, **fe bem** a natureza não lhe deo mais que dous, que fe pollãõ, propriamente falando, chamar tenteadores (18-2/HP)

7 Considerações finais

Este trabalho trouxe alguma explicação sobre os processos de gramaticalização das construções complexas com *bem que* e *se bem que*, que ampliaram o sistema de concessividade no curso do português clássico. Os dados forneceram indícios de que das multifunções do advérbio *bem* a afirmação enfática teve papel determinante na mudança, corroborando evidências tipológicas de que partículas que conferem assertividade são fortes candidatas à expressão de relações concessivas. Indiciaram também que, além da propensão da fonte, a mudança requer outras condições, sobretudo relacionadas à natureza dos contextos de uso.

A pesquisa longitudinal sugeriu que os processos de mudança dependeram de arranjos particulares entre afirmação enfática e traços contextuais específicos. São esses arranjos que habilitaram a inferência de novos significados. No caso de *bem que*, a estrutura correlativa polifônica *bem p, mas q* parece estar na origem da derivação histórica, ao estabelecer relações contrastivas entre conteúdos aceitos e endossados, criando hierarquias argumentativas. No caso de *se bem que*, a afirmação enfática (às vezes, a intensificação escalar) é combinada à condicionalidade. São contextos em que há, de um lado, enfraquecimento da implicação causa/efeito e do caráter hipotético da condicional, o que se deve à atuação de *bem* e ao estatuto *dado* da prótase; de outro, há uma série de correlatos que alimenta o contraste. A irrelevância que resulta da prótase é tomada como argumento menos favorável que, mais tarde, se torna um dos traços codificados na semântica de *se bem que*.

Essas explicações ganham em plausibilidade quando comparadas às pesquisas acerca de *bien que*, do francês e do espanhol, em que se verifica que os desenvolvimentos são bastante similares; e ainda quando consideramos as conexões existentes entre os contextos que sustentam pragmaticamente leituras concessivas e o tipo de significado concessivo resultante. As instruções inerentes às perífrases *bem que* e *se bem que* privilegiam o tipo restritivo, fundado em uma relação hierárquica entre posições argumentativas.

Agradecimentos

Agradeço o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 308466/2020-9, e o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2020/02285-6.

Referências

ANSCOMBRE, J. C. Marqueurs et hypermarqueurs de dérivation illocutoire: notions et problèmes. *Cahiers de linguistique française*, Genebra, v. 3, p. 75–124, 1980.

BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

CASTRO, I. *A estrada de Cintra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017.

COMPANY CAMPANY, C. Sintaxis histórica y tradiciones discursivas. In: LOPEZ SERENA, A. et al. (eds.). *El Español a través del tempo: estudios ofrecidos a Rafael Cano Aguilar*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2016. p. 385-413.

CORTES PARAZUELOS, M. E. *La expresión de la concesividad en español*. 1992. 389f. Tese (Doutorado em Filologia Românica - Faculdade de Filologia, Universidade Complutense de Madrid, 1992.

CORTES PARAZUELOS, M. E. Bipolares al servicio de la concesividad: causales, condicionales y adversativas. *VERBA*, Santiago de Compostela, v. 20, p.221-254, 1993.

DETTGES, U.; WALTEREIT, R. Diachronic pathways and pragmatic strategies: different types of pragmatic particles from a diachronic of view. In: HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. (eds.). *Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics*. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2009. p. 43-61. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004253216_002

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

GAST, V. A corpus-based comparative study of concessive connectives in English, German and Spanish. In: LOUREDA, O. et. al. (eds.). *Empirical Studies of the Construction of Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019. p.151-191. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.305>

HANSEN, M. M. La grammaticalisation de l'interaction, ou, Pour une approche polysémique de l'adverbe 'bien'. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, Orleans, v. 4, p. 111-138, 1998.

HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988. p. 71-99. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.18>

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*, vol. II, 4a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.181-198.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Editora da UFBA, 2006. p.505-527.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English: diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, v. 66, p.1-19, 1985a. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(85\)90240-2](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2)

KÖNIG, E. Where do concessives comes from? On the development of concessive connectives. In: FISIAK, J. (ed.). *Historical semantics – Historical word-formation*. Berlin: De Gruyter, 1985b. p.263-282. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110850178>

KÖNIG, E. Concessive connectives and concessive sentences: cross-linguistic regularities and pragmatic principles. In: HAWKINS, J. (org.). *Explaining language universals*. New York: Basil Blackwell, 1988. p. 145-166.

KÖNIG, E. *The meaning of focus particles: a comparative perspective*. London/New York: Routledge, 1991.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/New York: De Gruyter, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110812428>

LATOS, A. Concession on different levels of linguistic connection: typology of negated causal links. *Newcastle Working Papers in Linguistics*, Newcastle, v. 15, p. 32-103, 2009.

LEÃO, A. V. *O período hipotético iniciado por 'se'*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1961.

LOPES, A. C. M. A polifuncionalidade de 'bem' no PE contemporâneo. In: SILVA, A. S. et al. (orgs.). *Linguagem, cultura e cognição*. Coimbra: Almedina, 2004. p. 433-457.

MAURI, C.; AUWERA, J. Connectives. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (eds). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 377-401. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139022453>

MOESCHLER, L.; SPENGLER, N. La concession ou la refutation interdite: approches argumentative et conversationnelle. *Cahiers de linguistique française*, Genebra, v. 4, p. 7-36, 1982.

MONTERO CARTELLE, E. La importancia del modo en la evolución de la expresión concesiva. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPANOLA, 5, 2000, Valencia. *Actas...* Gredos: Valencia, 2000. p. 795-801.

NARBONA JIMÉNEZ, A. *Las subordinadas adverbiales impropias en español*. Málaga: Librería Ágora, 1990.

NEVES, M. H. *Gramática de usos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H.; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M. H. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 123-166.

NEVES, M. H.; CONEGLIAN, A. V. L. O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexa numa visão cognitive-funcional da linguagem. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, p.9-27, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-6esp1337>

PANDER MAAT, H. Two kinds of concessives and their inferential complexities. In: KNOTT, A. et al. (eds.). *Levels of representation in Discourse*. Edinburgh: Human Communication Centre, 1999. p. 45-54.

PÉREZ SALNAYA, M.; SALVADOR, V. Oraciones concesivas. In: COMPANY COMPANY, C. (ed.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. México: FCE, 2014. p. 3699-3839.

RIBEIRO, J. *Grammatica portuguesa*. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1881.

RIVAROLA, J. L. *Las conjunciones concesivas en español medieval y clásico*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1976.

RODRÍGUEZ SOMOLINOS, A. Certes, voire: l'évolution sémantique de deux marqueurs assertifs de l'ancien français. *Linx*, Paris, v. 32, p.51-76, 1995. DOI: <https://doi.org/10.3406/linx.1995.1374>

ROSSARI, C. How does a concessive value emerge? In: GHEZZI, C.; MOLINELLI, P. (eds.). *Discourse and pragmatic markers from latin to the romance languages*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 237-260. DOI:10.1093/acprof:oso/9780199681600.001.0001

RUDOLPH, E. *Contrast: adversative and concessive expressions on sentence and text level*. Berlin/New York: De Gruyter, 1996.

SQUARTINI, M. Evidentiality in interaction: the concessive use of the Italian Future between grammar and discourse. *Journal of Pragmatics*, v. 44, p. 2116-2128, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.09.008>

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>

TRAUGOTT, E. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. et al. (eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon*. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 11-27. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110220339>

TRAUGOTT, E. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. M. (eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.549-566.

WALTEREIT, R. On the origins of grammaticalization and other types of language change in discourse strategies. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2012. p.51-72. DOI: <https://doi.org/10.1075/slcs.130>

Anexo. Amostra Diacrônica

Século XIII

1a.metade: Notícias de Torto (13NT); Cantigas de amigo (13CA); Testamento de D. Afonso II (13TDA); Cantigas de amor (13CAM).

2a.metade: Cantigas de Santa Maria (13CSM), Foro Real de Afonso X (13FRA), Dos Costumes de Santarém (13DCS); Documentos Notariais (13DN), Tempo dos Preitos (13TP), Chancelaria D Afonso III (13CDA).

Século XIV

1a.metade: A arte de Trovar (14AT), Foros de Garvão (14FV), Dos Costumes de Santarém (14DCS), Vidas de Santos (14VS), Narrativas de Linhagem (14NL), Cantigas de amor (14CA), Textos Notariais (14TN), Chancelaria D. Afonso (14CDA), Livro do Mártires (14LMT), Trasladação de S. Nicolau (14TSN).

2a.metade: Crônica Geral de Espanha (14CGE), Livro da Montaria (14LM), Corte Imperial (14CI), Primeira Partida – Alphonse X (14PP), Flos Sanctorum (14FS).

Século XV

1a.metade: Orto do Esposo (15OE), Livro dos Ofícios (15LO), Demanda do Santo Graal (15DSG), Livro da Ensinança de bem cavalgar (15LEC), Leal Conselheiro (15LC), Crônica D. Pedro I (15CDP), Penitencial (15P), Livro do Regimento Évora (15LRE).

2a.metade: Tratado de Confissão (15TC), Carta de Caminha (15CC), Sacramental (15S), Livro das três virtudes (15LTV), Crônica Del-Rei D. Dinis (15CDD), Crônica D. Afonso (15CDA), Castelo Perigoso (15CP), Dia do Juízo (15DZ), História de Vespasiano (15HNV); Livro de naturas (15LN).

Século XVI

1a. metade: Regra de São Bento (16OSB); Documentos Mosteiro de Chelas (16MC); Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (16CAH); Ordem de Santiago (16OST); Ordenações da Índia (16OI); Cartas D. João III (16CDJ); Teatro Antonio Chiado (16TC); Livro das constituições e costumes (16LCC); Gramática de João de Barros (16GJB); Diálogo da viçosa vergonha (16DVV); Da Pintura antiga (16DPA).

2a. metade: História da cidade de Évora (16HCE); Arte da guerra do mar (16AGM); Teatro Sá de Miranda (16TSM); Peregrinação (16P); Teatro de Gil Vicente (16TGV); Colóquios dos simples e drogas da Índia (16CSD); Leis e provisões (16LP); Regras gerais das festas (16RGF); Décadas (16D); História da Província de Santa Cruz (16HSC); Regras da Cia de Jesus (16RCJ).

Século XVII

1a. metade: Trattado das festas e vida dos santos (17TFV); A vida de Frei Bartolomeu (17VFB); Arte da língua Brasilica (17ALB); Discursos vários políticos (17DP); Jornada dos Vassalos da Coroa (17JVC); Advertências espirituais (17AE); Da Monarchia Lusitana (17ML); Auto das padeyras (17AP); Gazeta (17G); Chronica delrey Dom Joam (17CRJ); Chronica da Companhia de Jesus (17CCJ); Corte na Aldeia e noites de inverno (17CNA).
2a. metade: Cartas de Padre Vieira (17CPV); Arte de furtrar (17AF); Relaçam diária do sitio (17RDS); Compendio de muitos e variados remédios (17CR); Vida do venerável padre Anchieta (17VVP); Diálogos de varia história (17DVH); O Fidalgo aprendiz (17OFA); Nova Lusitânia (17NL); Maria Rosa Mística (17MRM); Palavra de Deos empenhada (17PDE); Serman da Quaresma (17SQ); Cartas José Brochado (17CJB).

Século XVIII

1a. metade: Por rumos na agulha (18PRA); Cultura e Opulência do Brazil (18COB); Apologia a favor de Padre Vieira (18APP); Auto novo e curioso (18AN); Suplemento ao vocabulário português (18SVP); Carta de aldeamento de índios (18CAI); História da América Portuguesa (18HAP); Folhetos de ambas Lisboas (18FAL); Sucesso da destruição do Porto (18SDP); Desengano dos allucionados (18DA); Theatro cômico portuguez (18TCP).
2a. metade: Reflexões sobre a vaidade (18RSV); Coleção dos principais sermões (18CPS); Diálogo sobre vício no jogo (18DVJ); Málaca conquistada (18MC); Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo (18DCS); Cartas Pina Manique (18CPM); Nova Palestra (18NP); Tragédia do Marquez de Montua (18TMM); Cuidados para o aceio da boca (18CAB); Helminologia portuguesa (18HP); Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Bella (18DGQ).

Século XIX

1a. metade: Cartas brasileiras (19CB); Ensaio sobre perigos das sepulturas (19EPS); Sangue limpo (19SL); E o preços eram commodos - anúncios de jornais (19AJB); Perigos do ananismo (18PA); Cartas de leitores de jornais (19CL); Compêndio de aritmética (19CA); O cozinheiro imperial (19OCI); O cavalleiro teutônico (19CT); Lições de boa moral (19LBM); Tratado descritivo do Brazil (19TDB).
2a. metade: Instituto dos meninos cegos de Paris (19IMC); História e descrição da febre amarela (19DFA); Zaira Americana (19ZA); Romances e novelas (19RN); Phisiologia das paixões e afecções (19FPA); Luxo e vaidade (19LV); Notícias para história e geografia das nações ultramarinas (19NHG); Feira dos anexins (19FAX); Novellas do Minho (19NM); Do princípio e origem dos índios (19POI); Cartas para Cícero Dantas Martins (19CCM).

Século XX/XXI

1a. metade: Brasil Marcial (20BM); Cartas sem moral (20CSM); Correspondência passiva de Washington Luiz (20CWL); D. João VI no Brasil (20DJ); Revista Arlequin (20RA); Memória Sargento de Milícias (20MSM); A arte culinária da Bahia (20ACB); Livro das Noivas (20LN); Compêndio narrativo peregrino (20CNP); O café na história e no folclore (20OCH); História dos feitos no Brasil (20HFB); Portugal o mediterrâneo e o Atlântico (20PMA).

2a. metade: História das bandeiras paulistas (20HBP); Cangaceiros e fanáticos (20CF); Contos populares e lendas (20CPL); Abre a janela e deixa entrar o ar (20AJ); O cão siamês (20CS); O caso Morel (20OCM); Revista da Faculdade de Direito (20RFD); A vida como ela é (20AVE); Roteiro de filme Memórias Póstumas (20FMP); História geral da civilização brasileira (21HGB); Língua portuguesa falada na cidade de São Paulo (21LPP).



As figuras na argumentação: o caso do debate eleitoral de 2018

The Figures in Argumentation: the Case of the 2018 Electoral Debate

Renan Mazzola

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

mazzola.renan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4124-3522>

João Kogawa

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo / Brasil

kogawa@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>

Resumo: Neste trabalho, analisamos as figuras de retórica que equipam a argumentação de seis candidatos à presidência da república no contexto dos debates pré-eleitorais da corrida presidencial de 2018. Partimos da hipótese de que as figuras (*ornatos*, em latim) não são somente enfeites da linguagem, mas verdadeiros equipamentos de persuasão. Elaboramos, para este fim, três perguntas de pesquisa: a) como as figuras equipam a linguagem? b) de que forma as figuras podem construir a persuasão no discurso deliberativo político? c) como as figuras integram tipos de argumentos para equipá-los? Fundamentamos nossa pesquisa nos domínios da retórica, da argumentação e do discurso, particularmente nas obras de Aristóteles (2013), Barthes (2001), Perelman e Tyteca (2014), Fiorin (2020), Plantin (2008), Amossy (2020), Abreu (2009), Ferreira (2015) e Courtine (1990). Metodologicamente, a pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa. Nosso *corpus* é composto por recortes dos discursos dos seis candidatos à república no debate pré-eleitoral televisionado da RedeTV, realizado em 17 de agosto de 2018 e disponível no canal da emissora na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube. No que se refere aos resultados, demonstramos que a presença de determinadas figuras de retórica – como a metáfora, a metonímia, a personificação, a comparação, etc. – contribuíram para a intensificação da argumentação desses candidatos, aumentando a eficácia dos argumentos e, conseqüentemente, contribuindo para a adesão dos espíritos.

Palavras-chave: retórica; argumentação; debate; persuasão; polêmica.

Abstract: In this paper, we analyze the rhetorical figures that equip the arguments of six candidates for the presidency of the republic in the context of the pre-electoral debates of the 2018 presidential race. We assume that figures are not only ornaments of language, but real persuasion equipment. For this purpose, we developed three research questions: a) how do figures equip language? b) how can figures build persuasion in deliberative political discourse? c) how do figures integrate argument types to equip them? We base our research in the domains of rhetoric, argumentation and discourse, particularly in the works of Aristotle (2013), Barthes (2001), Perelman and Tyteca (2014), Fiorin (2020), Plantin (2008), Amossy (2020), Abreu (2009), Ferreira (2015) and Courtine (1990). Methodologically, the research has a bibliographic-documental character, of a descriptive and explanatory nature. Our corpus is composed of excerpts from the speeches of the six candidates for the republic in the televised pre-election debate on RedeTV, held on August 17, 2018 and available on the video sharing platform Youtube. With regard to the results, we demonstrate that the presence of certain figures of rhetoric - such as metaphor, metonymy, personification, comparison, etc. - contributed to the intensification of the arguments of these candidates, increasing the effectiveness of the arguments and, consequently, contributing to the adhesion of spirits.

Keywords: rhetoric; argumentation; debate; persuasion; controversy.

Recebido em 14 de setembro de 2021

Aceito em 12 de dezembro de 2021

1 Introdução

A retórica surgiu na Antiguidade grega em meados do século V a.C. Esta retórica – cuja sistematização se deve principalmente a Aristóteles – dissolve-se gradualmente em função de algumas restrições que sofre ao longo da história, até enfraquecer-se completamente no mesmo momento em que a Europa assistia ao nascimento da Linguística Moderna, com o *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (2002). O edifício retórico era construído, na Antiguidade, a partir de quatro etapas, e estas etapas constituíam seu sistema: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *actio*. A partir da Idade Média, passando pelo Classicismo até o século XIX, os estudos retóricos restringiram-se gradualmente à etapa

da *elocutio* (elocução), privilegiando a investigação sobre as figuras da linguagem. Isso fez com que a retórica fosse assemelhada à tropologia. As figuras de linguagem eram estudadas sobretudo no âmbito da estilística e da versificação, e sua inscrição nesses campos constrói a ideia de que as figuras são elementos de “enfeite” apenas.

Para nosso trabalho, partimos da hipótese de que as figuras (*ornatos*, em latim) não são somente enfeites da linguagem, mas verdadeiros equipamentos de persuasão, contribuindo para a efetividade da argumentação. Essa questão é encontrada em Fiorin (2020, p. 27):

Começamos por entender o significado de *ornatos* em latim: O *ornatos* latino corresponde ao grego *kósmos*, que é o contrário de caos. *Ornamentum* significa “aparelho, tralha, equipamento, arreios, coleira, armadura”. Só depois que quer dizer “insígnia, distinção honorífica, enfeite”. No *De Bello Gallico*, deve-se traduzir a passagem *naves [...] omni genere armorum ornatissimae* (III, XIV, 2) como “navios equipadíssimos de todo tipo de armas”.

Considerando, então, as figuras como “equipamentos” e não apenas como “enfeites”, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa: a) como as figuras equipam a linguagem? b) de que forma as figuras podem construir a persuasão no discurso deliberativo político? c) como as figuras integram tipos de argumentos para equipá-los? Orientados por essas questões, propomos uma análise de figuras que equiparam a argumentação no contexto de debates pré-eleitorais na corrida presidencial de 2018.

Os debates pré-eleitorais constituem um gênero discursivo produtivo para o estudo dos discursos argumentativos, pois neles os candidatos assumem papéis, como o de Proponente (P) e o de Oponente (O). Nesses debates televisionados, existe também o papel do Terceiro (T), segundo o modelo dialógico da argumentação de Plantin (2008), essencial para a constituição das estratégias de argumentação de cada uma das partes.

Para Amossy (2020, p. 224), “De Aristóteles a Quintiliano, da *Retórica* a *Herennius*, ou a Cícero, considera-se que as figuras contribuem para conquistar a adesão do auditório.” As figuras, nesse sentido, são ferramentas que podem promover a adesão se bem utilizadas, adequadas ao auditório, ao contexto, às formas de acordo e ao tom do discurso.

Roman Jakobson, na tradição da linguística moderna – em sua obra *Essais de linguistique générale* (1963) – associa os eixos

paradigmáticos e sintagmáticos saussureanos aos processos metafóricos e metonímicos, respectivamente, em uma tentativa de descrever os processos mentais fundamentais que são a similaridade e a contiguidade. (FIORIN, 2020).

O *corpus* mais amplo de nosso trabalho constitui-se dos cinco debates realizados pelas emissoras de tevê brasileiras antes do primeiro turno das eleições. Selecionaremos, para este estudo, os trechos do debate realizado pela RedeTv em 17 de agosto de 2018 (cf. REDETV, 2018). Nesses trechos, focalizaremos os argumentos compostos por figuras de linguagem.

Fundamentamos nossa pesquisa nos domínios da retórica, da argumentação e do discurso. No que concerne aos princípios de retórica e à sua história, recorreremos à *Retórica* de Aristóteles (2013) e à “Antiga retórica” de Barthes (2001). Com relação aos tipos de argumentos, recorreremos principalmente ao *Tratado da argumentação* de Perelman e Tyteca (2014). No que diz respeito às figuras, fundamentamo-nos mais fortemente na obra *Figuras de retórica*, de Fiorin (2020). Outras obras da área, ainda, são mobilizadas neste artigo como as de Plantin (2008), Amossy (2020), Abreu (2009) e Ferreira (2015).

A pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, uma vez que objetiva selecionar, recortar, descrever e analisar os dados, com base em referenciais teórico-metodológicos dos campos da retórica, da argumentação e do discurso. Com relação às fontes, o presente artigo trabalhará com fontes diretas – o *corpus* propriamente dito – derivado de documentos audiovisuais compostos por enunciados políticos que circulam nos grandes portais de notícia brasileiros e em plataformas de compartilhamento de vídeos. No que se refere aos resultados, a pesquisa trabalhará com a perspectiva qualitativa, realizando análises sobre estruturas linguístico-discursivas atreladas aos mecanismos retóricos e argumentativos.

Este artigo é dividido em seis partes, além desta introdução e das considerações finais: a primeira parte, intitulada “As figuras na história dos estudos retóricos”, trata do lugar ocupado pelo estudo das figuras ao longo do nascimento, do desenvolvimento, do enfraquecimento e do renascimento dos estudos retóricos. A segunda parte, intitulada “A nova retórica”, apresenta a obra de Perelman e Tyteca e a maneira pela qual eles abordam as figuras. A terceira, intitulada “O modelo dialógico da argumentação” apresenta os papéis actanciais dos discursos

argumentativos, especialmente no gênero debate televisionado. A quarta parte, intitulada “Mutações do discurso político: o espetáculo digital”, discute as mudanças observadas pelo discurso político em função da popularização dos meios de comunicação de massa. A quinta parte, intitulada “Contornos do debate pré-eleitoral de 2018”, apresenta o contexto em que ocorreram os últimos debates presidenciais antes das eleições. A última parte, intitulada “Análises: as figuras como equipamentos de persuasão”, expõe o resultado de nossas análises sobre o *corpus*.

2 As figuras na história dos estudos retóricos

As figuras de retórica observaram um movimento cíclico durante o passar dos tempos. Para Amossy (2020, p. 224), “se, durante a Antiguidade, as figuras parecem indissociáveis da atividade da persuasão, o mesmo não acontece necessariamente nos períodos seguintes.”

Em Aristóteles, em Quintiliano e em Cícero “considera-se que as figuras contribuem para conquistar a adesão do auditório.” (AMOSSY, 2020, p. 224). A partir do Classicismo até o século XX, como dissemos, o campo da retórica foi gradativamente reduzindo-se ao estudo da *elocutio* e, a partir daí, ao estudo das figuras. Para Amossy (2020, p. 224), “o desvio que se opera pouco a pouco se efetua em duas direções essenciais, já presentes nos tratados antigos, mas que se tornam predominantes na idade clássica: a orientação patêmica (...) e a orientação ornamental.” De um lado, existe um movimento que liga as figuras às paixões e, de outro, aquele que enxerga nas figuras um efeito de estilo, de ornamentação.

A segunda direção – da ornamentação – foi responsável por fazer surgir a ideia de figuras como “enfeites” da linguagem. Para Amossy (2020, p. 226), “a valorização de procedimentos estilísticos exclusivamente ligados à estética e à emoção tem contribuído, tanto quanto o viés ornamental, para desacreditar as figuras na argumentação.”

É nessa perspectiva que os “enfeites” da linguagem passam a prejudicar a argumentação, pois a) estimulando as emoções passam a ser vistas como estratégias de manipulação; b) chamando a atenção para os ornamentos desvia-se das questões essenciais; c) ocupando-se dos floreios e estimulando a verborragia afastar-se-ia da objetividade; d) manifesta muitas vezes a ambiguidade.

No momento da aparição do *Curso de linguística Geral* (SAUSSURE, 2002), a retórica apresenta já um enfraquecimento geral na sociedade e nas instituições de ensino. Esse declínio é sustentado por vários fatores, como o nascimento do positivismo científico e a proclamação do Estado laico na Europa. A retórica, que nesse momento fornecia os paradigmas para a *Ratio Studiorum* – o método de ensino jesuíta – e tinha a língua latina como modelo das práticas de ensino e das cerimônias religiosas, sofreu por isso um largo desprezo. Fiorin (2020, p. 12) acrescenta também outros fatores:

Em primeiro lugar, a definição de um ideal de transparência, objetividade e neutralidade do discurso científico com base na concepção de que a linguagem representa a realidade, o que é incompatível com o princípio da antítonia de que a cada discurso corresponde outro discurso, produzido por outro ponto de vista, o que significa que o discurso constrói a maneira como vemos a realidade. Em oposição a essa primeira condição discursiva de declínio da retórica, surge um ideal paradoxalmente contrário para o discurso literário, o de originalidade, individualidade e subjetividade, o que conflita com a ideia de um estoque de lugares comuns e de procedimentos à disposição do escritor. [...]

Deixando de lado o ideal aristotélico da relação causal entre retórica, exercício da virtude e compromisso com a verdade, os estudos retóricos vão, assim, reduzindo-se ao estudo das figuras, e mais particularmente ao estudo dos tropos. Os tropos são constituídos pelas figuras de desvio, e por isso constituem um grupo particular no interior de todo o conjunto das figuras de retórica. Essas figuras de palavras manifestam desvios, impropriedades e impertinências semânticas: as melhores representantes dos tropos são a metáfora e a metonímia.

[...] muitos autores começam a fazer uma distinção no que era um conjunto indissociável: de um lado, havia uma teoria da argumentação, que levava em conta as operações da invenção e da disposição, onde estariam os elementos destinados a convencer e a persuadir (a *topologia*); de outro, havia uma teoria das figuras, que se ocupava da elocução (a *tropologia*, a teoria dos tropos). (FIORIN, 2020, p. 25, grifo do autor.)

Desde o Classicismo até o nascimento da Linguística Moderna – período que compreende o final do séc. XIX e início do séc. XX –, foram produzidas inúmeras obras classificatórias das figuras de linguagem. Para Fiorin (2020, p. 28, grifo do autor), “a retórica que se dedicou a estudar apenas as figuras, abandonando o exame da dimensão argumentativa, considerou os tropos, que indicam uma mudança de sentido, como uma classe de *figuras*.” Para Barthes (2001, p. 95, grifos do autor), “a Retórica, em sua parte elocutória, é um quadro de *desvios* da linguagem. Desde a Antiguidade, as expressões metarretóricas que atestam essa crença são inúmeras: na *elocutio* (terreno das figuras), as palavras são ‘*transportadas*’, ‘*desviadas*’, ‘*afastadas*’ para longe de seu *habitat* normal, familiar.”

Consideramos, porém, que as figuras não são meros “enfeites” da linguagem, como afirmam alguns tratados de versificação, mas sim “equipamentos argumentativos” que asseguram a efetividade dos discursos persuasivos com vistas à adesão dos espíritos. Dessa forma, a perspectiva da Nova Retórica, com o *Tratado da argumentação*, resgata a articulação um tanto adormecida entre argumentação e figuras. Amossy, em *A argumentação no discurso*, retoma também a associação entre argumentatividade e figuralidade em sua obra. Fiorin, em *Figuras de retórica*, estuda o valor argumentativo das figuras de linguagem, encarando-as como figuras de retórica.

3 A nova retórica

No final dos anos 1950, como sabemos, ocorreu a aparição das ideias da Nova Retórica, manifestas no *Traité de l’argumentation: la nouvelle rhétorique* (2014), obra de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, publicada na Bélgica. Essa obra convocou uma renovação dos estudos retóricos no Ocidente, sobretudo em função do retorno das discussões sobre a relatividade da verdade nas ciências humanas e sociais. Essa retórica não deixa também de ser, em alguma medida, redutiva. Trata-se de estudar sobretudo a *inventio*, isto é, os tipos de argumentos (os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e as ligações que fundamentam a estrutura do real) que possibilitam a adesão dos espíritos e sua consequente persuasão.

Para Plantin (2008, p. 48), “uma contribuição essencial do *Tratado* é seu inventário das formas argumentativas. Ali encontramos, para começar, um conteúdo de descrição empírica incomparável: ‘mais

de oitenta tipos de argumentos e observações esclarecedoras sobre a função argumentativa de mais de sessenta e cinco figuras.”.

O *Tratado* possui certamente alguns avanços e também alguns recuos com relação à Retórica Antiga, sistematizada por Aristóteles. Entre os avanços, preocupa-se com o “auditório universal” e com a modalidade escrita por meio da qual irão se manifestar as técnicas argumentativas. Entre os recuos, podemos dizer que a mediação linguística é por vezes esquecida e que o gesto e a voz (*actio*) passam a ocupar um segundo plano na obra perelmaniana, uma vez que a preocupação recai sobre os lugares e os argumentos (*inventio*).

O *Tratado da argumentação* é algo como uma *Nova Retórica*?
Sim, na medida em que ele faz contínuas referências aos retóricos antigos e clássicos. Não, pois o gesto e a voz estão excluídos de seu campo e os afetos não recebem tratamento específico algum.
(PLANTIN, 2008, p. 47.)

Com relação ao estudo das figuras, o *Tratado* resgata o papel argumentativo da figuralidade persuasiva. Para Amossy (2020, p. 227), “a nova retórica se afasta radicalmente dessa visão baseada no ornamento, no *páthos* ou na dissimulação, para retornar ao caráter argumentativo das figuras e desenvolver todas as suas consequências.” Para Perelman e Tyteca (2014), negligenciar o caráter argumentativo das figuras significa construir listas de construções rebuscadas com nomes estranhos.

Para Amossy (2020, p. 227-228), os autores do *Tratado* consideram que “há figura quando há uma estrutura reconhecida e um distanciamento quanto à maneira usual de se expressar.” Vemos aqui uma definição importante da manifestação das figuras retóricas no discurso, isto é, há figura quando alguns termos se apresentam em seu uso não previsto.

Nos estudos de argumentação, encontramos com frequência algumas questões colocadas sobre as figuras: 1) em primeiro lugar, se as figuras de estilo são necessariamente retóricas, ou, em outras palavras, se há a divisão entre conjuntos retóricos e não retóricos das figuras; 2) em segundo lugar, se as figuras integram os argumentos ou se constituem o próprio argumento, ou, em outras palavras, se há a divisão entre conjuntos de figuras que facilitam o argumento e de figuras argumentativas, que constituem o próprio argumento. Essas questões são importantes, embora revelem a complexidade da manifestação das figuras de linguagem. Partiremos do princípio de que o contexto pode fornecer elementos para auxiliar o pesquisador a encarar determinada figura como influenciadora do argumento ou como o próprio argumento.

4 O modelo dialogal da argumentação

O gênero retórico que ora analisamos – o debate pré-eleitoral televisionado – é particularmente exemplar para visualizar o modelo dialogal da argumentação proposto por Plantin (2008). Nesse gênero, observamos os oradores em presença física e a necessidade de confrontar um adversário perante um auditório telespectador e perante jornalistas. Embora o orador tenha como interlocutor ora os telespectadores, ora os jornalistas presentes, ora os outros candidatos, entendemos que o auditório real desses oradores é o público espectador – seus eleitores em potencial – e não o candidato à sua frente, uma vez que dificilmente irá convencê-lo ou persuadi-lo de suas teses. Nessa confrontação, convergem a defesa de suas próprias teses e a refutação das teses adversárias. Para motivar essa confrontação, são colocadas perguntas de jornalistas e da população acerca de temas de interesse nacional.

Nessa abordagem dialogal, confluem o enunciativo e o interacional, de modo que a noção de diálogo deve aqui ser entendida a partir de dois princípios: a) o diálogo face-a-face, no qual os interlocutores estão implicados em um mesmo tempo e espaço debatendo sobre um tema discutível; b) o diálogo das vozes presentes no discurso de um só locutor, apontando para a polifonia e para a interdiscursividade, que permitem analisar a costura das vozes sociais – explicitadas ou não – quando o locutor toma a palavra. Em síntese, “falaremos de ‘modelo dialogal’ da argumentação para cobrir, ao mesmo tempo, o dialogal propriamente dito, o polifônico e o intertextual, a fim de insistir em um aspecto fundamental da argumentação, o da articulação de dois discursos contraditórios.” (PLANTIN, 2008, p. 66).

A noção de pergunta argumentativa tem aqui papel central: ela permite mostrar esquematicamente como se distribuem os papéis argumentativos. Esses papéis associam-se a três atos fundamentais: a) propor, b) opor e c) duvidar. Portanto, aquele que propõe uma primeira resposta à pergunta argumentativa é chamado de Proponente; aquele que propõe uma contrarresposta à proposição é chamado Oponente; aquele que não se alinha nem à proposição (do Proponente) nem à oposição (do Oponente) é chamado de Terceiro.

Os papéis do Proponente e do Oponente são bem definidos: enquanto o Proponente apresenta, num primeiro momento, argumentos a favor de sua tese (Arg 1), o Oponente, em seguida, deve apresentar não só as razões pelas quais os argumentos do Proponente são insustentáveis (Refutação Arg 1), mas contra-argumentar em favor de outra posição, que é a sua (Arg 2). Assim, temos o seguinte esquema:

Pergunta _(T)	→ Arg 1 _(P)	→ Conclusão _(Resposta de P à pergunta argumentativa)
	→ Refutação Arg 1 _(P) + Arg 2 _(O)	→ Conclusão _(Resposta de O à pergunta argumentativa)

Fonte: Mazzola (2021, p. 183).

Vemos que a conclusão do Proponente é diferente daquela do Oponente. O papel de Terceiro constitui-se da dúvida, da desconfiança e do distanciamento de ambas as posições. Essa dúvida, como vimos, leva os interlocutores a apresentarem suas razões. Assim, a argumentação surge como um modo de gestão das diferenças, uma vez que os seres humanos não raciocinam da mesma forma. Essas razões, associadas a tipos de argumentos, são frequentemente equipadas de figuras de linguagem, que lhes intensificam a eficácia.

No debate pré-eleitoral televisionado, realizado pela RedeTv, objeto deste estudo, o papel de Terceiro é ocupado ora por jornalistas que colocam as questões aos candidatos, ora pela população que grava suas perguntas para que os candidatos debatam. Tanto as questões postas por jornalistas como as questões enviadas pela população são, em sua maioria, questões associadas aos grandes temas de interesse público e governamental, como educação, saúde, segurança pública, economia, empregos, etc. Em torno dessas questões centrais os candidatos se posicionam nos papéis ora de Proponentes ora de Oponentes face à pergunta argumentativa.

5 Mutações do discurso político: o espetáculo digital

É preciso destacar que os debates televisionados pré-eleitorais de 2018 realizados pelas cinco grandes emissoras de tevê brasileira (Band, RedeTV, Record, Sbt e Globo) apresentaram uma natureza híbrida. De um lado, apesar do crescimento da influência das plataformas digitais e das redes sociais conectadas sobre as decisões de voto, o debate em emissoras de tevê ainda ocupava um espaço de relativa importância, uma vez que, nesse espaço, viu-se a construção da democracia brasileira desde as primeiras eleições diretas, a partir da Constituição de 1988. De outro lado, esses debates já não eram como estávamos acostumados, uma vez que eram vistos ao mesmo tempo por telespectadores e por internautas: sua transmissão acontecia simultaneamente por meio dos aparelhos de tevê e dos aparelhos de comunicação e informação conectados à rede

(como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*), sofrendo forte influência do público digital. Observamos, nesses debates, não só a saudação aos telespectadores, mas também aos internautas das plataformas digitais associadas a esses canais de tevê.

Logo no início do debate da RedeTV, por exemplo, a jornalista Mariana Godoy, que junto de Boris Casoy e Amanda Klein faz a mediação desse espetáculo político híbrido, declara que “Este é o maior debate multiplataforma do Brasil. Temos transmissão simultânea pela página da RedeTV no Facebook, pelo canal do Youtube, nosso perfil o Twitter, pelo Uol e no portal da RedeTV. Você pode acompanhar ao vivo este debate de qualquer lugar do mundo”. (REDETV, 2018). Em seguida, Boris Casoy complementa:

A RedeTV montou uma redação digital, onde nossos parceiros do Youtube, Facebook e Twitter vão participar e receber manifestações dos nossos internautas. Você que acompanha nossa transmissão pelas redes sociais terá acesso em tempo real a dados de como o público está reagindo ao debate. (REDETV, 2018.)

O debate político chega às redes sociais, e parece ser um caminho sem volta. Antes disso, a espetacularização do debate político já era conhecida e bastante estudada. O debate político pré-eleitoral não se caracteriza apenas como um fenômeno do campo político, mas sobretudo do campo midiático, particularmente do espetáculo midiático, e por isso a peça chave desse espetáculo é o espectador. Isso ocorre desde a popularização da imprensa, do rádio e da tevê no Brasil e no mundo.

Jean-Jacques Courtine, pesquisador francês dos discursos políticos desde os anos 1960, alerta para a influência da emergência e da popularização dos meios de comunicação de massa na mutação dos discursos políticos contemporâneos. Em *Glissements du spectacle politique*, Courtine (1990) apresenta-nos cinco fatores da fala pública que foram acentuados com a emergência e popularização das tecnologias de comunicação de massa: a) o declínio dos monólogos; b) a conversação-espetáculo: *life-style politics*; c) a dispersão das multidões; d) a pacificação do corpo e bemolização da voz; e) teatro político, violência simbólica. Comentaremos brevemente cada um deles, pois a partir desses cinco fatores compreenderemos melhor a relação entre fala pública e espetacularização.

i. O declínio dos monólogos. Para Courtine (1990), o descrédito dos cidadãos com relação aos discursos políticos desenvolveu-se, na França, a partir de 1970, com a crítica antitotalitária das “línguas de madeira” (*langues de bois*) e estendeu-se ao longo dos anos 1980 a toda forma longa e monológica de fala pública. Observa-se, pois, uma transformação da “língua de madeira” para a “língua de vento”. A língua de madeira representa toda fala pública que se constitui de formas longas, monológicas, períodos longos, arcaísmos, ambiguidades, formas opacas, alusivas e mentirosas. A língua de vento, por outro lado, contém as formas breves, fórmulas, pequenas frases, retórica despojada, sintaxe liminar (de início de frase, introdutório).

ii. A conversação-espetáculo: Nos vinte anos tratados por Courtine, ocorre a emergência, desenvolvimento e triunfo do gênero de conversação em política, isto é, o diálogo na fala política, a conversa com o eleitor. É o triunfo do *talk-show*. E a isso, soma-se a transformação do homem privado em personagem público. Para Courtine (1990, p. 155, trad. nossa), “a fala pública consiste de certo em sustentar os balanços e traçar os programas, mas também consiste em murmurar seus gostos literários ou culinários a um jornalista biógrafo sob o tom da confidência. Seja você mesmo.”¹ A partir da metade dos anos 1970, a fala política invade cada vez mais a tela da tevê, e a política “se banaliza em pequenas coisas cotidianas, enuncia-se em propósitos ordinários, dissemina-se em traços ínfimos da fisionomia.”² (COURTINE, 1990, p. 155, trad. nossa). Aliada a todo o conteúdo, está a imagem, agora (re)transmitida pelos aparelhos de tevê presentes nas salas de estar das famílias americanas.

iii. A dispersão das multidões. Trata-se das diferenças entre o orador tradicional e do orador que deve se pronunciar a partir das tecnologias de comunicação de massa. O orador antigo estava em contato com cada um, quando todos estavam juntos. Era a multidão, situação clássica de *foule politique*. Hoje, as multidões não se deixam mais convocar para as cenas políticas, mas sim para as cenas esportivas. A dissolução da multidão política é contemporânea das tecnologias de comunicação de massa. Antes, escutávamos o orador político; agora, o vemos.

¹ “la parole publique consiste certes à dresser des bilans et tracer des programmes, mais aussi à murmurer ses goûts littéraires ou culinaires à un journaliste biographe sur le ton de la confidence. Be yourself.”

² “se banalise dans les petites choses quotidiennes, s’énonce dans les propos ordinaires, se dissémine dans les traits infimes de la physiologie.”

iv. Pacificação do corpo e bemolização da voz. A impostação da voz certamente sofreu alterações ao longo da popularização das tecnologias de comunicação de massa. “É verdade isto sobre a voz, cujas tonalidades foram espetacularmente adocicadas desde o tempo em que Jaurès podia, sem microfone, fazer-se ouvir por milhares de espectadores. A voz era ela própria um espetáculo.”³ (COURTINE, 1990, p. 158, trad. nossa). A voz foi “adocicada” em função dos processos de captação, amplificação e transmissão do som (microfones): “as manifestações vocais do discurso político entraram na era dos sussurros.”⁴ (COURTINE, 1990, p. 159, trad. nossa).

v. Teatro político, violência simbólica. Como balanço do que foi dito, Courtine (1990, p. 163, trad. nossa) afirma que “é preciso portanto parar simultaneamente de diabolizar e de beatificar a televisão, e refletir sobre a produção, a circulação e a apropriação das imagens.”⁵ As tecnologias audiovisuais modificaram o discurso político, objeto privilegiado da retórica e da análise de discursos.

Na era das redes sociais, portanto, todas essas características observadas a partir da popularização dos meios de comunicação de massa se amplificam e, por vezes, ganham novos contornos. Se ouvíamos calados, de nossas casas, um candidato discursar na tevê, nos anos 1970, 80 e 90, agora podemos reagir imediatamente, por meio de comentários no Facebook, no Youtube, no Twitter, no Instagram. O candidato (orador) é recolado diante das reações do auditório... mas ainda de modo mediado.

6 Contornos do debate pré-eleitoral de 2018

O primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 ocorreu em 7 de outubro desse ano. Os candidatos eram Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB), Jair Bolsonaro (PSL), João Amoêdo (NOVO), João

³ “C’est vrai encore de la voix, dont les tonalités se sont spectaculairement adoucies depuis le temps où Jaurès pouvait, sans micro, se faire entendre de milliers de spectateurs. La voix était à elle seule un spectacle.”

⁴ “les manifestations vocales du discours politique sont entrées dans l’ère des chuchotements.”

⁵ “il faut donc cesser tout à la fois de diaboliser et de béatifier la télévision, réfléchir sur la production, la circulation et l’appropriation des images.”

Goulart Filho (PPL), José Maria Eymael (DC), Marina Silva (REDE) e Vera Lúcia (PSTU). Como nenhum candidato obteve mais de 50% dos votos válidos nessa primeira fase, ocorreu o segundo turno em 28 de outubro de 2018. Essa segunda fase foi disputada por Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL).

Durante a corrida presidencial, ocorreram cinco debates televisionados, realizados por cinco grandes emissoras brasileiras nos meses de agosto a outubro desse ano. Vejamos o quadro 1.

Quadro 1 - Informações sobre os debates pré-eleitorais televisionados de 2018

Data	Emissora	Candidatos	Link
09/ago/2018	Band	Álvaro Dias, Cabo Daciolo, Geraldo Alckmin, Marina Silva, Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Henrique Meirelles, Ciro Gomes, (Lula é vetado pela justiça)	https://bit.ly/3l9heZ
17/ago/2018	RedeTv	Cabo Daciolo, Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Ciro Gomes, Álvaro Dias, Henrique Meirelles, Geraldo Alckmin, Marina Silva, (Lula é vetado pela justiça)	https://bit.ly/3tQ7oQP
26/set/2018	Sbt	Guilherme Boulos, Ciro Gomes, Cabo Daciolo, Geraldo Alckmin, Álvaro Dias, Marina Silva, Fernando Haddad, Henrique Meirelles (Bolsonaro alega ataque)	https://bit.ly/3dISImA
30/set/2018	Record	Guilherme Boulos, Álvaro Dias, Fernando Haddad, Henrique Meirelles, Geraldo Alckmin, Cabo Daciolo, Ciro Gomes, Marina Silva, (Haddad é escolhido como candidato / Jair Bolsonaro é vítima de facada)	https://bit.ly/3fbCAWM
04/out/2018	Globo	Álvaro Dias, Ciro Gomes, Henrique Meirelles, Guilherme Boulos, Geraldo Alckmin, Marina Silva, Fernando Haddad (Bolsonaro está em recuperação da facada)	https://glo.bo/3siX4k3

Fonte: Elaborado pelos autores.

As análises que apresentaremos neste artigo são parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulada “Retórica, argumentação e discurso: as polêmicas sociais na política e na mídia”⁶. Essa pesquisa mais ampla analisará o funcionamento retórico e argumentativo dos discursos políticos que circularam na corrida presidencial de 2018, considerando três contextos: aquele que engloba os boatos sobre as candidaturas à presidência (ano de 2017), os debates políticos que antecederam as eleições (ano de 2018) e o período de um ano de governo do candidato eleito (ano de 2019). O Projeto mais amplo prevê a análise de recortes dos cinco debates pré-eleitorais televisionados de 2018, a ser realizada ao longo dos três anos de vigência do Projeto. Para o trabalho que se segue, apresentaremos os resultados de pesquisa de um desses debates políticos que antecederam as eleições (2018).

Para esse fim, selecionaremos alguns recortes do debate da emissora RedeTv, realizado em 17 de agosto de 2018. Esse foi o segundo debate televisionado dessa corrida presidencial. Os apresentadores e mediadores desse debate eram Boris Casoy, Mariana Godoy e Amanda Klein. Os candidatos presentes eram Cabo Daciolo (PATRIOTA), Jair Bolsonaro (PSL), Guilherme Boulos (PSOL), Ciro Gomes (PDT), Álvaro Dias (PODEMOS), Henrique Meirelles (MDB), Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (REDE).

A apresentadora Amanda Klein, na abertura do debate, esclarece que “após a justiça negar a participação do candidato do Partido dos Trabalhadores no debate, o nono púlpito foi retirado por decisão da maioria das candidaturas, a única objeção foi do candidato do PSOL Guilherme Boulos.” (REDETV, 2018)⁷.

A apresentadora Mariana Godoy, em seguida, apresenta a ordem do debate, composta por quatro blocos. O primeiro bloco apresentará questões da população, para que os candidatos respondam, e também há o confronto direto entre os candidatos. O segundo bloco é composto de perguntas de jornalistas direcionadas a um candidato, com comentários de um segundo candidato. O terceiro bloco apresenta novamente confronto direto entre os candidatos. O quarto bloco, por fim, apresenta as considerações finais.

⁶ Para informações sobre os outros resultados do projeto, cf. Mazzola (2021) e <renanmazzola.blogspot.com>.

⁷ Luís Inácio Lula da Silva estava impedido pela justiça de participar de debates.

Elegemos recortes da primeira parte do debate da RedeTv para nossas análises, em que uma pergunta é gravada ou enviada pela população para resposta dos candidatos, e em que há também confronto direto entre eles. As figuras de linguagem parecem aparecer mais enfaticamente no início dos debates, em seus exórdios, uma vez que esse momento é crucial para a construção dos *ethè* dos candidatos perante o auditório. No entanto, essa hipótese não se encontra ainda comprovada, foi apenas observada no momento da listagem quantitativa de recursos às figuras no início, no meio e no fim do debate, disponível no diário de pesquisa de um dos autores deste artigo. O diário pesquisa é constituído de anotações de pesquisa, não publicadas, e representa a etapa de coleta de dados e da transcrição de trechos dos cinco debates pré-eleitorais televisionados que possuem potencial de análise retórica e argumentativa (cf. nota 6). Em função dessa observação e do limite espacial previsto para este artigo, a primeira parte foi destacada para análise. As falas selecionadas foram transcritas e estão disponíveis no Anexo deste artigo.

Quadro 2 - Informações sobre os recortes do debate pré-eleitoral da RedeTv a serem analisados

Debate da RedeTv		
Parte	Tempo	Candidato
I	00:10:48	Geraldo Alckmin
I	00:13:52	Jair Bolsonaro
I	00:14:48	Guilherme Boulos
I	00:29:20	Cabo Daciolo
I	00:38:04	Marina Silva
I	00:50:41	Ciro Gomes

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nos recortes das falas de Geraldo Alckmin, Jair Bolsonaro e Guilherme Boulos, os candidatos estão respondendo a uma questão pré-determinada pelos apresentadores do debate: “Por que quer governar o país e o que é preciso mudar para combater a corrupção?” No recorte de Cabo Daciolo, o candidato está respondendo a uma pergunta gravada pela população: “Eu queria saber quando que eu vou ter direito de ir e vir, quando acaba o medo de sair de casa, de poder andar na rua livremente sem medo de assaltos ou questão de tráfico, milícia.” Nos recortes de Marina Silva

e Ciro Gomes, eles estão em confronto direto com os candidatos Álvaro Dias e Geraldo Alckmin, respectivamente, respondendo questões colocadas por estes últimos. A seguir, apresentaremos as análises desses recortes.

7 Análises: as figuras como equipamentos de persuasão

Boris Casoy anuncia: “É a vez de Geraldo Alckmin responder por que quer governar o país e o que é preciso mudar para combater a corrupção. 45 segundos, candidato.” Vejamos a reposta de Alckmin:

(1)(00:10:48) GERALDO ALCKMIN: Quero cumprimentar a equipe da RedeTv, cumprimentar aqui a candidata e os candidatos, a você que nos assiste, e dizer que o Brasil tem pressa. Quero ser presidente da república para no dia 1º de janeiro apresentar as reformas, retomar a atividade econômica, estamos hoje com 27 milhões de pessoas sem emprego. É possível sim recuperar a economia rapidamente. Em relação ao combate à corrupção: tolerância zero. Reforma política, para poder melhorar o ambiente político, tipificar no código penal o enriquecimento ilícito e estabelecer a inversão do ônus da prova para parlamentares, agentes públicos (...).

Alckmin é muito conhecido do cenário político brasileiro. Sempre comedido, com uma fala pausada, bem articulada e imponente. Sua voz⁸ permanece inalterada, monotonal. Ele faz o tipo equilibrado, alinhado. Mesmo com poucos fios de cabelo, estes são cuidadosamente penteados para trás, rente ao couro cabeludo. Seu *éthos* é de “bom burguês”, de terno, fala mansa e uma roupagem tipicamente Tucana alinhada com sua posição “admirada pelos pobres” diante da própria imponente indumentária e respeitado pelos ricos pelo mesmo motivo. Ele é “fino” e, portanto, portador dos dotes necessários para legitimar sua posição de “reformador”.

No trecho destacado acima, identificamos simultaneamente duas figuras de linguagem que intensificam o sentido do discurso do orador: uma delas remete à personificação e a outra à metonímia. Na sequência *O Brasil tem pressa* visualizamos a manifestação da figura

⁸ Para um estudo mais aprofundado sobre o papel da voz na fala pública, conferir Piovezani (2009) e Courtine e Piovezani (2015).

da personificação (ou prosopopeia). Para Fiorin (2020, p. 51), “nesse tropo há, para lhes intensificar o sentido, um alargamento do alcance semântico dos termos designativos de entes abstratos ou concretos não humanos pela atribuição de traços próprios do ser humano.” O termo *Brasil*, aqui, designa a *pátria*, ente abstrato que apresenta um traço próprio do ser humano: *ter pressa*. Com efeito, é mais forte dizer que o *Brasil tem pressa* do que afirmar que *os brasileiros têm pressa*. Há, naquela construção, uma generalização impactante que não se observa nesta. Dessa forma, constrói-se a humanização da pátria. É por isso que a personificação aqui constitui-se como uma figura de retórica, porque ela intensifica a argumentação.

Pode-se observar também, nessa mesma construção, uma manifestação metonímica. A metonímia atua a partir da contiguidade, quando estendemos os significados dos termos utilizados. Quando dizemos que “As telas invadem a educação”, entendemos “telas” não apenas como parte de um dispositivo eletrônico, mas à internet como um todo. Estendemos o significado de “tela” a toda uma forma de vida ligada à “internet” de que ela é parte. A metonímia, assim como a metáfora, pode ser visual ou verbal. As verbais constituem-se a) das metonímias propriamente ditas, fruto do uso não previsto de termos lexicais e da criatividade da linguagem; b) da sinédoque, que é uma especialização da metonímia, e trata das manifestações da parte pelo todo (por exemplo, *as velas chegaram à baía todas juntas*); c) da antonomásia, ainda uma especialização das sinédoques, que manifestam os usos dos nomes próprios pela obra (por exemplo, *li Aristóteles*). Para Fiorin (2020, 37), “a metonímia é uma difusão semântica. No eixo da extensão, um valor semântico transfere-se a outro, num espelhamento sêmico. Com isso, no eixo da intensidade, ela dá uma velocidade maior ao sentido, acelerando-o.” Assim, uma sequência verbal extensa, como *os dispositivos eletrônicos móveis que permitem acesso à internet e, por conseguinte, facilitam a comunicação entre os estudantes invadem a educação*, pode ser condensada, sem perda de sentido, em *as telas invadem a educação*.

Se, no eixo da extensão, um valor semântico transfere-se a outro, num espelhamento sêmico, podemos entender *O Brasil* como *Os brasileiros*. Da mesma forma, ocorre uma generalização mais impactante na primeira do que na segunda na medida em que a ideia de totalidade abstrata, contínua e ininterrupta substitui uma totalidade concreta,

descontínua e dispersa estruturada nos indivíduos, ou seja, na união de parcialidades. De acordo com Fiorin (2020, p. 37):

São metonímicas as compatibilidades de causa e efeito (“Ganhar a vida com o suor de seu rosto”), instrumento e autor (“Ele é um bom garfo”), continente e conteúdo (“Tomou um cálice de Porto”), símbolo e aquilo que simboliza (“Ele é a âncora da família”), autor e obra (“Leu os pré-socráticos”), marca e produto (“Comprou um pacote de gilete”), abstrato e concreto (“É preciso respeitar a velhice”; “Ele ficou com os louros”), etc.

O funcionamento metonímico se dá do abstrato ao concreto: É preciso respeitar *a velhice* por É preciso respeitar *os velhos*. Da mesma forma ocorre na sequência que destacamos: *O Brasil* tem pressa por *Os brasileiros* têm pressa.

Boris Casoy, novamente, agradece o candidato e passa a palavra a Jair Bolsonaro, do PSL, para que responda à mesma pergunta: “por que quer ser presidente da república e o que é preciso mudar no combate à corrupção?”

(2) (00:13:52) JAIR BOLSONARO: Quero ser candidato a presidente da república porque o Brasil precisa de um presidente honesto, patriota, que crê em Deus e afaste de vez o fantasma do comunismo. Só há uma maneira de combater a corrupção em nosso Brasil: elegermos um presidente de forma isenta, um presidente que não negocie ministérios e estatais e bancos públicos, porque aí está o foco da corrupção, que tem levado o estado inclusive à sua ineficiência. Por isso não temos saúde, educação e segurança. Exatamente por causa das indicações políticas que têm que deixar de existir no Brasil. Um presidente tem que escolher os melhores para compor o seu time de ministros.

Jair Bolsonaro era, naquele momento, a aposta conservadora. Não propriamente um conservadorismo *stricto sensu*, mas “sem limites”, cujo estilo eivado de “vamos acabar com isso daí na porrada” ganhava cada vez mais a adesão popular. Seu tom é agressivo e sua fala baseia-se no mito da Guerra Fria nunca acabada. O comunismo – como, aliás, ele repete ainda hoje – é seu maior adversário e, criando esse mesmo adversário irreal, ele angaria alguns seguidores que compartilham desse ideário. Longe de ser criticado por isso, ele via aumentar sua adesão justamente

pela insatisfação popular com a demagogia política. A maior força de Bolsonaro é não ser demagogo, ou sê-lo sem arroubos de eloquência artificial. Com um estilo de voz intenso e, por vezes, mobilizando palavras e expressões inadequadas para o ambiente político oficial, ele é lido pela opinião pública como “sincero” e por “dizer o que pensa”.

Na sequência em que o então candidato enumera as qualidades que um presidente deve ter para governar o Brasil, uma delas chama a atenção: *[o Brasil precisa de um presidente que] afaste de vez o fantasma do comunismo*. Se considerarmos que – nas palavras do orador – *o comunismo é um fantasma* que deve ser afastado, identificamos então a figura da metáfora no sintagma *fantasma do comunismo*.

A metáfora leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados, desprezando outros traços semânticos. Por exemplo, na sequência *José é um touro*, identificamos alguns traços semânticos do “touro” se aplicam a “José”, como a força. Ambos compartilham o traço “força”. Trata-se de um processo semântico que age pela similaridade, fazendo com que esse procedimento dê concretude a uma ideia abstrata (*José é um touro; houve uma infecção generalizada de mau-humor; este livro é a bíblia da Economia*). A metáfora, portanto, revela um uso não-previsto de certas expressões da linguagem. As metáforas podem ser visuais ou verbais: as verbais constituem-se a) das metáforas propriamente ditas, fruto do uso não previsto de termos lexicais e da criatividade da linguagem; b) das alegorias, que são textos cuja integralidade constitui-se metaforicamente, como as fábulas, os apólogos e as parábolas; c) das catacreses, que são metáforas lexicalizadas ou cristalizadas, em que não há mais espaço para modificação, como *pé da mesa, braço da cadeira*, etc. Para Fiorin (2020, p. 34), “a metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. (...) O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma similaridade.” Para Quintana (2003, p. 18), *Os poemas são pássaros que chegam / não se sabe de onde e pousam / no livro que lê*s.

Dessa forma, no discurso de Bolsonaro, o *comunismo*, metaforizado em *fantasma*, adquire sentido negativo. Quando analisamos os dois termos, devemos buscar os traços semânticos comuns a *comunismo* e a *fantasma* no discurso do orador, que parecem ser justamente a imagem ou visão quimérica assustadora, que por isso deve ser afastada. Essa diabolização do comunismo como algo a ser evitado/afastado é típica

dos discursos de direita e mais intensamente nas alas de extrema direita, à qual se filia o orador.

Uma outra metáfora utilizada por Bolsonaro é *time de ministros*, em: *Um presidente tem que escolher os melhores para compor o seu time de ministros*. O termo *time* denota um grupo de atletas que participam de uma competição em conjunto, e assim deve se comportar o conjunto dos ministros. Essa metáfora aparece no quadro da argumentação fundada no lugar da qualidade. Para Ferreira (2015, p. 71), “esse lugar retórico é muito comum nas propagandas, pois consiste na afirmação de que algo se impõe sobre os demais de sua espécie por ter mais qualidade, porque é único ou raro, original.” Na sequência analisada, enuncia-se que esse *time* deve ser composto pelos *melhores*. A aposta de Bolsonaro nos ministérios técnicos e no *time dos melhores* observou grande eficácia na atração de novos eleitores naquele momento. Essa promessa acabou não se concretizando após sua vitória nas eleições.

Em seguida, a jornalista Mariana Godoy passa a palavra a Guilherme Boulos que, como os demais, deve responder à pergunta sobre as razões de ser candidato à presidência e o que mudaria no combate à corrupção:

(3)(00:14:48) GUILHERME BOULOS: Boa noite Mariana, boa noite Boris, boa noite Amanda, boa noite a todos os candidatos e boa noite a você que está em casa. Talvez muitos estejam me vendo pela primeira vez, eu sou candidato a presidente do Brasil porque eu estou indignado como você. Política pra mim não é carreira, é desafio. Eu quero ser presidente pra enfrentar os privilégios, porque o Brasil é como se fosse uma corrida de cem metros, que alguns começam sessenta metros na frente. Não dá mais pra ser assim. Eu quero ser presidente pra acabar com a esculhambação que virou esse sistema político e o toma lá dá cá. E eu quero ser presidente pra tirar o Brasil da crise. Hoje eu vou apresentar propostas concretas de como nós vamos fazer isso. Propostas de quem tem coragem para mudar o Brasil.

Guilherme Boulos é talvez o maior representante dos ideais de esquerda hoje no Brasil. Nem tanto por sua popularidade – que ainda está à sombra de Lula –, mas pela coerência de suas posições. Podemos não concordar com o que ele diz, mas ele é o candidato que mais se aproxima de uma articulação entre a teoria e a prática no campo progressista. Mora

no Campo Limpo, anda de Celta e vai no chão das ocupações almoçar. Nem Lula faz isso, diga-se de passagem. É, no entanto, um novato. E sobre ele ainda pousam muitos estereótipos. Ainda será lapidado pela experiência e sua postura e imagem deixam isso claro quando ele se dirige à população, nos debates televisionados de 2018: “Talvez muitos estejam me vendo pela primeira vez [...]”. Sem o tom refinado da indumentária psdbista, apresenta-se sempre “com a melhor roupa que um popular pode ter”, ou seja, camisa social e calça jeans, na grande maioria das vezes. Sua voz é mais intensa, menos moderada que a de Alckmin, mas mais republicana que a de Bolsonaro. Ele não fala palavrões, por exemplo, mas também não tem a elegância de Alckmin.

Guilherme Boulos, na sequência destacada acima, argumenta pela ilustração para que o auditório possa visualizar como funcionam os privilégios no Brasil e por que eles devem ser combatidos. Para Fiorin (2015, p. 188), o argumento por ilustração “serve para reforçar uma tese tida como aceita. Ele figurativiza-a para dar-lhe concretude, para torna-la sensível, para aboná-la”. Dessa forma, ao ilustrar que *o Brasil é como se fosse uma corrida de cem metros, que alguns começam sessenta metros à frente*, tornam-se claros os prejuízos que os privilégios podem causar.

Nesse tipo de argumento por ilustração, atua muito fortemente a figura da comparação. Na comparação, diferentemente da metáfora, existe um operador argumentativo “como”, “tal qual”, “tal como”, etc. A metáfora é uma comparação abreviada, e na comparação existe um operador, conforme nos explica Abreu (2009, p. 116, destaques do autor):

A metáfora (do grego *metaphorá* = transporte) é uma comparação abreviada. Se eu digo que *Paulo é valente como um leão*, tenho uma comparação. Se digo, entretanto, que *Paulo é um leão*, abreviando a comparação pela eliminação de *valente como*, tenho uma metáfora. Daí a ideia de TRANSPORTE, do sentido próprio para o sentido figurado.

A sequência enunciada por Boulos compara a injustiça de se largar sessenta metros à frente em uma corrida de cem metros, pois isso daria vantagem àqueles à frente e provocaria prejuízos para aqueles atrás. Assim seria também com os privilégios no Brasil, e por isso essa comparação no interior da ilustração funciona na argumentação.

A partir desse momento, no debate, os candidatos deverão responder a perguntas gravadas pela população. Felipe Rodrigues, que na imagem parece ser um transeunte abordado por um repórter da

RedeTV, elabora a seguinte questão: “(00:29:02) FELIPE RODRIGUES (População): Eu queria saber quando que eu vou ter direito de ir e vir, quando acaba o medo de sair de casa, de poder andar na rua livremente sem medo de assaltos ou questão de tráfico, milícia.” O candidato que deverá responder a essa questão é Cabo Daciolo.

- (4) (00:29:20) CABO DACIOLO: Dia 1º de janeiro de 2019 nós vamos estar com Cabo Daciolo sentado na cadeira de presidência da república e você vai poder andar em paz pelo Brasil. Nós vamos valorizar os profissionais da segurança pública, vamos unir o povo civil do povo militar, vamos cuidar da nossa fronteira, vamos trabalhar em cima de prevenção. Toda essa guerra civil que nós estamos vivendo em nosso país hoje é proposital. As armas já chegaram, o momento agora é parar as munições. E é simples parar as munições. O problema é que as nossas rodovias estão todas desguarnecidas. Nós deveríamos ter 15 mil é, policiais federais. Hoje nós estamos apenas com 8 mil. Nas fronteiras nós não temos nem sequer 11 mil militares da segurança pública, das forças armadas cuidando de nossas fronteiras. Por lá entram as drogas, por lá entra o armamento, mas quem é que lucra com isso e quem quer isso? O poder, os políticos, eles lucram com isso. A Rocinha tem um lucro semanal de 10 milhões, tem sempre um engratado por trás disso. Nós vamos trazer a paz [...].

Cabo Daciolo está mais para uma voz religiosa na política do que para um orador político *stricto sensu*. Com *éthos* de pregador, por vezes com a Bíblia Sagrada à mostra, coloca, ao longo de seu discurso, uma sucessão de perguntas retóricas, tal como ocorre em pregações evangélicas: “Quem é que ganha com isso?”. Essas perguntas retóricas lembram a pregação pastoral: “Amém pessoal?”; “Sim ou não?”. De todo modo, ele encarna a voz que defende a segurança pública, a defesa dos policiais e a classe policial. Seu porte atlético, oriundo de sua carreira como bombeiro militar, reforça os efeitos dessa posição.

Destacamos, em seu discurso, ao afirmar que pelas rodovias e pelas fronteiras *entram as drogas*, um funcionamento figurativo interessante. O funcionamento do verbo *entrar*, tal como se apresenta em *entram as drogas* ou em *entra o armamento*, faz parte de um uso metafórico cotidiano tão sutil que quase passa despercebido. A rigor,

entrar implica ou um agente animado executor – aquele que faz entrar – ou uma ação automática natural pela qual algo se desloca do exterior para o interior. Nesse caso, a metáfora elimina do processo de entrada o agente e coloca em seu lugar um ser inanimado que não exerce, por natureza, o movimento de *entrar*. O armamento ou as drogas, de fato, não entram simplesmente, mas são inseridos, são contrabandeados, são deslocadas de fora para dentro por um agente. A metáfora, aí, tira de cena a figura do traficante/contrabandista. É essa mesma figura ausente que se dilui na metonímia inscrita em *Rocinha*. Ao dizer isso, a tomada do todo pela parte – *Rocinha* por líderes do tráfico –, produz uma generalização quanto aos beneficiários da arrecadação com a venda de entorpecentes. Com efeito, não é a *Rocinha*, mas uma parte dela que lucra 10 milhões.

Destacamos, ainda, duas expressões também metonímicas: *O poder* e *um engravatado*. Vimos que a metonímia atua por contiguidade. Assim como *O Brasil* no discurso de Geraldo Alckmin representava *os brasileiros*, aqui também *O poder* representa *os políticos*. Daciolo chega a enunciar, na sequência, os elementos de expansão semântica do termo *poder*: *quem é que lucra com isso e quem quer isso? O poder, os políticos, eles lucram com isso*. Identifica-se aqui uma compatibilidade entre o abstrato (*poder*) e o concreto (*políticos*) na sequência analisada.

Em seguida, para apontar quem estaria por trás do lucro semanal de 10 milhões da rocinha, o candidato afirma: *Tem sempre um engravatado por trás disso*. Um *engravatado* indica por economia *homem engravatado* e faz referência à gravata exigida nos trajes de políticos. O acessório que é parte da vestimenta representa toda uma profissão. Por isso, observa-se o tropo: tem-se a compatibilidade entre símbolo (*gravata*) e aquilo que simboliza (*político*). O recurso a essa figura equipa seu discurso ao promover uma acusação direta sobre os responsáveis pela entrada de drogas, armamentos e munições nas fronteiras brasileiras.

Transportemo-nos agora para um outro momento do debate: o dos confrontos diretos. Aqui, cada candidato vai escolher um adversário para responder à sua pergunta e ambos se dirigem ao centro do estúdio. A ordem das perguntas foi definida em sorteio, e cada candidato só poderá perguntar e responder uma vez. O candidato Álvaro Dias escolhe a candidata Marina Silva para colocar a pergunta. Essa confrontação é a segunda dessa parte.

Após Álvaro Dias e Marina Silva se posicionarem no centro do estúdio, Dias retoma a retirada do púlpito vazio destinado a Luís Inácio Lula da Silva, defendendo a impossibilidade dessa candidatura. Cada

candidato possui dois turnos de fala, e esse é o segundo turno de Marina comentando esse tópico.

(5)(00:38:04) MARINA SILVA: Estamos inteiramente comprometidos com o combate à corrupção. Pra isso, vamos fortalecer os órgãos de controle, blindando esses órgãos das indicações políticas, da politicagem. Vamos acabar com o foro privilegiado. Vamos criar um sistema que faça com que aqueles que vão ser indicados para função pública tenham ficha limpa. O Brasil não pode continuar refém de um sistema corrupto e corruptor que se alimenta dia e noite do dinheiro que era pra ir pra saúde, pra educação, pra segurança pública, pra infraestrutura e que é usado para enriquecimento ilícito e projeto de poder pelo poder.

Marina apresenta uma imagem austera, com propostas claras direcionadas à corrupção. Não possui, no entanto, uma identidade política muito claramente definida. Por vezes, é a voz que apoia a proteção do meio ambiente; por vezes, apresenta-se engajada no combate à corrupção; por vezes, manifesta em seu discurso um *éthos* de religiosa. Não promove adesão dos ricos nem dos pobres. Situa-se a meio caminho entre uma coisa e outra e, não raro, sua imagem – o cabelo rente ao couro cabeludo e hermeticamente preso, a voz baixa e sem imponência – é significada como “frágil” (cf. reportagem do jornal *O Globo* que traz essa significação com a seguinte manchete: *Marina Silva muda imagem para se livrar do rótulo de frágil*⁹).

Em seu discurso, no entanto, a oradora se utiliza de variadas figuras para intensificar/equipar seus argumentos. Aqui, um conjunto de metáforas configura a ideia de proteção, de preservação das instituições brasileiras. O primeiro impacto vem da metáfora da *blindagem*. De fato, blindagem é uma prática atinente ao mundo físico, ao mundo natural. Trata-se do revestimento de objetos da vida prática como carros, navios, guaritas de prédio, janelas e afins. Não existe blindagem de instituições, pois estas são construções abstratas. Obviamente, instituições costumam-se situar no espaço e no tempo, mas a instituição, em si, não é o prédio ou as salas em que as pessoas trabalham, mas o ideal abstrato que regula

⁹ Disponível em: <https://glo.bo/3rQTrEK>. Acesso em: 10 dez. 2021.

o funcionamento de cada ação no âmbito sócio-político-jurídico. A existência de um CNPJ independe do espaço físico em que esse mesmo identificador poderia estar situado. Assim, ao usar o termo *blindando*, para se referir a medidas de controle e proteção contra a *politicagem*, a oradora cria uma ideia de super proteção. Não é, simplesmente, “criar mecanismos contra a corrupção”, mas *blindar*, isto é, tornar impenetrável, hermético. A isso, complementa-se com a metonímia da *ficha* – que nada mais é que a vida institucional de uma pessoa pública – e metáfora da *limpeza* – aqui, *limpo*, está no campo da moral e não no do mundo físico em que algo estaria destituído de dejetos ou poeira. Sob essa ótica, *blindagem e ficha limpa* nada mais são do que figuras para indicar o ideal de combate à corrupção preconizado pela candidata.

Segue-se a isso uma metáfora que dá concretude à situação do Brasil, segundo o discurso de Marina Silva: *ser refém*. Ao colocar o Brasil na situação de *refém*, constrói-se a necessidade de ele ter que se libertar dessa situação: *O Brasil não pode continuar refém de um sistema corrupto e corruptor que se alimenta dia e noite do dinheiro que era pra ir pra saúde, pra educação, pra segurança pública, pra infraestrutura (...)*. O Brasil, então, encontra-se em situação de sequestro, com arma na cabeça. O agente desse sequestro seria o sistema corrupto e corruptor que desvia o dinheiro da saúde, da educação, da segurança pública e da infraestrutura, e por isso o faz sofrer. A enumeração de procedimentos complexos de combate à corrupção poderia desviar a atenção auditório ou provocar seu desinteresse pelo uso de jargões políticos, mas no movimento contrário Marina busca na metáfora a concretude esperada.

Atua nessa sequência também a personificação (prosopopeia), uma vez que *ser refém* é uma condição de seres humanos. O país (*o Brasil*) é colocado na posição de *refém*. Como isso poderia ser possível? Novamente, há uma impertinência semântica que passa a ser pertinente no discurso de Marina, contribuindo para a concretude do significado do sofrimento do país perante a corrupção.

Por fim, podemos vislumbrar um traço metonímico de compatibilidade de entes abstratos e concretos: *O Brasil* por *Os brasileiros*, pois estes é que sofrem com a corrupção e o sintagma nominal *O Brasil* constrói uma generalização dos brasileiros que sofrem com a corrupção.

Depois desse debate entre Álvaro Dias e Marina Silva, algumas outras duplas debatem no centro do palco, mas poucas metáforas são enunciadas. Encaminhamo-nos agora para o debate entre Geraldo Alckmin

e Ciro Gomes. Alckmin retoma a questão do desemprego, e coloca o setor do agronegócio como o mais estratégico e dinâmico para a recuperação da economia. Alckmin pergunta a Gomes quais os maiores desafios do agronegócio brasileiro. Vejamos a resposta do candidato do PDT:

(6)(00:50:41) CIRO GOMES: O emprego é consequência da ativação de quatro motores: o consumo das famílias, por isso eu tenho uma proposta de resolver o problema do endividamento de 63 milhões no SPC; o investimento empresarial, que está colapsado também por um explosivo endividamento, e logo mais eu vou detalhar; a solução da equação das contas públicas, que estão, como comentamos na pergunta passada, completamente falidas, e eu tenho uma proposta também que vou detalhar; e por fim a celebração de uma política industrial e de comércio exterior, que termine com o genocídio de empresas. O Brasil é o país que mais destrói indústrias no Brasil. Nos últimos três anos, do dismantelo da Dilma pra cá, 13 mil indústrias foram fechadas no nosso país. 4 mil delas em São Paulo. E um dos setores que pode ser ativado é agregar valor na agropecuária brasileira. Nós somos a agricultura e agropecuária mais competitiva do mundo, mas importamos do estrangeiro fertilizantes, defensivo agrícola, importamos a maior parte dos implementos agrícolas, e eu quero fazer uma política industrial que, priorizando o setor agropastoril, verticaliza a produção industrial deles.

Ciro Gomes apresenta-se como a voz da sensatez, cujo discurso apoia-se em argumentos de natureza econômica, baseados em porcentagens, cifras e números. É a aliança mais bem acabada do economista acadêmico com o político. Apresenta um *éthos* tecnocrata, de fala rebuscada, com jargões do mundo econômico que o “povo não entende”. Essa talvez seja a tônica de como sua imagem é construída: aquele que fala o que o povo não entende. Seu rigor técnico é visto como antipático, e seu conhecimento é lido, em um país com uma parcela significativa de analfabetos funcionais, como confusão. Tem contra si uma série de declarações infelizes às quais responde até hoje no campo político, como o comentário machista que fez sobre sua então esposa, a atriz Patrícia Pillar. Defende, com voz imponente e bom uso de dados estatísticos, ideias de centro-esquerda apoiados em uma proposta explícita de desenvolvimento: o *Plano Nacional de Desenvolvimento*.

Iniciemos pela sequência *O emprego é consequência da ativação de quatro motores*, na qual o orador Ciro Gomes fornece a fórmula para a criação de empregos. Jensen (1975 *apud* ABREU, 2009) propõe uma

classificação das metáforas em cinco grupos: 1. metáforas de restauração; 2. metáforas de percurso; 3. metáforas de unificação; 4. metáforas criativas; 5. metáforas naturais. O trecho destacado acima parece remeter às metáforas de restauração. Para Abreu (2009, p. 117), “as metáforas de restauração partem do princípio de que algo sofreu algum tipo de avaria e há necessidade de reparação.” Ao dizer que *O emprego é consequência da ativação de quatro motores*, observamos uma impertinência semântica, que passa a ser pertinente, daí a metáfora. A similaridade entre colocar em funcionamento um motor e gerar empregos, ambos dependem de algumas condições. Trata-se da manifestação do raciocínio por analogia.

Segundo Ciro Gomes, para gerar emprego é preciso a) estimular o consumo das famílias, b) investir no setor empresarial, c) solucionar a equação das contas públicas e d) celebrar uma política industrial e de comércio exterior. Todos esses quatro fatores, para o orador, estão colapsados. Por isso a pertinência de se pensar na utilização das metáforas de restauração e, particularmente, as de “conserto”: “A metáfora de conserto sugere que algo se estragou e precisa ser consertado.” (ABREU, 2009, p. 119).

A argumentação se dá pela consequência (*argumentum ad consequentiam*). Para Fiorin (2015, p. 165), “no caso dos argumentos pragmáticos ou por consequência, defende-se uma dada ação, levando em conta os efeitos que ela produz.” Os efeitos podem ser positivos ou negativos, dependendo do interesse argumentativo do orador. Vejamos o que nos dizem Perelman e Tyteca (2014, p. 308) a esse respeito:

Conforme se conceba a sucessão causal, sob o aspecto da relação ‘fato-consequência’ ou ‘meio-fim’, a ênfase será dada ora ao primeiro, ora ao segundo dos dois termos: se se quer minimizar um efeito, basta apresenta-lo como uma consequência; se se quer aumentar-lhe a importância, cumpre apresenta-lo como um fim.

Dessa forma, podemos observar na argumentação de Ciro Gomes quatro aspectos (metaforizados como *quatro motores*) que teriam como consequência (como *efeitos*) a geração de empregos: 1) estimular o consumo das famílias, 2) investir no setor empresarial, 3) solucionar a equação das contas públicas e 4) celebrar uma política industrial e de comércio exterior.

Nessa argumentação, o *argumentum ad consequentiam* é equipado com a ferramenta de uma figura de linguagem. Assim, o argumento ganha força na medida em que se afasta do tom tecnocrata para aproximar-se do tom didático, que tem o potencial de atingir um

auditório mais amplo do que a opção *o emprego é consequência de quatro procedimentos*, por exemplo.

O orador Ciro Gomes apresenta um *éthos* de portador de uma racionalidade econômica e proponente de um projeto concreto de nacional-desenvolvimentismo (o PND). Para dar fidedignidade às suas ideias, ele costuma explorar com vigor a situação econômica do país e a *saúde das empresas*. Um país só pode ser economicamente sustentável se suas empresas forem sólidas e perenes. A abertura e fechamento constante de empresas é um sinal de que a economia do país vai mal. Para registrar essa ideia, há também um grupo de três metáforas que se complementam em uma relação de denúncia e louvor. Inicialmente, a metáfora do *genocídio de empresas* complementa-se como denúncia pela construção *O Brasil destrói indústrias*. O termo *genocídio*, aqui, desloca-se do plano do *animado* para o *inanimado*. Com efeito, *genocídio* é uma prática de extermínio, primordialmente, de seres humanos. O deslocamento produzido pelo orador enfatiza a importância da indústria vinculando as condições de vida humana ao desenvolvimento econômico. Assim, não criar um ambiente propício à manutenção e ao desenvolvimento das indústrias é *genocídio* na medida em que o impacto sobre as instituições produtivas elimina a possibilidade de boa qualidade de vida para as pessoas. O Brasil, nesse sentido, ao ser um *destruidor de indústria (o país que mais destrói indústrias)*, destrói não apenas as indústrias, mas a vida das pessoas que trabalham. Por outro lado, o candidato não deixa de louvar um setor da atividade econômica que mantém a economia nacional. Isso se dá pela generalização – como se observou em *Rocinha*, destacado anteriormente – pessoal. A metonímia do *nós* – todo pela parte – generaliza o pertencimento de um setor da economia para todo o país quando, na verdade, não somos *nós a agricultura e a agropecuária mais competitiva do mundo*, mas uma parcela de brasileiros muito específica que detém a produção agrícola nacional.

8 Considerações finais

A partir da análise feita, é possível concluir que as figuras mobilizadas por cada um dos oradores instruem o auditório quanto ao perfil argumentativo de cada candidato. Alguns argumentos são inespecíficos. Dos que dão uma resposta ao porquê de quererem ser candidatos e também ao como combater a corrupção, poucos são claros em apresentar como pretendem fazer isso. Os argumentos apresentam forte conotação moral, o que nos leva a crer que há uma presunção de

que o auditório a ser convencido é pouco instruído e está mais voltado a votar com a emoção do que com a razão.

Todos os oradores trabalham com o *topos* da mudança “Agradável é a mudança em tudo” (EURÍPEDES, apud ARISTÓTELES, *Retórica*, I, 11, 1371a1). No discurso de Alckmin, a mudança apresenta-se sob a tutela da *reforma* (*reforma econômica e reforma política*). A sugestão de uma transformação é apoiada pela metáfora da prensa generalizada: *O Brasil tem prensa*. O orador apela para a ansiedade do auditório a partir do seguinte entimema: *O Brasil precisa mudar > A mudança precisa ser rápida > O Brasil precisa de mim*.

Bolsonaro também argumenta apoiado na mudança. Sua estratégia encaminha-se mais para a moralidade e para a ameaça presumida. Ele não argumenta em favor de alterações nas instituições ou em seu funcionamento, mas primordialmente na substituição do político desonesto pelo honesto, patriota, crente e, principalmente, anticomunista. É nesse último traço que reside a ameaça presumida e também uma das grandes forças de seu argumento: *O Brasil precisa mudar > A mudança é o fim do comunismo > O fim do comunismo sou eu*.

Boulos defende que mudar é combater privilégios. Com isso, ele instaura o lugar-comum de que o Brasil é um país que privilegia os ricos. O argumento dele também tem forte carga moral. Ele seria “o cara” que acabaria com a “esculhambação”. A comparação com a corrida dos cem metros reforça seu argumento de que o mais importante na mudança pela qual o Brasil precisaria passar seria o combate aos privilégios dos mais ricos: *O Brasil precisa mudar > A mudança é o fim dos privilégios > O fim dos privilégios sou eu*.

Daciolo encaminha-se para uma mudança a partir do combate ao tráfico. A mudança começaria por maior investimento na segurança pública. Seu percurso argumentativo consiste em correlacionar corrupção a crime organizado, e este último à ausência de número suficiente de equipamentos e policiais para que estes possam fazer seu trabalho. O lucro da Rocinha e do poder nada mais é do que resultado da ausência de unicidade entre forças de segurança e civis; falta de recursos e contingente para as forças de segurança. O entimema aí é: *O Brasil precisa mudar > Mudar é combater o tráfico > Eu vou combater o tráfico*.

Marina, por sua vez, centraliza a força de seu argumento na blindagem das instituições contra as indicações políticas (*politicagem*). A mudança seria, portanto, desarticular o sistema corrupto e corruptor a partir de dispositivos como a lei da ficha limpa. Nesse sentido, o entimema para o argumento de Marina seria: *O Brasil precisa mudar > Mudar é combater a indicação política > Eu vou impedir a indicação política*.

A mudança preconizada por Ciro Gomes implica uma valorização da produção e do trabalho nacionais. Ele insiste no problema da instauração e manutenção de empresas no Brasil (haveria, no Brasil, um *genocídio de empresas*) e a importância de uma economia nacional forte e valorizada para que o país cresça. Adota, para isso, um tom didático, um ar professoral de quem conhece os problemas e sabe como resolvê-los. Ele “tem um projeto” para resolver o endividamento das famílias, equilibrar a balança comercial e reforçar os setores nacionais da economia. Assim, o entimema poderia ser sistematizado como: *A mudança é o fortalecimento da economia nacional*> *A economia nacional depende das condições de produzir e empreender*> *Tenho um projeto para a economia nacional*.

Dessa forma, procuramos explorar o funcionamento das figuras de retórica no interior da argumentação, demonstrando como elas contribuem para a defesa das teses assumidas e defendidas pelos candidatos no contexto dos debates pré-eleitorais televisionados de 2018.

Contribuição dos Autores

Renan Mazzola: concepção e desenho da pesquisa, obtenção e transcrição de dados, análise e interpretação dos dados, redação e revisão do manuscrito. João Kogawa: desenho e desenvolvimento da pesquisa, análise e interpretação dos dados, compilação dos resultados, redação e revisão do manuscrito.

Referências

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13^a ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

AMOSSY, R. *Argumentação no discurso*. Coord. Trad. Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.

BARTHES, R. A antiga retórica. In: BARTHES, R. *A aventura semiológica*. Trad. Maria Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 3-100.

COURTINE, J.-J. Les glissements du spectacle politique. *Esprit*, Paris, n. 164, p. 152-164, 1990.

COURTINE, J.-J.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes dos discursos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2020.

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. t. 1. Paris: Minuit, 1963.

MAZZOLA, R. Elementos da argumentação polêmica no debate político televisionado: confrontos em torno de temas de interesse público. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 21, v. 2, p. 181-204, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47369/eidea-21-2-3142>. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3142>. Acesso em: 8 dez. 2021.

PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 3ª ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PIOVEZANI, C. *Verbo, corpo e voz: dispositivos da fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

PLANTIN, C. *Argumentação*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

QUINTANA, M. *Nariz de vidro*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

REDETV. *Debate presidencial na RedeTv!* Youtube. 17 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 30ª ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.



“A linguagem particular daquelas pessoas”: Campo de batalha discursivo em comentário do (des)presidente sobre o Enem

“The Particular Language of Those People”: The Discursive Battlefield and the Memory of the (mis)President’s Sayings About Enem

Bruno Molina Turra

Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSul), São Paulo, São Paulo / Brasil

bruno.m.turra@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5243-7245>

Thaís de Araujo da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

araujo_thais@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-8599-3528>

As palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico.

(KLEMPERER, 1996, p.40)

Resumo: À luz da Análise de Discurso materialista, na sua relação com a História das Ideias Linguísticas, refletiremos sobre o funcionamento dos dizeres veiculados em *live* de 9/11/2018 do candidato à presidência recém-eleito acerca do que então nomeou “ideologia de gênero” ao tratar de uma questão do Enem. Nosso objetivo é relacionar algumas regularidades observadas nesses dizeres com aquilo que estamos buscando formular enquanto um discurso bolsonarista. Para tanto, estabelecemos três questões das quais partirá nossa análise: 1) como locutor, interlocutor e objeto do dizer são significados na fala do candidato eleito?; 2) quais são as políticas de gestão do exame anunciadas e como elas se articulam a esse imaginário?; e 3) como o comentário à questão de 2018 se relaciona ao comentário à edição de 2021 realizado no terceiro ano

de seu mandato? A análise apontou elementos que nos faz sustentar a hipótese de um “discurso bolsonarista”, dentre os quais se destacam: a projeção de dois outros – um interlocutor e outro objeto, significado como inimigo a ser combatido –; e a articulação de posições filiadas a diferentes discursos (conservador, (neo)liberal, nacionalista, religioso) a partir da qual se instaura uma nova forma de enunciar e, portanto, de se tornar sujeito.

Palavras-chave: interlocução discursiva; discurso bolsonarista; discurso autoritário; ideologia de gênero; Enem.

Abstract: In the light of materialist Discourse Analysis, in its relationship with the History of Linguistic Ideas, we will reflect on the functioning of the sayings broadcasted on 11/9/2018 by the newly elected presidential candidate’s *Youtube* channel about what he named “gender ideology” when commenting an Enem question. Our objective is to relate some regularities observed in these sayings with what we are trying to formulate as a Bolsonaroist discourse. Therefore, we have established three starting questions: 1) how are the speaker, interlocutor and object of these sayings signified in the speech of the elected candidate?; 2) what are the policies announced for Enem and how do they articulate with this imaginary?; and, 3) how does the 2018 commentary relate to the one on the 2021 edition carried out in the third year of his term? The analysis pointed out elements that strengthen our hypothesis of a “bolsonarist discourse”, such as: the projection of two others – an interlocutor and an object, signified as an enemy to be fought –; and the articulation of positions affiliated to different discourses (conservative, (neo)liberal, nationalist, religious) from which a new way of enunciating and, therefore, of becoming a subject is established.

Keywords: discursive interlocution; bolsonarist discourse; authoritarian discourse; gender ideology; Enem.

Recebido em 19 de janeiro de 2022.

Aceito em 04 de março de 2022.

1 Palavras iniciais

Em 2021, a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi marcada por uma série de denúncias por parte de servidores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) – órgão responsável por sua organização – de assédio e intervenção do governo federal quanto à seleção de textos e à elaboração

de questões – suspeitas essas que foram intensificadas após a declaração do presidente de que “o Enem começa a ter a cara do governo”¹. Nesse enunciado, a locução verbal incoativa *começa a ter* aponta para um antes que nos fez questionar o que havia no exame que não era, do lugar de que fala o presidente – bem como seus apoiadores e seguidores² –, identificado como “a cara do governo”. Buscando respostas a essa pergunta, chegamos a uma *live* em que o então recém-eleito presidente tece comentários sobre uma questão do Enem 2018 transmitida na conta *Jair Bolsonaro*, na plataforma *YouTube*, em 9/11/2018. Neste artigo, então, à luz da Análise de Discurso materialista (AD), na sua relação com a História das Ideias Linguísticas (HIL), apresentaremos algumas reflexões sobre o funcionamento dos dizeres veiculados nessa *live*, buscando compreender a sua relação com aquilo que estamos buscando formular enquanto um discurso bolsonarista. Com isso, pretendemos, na esteira de Indursky (2020, p. 370), promover “uma escuta discursiva da fala pública do tenente-capitão”, observando a forma como o político, tomado como divisão de sentidos, “se materializa na língua pelo viés das relações que estabelece com o outro”. Antes, todavia, faz-se necessário, para melhor compreendermos as condições de produção desses dizeres, revisitarmos alguns acontecimentos históricos que os antecederam.

¹ Enem 'com cara do governo' e mais elitizado: as polêmicas do exame de 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3qYSAQf>. Publicada em: 19 de nov. de 2021. Acesso em: 8 jan. 2022.

² Referimo-nos aqui à distinção proposta por Indursky (2020, p. 368), ainda que, como se verá, na materialidade analisada, apoiadores e seguidores sejam conjuntamente projetados como interlocutores. Segundo a autora, os apoiadores são aqueles que “alavancaram, com seu poder econômico, o capitão à presidência e o mantêm lá”, permanecendo “cuidadosamente à sombra”, visto que “não é de seu interesse aparecer”. Já os seguidores, “ao contrário dos apoiadores, são extremamente visíveis e ruidosos. Exibem-se vestidos de verde e amarelo, como os torcedores brasileiros durante a copa do mundo. Apropriaram-se da bandeira do Brasil e a agitam, em suas manifestações, como se fosse a bandeira de seu clube. Gritam frases pré-fabricadas, cujo efeito de sentido é sempre o mesmo: ‘Bolsonaro, eu te amo!’ ‘Mito!’”. Esses seguidores dedicam seu apoio e amor incondicionais ao seu ídolo. Atendem a suas convocações, espelham-se em sua práxis violenta, seja na mobilização da língua fascista como no tom de voz e atitudes, comportando-se a sua imagem e semelhança”.

A campanha presidencial de Jair Messias Bolsonaro – doravante, conforme Indursky (2020), tenente-capitão, capitão, capitão-presidente³ ou (des)presidente⁴ –, foi marcada por acusações de incitação ao ódio contra o PT, os petistas e a esquerda de um modo geral, por pronunciamentos considerados polêmicos e discriminatórios contra diversos grupos socialmente minoritários que lhe renderam a alcunha de fascista e pelo atentado a faca sofrido em 6/9/2018, cerca de um mês antes das votações do segundo turno da eleição para a presidência em que concorria com o candidato do PT, o advogado e professor universitário Fernando Haddad. Além disso, criticando parte da mídia por perseguição e parcialidade, o tenente-capitão não participou da maioria dos debates, limitou-se a dar entrevistas a determinados canais televisivos e estabeleceu uma forma de “comunicação direta”, isto é, sem a mediação de um veículo midiático, com seus eleitores por meio de *lives*, vídeos transmitidos ao vivo através de suas redes sociais⁵.

Em 28/10/2018, o tenente-capitão foi eleito capitão-presidente do Brasil com 55,13% dos votos válidos numa eleição em que o índice de abstenções, votos brancos e nulos foi em torno de um terço do número de eleitores em idade obrigatória⁶. No dia 9/11/2018, realizou uma *live*

³ Essas designações trazem à baila o fato de a sua patente, quando estava na ativa do exército, ser a de tenente, sendo promovido a capitão ao ser reformado após tentar “explodir um alvo no interior do quartel em que servia para pressionar por aumento de soldo” (INDURSKY, 2020, p. 367). Aqui as adotaremos, como opção não apenas metodológica, como será explicitado ao longo da análise, mas política, a fim de não contribuir para que o seu nome se inscreva legitimamente na história, fazendo circular, para isso, com tais designações, outras discursividades por meio das quais o atual (des) presidente brasileiro e, por conseguinte, o seu (des)governo são significados Trata-se, em suma, como nos explica Orlandi (2007), em *As formas do silêncio*, de fazer funcionar uma política do silêncio, na expectativa de que uma ou mais palavras – e as memórias que evocam – apaguem necessariamente a outra palavra aqui silenciada.

⁴ Metodologicamente, optamos por retomar essa designação, que comparece no título deste artigo, na conclusão.

⁵ Deve-se aqui frisar o lugar de destaque ocupado pela tecnologia nessas eleições, cujas campanhas contaram com o apoio decisivo do compartilhamento em massa via mídias sociais de notícias de conteúdos verdadeiros e falsos a favor e contra os candidatos.

⁶ Cf. Percentual de voto nulo é o maior desde 1989; soma de abstenções, nulos e brancos passa de 30%. Disponível em: <<https://glo.bo/3bmSxog>>. Publicada em: 28/10/2018. Acesso em: 25/2/2020.

de cerca de 40 minutos intitulada “Bolsonaro e assuntos da semana”. No minuto 23’41” dessa *live* que ainda se encontra disponível em seu canal do *YouTube*⁷, o tenente-capitão passa a comentar sobre educação, notadamente sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o qual havia sido realizado recentemente em todo território nacional por candidatos a uma vaga em universidades brasileiras e estrangeiras no ano letivo de 2019.

Nessa edição do exame, que à época completava 20 anos de aplicação, havia, na prova de Linguagens, uma questão cujo texto-base era uma reportagem intitulada “‘Acuenda o pajubá’: conheça o ‘dialeto secreto’ de gays e travestis”. Comentando essa questão e numa tomada de posição contrária à abordagem do que é nomeado como “ideologia de gênero”, na *live* do (des)presidente recém-eleito, o pajubá é, pafrasticamente, retomado como “a linguagem particular daquelas pessoas”, sendo em seguida anunciada a política de gestão do exame a ser adotada. Assim, tomando esse enunciado como desencadeador de nosso gesto de leitura, recortamos para análise o fragmento compreendido entre os minutos 23’41” – 30’37” da referida *live*, cuja transcrição apresentamos na seção 3 deste artigo. Feito esse recorte, estabelecemos três perguntas iniciais, que passaram então a nortear o nosso olhar. São elas: 1) com base no conceito de formações imaginárias de Pêcheux ([1969] 2010) e de interlocução discursiva de Indursky (1997), como locutor, interlocutor e objeto do dizer são significados no comentário do (des)presidente à questão do Enem de 2018?; 2) quais são as políticas de gestão do exame anunciadas e como elas se articulam a esse imaginário?; e, 3) pensando o funcionamento dessa memória de enunciações do capitão sobre o exame, como o comentário à questão de 2018, realizado antes da sua posse, se relaciona ao comentário à edição de 2021, realizado no terceiro ano do seu (des)governo⁸?

Posto isso, iniciaremos nosso percurso analítico na próxima seção, fazendo algumas observações de cunho teórico sobre a questão do Enem, a relação estabelecida com o comentário do capitão e a forma como os mobilizaremos em nossa reflexão.

⁷ BOLSONARO e assuntos da semana. Jair Bolsonaro. *YouTube*. 9 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2KhRSbM>. Acesso em 23 fev 2020.

⁸ A expressão é de Indursky (2020) e será retomada na conclusão. Por ora, reiteremos que, embora a *live* analisada tenha sido postada antes da posse do capitão-presidente, como explicamos inicialmente, nosso gesto de leitura se dá retrospectivamente, a partir do comentário feito à edição de 2021, ou seja, no seu terceiro ano de (des)governo.

2 A questão do Enem 2018

Foucault ([1971]2007, p. 21) caracteriza o comentário como um “procedimento de controle e de delimitação do discurso” que funciona “a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso”. Discursivamente, entendemos o comentário como um gesto de interpretação cujo efeito é esse procedimento de controle e delimitação de um dizer que lhe é anterior. Ou seja, trata-se de um dizer que se sustenta em outro dizer, produzindo para ele, a partir do posicionamento do sujeito-comentador no interior de uma dada formação discursiva (FD)⁹, um gesto de interpretação que tem como efeito a reorganização e a limitação dos seus sentidos, projetando-se como a única leitura possível. É, pois, nesse sentido que pensamos se fazer necessário retomarmos o texto da questão do Enem 2018 comentado pelo tenente-capitão e compreendido aqui como o texto primeiro sobre o qual o comentário – um texto segundo – se debruça, constituindo-se enquanto um prolongamento seu ao mesmo tempo em que, impondo-lhe uma perspectiva particularizante, tem como um de seus efeitos a limitação da sua possibilidade de significação.

No texto-base da questão 31 (1º Dia Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação) do exame realizado em 2018, além de serem apresentadas algumas palavras e expressões próprias do chamado ‘dialeto pajubá’, era transcrita a fala de um “usuário” – um advogado não identificado – que afirmava variar o seu registro conforme a situação comunicativa e alertava ser necessário ter cuidado, visto que muitas pessoas compreendiam o “dialeto”, que já estava na internet e já possuía inclusive um dicionário. Este, de acordo com a reportagem, existia desde 2006 e contava com mais de 1300 verbetes e definições do pajubá. A questão sobre variação linguística demandava, então, que, a partir da leitura do texto, o candidato indicasse a principal causa de, da perspectiva do “usuário”, o pajubá ganhar *status* de dialeto, passando a ser caracterizado como elemento de

⁹ As FDs são regionalizações das formações ideológicas em que se dá a (re)produção de sentidos, determinando o que (não) pode e (não) deve ser dito, sob determinadas condições de produção, de um determinado lugar, a saber, no caso em análise, o de (des)presidente eleito. Nessa perspectiva, tais regionalizações constituem-se enquanto domínios de saber aos quais se filiam enunciados que, significados em seu interior, representam o modo como o sujeito se relaciona com a ideologia vigente.

patrimônio linguístico, como pode ser observado na figura 1, reproduzida a seguir.

Figura 1 - Questão 31 - 1º Dia Caderno 2 - Amarelo - 1ª Aplicação Enem 2018

QUESTÃO 31

"Acuenda o Pajubá": conheça o "dialeto secreto" utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade

"Nhái, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!" Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o "dialeto secreto" dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: "É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de 'acuê' o tempo inteiro", brinca. "A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...", comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia*, a dicionária da língua afiada, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: www.infbrazil.com.br. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha status de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- A ter mais de mil palavras conhecidas.
- B ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- C ser consolidado por objetos formais de registro.
- D ser utilizado por advogados em situações formais.
- E ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

Fonte: BRASIL. INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: fev. 2020.

A resposta da questão (letra C) aponta como fator motivador da constituição do *pajubá* enquanto dialeto a sua consolidação por objetos formais de registro, como o dicionário citado na reportagem. Observemos, porém, que, na própria formulação da questão (texto-base e enunciado), há dispersão no processo de significação do pajubá enquanto sistema linguístico (um *dialeto*, um conjunto de *expressões* e *palavras*, uma *linguagem*, um *elemento de patrimônio linguístico*). Assim sendo, torna-se fundamental pontuarmos, com Aurox (1992, p. 65), que a instrumentação de um sistema linguístico a partir de duas tecnologias, quais sejam: a gramática e o dicionário, é o que torna evidentes determinados elementos que permitem identificá-lo enquanto sistema e distingui-lo de outros. Essa instrumentação, entretanto, não é exterior ao discurso, ou seja, aos efeitos de sentido produzidos a partir do jogo ideológico. Nesse sentido, não se pode excluir da delimitação de um sistema o caráter político que sobre ela incide e que a constitui, fazendo-se significar no seu processo de nomeação.

Por isso, a desestabilização dos sentidos no que tange à nomeação do pajubá será considerada aqui como efeito de uma política de línguas, nos termos de Orlandi (2007a), na medida em que coloca em funcionamento uma disputa de sentidos que, ao delimitar um sistema em detrimento de outros – no caso, o pajubá em sua relação com a língua tomada como oficial do Estado brasileiro¹⁰ –, supondo administrá-los, promove silenciamentos¹¹ não apenas em relação a um dado modo de dizer, mas a um modo de se constituir sujeito de linguagem¹². Esse gesto de privilegiar uma língua ou algumas línguas (e não outras), conforme Zoppi-Fontana (2015, p. 221), é “constitutivo da relação do Estado nacional com as línguas faladas no seu espaço territorial”. Neste trabalho, entendemos, então, por um lado, que o pajubá se constitui como uma dimensão outra da língua¹³ que irá se relacionar, no espaço enunciativo brasileiro, de forma tensa com a dimensão oficial e, por outro, que a designação “dialeto secreto”, que comparece na reportagem tomada como texto motivador da questão do Enem – bem como as demais designações presentes na questão e no comentário do capitão – diz da posição a partir da qual o pajubá e, portanto, os sujeitos identificados a esse modo

¹⁰ A língua oficial resulta, como pontua Zoppi-Fontana (2015, p. 222) ancorada nas reflexões de Guimarães, “de uma decisão de Estado que exerce pressão normativa sobre os aparelhos de Estado, notadamente o judiciário e a Escola, impondo essa língua como aquela exigida aos cidadãos na sua relação com a estrutura administrativa estatal”. Essa dimensão da língua do Brasil, segundo a autora (ZOPPI-FONTANA, 2015, p. 224), “é representada na memória discursiva por *condensação metonímica*, ou seja, como a somatória de uma denominação – Língua Portuguesa – e de uma norma ortográfica submetida aos embates políticos e ideológicos de acordos internacionais” [negrito da autora]. Assim, esse corpo imaginário da língua oficial – materializado por seu nome e sua grafia – atribui-lhe uma estabilidade referencial – também imaginária a partir da qual a língua oficial é representada “como sendo fixa na sua forma e funcionamento e sempre a mesma para todos os cidadãos do Estado brasileiro”.

¹¹ Ver o que dissemos na nota 5 sobre política de silêncio.

¹² Mesmo em estudos linguísticos dedicados ao tema, os efeitos dessa política também se fazem significar, sendo o pajubá nomeado de diversas formas, tais como: “dialeto pajubá” (MORAIS, 2019); “conjunto de palavras” (SANTOS; SILVA, 2017), “linguagens pajubeyras” (LIMA, 2017). “forma de linguagem”, “socioleto” (LEAL, 2018).

¹³ O léxico do pajubá tem origem na fusão do português falado no Brasil e outras línguas modernas, com elementos sobretudo das línguas nagô e iorubá, que são chamadas “línguas de santo” por serem faladas nos terreiros de religiões de matriz africana, espaços em que sujeitos constituídos a partir de identificações não heterocisnormativas encontravam (e até hoje encontram) acolhimento. Segundo Lima (op. cit.), “o pajubá se estabelece, a partir da década de 1960, como meio de comunicação entre as travestis e enquanto forma de resistência ao violento aparato estatal da Ditadura”. Desde então, passou a ser incorporado pela comunidade LGBTQIA+, ampliando seu léxico e delimitando características sintáticas e ortográficas, como, por exemplo, a apropriação do sistema gráfico do inglês na grafia de *beesha*, *bee*, numa resignificação do pejorativo “bicha” do português, mas também a negação de tal sistema, como em *guei*, para “gay” do inglês.

de dizer são discursivizados. Sob essa perspectiva, consideramos, com Zoppi-Fontana (2015, p. 238), que

pensar a identidade das línguas e dos sujeitos dessas línguas em relação a um espaço de enunciação determinado é pensar uma determinada configuração territorial como espaço metaforizado pelo jogo contraditório de diversas memórias da língua, a partir das quais se produzem os processos de identificação simbólica e imaginária que constituem o sujeito do discurso na relação material entre línguas co-existentes.

Isso significa ainda que, considerando a dimensão política que afeta e constitui toda e qualquer língua e aproximando-nos das reflexões de Lima (2017) e Leal (2018), consideramos o pajubá como um lugar de resistência e de visibilidade na/da língua e, por meio dela, dos sujeitos que a ela se identificam. Isto é, entendemos que com/no pajubá tem-se “a desalienação trans da língua portuguesa”, uma “forma de linguagem anticolonial transgênera” (LEAL, 2018, p. 113), “um movimento de apropriação, ou mesmo roubo linguístico que caracteriza o pajubá enquanto (não)sistema de significação beesha” (LIMA, 2017, *on-line*).

Tendo delineado brevemente o tema da chamada linguagem *pajubeyra* e como esta é textualizada na questão do Enem, passemos agora à descrição-interpretação da *live* do tenente-capitão em que tece comentários sobre essa questão, buscando compreender como o pajubá e os sujeitos identificados a essa dimensão outra da língua são significados.

3 A *live* do tenente-capitão: uma ode ao ódio

Considerando, conforme Orlandi (2003), que os procedimentos metodológicos, em AD, se constituem a partir do batimento entre descrição e interpretação do *corpus* e tendo em vista os constantes deslizos temáticos materializados no comentário do capitão, organizamos nosso gesto de análise em oito tópicos apresentados a seguir.

3.1 Imaginário de interlocução, transparência e verdade

Cinco dias após a realização da prova do Enem, o agora capitão-presidente dedica aproximadamente sete dos trinta minutos de programa para tratar da educação. A sua conta na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* foi criada em 30 de junho de 2009 e registra, até a

data de elaboração deste texto, 3,59 milhões de inscritos, acumulando um total de 257.698.463 visualizações. A transmissão que se constitui enquanto *corpus* de análise deste trabalho é a décima quarta *live* realizada, a primeira após os resultados das eleições, e teve até então só na conta do *YouTube* 370.292 visualizações.

As “*lives* de Bolsonaro” ou as “*lives* do presidente”, como passaram a ser conhecidas após 2019, se inscrevem em uma memória discursiva de comunicações presidenciais oficiais que, fundada nos anos 1920, remontam a uma série de transmissões televisivas e radiofônicas que visavam à aproximação do ocupante da cadeira presidencial ao seu eleitorado, atualizando-a.

A comunicação direta com o povo, estratégia comum em governos populistas e/ou autoritários, foi a tônica desde o início das transmissões radiofônicas no Brasil. Nas palavras de Sevcenko (1998, p. 587), “Já no início dos anos 20, o populismo descobriria no rádio a sua pedra filosofal, capaz de transformar a massa amorfa de ouvintes na força agregada da paixão política”. Seguindo a instrumentalização do rádio adotada pelo então presidente estadunidense Franklin D. Roosevelt, é criado no Brasil, em 1935, o “Programa Nacional”, que tinha por objetivo ser um canal governamental de informação para a população. Três anos mais tarde, o programa passa a ter veiculação obrigatória e é renomeado de “Hora do Brasil”, sendo utilizado durante toda a ditadura Vargas como instrumento de propaganda do governo. Em 1962, o programa tem seu nome alterado novamente e com ele se mantém até a atualidade: “Voz do Brasil”, sendo ainda utilizado durante o regime militar com o mesmo fim (HAJE, 2012).

Em 1979, a então TVS, atual SBT, cria o programa de televisão “Semana do Presidente” com o intuito de informar a população da agenda de João Figueiredo – último militar a ocupar a cadeira presidencial no período ditatorial. O programa estendeu-se até os anos do governo Fernando Henrique. Entre maio de 1982 e setembro de 1983, era veiculado na Rede Globo o programa “O presidente e o povo”, em que Figueiredo respondia a perguntas de telespectadores e jornalistas (MEMORIAGLOBO, *on-line*). Nos governos petistas (2003-2016), a transmissão radiofônica oficial se dava pelo “Café com o presidente”, nos mandatos de Lula, e “Café com a presidenta”, nos de Dilma Rousseff.

Indursky (2020, p. 379), refletindo especificamente sobre o funcionamento de governos autoritários, explica que contar com o apoio da

massa é uma das suas características. De acordo com a autora, na ditadura brasileira, essa massa era constituída pelo “povo brasileiro, que temia o comunismo e as reformas de base que a esquerda defendia”. Para alcançar seus seguidores, os generais – afirma Indursky – “discursavam através das telas de tv, reunidas em cadeia nacional. E, dessa forma, penetravam em todas as casas, convenientemente às 20h, quando os brasileiros estavam reunidos na sala de jantar (...) e aguardavam a novela das 8h”.

Com a transposição de mídia realizada pelo capitão-presidente eleito, uma outra atualização dessa memória é colocada em funcionamento. A veiculação via redes sociais e plataformas de exibição de vídeos promoveu um efeito de apagamento do mediador¹⁴, já que não são transmitidas por nenhum dos veículos da grande mídia, mas por seu canal pessoal no *YouTube*, o que é mobilizado em seu discurso como índice de maior transparência e proximidade com seu eleitorado, em oposição às informações deturpadas produzidas pelos órgãos de imprensa.

Até aqui buscamos apresentar elementos que nos possibilitassem compreender as condições de produção que determinam o dizer do tenente-capitão e que nele se presentificam, quando dos gestos de interpretação empreendidos pelos sujeitos (locutor e interlocutor), por meio da projeção de imagens de si (*quem sou eu que lhe falo assim* ou *para que ele me fale assim?*), do outro (*quem é ele para que eu lhe fale assim* ou *para que me fale assim?*) e do objeto do discurso (*do que eu falo* ou *do que ele me fala?*) (PÊCHEUX, [1969] 2010). Tais imagens constituem, pois, o que, conforme Orlandi, nos permite “passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” ([2001] 2007b, p. 40), o que significa, portanto, que “o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, [2001]2007b, p. 39). Assim sendo, em nossa leitura, buscaremos depreender as imagens projetadas pelo sujeito-enunciador-comentador de si, do outro e do objeto do dizer para nas seções seguintes refletirmos sobre o seu funcionamento.

Antes de passarmos ao fragmento destacado para análise – a saber: a porção final da transmissão dedicada à educação –, são relevantes algumas palavras sobre o início do vídeo, do qual recortamos a sequência a seguir:

¹⁴ “Efeito de apagamento”, uma vez que essa nova mídia possui regulação privada que a permite excluir material que fere a regulação interna da plataforma. O assunto é complexo e merece desdobramentos, mas, se o fizéssemos, nos distanciariamos dos objetivos deste trabalho.

(SD1) Tá valendo? Boa noite a todos. Passou das dezoito horas. Estamos voltando aqui às nossas *lives*. A nossa informação direta aqui com vocês, tendo a verdade acima de tudo. (BOLSONARO, 2018. Cf. nota 8)

O primeiro ponto a se destacar desses quinze segundos iniciais marca um elemento que será desdobrado mais adiante: a produção de um imaginário de interlocução estabelecida entre o sujeito-enunciador e o efeito-interlocutor projetado. Anteposto ao enunciado “Boa noite a todos”, marca linguística do início de uma transmissão televisiva, temos “Tá valendo?”, uma espécie de *off* vazado direcionado não ao espectador, mas ao diretor/operador de câmera. O rompimento com a memória evocada pelas transmissões televisivas e radiofônicas, cujo interlocutor é o espectador, produz um efeito de amorosismo, simplicidade, *como se fosse* um vídeo caseiro, sem grandes planejamentos. Tal efeito é reforçado com a expressão posposta: “Passou das dezoito horas.”, recurso metalinguístico que se refere ao “boa-noite”, articulando-se à memória de uma regra de etiqueta (após às 18 horas dá-se *boa-noite* e não mais *boa-tarde*), estabelecendo o imaginário de interlocução e convocando os sujeitos-espectadores (ou pelo menos, como veremos, uma parte deles) a se inscreverem na posição projetada para o interlocutor.

Outro ponto relevante é a significação do seu dizer como transparente e dos sentidos nele veiculados como verídicos em: “A nossa informação direta aqui com vocês, tendo a verdade acima de tudo”. Nessa sequência, a determinação de *informação* pelo adjetivo *direta* remonta ao discurso adotado na campanha (e mantido durante o mandato) do tenente-capitão de vilanização da imprensa (a “extrema-imprensa”¹⁵, como passaram a ser designados veículos que noticiavam informações negativas do candidato), acusada de deturpar e inventar notícias difamatórias. Nesse sentido, o enunciado “a verdade acima de tudo” – uma paráfrase do slogan de campanha “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” – reitera tal discurso, produzindo um efeito de honestidade do/para o sujeito-enunciador e o seu dizer, ao passo que, tornando a mediação da imprensa desnecessária, deslegitima os sentidos

¹⁵ Cf. por exemplo, BUGALHO, H. “Extrema-imprensa” e redes antissociais: as táticas bolsonaristas de destruição. Carta Capital. 18 fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3agwP3S>. Acesso em 19 de mar. de 2020.

por ela veiculados. Essa é, pois, segundo Indursky (2020, p. 379), uma outra marca de regimes totalitários: a censura aos órgãos de imprensa com vistas a impedir que os crimes cometidos sejam denunciados. O modo de funcionamento de tal censura, no entanto, é aqui também atualizado, já que, como pontua a autora, embora seja constantemente atacada pelo tenente-capitão, a imprensa, salvo raras exceções, não está sob censura explícita. Ela continua noticiando as constantes investidas do (des) governo contra as liberdades e as instituições, mas essas notícias são a todo momento questionadas pelo capitão e sua massa de seguidores¹⁶.

É ainda significativo que tais elementos – o de projeção da imagem do interlocutor e o de transparência e honestidade – se materializem nos instantes iniciais da transmissão e sejam mobilizados até seu encerramento em que temos, após uma falha de transmissão (o que também interpretamos como elemento que ratifica o efeito de sentido de amadorismo, ao qual, na fala de capitão, se articula o de transparência e honestidade), o qualificador “verdadeiras” atribuído a “notícias”, como vemos em:

(SD2) [...] que colabora com essas *lives* [falha na transmissão] pra vocês, as *notícias verdadeiras*, o que vem acontecendo no Brasil. Pessoal, meu muito obrigado pra vocês, e vamos pra posse hein? *O Brasil é nosso. Valeu.* (BOLSONARO, 2018. Cf. nota 8)

Na sequência acima, o significante “*lives*” é articulado parafrasticamente a “notícias verdadeiras” e “o que vem acontecendo no Brasil”. Tal articulação sintática, ao equivaler os sintagmas destacados, remonta ao discurso de transparência e honestidade construído durante toda a transmissão. A *live*, então, é encerrada, após uma convocação para a cerimônia de posse, com um “O Brasil é nosso”, em que esse *nosso* faz ressoar a ambiguidade construída também ao longo da transmissão entre um *nós* inclusivo e um outro exclusivo, como trataremos adiante.

A transcrição do fragmento recortado da *live* transmitida em 9/11/2018 em que comparece o comentário à questão do Enem encontra-se em anexo, ao final do texto. Ao longo de nossa análise, algumas sequências foram reproduzidas no corpo do texto. Além disso, para facilitar o encadeamento da leitura, as linhas da transcrição anexa foram numeradas e referidas pelos números correspondentes nas próximas seções.

¹⁶ Cf. nota 4.

3.2 Dois lados em um campo de batalha: Nós X aquelas pessoas

Na *live*, o tenente-capitão, ao comentar a questão do Enem, silencia a sua temática e projeta, como assinalamos anteriormente, um imaginário de interlocução, de diálogo com o interlocutor, e de tranquilização para “todos” para os quais e em nome dos quais diz falar, ao anunciar sua política de gestão do exame para 2019, ano em que assumiria a presidência do Brasil. Para introduzir o tema a ser abordado, primeiramente declara de forma genérica que “Educação é um ministério complicado” (linha 2) e, em seguida, faz uma particularização explicitando o que seria essa complicação ao citar a prova do Enem: “Essa prova do Enem, vão falar que eu tô implicando. Agora, pelo amor de deus, essa, esse tema. A linguagem particular daquelas pessoas. O que nós temos a ver com isso, meu deus do céu?” (linhas 2-4).

Nessa sequência, ao indeterminar o agente da ação expressa pelo verbo da primeira oração, o sujeito antecipa possíveis posicionamentos emanados de outros lugares (“vão falar que tô implicando”) deslegitimando-os, a partir da mobilização de um enunciado que – diremos – filia-se a um certo discurso religioso. Tal discurso, materializado pelas locuções interjectivas “pelo amor de deus” (linha 3) e “meu deus do céu” (linha 4), instaura uma posição-sujeito que inscreve no dizer um efeito de oposição do enunciador (e de seus apoiadores e seguidores) ao objeto em questão. Em ambos os casos, a mobilização dos enunciados filiados à memória dessa religião não nomeada não somente passa a significar “esse tema” (linha 3) e “isso” (linha 4), respectivamente, a partir de um lugar de profanação, daquilo que não é da ordem da fé, do bem, da família, como também funciona como recurso que enfatiza a desaprovação e, portanto, a oposição de “nós” (a coletividade em nome da qual o enunciador diz dizer) à “linguagem particular daquelas pessoas”, expressão para a qual “esse tema” e “isso” apontam – aquele, cataforicamente; e este, anaforicamente.

Além disso, ao empregar tal expressão parafrástica – em vez de *pajubá* –, o capitão silencia de que *linguagem* está tratando e que pessoas são essas que possuem tal linguagem dita *particular* produzindo o efeito de distanciamento e de estranhamento em relação aos seus interlocutores – a linguagem é “daquelas pessoas”, nós não temos nada a ver com isso – e interditando não só o seu modo de dizer (já que a “tradução daquelas palavras” é significada como “um absurdo, um absurdo”, linha 5), mas também as formas de existência daqueles que a esse modo se identificam.

Essas formas de existência são referidas, com um efeito de ironia, por meio da alusão a comportamentos sexuais, em outras sequências, como as que se encontram compreendidas entre as linhas 13-15 e 18-19. Em nenhum momento, como podemos observar, “aquelas pessoas” ou mesmo os grupos sociais a que pertencem são nomeados. A referência a elas é feita também por meio do emprego genérico do pronome de tratamento *você* (linhas 13-14), que, indefinindo o agente das ações expressas pelo verbo, indefine também as subjetividades referidas, negando a esses sujeitos uma existência legítima e integrada à sociedade. Ao mesmo tempo, porém, essas subjetividades são limitadas a comportamentos que são significados no dizer do tenente-capitão como anormais, já que não se inserem no imaginário de normalidade projetado a partir da sua identificação a um discurso conservador (“Ninguém quer impor nada, mas queremos a normalidade”, linhas 44-45), reforçando o efeito de distanciamento e de estranhamento que mencionamos anteriormente.

Notemos que há nesse último recorte (linhas 44-45) duas posições antagônicas: uma que nega a imposição de determinados padrões de normalidade e outra que afirma tal imposição e que se sobrepõe à primeira, caracterizando aquilo que Courtine ([1981] 2009) chamou de enunciado dividido. Nesse enunciado, o operador discursivo *mas* constitui-se como a marca *na* língua que promove o deslizamento de uma posição-sujeito a outra filiada a um domínio de saber distinto do qual se inscreve a primeira. Essa divisão materializa a disputa de sentidos em relação ao que, de uma dada posição, poderia ser tomado como uma interdição. Assim, antecipa-se esse sentido, negando-o para depois reafirmá-lo com outras palavras, e produz-se desse modo um efeito de dissimulação. Como nos explica Orlandi, falar em efeito ([1992] 2007d, p. 22) é aceitar que, na relação entre as diferentes formações discursivas, entre as diferentes posições-sujeito, diferentes sentidos sempre estão em jogo, em disputa – daí, em suas palavras, “a presença do equívoco, do sem-sentido, do sentido ‘outro’ e, conseqüentemente, do investimento em ‘um’ sentido”. Dessa maneira, quando falamos em efeito de dissimulação, referimo-nos a essa divisão inscrita em todo e qualquer dizer, que, no caso em tela, produz a relativização do que pode e deve ser considerado uma imposição.

É interessante observar ainda o funcionamento, nas linhas 13-15, da oração “Vá/vai ser feliz”, que é repetida três vezes. Nela, o verbo de movimento *ir* flexionado no imperativo inscreve no dizer uma ordem

e/ou desejo, sugerindo que o “ser feliz” só será possível se houver um deslocamento não necessariamente geográfico: *vá ser feliz*, ao que se tomaria como implícito uma coordenação adversativa, algo como “mas não aqui, não na escola, na universidade, no Ministério da Educação”. A oração “vá ser feliz” e o lançamento da felicidade do outro para alhures materializam a divisão do enunciado que se constitui no atravessamento contraditório de um discurso liberal (seja feliz, expresse sua sexualidade, não queremos impor nada) e um discurso conservador (faça isso longe daqui, queremos normalidade, então permaneça em silêncio para não “nos” incomodar, porque “nós somos um país conservador” (linhas 17-18)).

Além disso, nesses recortes, assim como em “Vão obrigar a molecada a se interessar por isso agora no Enem do ano que vem?” (linhas 5-6), considerando o efeito-interlocutor projetado na *live* – a saber, como demonstraremos adiante, a chamada família tradicional brasileira, conservadora e cristã –, materializa-se uma recorrência apelativa ao medo. A indeterminação do agente aqui, mais uma vez, coloca em questão posicionamentos emanados de um lugar diferente daqueles em que se inscrevem o sujeito-comentador e o efeito-interlocutor projetado em seu dizer. Esse apelo, não só reforça o distanciamento e o estranhamento entre “nós” e “aquelas pessoas”, excluindo-as do funcionamento social e significando-as como um problema que gera “perturbação”, como é formulado como justificativa da necessidade de censura do exame.

Diante dessa complicação, afirma, então, o tenente-capitão, apresentando uma solução por meio do anúncio da política de gestão e censura do exame a ser instituída em seu (des)governo ao mesmo tempo em que se projeta como um “pacificador” (linha 10): “Pode ter certeza, fiquem tranquilos. Não vai ter questão dessa forma no ano que vem. Nós vamos tomar conhecimento da prova antes. Não vai ter isso daí” (linhas 7-8). Observemos aqui que, ao longo de todo o fragmento da *live* recortado, esse imaginário de interlocução em que o capitão dirige-se diretamente ao seu eleitor (apoiador e seguidor, e não a todos os espectadores ou ao povo brasileiro como um todo) se mantém por meio de estruturas linguísticas que instauram uma segunda pessoa discursiva, como o imperativo (“*fiquem* tranquilos”) e o pronome de tratamento *vocês* (linhas 57 e 60, por exemplo), ou ainda por meio de perguntas (“*O que nós temos a ver com isso, meu deus do céu?*”, linha 4) e do emprego da primeira pessoa do plural (“*nós*”). À apreensão do funcionamento desta última nos deteremos na próxima seção.

3.3 São todos iguais, mas uns são mais iguais que outros: Nós ≠ Nós = todos¹⁷

Indursky (1997, p. 66-67), retomando os trabalhos de Benveniste e Guespin sobre a questão da interlocução, lembra que *nós* – bem como os demais pronomes e a desinência de primeira pessoa do plural – “se mostra muito produtivo, pois, por seu intermédio, o locutor pode associar-se a referentes variados, sem especificá-los linguisticamente, daí ocorrendo a ambiguidade de seu dizer”. Indo além, a autora propõe que, discursivamente, *nós* seja considerado como resultante da associação entre locutor e um referente lexicalmente não identificado, a que designa como “não-pessoa discursiva”, pontuando que, em função da ambiguidade por ele instaurada no dizer, pode-se observar no jogo enunciativo “diferentes tipos de *nós*”.

Com base nas reflexões de Indursky (1997), depreendemos, no comentário do tenente-capitão, dois tipos de *nós*, um exclusivo e outro inclusivo, os quais se articulam a dois tipos de *a gente* e que por vezes se confundem, como podemos observar no quadro 1:

Quadro 1 - Tipos de Nós

Tipo	SD	Descrição do referente discursivo
NÓS EXCLUSIVO	“Nós vamos tomar conhecimento da prova antes” (linha 7).	Nós = o tenente-capitão futuro capitão-presidente/ o (des)governo
	“A gente vai tentar mudar isso daí” (linha 26).	A gente = o tenente-capitão futuro capitão-presidente / o (des)governo
NÓS INCLUSIVO	“Pra gente sonhar com aquilo que nós merecemos.” (linhas 47-48)	Nós e A gente = o capitão-presidente + apoiadores e seguidores

Em “*Nós vamos tomar conhecimento da prova antes*” (linha 7), temos um *nós* exclusivo, a partir do qual o tenente-capitão se projeta, no futuro, em seu (des)governo, como (des)presidente. Assim, *nós* se refere àqueles que estarão no poder e a quem, sob o comando do capitão-presidente, caberá tomar certas medidas para impor censura ao exame a fim de que determinados sentidos não compareçam¹⁸. O mesmo pode ser

¹⁷ Jogamos aqui e no título da seção 3.5 com a letra da música “Ninguém=Ninguém”, de Humberto Gessinger.

¹⁸ Indursky (1997) considera o *nós* exclusivo como aquele que se refere discursivamente à esfera do espaço público individual, remetendo para o papel institucional exercido pelo presidente da república. Aqui, devido ao funcionamento de declarações do capitão-presidente analisadas pela autora recentemente (Cf. “Não sou contra a Constituição, ao contrário. Eu sou, realmente, a Constituição! (FSP, 20.04.20)”, em INDURSKY, 2020, p. 372), o consideramos como resultante da sobreposição entre essa esfera e o espaço público institucional do qual um presidente seria o porta-voz.

dito em relação ao emprego de *a gente*, em “*A gente* vai tentar mudar isso daí” (linha 26), ao se referir aos centros acadêmicos das universidades públicas. Embora gramaticalmente estabeleça concordância com a terceira pessoa do singular, o funcionamento de *a gente* aí equivale ao do *nós* exclusivo, ou seja, ao capitão-presidente e ao seu (des)governo. Já em “Pra *gente* sonhar com aquilo que *nós* merecemos” (linhas 47-48), quando se refere ao combate à corrupção, *nós* e *a gente* são inclusivos, remetendo não ao (des)governo do capitão, mas a ele e aos seus apoiadores e seguidores.

Note-se, contudo, que, mesmo o *nós* e o *a gente* exclusivos, apesar de veicularem nas sequências analisadas sentidos de censura e repressão, têm como efeito a produção da ilusão de que o povo (isto é, a parcela do povo que nele votou, seus apoiadores e seguidores) terá voz nesse (des)governo, seus anseios e desejos serão atendidos numa gestão compartilhada e democrática. Ou seja, há, como observa Indursky (1997, p. 75-76), em função da coexistência no comentário do capitão de dois tipos de *nós* distintos, “um efeito de neutralização dos diferentes referentes discursivos que as *não-pessoas discursivas* mobilizam” [itálico da autora] – efeito este do qual decorre “o sujeito embaçado de uma enunciação indeterminada e ambígua” e que se coloca como um “efeito de sentido performativo”, produzindo a ilusão de socialização, de compartilhamento de palavras, ideias e ideais entre locutor e o outro (efeito-interlocutor) inscrito em seu dizer.

No que concerne ao efeito-interlocutor projetado por meio do emprego do *nós/ a gente* inclusivo, é interessante observar ainda que, a partir desse emprego, embora o tenente-capitão se projete como representante de uma coletividade, produzindo a ilusão de que fala para/ por *todos* (“Pra *gente* sonhar com aquilo que *nós* merecemos, linha 53; “respeitando a *todos*”, linha 55), esse *nós/ a gente* que desliza para um *todos* na verdade é constituído, como anunciamos, somente pelos seus apoiadores e seguidores.

Em outras passagens, esse *todos* é ainda retomado por itens lexicais genéricos, como *brasileiro(s)* e *povo*, como em:

(SD3) o brasileiro, a maioria dos brasileiros que votaram em mim não querem mais isso (linha 27).

(SD4) E nós queremos isso, o povo quer isso: combater a corrupção no Brasil, combater o que está dando errado (linhas 52-53).

Note-se que, a uma primeira vista, a construção do outro no dizer do capitão se coloca como sendo de “modo consensual” (INDURSKY, 2020, p. 90). No entanto, ao analisar as sequências, observamos que, na primeira, o item lexical *brasileiro* é retomado por *a maioria dos brasileiros que votaram em mim (...)*, havendo, assim, por meio da expressão partitiva “a maioria de” e da oração adjetiva restritiva “que votaram em mim (...)”, uma delimitação do seu sentido. Já na segunda, o item lexical *povo* retoma o pronome *nós*, que, por sua vez, projeta, como vimos, uma ilusão de socialização, a qual é corroborada pelas orações substantivas apositivas “combater a corrupção no Brasil, combater o que está errado”, que explicitam o desejo atribuído, ao mesmo tempo, a *nós* e ao *povo*.

Voltaremos à relação entre *nós* e *povo* em 3.8. Por ora, é suficiente observar que, no que concerne à mobilização dos itens lexicais *brasileiro(s)* e *povo*, não há um emprego coletivo, mas partitivo – efeito este reiterado pelo comparecimento de outros dois itens de uso mais restrito, quais sejam: *pai/papai* e *mãe/mamãe*, ao se referir, por exemplo, àqueles a quem cabe ensinar sexo aos filhos (“Quem ensina sexo é papai e mamãe e ponto final”, linhas 15-16) e àqueles que colocam o filho na escola e querem que ele aprenda algo útil, como história e geografia, para o seu futuro (linhas 8-9), e não “questões menores” (linha 12), “besteiras”, como a chamada “ideologia de gênero” (linha 22). Essa delimitação dos sujeitos que (não) podem e (não) devem se identificar ao efeito-interlocutor projetado em seu dizer reforça, portanto, o efeito de cisão social que sinalizamos anteriormente e o de marginalização “daquelas pessoas” que, por não seguirem padrões de comportamento significados como normais, não estão incluídas nesse “todos” para quem o (des)presidente eleito diz que irá (des)governar.

Note-se aqui ainda que o sentido de algo que seja útil está de um lado atravessado pelo discurso nacionalista (aprender algo que seja útil para o “futuro (...) do nosso Brasil”, linha 8-9) e de outro pelo discurso capitalista, em sua modalidade neoliberal, o qual, como assevera Indursky (2020, p. 382), “visa exclusivamente à acumulação do lucro, sem considerar o social”. A partir dessa territorialização interdiscursiva, a “molecada” é, então, significada como futuros empregados e patrões, sendo o objetivo da educação limitado à profissionalização, como podemos ler nas linhas 20-24.

3.4 O terror como estratégia de combate – parte I: a deslegitimação da universidade pública

A limitação da finalidade da educação na escola e na universidade à profissionalização e a distinção entre educação e instrução (“Nós sabemos que a educação quem dá é os pais, instrução é na escola”, linha 43), somadas à necessidade de investir melhor o dinheiro público devido à crise e à má administração perpetrada pelo governo anterior, é o que justifica ainda a deslegitimação das universidades, nas quais se tem “dinheiro jogado fora”, e das organizações estudantis, os centros acadêmicos. Apelando ao terror, a partir de um relato de experiência particular que é colocado como verdade inquestionável, o tenente-capitão afirma ter ido a um único centro acadêmico, notadamente o da UNB, e visto pichações, bebidas, drogas e preservativos jogados no chão (linhas 21-22), sendo o lugar comparado a um “ninho de rato”. Devemos chamar a atenção aqui para o fato de que, embora parta de um relato de experiência particular, o efeito produzido a partir da mobilização desse relato, junto à massa de seguidores que tomam o capitão como autoridade, é o de legitimação e de generalização, de modo que as características supostamente observadas em sua visita à UNB e vistas em vídeos e em matérias televisivas – cujas fontes não são citadas – deslizam, passando a ser atribuídas a “uma parte considerável” das universidades e centros acadêmicos brasileiros.

Em seguida, novamente a estratégia da antecipação de posicionamentos filiados a outros lugares é mobilizada, a partir do emprego da indeterminação do sujeito (“Ø vão querer... [Ø vão] me chamar”), para deslegitimá-los:

(SD5) As universidades, aqui, pelo amor de deus, uma parte considerável delas é dinheiro jogado fora, é centro acadêmico, tanta besteira que a gente vê, vê em vídeos, até na televisão sai matérias. Tive na UNB, em Brasília, fui lá no centro acadêmico e era maconha, era camisinha, preservativo no chão, cachaça na geladeira, tudo pichado. Parecia um ninho de rato, e daí? Mudar isso é difícil. Vão querer parar as universidades, me chamar de homofóbico, de fascista, ditador, né? A gente vai tentar mudar isso daí. (linhas 22-27)

Além disso, nessa sequência, o enunciado “a gente vai mudar isso daí” tem funcionamento polissêmico, visto que possui dois escopos possíveis: ou se afirma que *a gente* – o tenente-capitão, o (des)governo – vai mudar a realidade dos centros acadêmicos nos quais haveria comportamentos inadequados à normalidade social, instaurando-se, assim, uma oposição em relação à dificuldade de mudança anteriormente apontada (“mudar isso é difícil”); ou se afirma que *a gente* – também o tenente-capitão, o (des)governo – vai mudar isso daí, isto é, a possibilidade de greve (“vão querer parar as universidades”) e de discordância (“[vão] me chamar de homofóbico [ainda que nessa passagem não se refira a homossexuais], de fascista, ditador”). Embora o direito à greve e à liberdade de pensamento e de expressão sejam assegurados pela legislação brasileira, nesse imaginário, o não cumprimento da lei se justifica em função do efeito de consenso, de socialização, sobre o qual discorremos anteriormente: o (des)presidente eleito não fala somente em seu nome, mas no da *maioria dos brasileiros que votaram nele* e não querem mais ver esse tipo de comportamento nas universidades¹⁹. É, portanto, em nome do respeito aos direitos de uns que se legitima a necessidade de desrespeitar os de outros – donde fica a questão: que outros?

3.5 Tão (des)iguais: nós = todos ≠ você = os caras = aquelas pessoas (“não nós”)

Embora no texto-base da questão do Enem o pajubá seja definido como “o ‘dialeto secreto’ utilizado por gays e travestis”, no comentário do tenente-capitão, há um deslizamento da sua temática e redução da identificação a subjetividades não heterocisnormativas a uma questão de escolha de parceiro sexual, silenciando, assim, questões outras, como a de identidade de gênero e a da violência sofrida por esses sujeitos. Na sequência discursiva compreendida entre as linhas 13 e 19, essa redução das questões de gênero e de orientação sexual é materializada a partir de

¹⁹ Indursky (2020, p. 382) pontua que não se pode atribuir a “guerra às universidades e à pesquisa bem como o negacionismo a tudo o que científico exclusivamente ao fascismo”, ainda que o (des)governo flerte constantemente com ele. Para a autora, “com certeza, o fascismo se faz presente na desconstrução da Educação”, mas ele está associado ao capitalismo neoliberal, já que “o sucateamento das Universidades implica a mercantilização da Educação e sua entrega às mãos da iniciativa privada que não tem nenhum compromisso além do lucro”.

dois significantes-chave de sua campanha: *conservador* e *liberal*. Tais significantes presentificam no dizer duas posições, uma filiada a um discurso conservador e outra a um discurso (neo)liberal, as quais são ainda atravessadas por discurso(s) nacionalista(s) e convivem na FD em que se inscreve o sujeito-enunciador de forma paradoxal, visto que, apesar de sustentar-se um discurso econômico (neo)liberal (redução do Estado visando à maior liberdade e à autorregulação do setor privado, defendendo privatizações e maior circulação de capital estrangeiro), no campo dos costumes adota-se um discurso conservador.

A tensão entre essas duas posições se materializa ao longo de toda a sequência e é sintetizada em: “Que realmente entenda que nós somos um país conservador. Ou vai querer tudo liberal?”. Em seguida, ela se desdobra em: “Se você quer, se os caras quer liberar o que é deles, que libere o que é deles, não vai botar dentro do Ministério da Educação certas coisas que não nos interessa”. Não há também nessa sequência uma interdição enunciada no que diz respeito às relações homoafetivas. Ao contrário, sustentada por um princípio (neo)liberal de que o indivíduo (e não o Estado) deve decidir sobre sua vida, sobre seu corpo, diz-se: “se os caras quer liberar o que é deles, que libere”. Entretanto, esse dizer apenas emula, no jogo de palavras entre *liberal* e *liberar*, um discurso (neo)liberal, uma vez que censura a circulação dessas subjetividades a partir de um discurso conservador: “não vai botar dentro do Ministério da Educação certas coisas que não nos interessa. Não vai.”, o que tem como efeito a interdição de um discurso pró-LGBTQIA+ por parte do Estado, já que o tenente-capitão, enquanto (des)presidente eleito, se projeta como seu porta-voz.

Tendo em vista esse funcionamento, em que o discurso (neo)liberal paradoxalmente se harmoniza com o discurso conservador, é interessante retomar aqui a construção da imagem do outro no comentário do capitão. Como pontuamos anteriormente, em seu dizer, projeta-se a imagem de um outro a quem ele se dirige – portanto, o seu interlocutor (apoiador e seguidor) – de um modo geral por meio daquilo que chamamos em 3.3 de nós inclusivo e, mais raramente, por meio do imperativo, do pronome de tratamento *vocês* e de perguntas. Há, no entanto, também a representação de um outro inscrito no dissenso que, na esteira de Indursky (1997), chamaremos de contrário e ao qual a inscrição na posição de interlocutor é interdita, instaurando-se, assim, uma terceira pessoa discursiva. A natureza dessa representação

é, predominantemente, gramatical e pode se materializar de diferentes formas. Duas delas vimos brevemente em 3.2: a indefinição por meio do emprego de pronome demonstrativo acompanhado de substantivo de referência indefinida (“aquelas pessoas”) e a indeterminação do agente por meio do emprego da construção [sujeito Ø + 3ª pessoa do plural] (Ø vão falar...).

Na sequência em análise, os dois outros – o interlocutor e o contrário – inscritos no dizer do capitão entram em tensão. Vejamos:

(SD6) Se você quer ser feliz com outro homem, vai ser feliz, se você, mulher, quer ser feliz com outra mulher, vá ser feliz. Agora não fica perturbando isso nas escolas [...]. Agora, por isso que precisamos de um Ministro da Educação. Precisamos, sim. Com autoridade, tá? Que realmente entenda que nós somos um país conservador. Ou vai querer tudo liberal? Se você quer, se os caras quer liberar o que é deles, que libere o que é deles, não vai botar dentro do Ministério da Educação certas coisas que não nos interessa. Não vai. (linhas 13-19)

A sequência inicia-se com o uso de um *você* de referência indefinida e, portanto, generalizante que vai sendo especificado, à medida que avança a argumentação. Como não há, em todo o comentário, uma especificação do referente desse pronome, buscamos nas predicções pistas linguísticas que nos permitissem delimitá-lo. Desse modo, temos, primeiramente, *você* sendo significado como homem que “quer ser feliz com outro homem”, ao que, posteriormente, se acrescenta mulher que “quer ser feliz com outra mulher”, ambos qualificados como *liberal* (“*Ou vai querer tudo liberal?*”). Em seguida, delimita-se um outro campo, o do “nós”, articulado ao qualificativo *conservador* (“*nós* somos um país *conservador*”).

A partir dessa delimitação das imagens dos sujeitos projetadas no dizer, distinguem-se, como sinalizamos acima, dois outros: um outro representado pelo *nós inclusivo* (*eu + você*, interlocutor apoiador e seguidor) e um outro representado por *você* (não referente ao interlocutor). O *você* qualificado como *liberal*, dada essa tensão, já não se sustenta mais como generalizante, pois produz uma ambiguidade no sentido de *nós* que busca ser desfeita em seguida: “se *você*, se *os caras*...”, em que é substituído pelo sintagma nominal *os caras*, cuja posição nuclear é ocupada por outro substantivo de referência indefinida, deslizando-se,

dessa forma, de uma possível posição de interlocutor para a de objeto do dizer (eles; “não nós”). Com o deslizamento de sentido produzido pelos pronomes, interpreta-se, então, que, mesmo “os caras” podendo liberar o que é deles, estes nunca comporão o “nós” desse discurso, fazendo funcionar, assim, um discurso (conservador) heterocisnormativo do qual as subjetividades postas como desviantes sempre estarão excluídas.

A despeito da modalidade de representação gramatical (se por indefinição ou por indeterminação), devemos frisar que o efeito produzido é o de opacificação do contrário, com vistas a minimizá-lo e a deslegitimar os posicionamentos a ele filiados. Sendo assim, tal como observou Indursky (1997, p. 118) em sua análise do discurso presidencial da República Militar brasileira, nossa leitura aponta “duas possibilidades extremas de representação” do outro no dizer do capitão: um outro identificado a todos os seus posicionamentos – “condição necessária para ser enquadrado como *cidadão*” – e um outro contrário, sem voz – já que com ele por vezes apenas se simula uma interlocução –, desprovido de cidadania e, portanto, de direitos.

3.6 O terror como estratégia de combate – parte II: ideologia de gênero

Das linhas 28 a 41, mais uma vez mobilizando-se o relato de uma experiência pessoal que é colocada como verdade unívoca, exalta-se a obtenção do sucesso individual através da dedicação, da força de vontade e do esforço. Num movimento que vai do particular para o geral, a história do tenente-capitão, na qual se dá a manutenção da articulação entre uma posição (neo)liberal e outra conservadora, passa a pautar a política pública voltada para o ensino: “Tive sucesso. É assim tem que ser nosso ensino. O pai e a mãe têm que ter a garantia, a tranquilidade, quando o filho tá indo pra escola não é pra aprender a fazer sexo não!” (linhas 39-41). Mais uma vez apelando ao terror a partir da significação da expressão “ideologia de gênero” como ensinar a fazer sexo na escola, o sentido que se impõe é que, se ele que nasceu em condições adversas e desfavoráveis conseguiu obter sucesso, qualquer um com força de vontade e com uma escola que não ensine “a fazer sexo”, que não fale em “ideologia de gênero”, mas que, em conformidade com a ideologia (neo)liberal econômica, exerça uma função utilitarista para o futuro da “molecada”, para o futuro do Brasil, também conseguirá.

Em seguida, questiona-se o significado de “educação” em Ministério da Educação, deslegitimando-se o trabalho desenvolvido por esse Ministério no ensino básico e inferiorizando-se, por meio do emprego do diminutivo, os seus servidores e funcionários (“O

pessoalzinho que tá no Ministério da Educação, se é que eu posso falar que é da Educação esse Ministério que tá aí. Não é isso, não. Tá certo?”, linhas 41-42). Dessa maneira, com a desvalorização do ensino tal como desenvolvido à época e com a defesa da meritocracia, apaga-se a função social da escola como lugar de acolhimento e de inclusão e, por isso, de combate ao preconceito. Logo, o efeito de sentido produzido nesse imaginário é o de que, se as pessoas que não se “encaixam” nesse padrão de normalidade não forem bem-sucedidas, a responsabilidade pelo seu fracasso será unicamente delas, e não das políticas públicas do Estado.

3.7 Nós queremos > o povo quer > o meu sonho é esse > eu quero

A esta altura, faz-se preciso pontuar que o efeito de amadorismo que mencionamos anteriormente se faz significar em todo o fragmento analisado: o dizer do tenente-capitão se coloca como um fluxo de consciência, uma fala sem ponto de amarração específico, em que determinados temas vão sendo evocados aparentemente de forma aleatória, sem planejamento e elaboração prévia, como se fosse uma conversa informal com o seu interlocutor. É assim que se desliza do tema *educação* [Enem, ideologia de gênero nas escolas, meritocracia] para *roubo da merenda* (linhas 48-49) e, em seguida, *corrupção* (linhas 50-52)²⁰.

²⁰ Lembremos que o combate à corrupção, significada como o grande motivo da crise econômica por que passava o país, foi um dos grandes motes da sua campanha e, portanto, um tema de grande apelo junto aos seus apoiadores e seguidores. Apesar disso, em função do espaço e do objetivo deste artigo, não analisaremos de forma aprofundada aqui as implicações desse deslizamento. Gostaríamos de destacar, no entanto, três pontos em relação a ele: 1) a mobilização do nome do então juiz e futuro Ministro da Justiça e Segurança Pública Sérgio Moro (linhas 48-52) como argumento de autoridade que atesta a legitimidade e honestidade do dizer do capitão junto aos seus eleitores, uma vez que Moro havia se projetado para esse público como responsável pela prisão de Lula e, por conseguinte, pelo combate à corrupção na operação Lava Jato; 2) além do apelo à compaixão do interlocutor e da convocação à sua indignação em relação ao “desvio da merenda” de “criancinhas” pobres na escola pública, o apelo à justiça que se coloca como uma impossibilidade de permanência da situação (“Não dá pra continuar assim”, linha 50) e à ameaça àqueles que teriam praticado esse e outros roubos (“Sérgio Moro vai pegar vocês. Abra teu olho”, linha 50); e 3) a omissão de informações específicas em relação à denúncia sobre o roubo de merenda que é justificada como um suposto esquecimento e que tem como efeito a reiteração do imaginário de conversa informal com o interlocutor e, por conseguinte, do efeito de amadorismo, de falta de planejamento da *live*: não houve a elaboração prévia de um roteiro a ser seguido, justificando dessa maneira o esquecimento e a ausência de evidências que comprovassem tal denúncia.

A articulação entre corrupção e educação – agora por meio do que se significou como comportamentos desviantes, anormais – se mantém na sequência compreendida entre as linhas 52-57, em que se projeta ainda uma direção de sentido no que concerne à relação entre esses temas e o futuro da economia brasileira. Comentamos anteriormente o emprego recorrente do *nós/ a gente* inclusivo e exclusivo e o seu efeito no dizer ao projetar um imaginário de inclusão do povo na gestão pública, imaginário este no qual os eleitores (apoiadores e seguidores) se encontram supostamente iguais ao (des)presidente, tendo os seus anseios atendidos. Ao passar a tratar da corrupção, observamos novamente esse funcionamento que mistura e confunde o que o capitão diz que o povo deseja com o que ele diz desejar.

Há nesse recorte o deslize entre uma posição supostamente coletiva e uma posição particular que se inscreve no dizer por meio das construções: *Nós queremos* > *o povo quer* > *o meu sonho é esse* > *eu quero* – em que “*nós queremos*”, projetando uma não-pessoa discursiva, produz uma ilusão de consenso entre o locutor e seus apoiadores e seguidores que, como vimos em 3.3, é reiterada pelo emprego particularizante do substantivo *povo*. Já o desejo em questão, materializado em “combater a corrupção, combater o que está dando errado”, remete à educação na sua relação com a corrupção e com o ensino daquilo que foi colocado como “ideologia de gênero”. O deslize anunciado comparece, então, na retomada parafrástica desse desejo por meio do sintagma “*o meu sonho*”, em que há o emprego do pronome de primeira pessoa do singular “*meu*”, projetando, desse modo, como referente discursivo tão somente o sujeito-enunciador. Assim, temos: o sonho do capitão é “fazer um Brasil diferente, respeitando a todos” e “seguindo o exemplo do patrono do exército, Duque de Caxias”, para que o país seja pacificado e volte “a ocupar um lugar de destaque no mundo”.

É interessante observar que, ao afirmar que seguirá o exemplo de Duque de Caxias, o efeito de cisão social que temos apontado é corroborado. Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), o Duque de Caxias, foi um militar brasileiro monarquista e conservador que, ao longo do período regencial (1831-1840), liderou as chamadas missões de pacificação em quatro províncias, sendo bem-sucedido em todas elas após aplacar os rebeldes, inclusive aqueles que pertenciam a sua família – motivo pelo qual recebeu o epíteto de “O pacificador” (FAUSTO, 1999). Nesse imaginário, então, em que o tenente-capitão, projetando-se

no dizer, por meio dos pronomes *meu* e *eu*, enquanto primeira pessoa discursiva, é equiparado a Duque de Caxias, mobiliza-se um discurso militar articulando-o a um discurso conservador, sendo ambos ainda atravessados por um discurso nacionalista. Com isso, reafirma-se o sentido de que há no Brasil um conflito entre *nós* e aqueles que não fazem parte desse *nós* (“não nós”), colocando-se a necessidade de o país ser pacificado – missão esta cujo cumprimento, tendo em vista a imposição de um comportamento conservador e, como consequência, a exclusão daqueles (“os rebeldes”) que não se encaixarem nesse modo de existência, cabe ao tenente-capitão, ao (des)presidente eleito pela “maioria dos brasileiros”.

Nesse dizer, que resulta da imbricação entre os discursos militar, conservador e nacionalista, articula-se ainda, paradoxalmente, conforme já pontuado, um discurso (neo)liberal, como podemos ler nas linhas 53-57, em que se coloca o sentido de que, se países que não têm os recursos que o Brasil tem conseguiram se destacar economicamente, o *meu* sonho é fazer com que o Brasil alcance esse *status* também. Assim, nesse imaginário, a exclusão de alguns se justifica mais uma vez para que “o Brasil” seja “pacificado” e se torne “diferente” do que é hoje – isto é, para que a economia brasileira volte “a ocupar um lugar de destaque no mundo” e, com isso, tendo em vista o funcionamento da lógica capitalista em sua modalidade (neo)liberal, uma parte do povo brasileiro usufrua do que se discursiviza como pacificação.

Faz-se preciso destacar aqui ainda que o deslize de uma posição coletiva para uma posição individual pode ser observado em outros momentos da *live*, como quando, por exemplo, faz-se referência às universidades e aos centros acadêmicos. Nessa sequência (linhas 25-28), as construções que promovem o deslize são: *a maioria dos brasileiros (...) não querem mais isso> e eu também não quero*. O efeito desse deslize no dizer é, então, o de que, se o que *eu* desejo é também aquilo que o *povo* – isto é, os meus apoiadores e seguidores – deseja, tudo se justifica para realizar a *sua/ a minha* vontade.

3.8 Estratégias argumentativas e a metáfora da guerra em tempos de polarização política

Como buscamos demonstrar em nosso percurso analítico, a significação da situação de polarização por que passa o país no âmbito da guerra, do conflito, é recorrente no dizer do tenente-capitão. O mesmo pode ser dito sobre o imaginário de pacificação, já que, logo no início

de seu comentário, lemos: “Ainda fica[m] estimulando a briga entre pessoas que, que pensam diferente, que têm opção diferente etc. E nós não queremos isso, nós queremos é *pacificar* o Brasil” (linhas 9-10). Essa repetição coloca em evidência uma certa circularidade da estruturação do dizer sobre educação/corrupção/economia, que se inicia e se encerra com essa metáfora da guerra e da pacificação. Além disso, a antecipação de dizeres que se atribui a sujeitos filiados a outros lugares, visando à sua deslegitimação, e daquilo que se imagina que o sujeito inscrito no lugar do interlocutor (apoiador e seguidor) gostaria de ouvir também coloca em questão a organização da formulação desse dizer, cujo funcionamento, entretanto, é dissimulado pela projeção do imaginário de interlocução, proximidade com o interlocutor, amorosismo, transparência e verdade dos sentidos veiculados.

Em outras palavras, o que estamos sinalizando é que essa organização/dissimulação se configura como uma estratégia argumentativa. Na análise da argumentação, tomada aqui como um processo histórico, não nos interessam as intenções dos sujeitos, pois estas pertencem ao nível da formulação que funciona pelas projeções imaginárias e no qual o sujeito-enunciador já se encontra, em função da determinação ideológica, sob efeito da ilusão subjetiva. O mesmo pode-se dizer sobre os argumentos mobilizados. Conforme Orlandi ([1996] 2007c, p. 50), estes são “produzidos pelos discursos vigentes, em suas relações historicamente (politicamente, ideologicamente) determinadas”. Assim, considerando o que a organização desse nível de formulação sugere sobre o real, interessa-nos compreender o nível da constituição do dizer, isto é, a sua ordem significante, a maneira como, por meio do jogo de projeções imaginárias, sujeitos e sentidos se constituem/são constituídos no dizer do tenente-capitão.

Em vista disso, além da circularidade e da antecipação, devemos ainda observar quando o não preenchimento do lugar do sujeito agente, na projeção do outro contrário, abre para a polissemia, reiterando a estratégia argumentativa que organiza todo o dizer. Esse funcionamento polissêmico pode ser observado na sequência a seguir, em que lemos:

(SD7) Essa prova do Enem, vão falar que eu tô implicando. Agora, pelo amor de deus, essa, esse tema. A linguagem particular daquelas pessoas. O que nós temos a ver com isso, meu deus do céu? Agora a gente vai ver a tradução daquelas palavras, um absurdo, um absurdo. Vão obrigar a molecada a se interessar por isso agora para o Enem do ano que vem? Pode ter certeza, fiquem tranquilos. Não vai ter questão dessa forma no ano que vem. Nós vamos tomar conhecimento da prova antes. Não vai ter isso daí. Vão ter perguntas sobre geografia, dissertações sobre história, questões realmente voltadas ao que interessa, o futuro da nossa geração, do nosso Brasil, e não estas questões menores. Ainda fica estimulando a briga entre pessoas que, que pensam diferente, que tem opção diferente etc. E nós não queremos isso, nós queremos é pacificar o Brasil. (linhas 2-10)

Como pontuamos em 3.5, a indeterminação do sujeito agente, nas locuções “Ø vão falar”, “Ø vão obrigar” e “Ø fica[m] estimulando”, tem como efeito a opacificação desse outro contrário. Nessa terceira ocorrência, todavia, flagramos o funcionamento polissêmico anunciado, já que o não preenchimento do lugar do sujeito pode ser interpretado também como uma elipse, a despeito do desvio de concordância verbal bastante comum ao longo de todo o comentário do capitão. Assim, perguntamos: quem fica “estimulando a briga entre as pessoas que pensam diferente”, que têm “opção diferente”? As “questões menores”, como a que comparece na prova de Linguagens do Enem de 2018, “aquelas pessoas” abordadas no texto base da questão ou aqueles que dirão que o (des)presidente eleito “tá implicando”? Seja o que ou quem for projetado como agente dessa ação, fato é que o estímulo à briga, ao conflito, à guerra, é atribuído a “eles”, e não a “nós”, pois “nós” não queremos briga, mas, como ela já existe, faz-se necessário *pacificar* o Brasil. Indo além, a nosso ver, tal silenciamento sugere, tendo em vista a polarização política presente no país, que, desse lugar, entende-se que quem “fica estimulando” o conflito são todos aqueles que, impedidos de se inscrever como interlocutor por não se identificarem ao discurso bolsonarista, são filiados à ideologia dita de esquerda, havendo, dessa maneira, uma ampliação do efeito de referencialidade projetado para o que designamos como “não nós”. Ou seja, o outro contrário ora tem um referente específico: a comunidade LGBTQIA+, ora tem um referente genérico que compreende todos aqueles que, não compartilhando da ideologia bolsonarista, são, então, no campo de batalha discursivo, significados como inimigos a serem combatidos.

4. Palavras finais... A dissimulação de um discurso autoritário em uma memória de dizeres sobre o Enem e a educação

O comentário, como pontuamos, é produto de um gesto de interpretação que implica o posicionamento do sujeito no interior de uma FD, que, por sua vez, consiste na manifestação no discurso das formações ideológicas²¹. Para finalizar este artigo, a partir do comentário analisado, faremos aqui alguns apontamentos com vistas a melhor compreender a constituição do que estamos propondo chamar de discurso bolsonarista, na sua relação com dizeres sobre o Enem e sobre educação.

De acordo com Pêcheux ([1975] 2009), em toda FD, há uma posição ou forma-sujeito dominante que organiza os saberes que são impostos como evidência aos sujeitos que a ela se identificam. Ao lado dessa posição dominante, porém, inscrevem-se, na mesma FD, conforme reformula Indursky (2008, p. 19), outras posições que se distanciam “gradativamente dos saberes organizados” por ela. É, pois, essa heterogeneidade de posições constitutiva de toda e qualquer FD que implica, ainda em conformidade com a autora, a consideração da contradição como um aspecto inerente ao processo de subjetivação/identificação do sujeito. Tal fato nos permite compreender não só a existência da relação de convívio-confronto estabelecida entre saberes filiados a diferentes posicionamentos, como a identificação do sujeito, mesmo quando inscrito numa determinada FD, a saberes oriundos de outras FDs.

No dizer do tenente-capitão, como demonstramos em nosso movimento de leitura, materializam-se e articulam-se, por vezes de forma paradoxal, posições filiadas a discursos conservadores, (neo) liberais e nacionalistas – posições essas que organizam e constituem a FD de direita. Porém, em função da sua interpelação por posições filiadas à FD da religião – que se materializa por meio da mobilização de um certo discurso religioso – e à FD militar – materializada quando, mobilizando-se um dado discurso militar, são estabelecidas a comparação entre o capitão e Duque de Caxias e a metáfora da guerra/pacificação –, entendemos que, embora se inscreva na FD de direita, ao se projetar como sujeito do dizer, não se identifica totalmente à posição-sujeito que a organiza, de modo que ocorre a constituição de uma nova forma de nela se posicionar, o que faz do seu dizer um acontecimento enunciativo

²¹ Ver nota 11.

(INDURSKY, 2008). Isto é, a relação estabelecida entre os dizeres filiados a diferentes FDs promove o reordenamento da memória desses domínios: os saberes filiados a eles se conciliam e passam a coabitar, apesar do efeito de estranhamento e de desconforto que essa articulação pode provocar. A essa nova forma de se posicionar no interior da FD – materializada, como depreendemos com nossas análises, linguisticamente quando o sujeito do discurso se subjetiva –, na esteira de Indursky (2020), nomearemos de posição-sujeito de extrema direita. Todavia, considerando que esse caráter extremista é, por vezes, negado, propomos designar o domínio a que o tenente-capitão se identifica/é identificado ao se significar/ser significado como sujeito do dizer como FD de (extrema) direita, entendendo, com isso, trabalhar a tensão entre a negação e a afirmação do extremismo que lhe é ou não imputado a depender do lugar em que o sujeito se inscreve.

A compreensão dessa articulação é, a nosso ver, de fundamental importância para a depreensão da constituição do discurso bolsonarista que se materializa no comentário aqui analisado e que, por isso, será considerado como um discurso político. A princípio, tal como formula Orlandi ([1983] 2009), o discurso político é tomado como polêmico, ao passo que o discurso militar e o discurso religioso são tomados como autoritários. Analisando o discurso religioso católico, a autora afirma que a religião constitui um domínio privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia em função do lugar atribuído à palavra. Assim, a autora caracteriza o discurso religioso como aquele em que, por meio de representantes da Igreja – o padre, o Papa, os bispos – fala a voz de Deus. Tal fato implica um desnivelamento fundamental, isto é, uma assimetria original na relação estabelecida entre o locutor e os interlocutores, já que o primeiro pertence ao plano espiritual; e os segundos, ao plano temporal, que é dominado pelo plano espiritual. Esse funcionamento atualiza-se no dizer do tenente-capitão na sequência compreendida entre as linhas 57-58. Nessa sequência, recortada do trecho final da *live*, ao pedir a Deus que, “mais do que inteligência, nos [ao tenente-capitão/ ao seu (des)governo/ a seus aliados] dê força pra poder bem decidir o futuro do nosso Brasil” (linhas 57-58), o sujeito-enunciador se projeta como porta-voz divino, alguém que tem comunicação direta com deus, a quem foi atribuída uma missão [“decidir o futuro do nosso Brasil”] e por meio de quem, portanto, esse deus realiza a sua vontade.

Fazendo um paralelo entre o discurso religioso e o político no que respeita ao mecanismo de incorporação de vozes, Orlandi

caracteriza o segundo como aquele em que “a voz do povo se fala no político” (ORLANDI, [1983] 2009, p. 244). A autora chama atenção, entretanto, para o fato de que, no discurso religioso, essa incorporação se configura como uma mistificação porque há o apagamento do modo como se dá a apropriação da voz de deus passando, por exemplo, o padre, simbolicamente, a representar aquele de cuja voz se apropria. Já no discurso político, quando polêmico, há uma maior independência, visto que o político “pode até mesmo criar, inventar a voz do povo que lhe for mais conveniente” (ORLANDI, [1983] 2009, p. 245), e esta poderá ser significada como um consenso à medida que conquistar legitimidade perante o povo. É assim, isto é, por meio do processo de identificação de uma coletividade a essa voz (re)produzida do lugar do político, que se constitui, a partir do dizer de capitão, o discurso bolsonarista. Em nossas análises, como vimos, o (des)presidente eleito se coloca como o representante escolhido pela “maioria dos brasileiros” que nele votou. O deslize entre uma posição coletiva e uma posição particular, a partir do qual o desejo do povo é identificado ao desejo do capitão, reitera esse funcionamento. Mobilizando um princípio democrático no que tange ao respeito ao que é decidido pela maior parte da população, ele se projeta como “a voz do povo” e, com isso, o desejo de *um* é significado como o desejo da *maioria* e, posteriormente, como um consenso entre todos os brasileiros: “o povo quer isso” (linha 52).

Podemos fazer esse mesmo exercício em relação ao discurso militar, que aqui caracterizaremos como aquele em que por meio dos superiores hierárquicos das Forças Armadas fala a voz do Estado, notadamente do seu Aparelho Repressivo (ALTHUSSER, [1970] 1985). A apropriação dessa voz pelos representantes se dá de forma institucional e é regida pelos dois pilares do militarismo: hierarquia e disciplina. Esses pilares são, pois, fundantes da relação assimétrica estabelecida nesse discurso: cabe aos subordinados disciplina e respeito à hierarquia e, portanto, assujeitamento às ordens dos superiores, sob a pena de sofrerem punições. O (des)presidente, como sabemos, é capitão reformado do Exército e, portanto, na lógica militar, inferior hierarquicamente a muitos dos militares que constituem a sua base governamental, como o seu próprio vice, um general. A Constituição brasileira, contudo, subordina as Forças Armadas ao Ministério da Defesa, o que faz do presidente o seu comandante-em-chefe e coloca sob a sua autoridade suprema não apenas todos os militares das três forças armadas e das forças auxiliares, mas também todos os cidadãos civis, instituindo-o, assim, como o representante do Estado.

Como vimos, em seu dizer, se faz significar algumas vezes a preocupação com o que é colocado como o “futuro do Brasil”. A ressonância do autoritarismo do discurso militar, todavia, embora se presentifique por meio do apelo à ameaça e, de forma recorrente, ao terror – técnicas de tortura empregadas em gerenciamento de conflitos e por meio das quais se visa ao controle do inimigo –, comparece sobretudo de forma dissimulada. Essa dissimulação pode ser observada, por exemplo, na negação, de um lado, da imposição de um comportamento dito normal e conservador e, de outro, da censura a um comportamento posto como desviante, assim como também na comparação entre o capitão e Duque de Caxias e, a partir disso, na mobilização da metáfora da guerra/pacificação para significar a situação então vivenciada. Esses sentidos colocados em jogo pela dissimulação operada configuram-se, no entanto, conforme sinalizamos anteriormente, como efeitos, sentidos possíveis, tomados como evidentes, naturais, em detrimento de outros que, embora não-ditos ou negados, continuam tensionando o dizer, fazendo-se nele significar.

É, pois, sob esse viés que entendemos que, ao se projetar/ser projetado como comentador da questão do Enem 2018, o tenente-capitão filia-se à FD de (extrema) direita, significando-se/sendo significado como um político, especificamente como capitão-presidente recentemente eleito. O funcionamento do discurso político, como pontuamos a partir de Orlandi ([1983] 2009), é comumente do tipo polêmico, o que justifica a projeção do imaginário de interlocução que contribui para a produção da ilusão de proximidade entre o sujeito-enunciador e o efeito-interlocutor projetado. Além disso, tal como ocorre em um discurso do tipo polêmico, também observamos a disputa pelo sentido em relação ao objeto do dizer. Essa disputa, entretanto, não se dá entre os interlocutores – isto é, entre o sujeito-enunciador e o efeito-interlocutor –, já que, como vimos, nesse imaginário pressupõe-se a plena identificação ideológica entre estes, mas entre o sujeito-enunciador e aqueles que não se inscrevem/ não podem se inscrever no lugar projetado para o interlocutor, isto é, aqueles que não constituem “a maioria dos brasileiros que votaram” no capitão-presidente (linha 27) e dentre estes aqueles cujos comportamentos sexuais são considerados não condizentes com o padrão de normalidade estabelecido nesse imaginário. Logo, uma vez que os sentidos filiados a esse outro lugar são de um modo geral silenciados e, quando são evocados, o são para serem deslegitimados, nessa disputa, a perspectiva particularizante do sujeito-enunciador em relação ao objeto impõe-se como uma verdade inequívoca, não passível de questionamento, levando-nos a caracterizá-lo como um discurso autoritário.

No comentário do capitão, a interlocução é uma ilusão, já que não há reversibilidade entre os sujeitos do dizer: ao outro – o interlocutor – não é dada a palavra, pois o capitão se coloca não só como seu representante, mas como alguém que compartilha dos seus desejos e interesses e que, enquanto instrumento da vontade divina, sabe o que é o melhor para o futuro do Brasil. Além disso, o objeto do discurso é ocultado pelo seu dizer por meio de silenciamentos, do apelo ao terror e da generalização de relatos da sua trajetória pessoal. Assim, a temática da questão da prova do Enem é silenciada, em prol do evidenciamento de pautas que são consideradas caras ao seu (des)governo e aos seus eleitores (apoiadores e seguidores), a saber: no âmbito da gestão educacional, a interdição do ensino do que coloca como “ideologia de gênero” e, por conseguinte, do seu comparecimento no Enem, em prol de uma visão utilitarista alinhada aos interesses do Estado; no âmbito da gestão linguística e social, o silenciamento de um determinado modo de dizer – o pajubá – e, portanto, das subjetividades não heterocisnormativas que a esse modo se identificam; e ainda, no âmbito da gestão econômica, o combate à corrupção que, em seu dizer, se articula à educação.

Disso resulta ainda a representação de um outro inscrito no dissenso que, embora possa ocupar o lugar de espectador da *live*, se inscreve/ é inscrito no dizer não como seu interlocutor, lugar que para ele encontra-se interdito, mas como um desdobramento do seu objeto. A significação desse outro contrário como objeto coloca-o em silêncio, anulando-lhe a possibilidade de tomar a palavra: *eu falo sobre você, mas não com você e não me interessa o que tem a dizer*. Dessa maneira, dada à ausência de interação entre o sujeito-enunciador e o interlocutor e à interdição do dizer desse outro que não é considerado seu interlocutor, o tenente-capitão institui-se como agente exclusivo e, portanto, como controlador dos sentidos que (não) podem/devem ser ouvidos/lidos, já que tudo o que sabemos desse outro-objeto é através do dizer do sujeito-enunciador: *são pessoas que têm comportamentos desviantes, anormais, que querem que seu filho estude ideologia de gênero na escola, que estimulam o conflito e que, portanto, não contribuem para a pacificação do Brasil e para que a economia brasileira volte a ocupar um lugar de destaque no mundo*. Nesse imaginário, em que o antagonico é significado como um problema, um inimigo, o capitão, projetando-se como representante do Estado, mesmo antes de sua posse, significa-se como um pacificador, aquele que não só promoverá a gestão da Educação/ do Enem e dos modos de dizer e de ser, impondo um certo padrão de normalidade conservador, como também combaterá a corrupção, criando um Brasil diferente.

Iniciamos este artigo pontuando que gostaríamos de compreender o funcionamento da memória de enunciações do capitão-presidente sobre o Enem e a educação. Assim, num movimento de leitura retrospectivo, partimos de uma declaração sobre o exame de 2021, em que afirmou que o exame *começava a ter a cara do governo*, perguntando-nos o que havia antes (e que agora não há mais) que não era, do lugar de que fala, identificado como “a cara do governo”. Aqui cabe destacar que esse gesto de leitura se deu no terceiro ano de (des)governo do (des)presidente e que essa temporalidade é constitutiva do nosso olhar em retrospectiva, mas cientificamente não o invalida. (Des)governo e (des)presidente são, inclusive, designações tomadas emprestadas de Indursky (2020) que materializam a agoridade em nosso gesto analítico, sem, contudo, torná-lo anacrônico. Isso porque, do ponto de vista discursivo, como explica Orlandi ([1990] 2008, p. 42), “o discurso é histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no ‘futuro’, mas também é histórico porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos”. Foi, pois, essa dupla determinação histórica de todo e qualquer discurso que nos possibilitou, mediados pelo Dispositivo teórico da AD materialista, voltarmos para o antes buscando depreender pistas que possibilitassem interpretar uma formulação do agora – momento em que, de acordo com Indursky (2020, p. 367), sob o comando do (des)presidente, “O Brasil se assemelha a uma nave desgovernada que remete ao Teatro do Grotesco”. Tal teatro, conforme a autora, “serve de cortina de fumaça para opacificar os atos de desconstrução do Brasil” – único projeto desse (des)governo.

Como exemplo do que formula como “projeto de desmonte do Brasil” (INDURSKY, 2020, p. 377), Indursky, no âmbito da educação, cita as várias polêmicas em que se envolveu o (des)ministro Abraham Weintraub, dentre elas o enfrentamento com as Universidades Federais, cortina de fumaça – em seu entender – para as intenções privatistas do (des)governo. Em sua análise, a autora se limitou a refletir sobre os efeitos de tal projeto no nível superior, desse modo entendemos que a nossa contribuição consiste justamente em ensejar a reflexão sobre uma política pública educacional que enlaça o ensino básico e o ensino superior: o Enem.

Como vimos, no comentário à questão de 2018, é anunciada a política de gestão e censura a ser adotada nas escolas/universidades e, nas linhas 6-7, especificamente no tocante ao Enem, afirma-se que questões como essa não irão mais comparecer, projetando-se, assim, no dizer

um futuro para o Exame e para a educação brasileira. De fato, no Enem 2021, não comparece em textos motivadores ou enunciados de questões qualquer referência à comunidade LGBTQIA+. Língua e sujeitos são, portanto, no *novo* Enem apagados.

Mas... comparecem temáticas outras também silenciadas ou diminuídas pela gestão atual, como, por exemplo, a emancipação feminina e a erotização do corpo da mulher, a crise de refugiados, a xenofobia e a escravização de negros. Comparece ainda uma crítica à passividade social, numa questão que traz como texto motivador um fragmento da música “Admirável gado novo”, de Zé Ramalho. Esses comparecimentos, a nosso ver, constituem-se como gestos de resistência dos sujeitos não identificados à política de morte perpetrada. Gotas de esperança em um oceano de obscurantismo e desespero. Após três anos do anúncio de censura do exame, o Enem resiste, apesar do projeto em curso de desmonte do país. O saldo é, pois, positivo. O Enem *ainda* resiste. Até quando seguirá resistindo, porém, não sabemos. Fato é que seguiremos lutando, denunciando com as armas que temos esse (des) governo e escolhendo, assim como pontuou França (2015) ao recordar que, para Pêcheux, a interpretação é uma questão de responsabilidade, fazer política com a teoria.

Desse modo, para concluir, retomemos aqui, a partir de Indursky (2020), a epígrafe de Klemperer com que introduzimos este artigo. Segundo essa autora, após assumir a presidência, o capitão se subjetiva não mais em uma posição-sujeito de extrema direita, mas em uma ainda mais radical, a fascista – daí ser a língua por ele falada, porque carregada dessa memória, também uma língua fascista. Trata-se de uma língua marcada pela incontinência verbal e carregada de marcas não mais dissimuladas, mas explícitas de homofobia e de outros preconceitos; uma língua bruta, chula, repleta de palavras de baixo-calão e, agora, sem limites; uma língua que, funcionando “como uma metáfora de seu projeto de desmonte do Brasil: da mesma forma que tritura a língua portuguesa, promove a liquidação do País” e “desfigura o lugar discursivo de um presidente democrata” (INDURSKY, 2020, p. 377). As palavras do capitão, portanto, tal como o mais famoso dos venenos – o arsênico –, “destilam ódio, desprezo e raiva, rompendo com o princípio ético da aceitabilidade que o lugar discursivo de presidente pressupõe” (INDURSKY, 2020, p. 375-376). Configuram-se, dito de outro modo, como uma ode ao ódio que põe em circulação, sobretudo por meio das mídias digitais, o que aqui formulamos como discurso bolsonarista.

Declaração de autoria

Bruno Molina Turra fez a transcrição do vídeo tomado como corpus, desenvolveu a análise, redigiu e revisou o texto. Thaís de Araujo da Costa desenvolveu a análise, redigiu e revisou o texto.

Referências

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação para o desenvolvimento da educação, 1999.

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANÇA, G. *Teoria e prática (ou praxis) política em análise do discurso (do “gênero”)*. Publicado em: 23 fev. 2015. Disponível em: <<https://cmqv.hypotheses.org/148>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

HAJE, L. *Saiba mais sobre a voz do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2012. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/368075-saiba-mais-sobre-a-voz-do-brasil/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, F. O teatro do grotesco como cenário da desconstrução do Brasil. Revista da Abralin, [s.l.], v. 19, n. 3, p. 365-388, 2020. DOI 10.25189/rabralin.v19i3.1730.

KLEMPERER, V. *LTR, la lange du IIIe Reich*. Paris: Albin Michel, 1996.

LEAL, D. T. B. *Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral*. 2018. 534 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

LIMA, C. H. L. *Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Ed. Devires, 2017.

MEMORIAGLOBO. *O povo e o presidente*. Globo Comunicações, on-line. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/o-povo-e-o-presidente/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MORAIS, L.B. Letramentos de reexistência: o dialeto pajubá e a reinvenção através da língua(gem). Anais da XV ENFOPLE. Inhumas: UEG, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2VE78VL>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ORLANDI, E. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez editora, 2002.

ORLANDI, E. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. Anais do I SEAD. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead1.html>>. Acesso em: 1/12/2003.

ORLANDI, E. Há palavras que mudam de sentido, outras... demoram mais. In: ORLANDI, E. (org.) *Política linguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2007a. p. 7-10.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso – princípios e procedimentos*. 7ª edição. Campinas: Pontes, 2007b.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 5ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2007c.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio*. 6ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2007d.

ORLANDI, E. *Terra à vista*. 2ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5a. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. Linguística e Marxismo: formações ideológicas, aparelhos ideológicos de estado, formações discursivas. In: OLIVEIRA, G. A. de; NOGUEIRA, L. (orgs.). *Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019. p. 307-325.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2010. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SANTOS, O.J.S.; SILVA, D.I.C. *Semântica, gênero e sexualidade: o conceito dos pajubás da comunidade LGBTQIA+*. *Magistro*, Duque de Caxias, v. 2 n. 16, p. 29-42, 2017.

SASTRE, A.; CORREIO, C.S.; CORREIO, F.R. A influência do “filtro bolha” na difusão de Fake News nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do Facebook. *GEMInIS*, São Carlos, v. 9, n. 1, p.4-17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4322/2179-1465.0901001>

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (ORG.). *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 513-619.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Língua oficial e políticas públicas de equidade de gênero. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 36, p. 221-243, 2015.

ANEXO

Figura 2: Transcrição de fragmento (23'41" – 30'37") da live de (des) presidente

1 Então, estamos aqui em vias de apresentar o futuro Ministro do Meio Ambiente, talvez na semana que vem,
 2 o da Saúde, o das Relações Exteriores e, depois, o da Educação. Educação é um Ministério complicado. Essa
 3 prova do Enem, vão falar que eu tô implicando. Agora, pelo amor de deus, essa, esse tema. A linguagem
 4 particular daquelas pessoas. O que nós temos a ver com isso, meu deus do céu? Agora a gente vai ver a
 5 tradução daquelas palavras, um absurdo, um absurdo. Vão obrigar a molecada a se interessar por isso agora
 6 para o Enem de ano que vem? Pode ter certeza, fiquem tranquilos. Não vai ter questão dessa forma no ano
 7 que vem. Nós vamos tomar conhecimento da prova antes. Não vai ter isso daí. Vão ter perguntas sobre
 8 geografia, dissertações sobre história, questões realmente voltadas ao que interessa, o futuro da nossa
 9 geração, do nosso Brasil, e não estas questões menores. Ainda fica estimulando a briga entre pessoas que,
 10 que pensam diferente, que tem opção diferente etc. E nós não queremos isso, nós queremos é pacificar o
 11 Brasil. E queremos que na escola a molecada aprenda algo que no futuro lhe dê liberdade e possa ganhar o
 12 seu pão com seu trabalho e não fique com essas questões menores, que a gente vê por aí, ideologia de gênero.
 13 Que, que, que importância tem isso? Vai ser feliz cara. Se você quer ser feliz com outro homem, vai ser feliz,
 14 se você, mulher, quer ser feliz com outra mulher, vá ser feliz. Agora não fica perturbando isso nas escolas,
 15 obrigando a molecada a estudar uma besteira que não leva a lugar nenhum. Quem ensina isso é papai e
 16 mamãe e ponto final. Acabou. Não tem mais que discutir esse assunto. Agora, por isso que precisamos de
 17 um Ministro da Educação. Precisamos, sim. Com autoridade, né? Que realmente entenda que nós somos um
 18 país conservador. Ou vai querer(?) tudo liberal? Se você quer, se os caras quer liberar o que é deles, que
 19 libere o que é deles, não vai botar dentro do Ministério da Educação certas coisas que não nos interessa. Não
 20 vai. Qual o objetivo da educação? No final da linha, você ser um bom técnico, né? ser um bom profissional
 21 li... com ensino superior, um bom patrão, um bom empregado, um bom liberal, e não um colecionador dessas
 22 besteiras, ideologia de gênero. As universidades, aqui, pelo amor de deus, uma parte considerável delas é
 23 dinheiro jogado fora, é centro acadêmico, tanta besteira que a gente vê, vê em vídeos, até na televisão sai
 24 matérias. Tive na UNB, em Brasília, fui lá ao centro acadêmico e era maconha, era caulinha, preservativo
 25 no chão, cachaca na geladeira, tudo pichado. Parecia um ninho de rato, e daí? Mudar isso é difícil. Vão querer
 26 parar as universidades, me chamar de homofóbico, de fascista, ditador, né? A gente vai tentar mudar isso daí.
 27 Porque o brasileiro, a maioria dos brasileiros que votaram em mim não querem mais isso e ponto final. E eu
 28 também não quero isso. Eu vim do interior, lá do fim do, lá do Vale do Ribeira, lugar mais pobre do estado
 29 de São Paulo, do lado de Itapirapá (?) Paulista, estudava na sorinha na biblioteca, quantas vezes. Era um
 30 aluno exemplar na... na escola. Hoje, o jornal Estado de São Paulo, o chefe lá de cadastro, como é que é? de
 31 documentação e cadastro, de arquivo do Estado de São Paulo, me entrevistou hoje, eu fiz 21 palavras cruzadas
 32 no Estado de São Paulo a começar em 1971, eu tinha 16 anos de idade, me entrevistou pra mostrar que
 33 naquela época a educação era diferente. Nós fizemos iniciativa, eu tive iniciativa de ser colaborador do
 34 Estado de São Paulo fazendo palavras cruzadas, motivo de orgulho pra minha família quando meu nome saís
 35 no jornal. Tive dificuldade. Qual foi meu cusinho? O meu dinheiro que eu ganhava pescando, tirando
 36 mariscão no meio do mar, palmito nas matas também, que hoje é crime, né? Eu estudei no Instituto Universal
 37 Brasileiro por correspondência. Fiz português e fiz eletricidade. E consegui ter sucesso nos concursos da
 38 Escola Preparatória das Cadetes do Exército, em 73, 72 e em 73 no concurso pra Academia Militar dos
 39 Agulhas Negras. Tinha lá mais de 10 mil candidatos pra 38 vagas. Tive sucesso. E assim tem que ser nosso
 40 ensino. O pai e a mãe têm que ter a garantia, a tranquilidade, quando o filho tá indo pra escola não é pra
 41 aprender a fazer sexo não! O pessoalzinho que tá no Ministério da Educação, se eu fiz eu posso falar que é
 42 da Educação esse Ministério que tá aí. Não é isso, não. Tá certo? Quando o pai bota o filho na escola é porque
 43 ele quer que aprenda alguma coisa. Nós sabemos que a educação quem dá é os pais, instrução é na escola. E
 44 queremos mudar isso. Vamos ter força? Eu peço a deus que tenha. Peço o apoio de vocês pra nós mudarmos
 45 aí. Ninguém quer impor nada, mas queremos a normalidade. Nas viagens que eu fiz, né, Japão, Coreia do
 46 Sul, tive em Israel, tive nos Estados Unidos, dei uma passagem como turista em Taiwan, turista em Taiwan,
 47 a coisa é diferente. Você tem respeito, tem responsabilidade. Em nas escolas, só de ver o semblante da
 48 garotada. Hoje mesmo, onde é que foi aí? O pessoal me ajuda aí. Prenderam um monte de gente, desvio de
 49 merenda escolar, olha só. A merenda fazendo história no Brasil. Roubando comida de criança de escola
 50 pública, filho de pobre, pô. Não dá pra continuar assim. Sérgio Moro vai pegar vocês. Abra teu olho. Ele lá
 51 agora, ao contrário do que alguns tô falando aí, ele pescava com varinha, agora ele vai pescar com rede de
 52 armadilha de 500 metros. E nós queremos isso, o povo quer isso: combater a corrupção no Brasil, combater o
 53 que está dando errado. Pra gente sonhar com aquilo que nós merecemos. Vou repetir aqui. Olha Israel, Coreia
 54 do Sul, Japão: veja o que eles não têm e olha o que eles são. Veja o que nós temos e o que nós não somos. O
 55 meu sonho é esse. Fazer um Brasil diferente, respeitando a todos, seguindo o exemplo do paterno do exército,
 56 Duque de Caxias, pacificando o Brasil para que nós possamos novamente ocupar um lugar de destaque no
 57 mundo. É isso que eu quero. E muito obrigado a todos vocês por confiar em mim. E em repito aqui, eu peço
 58 a deus que mais que inteligência, nos dê força pra poder bem decidir o futuro de nosso Brasil. Eu quero
 59 agradecer aqui a Adriana, tá aqui nessa intérprete de LIBRAS, tá certo? Que colabora com essas lives [falha
 60 na transmissão] pra vocês as notícias verdadeiras, o que vem acontecendo no Brasil. Pessoal, meu muito
 61 obrigado pra vocês, e vamos pra praça hein? O Brasil é nosso. Valeu.

Fonte: BOLSONARO e assuntos da semana. Jair Bolsonaro. YouTube. 9 nov. 2018.
 Disponível em: <<https://bit.ly/3aon3wJ>>. Acesso em 19 dez. 2019.